

**Raízes e Destinos: Estudo
Sociocultural e Linguístico da
Emigração Madeirense
para a França e Reino Unido
a partir da década de 1960**
(no âmbito do Projeto *Nona Ilha*)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Sílvia Raquel Mendonça Ferreira

MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2017

**Raízes e Destinos: Estudo Sociocultural e
Linguístico da Emigração Madeirense para a
França e Reino Unido a partir da década de 1960**
(no âmbito do Projeto *Nona Ilha*)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Sílvia Raquel Mendonça Ferreira

MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS

ORIENTADORA
Naidea Nunes Nunes

Agradecimentos

*“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”*

Antoine Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*¹

Desde os meus primórdios, incutiram-me que agradecer é sinónimo de educação, não descurando os princípios que me foram transmitidos, serei sucinta neste pequeno *corpus* de gratidões.

Esta dissertação só foi possível à luz de grandes apoios e incentivos, criando as condições fundamentais para a sua elaboração.

Em primeira instância, um agradecimento muito especial à minha orientadora, Professora Doutora Naidea Nunes, pela sua enorme dedicação e apoio desde o início do projeto de investigação até à conclusão da dissertação, bem como pelo enorme carinho e amizade compartilhada.

À equipa de investigação do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), em particular ao Doutor Alberto Vieira, coordenador do Projeto *Nona Ilha*, à Doutora Graça Alves e à Mestre Cláudia Faria, não esquecendo os estagiários, o Mestre Xavier Marujo e a Mestre Andreia da Silva, que contribuíram com algumas transcrições de entrevistas.

Ao Centro das Comunidades Madeirenses e Migrações (CCMM), em particular à Dr.^a Isabel Brazão, pela disponibilidade e pela ajuda prestada em dispor informantes que pudessem ser cruciais para a investigação.

Ao ilustre fotógrafo Gérald Bloncourt pela estimada contribuição em facultar fotografias e uma citação para enriquecimento da presente dissertação.

Ao Professor Daniel Bastos pela sua amável disponibilidade em facultar a obra literária *O Olhar de Compromisso com os filhos dos Grandes Descobridores*, mesmo antes da sua publicação.

À Casa do Povo da Ponta do Pargo pela ajuda prestada em dispor informantes para esta investigação.

¹ Saint-Exupéry, Antoine, 2001, *O Príncipezinho*, Lisboa, Editorial Presença.

Ao jornalista Cesário Camacho, pela sua prestável disponibilidade em facultar material de investigação sobre a emigração para a França e o Reino Unido e que serviram de apoio à produção do programa da RTP-Madeira “Regresso à Ilha”.

Ao padre Marcos Pinto, capelão-mor da Missão Católica Portuguesa na Diocese de Westminster, em Londres, pelo testemunho, sabedoria e experiência de vida, quer em França quer em Inglaterra, a que se soma a sua investigação na área da Sociologia da Emigração.

Aos diversos informantes pela sua prestável disponibilidade e atenção em fornecer os seus relatos de vida, fundamentais para a elaboração desta dissertação.

À minha mãe, ao meu padrasto e ao meu irmão.

Ao meu namorado Ricardo, pelo amor, apoio, incentivo e paciência ao longo de todo este processo.

A todos o meu muito obrigada!

*Ei-los que partem novos e velhos
Buscar a sorte noutras paragens,
Noutras paragens, entre outros povos
Ei-los que partem, velhos e novos.*

*Ei-los que partem, olhos molhados
Coração triste, a saca às costas,
Esperança em riste, sonhos dourados
Ei-los que partem, olhos molhados.*

*Virão um dia, ricos ou não
Contando histórias de lá de longe
Onde o suor se fez em pão,
Virão um dia, ricos ou não,
Virão um dia, ou não.*

Manuel Freire, *Os Emigrantes*²

² Freire, Manuel, 1978, *Os Emigrantes*, Lisboa, Editora Diapasão. Disponível em <http://www.museu-emigrantes.org/>.

Resumo

O recurso à emigração em busca de uma vida melhor é um conceito inerente ao ADN dos ilhéus do Arquipélago da Madeira, localizado num ponto geográfico de suma importância no panorama mundial da navegação marítima e tendo sido fustigado, ao longo dos tempos, por episódios de pilhagens, epidemias e pragas agrícolas. Sendo composto por 8 ilhas, a Nona Ilha assume-se como um território imaterial constituído pelos imensos emigrantes madeirenses, e seus descendentes, espalhados pelo mundo fora. É dessa realidade que surge a importância do seu estudo e que justifica a designação atribuída ao projeto do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), visando preservar e resgatar a memória autobiográfica de madeirenses que emigraram, neste caso, para a França e o Reino Unido.

Neste sentido, esta dissertação de mestrado, integrada no Projeto Nona Ilha, que, por sua vez, se enquadra num estudo mais vasto intitulado “Memória das Gentes que fazem a História da Madeira”, tem o propósito de recolher relatos de vida de 24 emigrantes de diferentes faixas etárias, representativos de gerações distintas, com raízes madeirenses, que partiram tendo como destinos a França e o Reino Unido. É através dos vários relatos de memória que se empreende uma reconstituição o mais fiel possível da realidade sociocultural e linguística de outrora, quer da Madeira quer dos países de destino. A recolha e o estudo das histórias de vida baseadas na oralidade é vital, pois, se não forem registadas enquanto os informantes forem vivos e mantiverem a lucidez do passado, perder-se-á o seu legado para sempre.

Os materiais socioculturais e linguísticos recolhidos nas entrevistas e a análise qualitativa das temáticas do quotidiano permitem aferir a transmissão e conservação da herança ou legado histórico da Madeira levado pelos emigrantes e recebido pelos lusodescendentes, através da partilha de vivências, tradições e valores regionais, sobretudo do Português falado no Arquipélago da Madeira, assim como as interferências das línguas dos países de destino, neste caso, do Inglês e do Francês. A par das interferências linguísticas, ocorre também a mistura de culturas, principalmente de elementos gastronómicos. Daí o foco sociocultural e linguístico nas raízes e nos destinos da emigração madeirense para a França e o Reino Unido.

Palavras-chave: Estudo Sociocultural e Linguístico, Português Falado no Arquipélago da Madeira, Relatos de Memória e Identidade Cultural, Emigração Madeirense para a França e o Reino Unido, Projeto Nona Ilha.

Abstract

Located in a geographical point of great importance in the world panorama of maritime navigation and having been injured by episodes of epidemics and plagues throughout the time, the emigration in pursuit of a better life is an inherent concept in the DNA of the Madeira Archipelago's islanders. Once the Madeira Archipelago is composed by 8 islands, the ninth island is an immaterial territory made up of immense Madeira emigrants, and their descendants, spread throughout the world. It is from this reality that the importance of its study arises and that justifies the designation attributed to the project of the Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA). The *Nona Ilha* Project of CEHA aims to preserve and rescue the autobiographical memory of Madeirans who emigrated to France and United Kingdom.

Integrated in the *Nona Ilha* Project, "Memory of the people who make the History of Madeira", this master's thesis aims to collect life reports of 24 Madeiran emigrants from different age groups, representing different generations of people who emigrated to France and United Kingdom. It is through the various reports of the autobiographical memory that a reconstruction is carried out as faithful as possible of the sociocultural and linguistic reality of the past times, both in Madeira and in the host countries. The study of this orality-based culture is vital, since if it is not recorded while the informants are alive and maintain the lucidity of the past, their legacy will be lost forever.

The sociocultural and linguistic materials collected during the interviews and their qualitative analysis of the daily themes allow us to measure the transmission and conservation of the heritage or historical legacy of Madeira carried by the emigrants and received by the Lusodescendants through the sharing of experiences, traditions and values of the region, specially the spoken Portuguese in the Madeira Archipelago, as well as the interferences of the languages of the destination countries, in this case English and French. In addition to linguistic interferences, there is also a mixture of cultures, mainly gastronomic. Hence the sociocultural and linguistic focus on the roots and destinations of Madeira's emigration to France and United Kingdom.

Keywords: Sociocultural and Linguistic Study, Madeira Archipelago Spoken Portuguese, Memory Report and Cultural Identity, Madeiran Emigration to France and United Kingdom, *Nona Ilha* Project.

Índice

Introdução	14
Capítulo I - Enquadramento Teórico e Metodológico do Estudo	33
1. As Fronteiras da Mobilidade	33
2. Os Relatos de Memória, a História Oral e a Entrevista.....	35
3. Da oralidade à escrita: normas de transcrição das entrevistas.....	45
4. Linguística de <i>Corpus</i> e análise qualitativa dos dados.....	48
5. A Questão da Identidade Sociocultural e Linguística	50
Capítulo II – Estudo Sociocultural dos Dados	56
1. Os Fatores de Variação Linguística e a Identidade Sociocultural dos Informantes.....	56
a) Sexo.....	57
b) Idade.....	58
c) Escolaridade	59
2. A Realidade Sociocultural da Madeira.....	63
3. A Realidade Sociocultural dos Países de Destino	69
3.1. A Realidade Sociocultural de França	69
3.2. A Realidade Sociocultural do Reino Unido	78
4. O Contacto Entre Línguas e a Transmissão da Língua Portuguesa	86
Capítulo III – Estudo Linguístico dos <i>Corpora</i> do Registo Oral.....	88
1. Análise Fonética	88
1.1. Fenómenos da Oralidade	88
1.2. Traços da Variedade Madeirense	88
a) Palatalização da consoante lateral [l]	90
b) Alteração ou supressão da vogal [u] no final da palavra	94
c) Semivocalização do [s] em final de palavra.....	95
d) Síncope da consoante [g] em contexto intervocálico.....	96
e) Realização de <ou> como [wa].....	96
f) Ditongação do [u] tónico em [aw]	96
g) Harmonização Vocálica	97
1.3. Caraterísticas do Português Popular.....	98

a) Assimilações.....	98
b) Dissimilações.....	100
c) Outras Alterações Vocálicas.....	101
d) Metáteses ou Troca de Posição dos Sons ou das Sílabas na Palavra.....	103
e) Rotacismo ou Alteração Consonântica do [l] em [r]	103
f) Introdução de Vogais no Meio das Palavras para desfazer grupos consonânticos.....	104
g) Prótese ou Adição de uma Vogal no Início da Palavra	104
h) Epêntese ou Adição de Som no Meio da Palavra	106
i) Nasalizações	106
j) Desnasalizações	107
k) Monotongações.....	110
l) Paragoge de Vogais no Final das Palavras Terminadas por Consoantes	110
m) Alterações das Terminações Verbais da Terceira Pessoa do Plural	115
n) Síncopa ou Queda de um Som no Meio da Palavra	117
2. Análise Lexical	119
2.1. Regionalismos Madeirenses	120
2.1.1. Regionalismos Lexicais	121
2.1.2. Regionalismos Semânticos	122
2.1.3. Regionalismos Morfológicos	123
2.2. Interferências das Línguas dos Países de Destino	123
2.3. Alcnhas Individuais e Coletivas ou Gentílicos	130
2.4. Provérbios e Expressões Populares.....	132
2.5. Formas diminutivas e aumentativas.....	133
3. Análise Morfossintática	136
a) Posição dos Clíticos na Frase	136
b) Uso Incorreto e Ausência dos Clíticos	140
c) Ausência de Artigo Definido antes do Possessivo em Nomes de Parentesco	140
d) Falta de Concordância Verbal, Nominal e Adjetival.....	144
e) Sujeito Expresso com <i>A Gente</i> em vez de <i>Nós</i>	151
f) Verbo <i>Ter</i> com Valor Existencial em vez de <i>Haver</i>	152
g) Uso do Gerúndio.....	153
h) Omissão de preposições e de outros elementos gramaticais	157

Capítulo IV – Discussão dos Resultados	158
1. Resultados Socioculturais.....	158
2. Resultados Linguísticos.....	161
3. Resultados Esperados e Observados	168
Considerações Finais.....	170
Referências Bibliográficas	173
Obras de Referência	173
Webgrafia	178
Apêndices	182
1. Guião da Entrevista	182
2. Transcrições das Entrevistas	182
3. Fichas das Entrevistas	182
4. Histórias de Vida	182
5. Fichas de Autorização de Divulgação	182
6. Gravação Áudio das Entrevistas (formato WAV/MP3).....	182
7. Guião da Análise dos Fenómenos Linguísticos	182
8. Tabelas do Capítulo III com o Levantamento Exaustivo de Fenómenos Linguísticos..	182

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Geolocalização do Fenómeno da Emigração em Estudo	15
Figura 2 – Monumento em Homenagem ao Emigrante Madeirense	19
Figura 3 – Indicação da naturalidade dos informantes madeirenses	20
Figura 4 – Indicação da naturalidade dos informantes lusodescendentes	21
Figura 5 – Passagem clandestina dos emigrantes portugueses pelos Pirenéus - março de 1965 (Fonte: Gérald Bloncourt http://bloncourtblog.net/2014/07/1-immigration-portugaise.html).23	
Figura 6 – Acampamento em l'Abbé Pierre à Noisy le Grand de um <i>bidonville</i> [bairro de lata] - 1954 (Fonte: Gérald Bloncourt http://bloncourtblog.net/2014/07/1-immigration-portugaise.html).....	25
Figura 7 – Chegada dos emigrantes portugueses à estação de Austerlitz, Paris - 1965 (Fonte: Gérald Bloncourt http://bloncourtblog.net/2014/07/1-immigration-portugaise.html)	25
Figura 8 – Fluxograma da estrutura da dissertação	32
Figura 9 – Evolução da Taxa de Analfabetismo na RAM (1930 – 2011) (Fonte: INE disponível em http://censos.ine.pt/).....	61

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Normas de Transcrição das Entrevistas	48
Tabela 2 – Faixas Etárias Adotadas na Investigação	57
Tabela 3 – Identificação Sociocultural dos Informantes.....	63
Tabela 4 – Dados socioculturais dos informantes emigrantes em França	78
Tabela 5 – Dados socioculturais dos informantes emigrantes no Reino Unido.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS

CCMM – Centro das Comunidades Madeirenses e Migrações

CEE – Comunidade Económica Europeia

CEHA – Centro de Estudos de História do Atlântico

EUA – Estados Unidos da América

FH – Falante de Herança

INE – Instituto Nacional de Estatística

LH – Língua de Herança

PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado

RAM – Região Autónoma da Madeira

Introdução

A temática da emigração madeirense reveste-se de uma grande importância, justificando a dedicação das comunidades política e científica, uma vez que esses estudos têm sido efetuados de forma desconexa, faltando, organizar e facilitar a sua interpretação. Esse estudo desperta-nos para fenómenos com grande impacto na vida pessoal de quem emigra, na sociedade e na economia da Região Autónoma da Madeira e do país. Permite também “mostrar o que foram e o que são essas comunidades madeirenses” (Vieira, 2015: 6).

Esta investigação irá pôr a nu os problemas que sempre estiveram por detrás do recurso à emigração, característica dos povos insulares e, em especial, dos madeirenses. Assim, esta dissertação de mestrado visa ser uma homenagem a todos quantos tiveram a audácia de rumar a terras longínquas em busca de um futuro mais promissor.

Uma vez que o CEHA ainda não elaborou uma análise da emigração madeirense para a França e o Reino Unido, esta tese propõe-se ser uma mais-valia no sentido de processar as poucas entrevistas já recolhidas por aquela instituição e aumentar essa base de dados com mais algumas dezenas de registos áudio, devidamente analisadas sob os aspetos socioculturais e linguísticos. Não deixa, porém, de haver a pretensão de aprofundar esta investigação, no sentido de a tornar representativa de todos os concelhos da Região Autónoma da Madeira – o que poderia materializar-se no contexto de um estágio ou projeto de investigação.

É um facto que a temática da emigração madeirense tem sido tratada por diversos estudiosos, contudo essas investigações têm incidido em épocas e geografias distintas do objeto de estudo da presente dissertação: França e Reino Unido (observar Figura 1). Essa quase inexistência de dados emigratórios, bem como de relatos e descrição das viagens, dificultou o acesso a informação publicada que pudesse corroborar esta investigação.



Figura 1 – Geolocalização do Fenómeno da Emigração em Estudo

Como afirma Vieira (2015: 6): “algumas épocas, como o século XIX e alguns destinos, como o Brasil, América Central, Havai continuam a monopolizar a atenção dos especialistas”. Foi no século XIX que a emigração, enquanto fenómeno como hoje a conhecemos, começou a ganhar expressão. Entre o século XIX e meados do século XX, cerca de 1,5 milhões de portugueses tomaram esta decisão. De acordo com o programa televisivo da RTP “Ei-los que Partem” – 1.º episódio, o primeiro foco de emigração massiva ocorreu para a América, por força da rota dos grandes veleiros e também da fuga de judeus portugueses. Foi em cidades portuárias e aproveitando o negócio que provinha do óleo de baleia que a comunidade lusa (essencialmente oriunda dos Açores) engrandeceu. Já a população de Portugal Continental rumou particularmente para o Brasil, onde davam continuidade a negócios já estabelecidos. A partir de meados do século XIX, com o fim do tráfico de mão-de-obra escrava, a emigração portuguesa conhece um episódio negro com a designada “escravatura branca”, visto que a mão-de-obra, tão necessária aos imensos cafezais, passou a ter origem em Portugal e as condições de trabalho em muito se assemelhavam às da escravatura negra. Dessa emigração com destino ao Brasil, subsistem ainda hoje muitos exemplos de palacetes próprios da ostentação de então; também os primeiros passos da industrialização portuguesa foram financiados com remessas daí provenientes.

O 2.º episódio de “Ei-los que Partem” explicita que, na segunda metade do século XIX, muitos portugueses rumaram até à costa oeste da América (corrida ao ouro) e Ilhas do Havai (plantações de cana sacarina). Nessa altura, verificou-se a substituição dos grandes veleiros

pelos barcos a vapor, reduzindo o tempo de viagem a um quarto. De acordo com o 3.º episódio da série “Ei-los que Partem”, no início do século XX, quer a América, quer o Brasil ansiavam por mão-de-obra e a Europa tinha milhões de pobres para enviar, é o início da emigração de massas de uma forma generalizada. Para se ter uma ideia da miséria, entre 1890 e 1920, 20% da população portuguesa emigrou. No Brasil, o café mantinha-se em alta e surgiam as fortunas da borracha. Nos Estados Unidos da América, o negócio relacionado com a pesca à baleia entra em falência com a descoberta do petróleo, tomando como novo rumo profissional as fábricas têxteis. Em 1929, com a Grande Depressão, decorrente do *crash* bolsista de *Wall Street*, todos sofreram as suas consequências e da América regressaram muitos emigrantes. O Brasil, com a queda da procura internacional por café, deixa de ser um destino de emigração privilegiado.

O 4.º episódio de “Ei-los que Partem” faz referência ao pós 2.ª Guerra Mundial, com a tão necessária reconstrução em curso. A emigração “a salto” com destino a França começa a surgir e quase já ninguém emigra para o Brasil. O atraso secular de Portugal, a agricultura teimosamente por modernizar, o rígido regime político e a guerra colonial forçaram muitos camponeses, saturados de uma vida de miséria, a atravessar a Espanha e os Pirenéus. Chegados a França, instalaram-se, nos subúrbios de Paris, em degradantes bairros de lata.

Mais tarde, a emigração, primeiramente “a salto” para a França, começa a derivar para países conexos – sendo disso um bom exemplo o Luxemburgo, onde os portugueses se tornaram nos pedreiros e nas mulheres-a-dias de quase todo o Grão-ducado e representam hoje 15% da população. Após a emigração massiva para a França, começou também a registar-se muitas saídas para o Reino Unido e outros estados do velho continente.

Acresce a isto a necessidade de se estudar o fenómeno da mobilidade da emigração madeirense, incluindo regressos temporários ou definitivos, e a sua importante influência na sociedade, cultura e economia madeirenses. Como constata o investigador Alberto Vieira, “O estudo das migrações madeirenses tem sido feito de modo parcelar, existindo ainda uma grande lacuna nesta que importa colmatar com novos estudos e análises” (Vieira, 2015: 5), fazendo falta “estudos sistemáticos sobre o movimento da emigração madeirense para os quatro cantos do mundo” (Vieira, 2015: 6). A justificar esta circunstância aponta-se o facto de a emigração para a Europa ser relativamente recente:

A emigração incide no deslocamento para o Brasil (sobretudo no século XVIII), para a Venezuela, o Caribe e África (essencialmente, no final do século XIX) e para a América do Norte e Europa (particularmente no século XX). Ora seduzido pela ideologia expansionista, ora por razões económicas (...). (Santos, 2012: 12)

As deslocações com o objetivo de melhores condições de vida sempre estiveram inerentes à natureza humana, facto atestado pelo carácter nómada dos primeiros povos. Com a sedentarização das civilizações, mas movidas pela constante insatisfação e ambição, “as grandes migrações são tão antigas como o homem” (Tomé e Carreira, 2000: 1). Os portugueses não foram exceção, pelo que o seu carácter conquistador e aventureiro fizeram com que o povo lusitano se espalhasse por onde os Descobrimentos Portugueses atingiam. Já Camões afirmava: “E, se mais mundo houvera, lá chegara”. O conceito de migração, tal como hoje o entendemos, remonta ao século XIX (contemporâneo à independência do Brasil). Contudo, no século XVI, Portugal já fazia estimativas de população que vivia fora (Tomé e Carreira, 2000: 3), ainda que sem grande rigor, uma vez que, apesar de o fenómeno de entradas e saídas ser constante, não havia o hábito de as registar.

Em meados do século XX, dá-se início a uma nova utopia de emigração, desta vez para a Europa e com a pretensão de um dia voltar.

Na segunda metade deste século, a partir da década de 50 a emigração muda de rumo e vira-se para os países que lhe são próximos, na Europa. Se até esta altura se cruzavam os mares em busca de melhoria das condições de vida, tradição que se mantinha desde o início da época dos descobrimentos, agora é altura de atravessar os Pirenéus, rumo a vários países do continente europeu (Tomé e Carreira, 2000: 4).

Este novo rumo migratório para a Europa é considerado por José Luís Garcia *et al*: “[e]migrar para (...) [os] países europeus era (...) uma solução viável e com boas perspectivas de sucesso.” (1998: 55). A emigração para a França verificou-se, essencialmente, no século XX e no pós-2.^a Guerra Mundial, apesar de os registos já darem conta da presença portuguesa em território francês no século XIX. Entre 1876 e 1976, os portugueses passaram de 200 para 1.300 emigrantes. Após a 2.^a Guerra Mundial, houve uma demanda por mão-de-obra com o objetivo de reconstruir o país, sendo que em 1921 o número situava-se nos 10.800 emigrantes. Em 1926, ano em que se instaurou em Portugal um regime ditatorial, esse número já rondava os 28.900 emigrados, aumentando para 49.000 em 1931. Nas décadas de 30 e 40, esse número registou um decréscimo. Todavia, no início dos anos 50, o fluxo migratório ascendeu de tal forma que, no final desta década, o seu número era já de 1,5 milhões, pois os portugueses não acreditavam no desenvolvimento do seu país. Em 1970, atingiu-se o valor recorde dessa emigração num só

ano, com a partida de 135.667 portugueses. É de referir que se encontram expressivos núcleos de comunidades madeirenses e lusodescendentes em Nantes/Chol , Nice e Paris.³

Antes de abordar a questão da emigração madeirense para o Reino Unido, importa subdividi-la em duas vertentes: a emigração direcionada para as Ilhas do Canal e para o restante território britânico. A partir da década de 50, surgiu a emigração sazonal para as Ilhas do Canal, nomeadamente para as Ilhas de Jersey e Guernsey. Embora existam registos datados de 1934 da presença madeirense em Jersey, em 1961 existiam cerca de 500 portugueses nessa ilha, que se ocupavam maioritariamente da indústria hoteleira. Em 1970, com o crescimento da atividade agrícola, verificou-se novo aumento, pelo que em 1972 já existiam 1.800 madeirenses nesse território insular. De acordo com o CCMM, entre 1978 e 1980, registaram-se 500 saídas da Madeira e, em 1990, esse registo era já de cerca de 1000. Por esta altura, a emigração deixa de ser sazonal, registando-se muitos casos em que se deixavam os filhos   guarda dos pais de quem emigrava, de acordo com Sérgio Marques (cf. Fórum da Diáspora Madeirense, 2016). Os madeirenses fixados, então, em Jersey ocupavam-se sobretudo na área da agricultura. Hoje em dia, os madeirenses l  radicados, e seus descendentes, encontram-se grandemente ocupados nos setores da hotelaria, restauração, saúde e praça financeira⁴.

Relativamente   Ilha de Guernsey, há a apontar a chegada do primeiro madeirense em 1962, tendo-se-lhe seguido muitos outros, integrados sobremaneira na hotelaria e *catering*. Em 1979, com a entrada da Itália na CEE, a comunidade italiana residente em Guernsey reduziu-se drasticamente, passando essas vagas a ser preenchidas por madeirenses; nessa época, os madeirenses atingiam a fasquia de 400 emigrantes. Em 1980, celebrou-se, nesse território, pela primeira vez, o dia de Portugal e de Camões, a 10 de junho, evento organizado pela Associação Portuguesa de Guernsey. Em 1986, com a adesão de Portugal   CEE, o fluxo migratório com destino a esse território insular aumentou grandemente, sendo essa mão-de-obra absorvida pelo turismo, floricultura e horticultura. Em 1990, fruto da livre circulação de trabalhadores no espaço europeu, esse número volta a aumentar, pois em 2000 eram já cerca de 2000 pessoas. Foi no ano de 2000 que se atingiu o número recorde de saídas madeirenses para Guernsey: 719. Há poucos anos, com a crise nos setores econ micos tradicionais, os portugueses viram-se obrigados a diversificar as suas ocupações, passando a estar mais presentes em hospitais, lavandarias, limpezas, construção, comércio e serviços. Atualmente, a comunidade portuguesa

³In <https://ccmm.madeira.gov.pt/index.php/emigracao/historial-da-emigracao> [consultado a 10 de maio de 2017].

⁴ In *ibidem*.

residente em Guernsey é de cerca de 1.400 pessoas, e os lusodescendentes ocupam-se, em grande parte, dos setores da banca, finanças, serviços sociais, medicina, arquitetura e direito.

Quanto à emigração madeirense para o território do Reino Unido propriamente dito (excetuando as Ilhas do Canal), esta tem raízes seculares. Porém, foi nos últimos 15 a 20 anos que esse destino de emigração ganhou uma grande representatividade, com os madeirenses a liderar as mais recentes estatísticas de emigração. Atualmente, a comunidade portuguesa radicada em Inglaterra é de 400.000 pessoas, sendo 120.000 madeirenses, fazendo dessa a terceira maior comunidade madeirense além-fronteiras. Esses emigrantes estão fixados, na sua maioria, em Portobello Road, Camden, Harlesden, Manchester e Bournemouth. Profissionalmente, os madeirenses estão presentes em todos os setores económicos e empresariais, com especial destaque nas áreas da restauração e construção civil.

Uma evidência da pertinência do fenómeno da emigração madeirense consiste no monumento que se encontra na Avenida do Mar (Funchal). Da autoria do escultor José Manuel Franco Figueira Fernandes, o monumento, inaugurado a 1 de julho de 1982, mostra-se assente num rochedo e ergue-se suportando um globo terrestre. Na base, encontra-se a inscrição: “Ao emigrante madeirense presente em todas as latitudes.” (ver figura 2).



Figura 2 – Monumento em Homenagem ao Emigrante Madeirense

Quando se fala de emigrantes, é impossível deixar de referir a questão das remessas, isto é, as quantias monetárias que a nossa diáspora envia para bancos nacionais, sendo isso uma prova de confiança, vontade de futuros investimentos no seu território de origem, melhoria da qualidade de vida, bem como internacionalização e valorização das empresas e produtos nacionais. De acordo com o artigo do Professor Daniel Bastos, publicado no *Jornal da Madeira* a 11 de junho de 2017 e intitulado *As remessas dos emigrantes*, o Banco de Portugal, num

balanço do ano de 2016, destacou a subida, pelo 5.º ano consecutivo, do valor das remessas dos nossos emigrantes. Em 2016, ano do *Brexit* no Reino Unido e da eleição de Trump nos Estados Unidos (EUA), registou-se um considerável aumento proveniente de França, EUA e Reino Unido. Quer a França (líder das nossas remessas) quer o Reino Unido viram este valor aumentar em 12% face ao ano de 2015.

Posto isto e dada a insuficiência de investigação sobre a emigração madeirense para estes países e época de emigração, bem como pelo facto de serem destinos prediletos atualmente por quem opta pela brava decisão de emigrar, e ainda por ter familiares lá estabelecidos, optou-se por incidir o estudo sobre a França e o Reino Unido, a partir da década de 60 do século XX. De modo a ter uma amostra diversificada e representativa da realidade, selecionaram-se informantes de várias gerações, dos dois géneros, naturais de diferentes concelhos da RAM, oriundos da costa sul, norte da ilha da Madeira (com exceção dos concelhos da Ponta do Sol e do Porto Moniz) e não esquecendo o Porto Santo (observar Figura 3), incluindo lusodescendentes (observar Figura 4) e apresentando igual número de entrevistados de ambos os países de destino. Esta diversidade de informantes permite inferir determinadas correlações entre aspetos socioculturais e linguísticos. Desta forma, é possível estabelecer um paralelo entre a utilização de regionalismos madeirenses, provérbios, alcunhas e interferências das línguas dos países de destino com o género, o grau de habilitações literárias, a geração a que pertencem, a naturalidade e a relação com a sua terra natal.

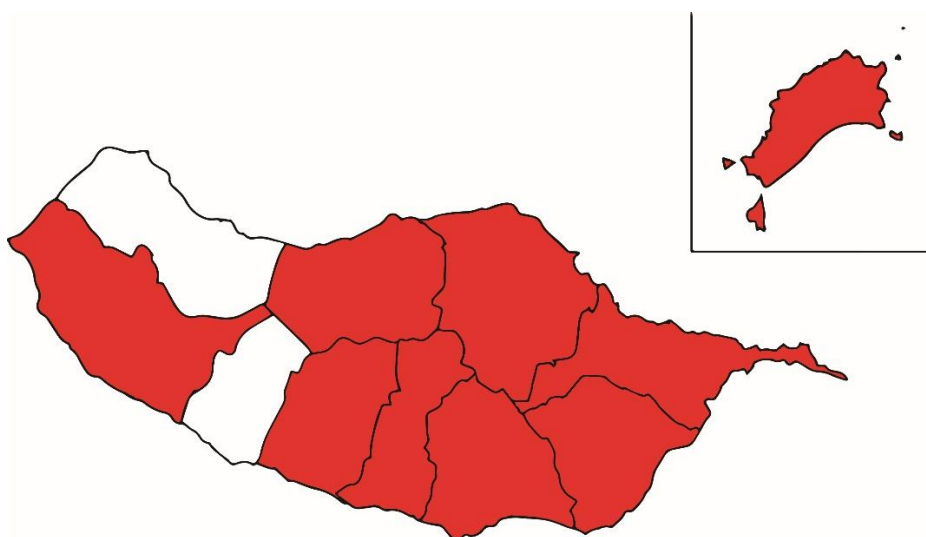


Figura 3 – Indicação da naturalidade dos informantes madeirenses



**Figura 4 – Indicação da naturalidade dos informantes lusodescendentes
(filhos de emigrantes madeirenses)**

A viagem de emigração com destino à França era feita, muitas vezes, de forma clandestina. Rocha-Trindade (1995: 44) diz que este é “(...) o processo pelo qual se inicia e desenvolve um percurso emigratório individual (...)”, pois a emigração “não era facilitada pelo governo português” (Tomé e Carreira, 2000: 20), que procura impedir a fuga de jovens prestes a cumprir o serviço militar, através de uma rede de polícias/informadores que constituíam a PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) e que estavam espalhados por todo o país. O fenómeno da emigração era tido pelo regime como um ato político e, como tal, era ocultado das notícias através da censura. Num contexto de miséria e de não menos rara fome, surgiram movimentos revolucionários na Madeira que se insurgiam contra o governo, sendo disso exemplos a Revolta da Farinha (1931) e a Revolta do Leite (1936). O contexto de má conjuntura económica e a ausência de boas expectativas de vida empurravam os madeirenses para a procura da sua sorte além-fronteiras, mesmo que isso implicasse uma fuga “a salto”, expressão açoriana “utilizada para descrever as saídas clandestinas dos ilhéus” (Vieira, 2012: 4). Já o estudioso Yvan Gastaut atribui a expressão “o salto” aos portugueses que atravessavam os Pirinéus clandestinamente: “«le saut au-dessus des Pyrénées» était le nom symbolique donné par les Portugais à leur voyage clandestin vers la France” (cf. Vieira, 2012: 5).

Linguisticamente, é curioso explorar a origem e a evolução da expressão “a salto”. Se é verdade que a sua origem será dos Açores, a sua utilização sofreu uma exportação, pois, como

refere Eduardo Mayone Dias (1997: 5), em França passou a designar a chegada dos portugueses clandestinos como “a salto” ou “passaporte de coelho”, dadas as condições da viagem. Nas Ciências Humanas, a expressão “a salto” é descrita de forma parca: “Através de Pirenéus a pé, de barco para alcançar a Espanha, em camiões frigoríficos, carros funerários, escondidos em fundos falsos de camionetas, ou pelos próprios meios” (Gervásio, s/d: 35). Não deixa, porém, de ser importante referir a presença da temática do “a salto” da emigração na produção artística de então, fazendo-se sentir em obras literárias, canções e até mesmo em obras cinematográficas.

Na literatura, podemos referir *5 dias, 5 noites* (1975) de Manuel Tiago, *Fronteira Fechada* (1972) de Alves Redol, *A salto* (1967) de Nita Clímaco, *Eis uma história* (1992) de Olga Gonçalves e *A floresta em Bremerhaven* (1975) de Olga Gonçalves. No domínio da sétima arte, a realidade da emigração “a salto” foi retratada no filme *O Salto* (1967) do cineasta francês Christian de Chalonge. No domínio musical, a cantora Linda de Suza (Teolinda Joaquina de Sousa) interpreta a canção *Mala de Cartão*, inspirada pela própria experiência de emigração “a salto”, sendo uma canção autobiográfica, que se tornou no “hino da comunidade portuguesa em França”⁵. Ainda no que se refere a obras literárias sobre a emigração, nos autores nacionais, inclui-se Marianna Xavier da Silva, *Na Madeira, Offerendas* (1883), com o conto “O Demerarista” (história de um emigrante madeirense de Câmara de Lobos que vai para Demerara). Quanto a autores madeirenses, a temática da migração está presente em João França, *O Emigrante* (1978) e *Uma Tragédia Portuguesa* (2017); Horácio Bento de Gouveia, *Torna-Viagem – O Romance do Emigrante* (1979); Maria Aurora, com o conto “A Santa do Calhau” (1990) e Lília Mata, *Contos de Embarcar* (2002).

Os emigrantes clandestinos eram apelidados de “franceses de pega” ou de “champignês” (Tomé e Carreira, 2000: 4), sendo essas viagens “a salto” realizadas por terra. Nessas verdadeiras epopeias, que o estudioso Eduardo Lourenço apelida de “irrestíveis fugas da terra” (Bloncourt, 2015: 8), chegaram-se a perder vidas. As fugas por água faziam-se a nado até navios estrangeiros afastados da costa ou embarcando ilegalmente no porto do Funchal. Já a emigração “a salto”, por terra, decorria com auxílio de passadores, peças essenciais para atravessar a fronteira entre Portugal e Espanha sem serem apanhados (observar figura 5).

⁵ In, <http://media.rtp.pt/treze/as-cancoes/linda-de-suza-mala-de-cartao/> [consultado dia 15 de maio de 2016].



Figura 5 – Passagem clandestina dos emigrantes portugueses pelos Pirenéus - março de 1965 (Fonte: Gérald Bloncourt <http://bloncourtblog.net/2014/07/1-immigration-portugaise.html>)

Há, portanto, movimento. É o «salto». Parte-se silenciosamente, às escondidas. Em primeiro lugar, os homens, sozinhos. Em seguida, as mulheres, depois as crianças. Parte-se usando todos os meios de locomoção imagináveis, mas sobretudo a pé. É de loucos, a distância percorrida. E nunca mais voltam a parar. (Cardoso, n.d.)⁶

Esses passadores faziam-se pagar de avultadas comissões, sendo que, por vezes, revelavam-se burlões, pois, uma vez tendo recebido os seus honorários, não compareciam na data e local previamente combinados. Por outras vezes, estes passadores, a troco de dinheiro pago pelas autoridades, denunciavam aqueles que planeavam emigrar clandestinamente.

Para terem a certeza de que os passadores não os abandonariam pelo caminho, as famílias que estavam no país guardavam metade de uma foto que representava o candidato à passagem clandestina e só entregavam metade do valor acordado. Uma vez chegado a França, o imigrante entregava a outra metade da foto ao seu guia que, regressando a Portugal, podia receber a outra metade do dinheiro logo que a fotografia fosse reconstituída. (Bloncourt, n.d.)⁷

É paradoxal a posição do regime de Salazar quanto à emigração. Se, por um lado, era óbvia a intenção de não querer perder homens para servir na guerra que eclodira nas colónias, bem como não transparecer uma imagem de fracasso político de que é prova um êxodo massivo; por outro lado, “os emigrantes portugueses, quando regressavam para Portugal, eram regularizados com relativa facilidade”, conforme relata a Agência Lusa (cf. webgrafia).

⁶ www.centromariodionisio.org [consultado no dia 15 de maio de 2017]

⁷ www.centromariodionisio.org [consultado no dia 15 de maio de 2017]

A matéria jornalística (Pereira, 2014) também deixa claro esse conluio entre os Estados português e francês, nas matérias conexas à emigração:

Era “dúbia” a postura do Estado Novo. Apesar de em 1963 ter assinado com França um acordo de migração de trabalhadores, Portugal dificultava os processos de autorização de saída. Não por acaso, diz a historiadora. Travava uma guerra no ultramar, mas importava-lhe manter boas relações com França, que até lhe vendia material bélico. E dava-lhe jeito trocar mão-de-obra excedentária por capital estrangeiro.

O Estado Novo não se esforçava para frear a saída dos homens, mas obrigava-os a um esforço tão grande que pouquíssimas mulheres se atreviam a partir. “A masculinização da emigração e a separação temporária do núcleo familiar asseguravam o envio de divisas dos trabalhadores para Portugal e a manutenção de uma estratégia migratória orientada para o regresso”.

Gérald Bloncourt, fotógrafo radicado em França, não procurando “clichés extraordinários”, mas antes “como um simples escriba recopiando aqueles milhares de rostos”, nas palavras do próprio, fez um interessante registo fotográfico da realidade da emigração “a salto”, nas décadas 50/60, patente na exposição fotográfica *Por uma Vida Melhor*, em que retrata a tenebrosa passagem pelos Pirenéus, a chegada a Hendaye, as miseráveis condições dos *bidonvilles* [bairros de lata] (observar Figura 6) e as não menos comuns circunstâncias laborais precárias a que se sujeitavam. Em troca de *e-mails* com o ilustre fotógrafo, este fez referência particular aos emigrantes portugueses como “Les immigrés son des immigrés! Mais les portugais sont les fils des grands découvreurs”⁸.

⁸ O fotógrafo Gérald Bloncourt, contactado por *e-mail*, autorizou a utilização das suas fotos no texto desta dissertação.



Figura 6 – Acampamento em l'Abbé Pierre à Noisy le Grand de um *bidonville* [bairro de lata] - 1954
(Fonte: Gérald Bloncourt <http://bloncourtblog.net/2014/07/1-immigration-portugaise.html>)

Assisti à chegada em massa daquelas famílias desamparadas, carregando nos braços os seus bens dentro de malas improvisadas, muitas vezes atadas com cordas para que não se abrissem, de tão gastas que estavam. Vi estes seres esgotados, a dormir sentados, por falta de lugares, nos bancos da estação. Apanhei o comboio com eles, para melhor testemunhar o seu infortúnio. Vivi a chegada de camiões em que famílias inteiras eram amontoadas como gado. (Bloncourt, n.d.)⁹ (observar Figura 7).



Figura 7 – Chegada dos emigrantes portugueses à estação de Austerlitz, Paris - 1965 (Fonte: Gérald Bloncourt <http://bloncourtblog.net/2014/07/1-immigration-portugaise.html>)

⁹ www.centromariodionisio.org [consultado no dia 15 de maio de 2017].

Na obra de versão portuguesa *O Olhar de Compromisso com os filhos dos Grandes Descobridores*, da autoria de Gérald Bloncourt, prefaciada por Eduardo Lourenço, enriquecida pelo valioso espólio fotográfico de Gérald Bloncourt e com traduções de Paulo Teixeira, encontram-se testemunhos da vida quotidiana nas *bidonvilles*:

Tinha uma divisão pequena à frente, que funcionava como sala e cozinha, e tinha outra atrás onde dormiam os meus pais, de um lado, e eu e o meu irmão, do outro. Era de madeira, revestida com placas. Casa de banho não havia, era uma, exterior, para toda a gente. E tomávamos banho uma vez por semana, numa bacia plástica. A minha mãe aquecia a água no fogão e tomávamos banho ali, naquela cozinha-sala minúscula (Carvalho, 2011)¹⁰

Muitos dos emigrantes madeirenses que chegaram a França “a salto” tiveram habitação nas *bidonvilles*, bairros de lata construídos de forma improvisada com materiais de construção rudimentares e condições de salubridade miseráveis, sendo disso exemplo o testemunho do informante 21 deste estudo:

L: E, depois, tivemos [estivemos] num barro [bairro] lá, como tem... como a gente [nós] até pode [podemos] ver hoje na internet. Eh... tem [há] barros [bairros] qu’eles [que eles] mostraram como viviam os emigrantes na altura.

D: Viviam num daqueles eh... *bidonville* [bairro de lata]?

L: Sim. *Bidonville* [bairro de lata], isso. Vivia-se [vivíamos] lá.

D: Ah, vivia num *bidonville* [bairro de lata]?!

L: Vivia-se [vivíamos] em...

Todavia, os perigos assolavam os aventureiros emigrantes já durante a travessia “a salto”, como testemunha o seguinte relato:

Da viagem também me recordo de irmos a caminhar nos Pirenéus, no escuro, e de ouvir o grito de um homem que caiu. Os trilhos eram estreitos, nós tínhamos de avançar sempre, ninguém parava, e acho que o homem deve ter morrido, porque caiu por ali abaixo e ninguém parou para o socorrer (Carvalho, 2011).

Esta realidade pode ser constatada pelo relato na primeira pessoa dos informantes masculinos 1, 5 e 21 (quando ainda criança) e femininos 11 e 20. Estes relatos correspondem à 1.^a e 2.^a levas de emigrantes do estudo.

Informante 1:

D: Portanto, foi pa [para] França mesmo? Chegou a ir?

L: Sim, senhora.

¹⁰ www.centromariodionisio.org [consultado no dia 15 de maio de 2017].

(...)

D2: E, em Lisboa, vai de barco para França, não ?

L: Não, fomos sempre de camboio [comboio].

(...)

L: (...) Mas, [se] calhar, a gente [nós] fomos, atravessámos a... fomos pa [para] Vilhar [Vilar] Formoso cear, nunca me esquece: foi semilhas [batatas] e bacalhau pá [para] ceia, em Vilhar [Vilar] Formoso, em Castelo Branco... Castelo Branco, em Castelo Branco.

D2: Que bom!

L: Depois, levámos quatro horas pa [para] chegar à Beira Alta e, depois [depois], tivemos um bocado fechados dentro do carro, em [na] Beira Baixa, e pa [para] antão [então]... pá [para a] gente [nós] ir [irmos] pa [para] Vilhar [Vilar] Formoso. Mas aquiho [aquilo] era dentro dum [de um] espinheiral [pinheiral], dentro de água... o caraças.

D: A pé?

L: A pé, não se podia falar nem dizer nada.

D: Portanto, o senhor João fez o percurso da fronteira pa [para] Espanha a pé?

L: Foi, foi.

D: Portanto, fez o salto, o verdadeiro salto.

D2: O salto.

L: E, então, o gajo... eu cá andava coma [como] um... eu andava como um peste [bastante].

D2: Já tinha treino.

L: Ah, já tinha andado em tanto lugar. E, então, o gajo ia à... *parafita* [pressa]. Para eu ver a cabeça do gajo, só ponha a cabeça assim fora dos pinheiros, p'ra [para] ver o gajo, era um cangalho [traste] alto. Os rapazes atrás não vencie [venciam] c'a [com a] gente [connosco], ele era assim, mete a mão no revolver, era assim: "Cala-te, seu filho da puta, que eu mato [mato-te] já".

D: Iam armados?

L: Quantos eles mataram p'ra [para] passar lá o rio?!

D2: Portanto, aquele que ia... que conduzia...

L: O que conduzia ficou atrás.

D2: Sim.

L: Ficou atrás, em [na] Beira Baixa. Já foi outro Beira Alta e de [da] Beira Alta já foi... já fomos noutra táxi.

D: Sim.

L: E, /o/ depois, de [da] Beira Baixa para baixo saltámos, fomos do... [para] dentro do pinheiral.

D: Sim, a pé e calados.

D2: E o homem nem piava.

L: Era o *hôme* [homem], era o guia.

D2: [E esse tinha arma?

L: Então! Quantos ele matou! Quantos eles matare [mataram]! Passave [passavam] no rio... eles sempre passave [passavam]... mas teve [houve] um gajo, um português [que] também levava fogo com ele: “Se passas comigo, eu também mate-te [mato-te]”. E, então, diz... isto cá foi que eu *ouvui* [ouvi] os continentais a dizer lá no... Já cheguei a Espanha, com o meu dinheirinho [dinheiro], comprei para os tais /dos/ continentais comere [comerem] uma carequita [um pouco] de pão e uma maçã para cada um. E o gajo disse-me: “Você vai mais eu [comigo]”. Perguntou-me de aonde [onde] [é] que eu tinha a *direçion* [direção]. Eu disse: “Eu tenho uma pa [para] *Melã* [Moulin] e outra pa [para] Paris”; “Olha, *Melã* [Moulin], eu fico [a] quarenta quilómetros longe de *Melã* [Moulin]. Vais pá [para a] minha casa, eu vou lá com a *direçion* [direção]. Se eu te [to] encontrar... se eu não te [to] encontrar... se a gente [nós] não se encontrar [encontrarmos] o gajo, eu vou-te arranjar trabalho. E assim foi.

Informante 5:

D: Fugiu sozinho?

L: Fugi, fugi.

D: Porque é que diz que fugiu?

L: Quer dizer, eu *nã* [não] fugi sozinho [sozinho], arranjei um *passadore* [passador].

D: Ah! Foi clandestino!

L: Sim, fui clandestino!

D: Exato!

L: Pronte [pronto], apareceu-me um *passadore* [passador], ele disse-me: “Pagas tante [tanto], eu ponho-te dentre [dentro] de eh... de Es... da França. Desde o momento [momento] que passa a fronteira portuguesa pá [para a] espanhola, já *nã* [não] é prese [preso].

Informante 11:

L: (...) o *mê* [meu] *maride* [marido] experimentou ire [ir] p’ra [para] lá também, *fugides* [fugidos]. *Fugides* [fugidos]!

D: Ah! Fugidos! Não foi [foram] legais!

L: Não foi [foram] legais!

D: Foi ilegal!

L: Eh... e foram *fugides* [fugidos] pa [para] Espanha e da Espanha, *antão* [então], pagaram pa [para] entrar em França, porque eles *iem* [iam] para Marselha, mas depois *nã* [não] acharam muito bom o trabalho lá, porque o rapaz era dos Canhas e ele tinha um *prime* [primo] em Marselha.”

Informante 20:

D: E houve muita gente de lá a ir pá [para a] França?

L: Sim, dizem que sim.

D: Ah!

L: Eles arranjave [arranjavam] aqueles passadore [passadores].

Informante 21:

L: Eh... de certas coisas, mas eh...também eh... da viagem me lembro [lembro-me] do... de atravessar [de] comboios e coisas assim, no colo d'um [de um] senhor que levou-me [me levou]...

D: [Que o levou a si?

(...)

D: [E foram p'ra [para] lá?

L: e tinha... os outros [outros] [que] eram maiores. E, então, eu fui no colo d'um [de um] senhor, que também atravessou a... co [com o] meu pai...

D: [Foi de comboio?

L: Fui...

D:[Foi de avião pa [para] Lisboa?

L: Fui no meio do mato, acho que foi, e comboios e coisas assim.

D: Ah foi... mas não fo...

L: [Em setenta três...

D: Foram clandestinos!

L: Sim, sim. Em setenta três.

As partidas para as Ilhas do Canal eram primeiramente realizadas através de viagem no barco *Funchal*, da Madeira para a metrópole (designação característica da época colonial para o que hoje é a capital do país), a que se seguia uma viagem de comboio até à costa noroeste francesa, de onde partiam com destino a Jersey em aeronave. A informante 7 relata os seguintes factos:

L: Eh... eh... e viajames [viajámos], fomos no Funchale [Funchal], não [não] se lembra talvez... do Funchale [Funchal], ainda não [não] tinha nascido.

D: Mas pode explicar.

L: O Funchale [Funchal] era um barque [barco] que ia da Madeira à...

D: Ao Continente!

L: ao Continente!

D: Ao Continente?

L: Agora, não [não] sei se ia pa [para] outros [outros] lugares.

D: O barco como é que era o nome? O nome do barco?

L: Funchale [Funchal] eh...eh...Funchale [Funchal].

D: Eh...eh... era mesmo Funchal. E, a seguir, chegava ao Continente eh... eh...

L: E, depois, chegames [chegámos] ao Continente, mas eu e as minhas amigas também de Água de Pena...

(...)

L: Agora, *nã* [não] sei como é que foi que se atravessames [atravessámos] pa [para] Espanha? *Nã* [não] sei se ... há comboio de Portugal para a Espanha?

D: Sim, há comboio.

L: *Antão* [então], foi. Devia de ser de comboio de da de de Portugal...

D: De Portugal para Espanha!

L: De Portugal para Espanha!

L: Pois [depois], Espanha eh... eh... a França.

D: Sim! Sim!

L: E fomes [fomos] eh... eh... p'la [pela] França e, pois [depois], fomes [fomos] pa [para] um lugar que se chama *Saint-Malo*.

D: Uhm, uhm.

L: Deve ser na França *antão* [então].

D: Julgo que sim.

L: Que é um nome francês. *Antão* [então], em *Saint-Malo*, não sei como é que se escreve eh... eh... tomámos um um avião pequeninhe [pequenino/pequeno]...

D: Sim.

L: que transportou... qu'a [que a] gente [nós] viajames [viajámos] de *Saint-Malo* pa [para] Jersey e acho que *nã* [não] é muito [muito] longe, *nã* [não] me lembra [lembro] (...)

Depois da sucinta contextualização histórica da emigração portuguesa e madeirense para a França e o Reino Unido, segue-se a explicitação dos objetivos deste trabalho: (i) efetuar entrevistas a emigrantes madeirenses representativos de diferentes épocas de emigração para os países de destino acima referidos e seus descendentes, aplicando um guião de entrevista estruturado; (ii) abordar a questão da oralidade e da transcrição grafemática das entrevistas (passagem da documentação oral a escrita), constituindo *corpora* que permitam fazer um estudo sociocultural e linguístico da emigração madeirense nas áreas geográficas referidas; (iii) analisar qualitativamente as temáticas do quotidiano, através da linguagem dos relatos recolhidos nas entrevistas, direcionadas para as memórias da infância e da ilha, do quotidiano e vida familiar (visão das raízes madeirenses, paisagens e património linguístico e sociocultural), circunstâncias da partida e as suas motivações, expectativas, instalação, adaptação e confronto com a nova realidade linguística e cultural do país de acolhimento, mobilidades, experiências, contacto entre línguas e respetivas interferências, duração da permanência e regressos; (iv) conhecer algumas particularidades fonéticas do dialeto

madeirense e do Português popular, conservadas na fala dos emigrantes e transmitidas às gerações seguintes, assim como particularidades lexicais, semânticas e morfológicas que fazem parte do património linguístico e sociocultural madeirense; (v) apurar as interferências das línguas dos países de destino: lexicais, semânticas, fonéticas e morfossintáticas no Português falado pelos emigrantes; (vi) verificar se estes mantêm na sua memória expressões ou ditos populares, provérbios, rimas, canções, ou seja, a riqueza da expressividade popular e regional madeirense; (vii) constatar se os entrevistados ainda se recordam de alcunhas da família e de vizinhos da sua freguesia na Madeira e se, no país de acolhimento, ainda são conhecidos por alcunhas dentro da comunidade de madeirenses ou na comunidade local; (viii) aferir a presença de elementos culturais tradicionais da Madeira, tais como a música, o folclore, a gastronomia, o artesanato, arraiais e festas religiosas, na vida atual das diferentes gerações de emigrantes.

Além dos objetivos linguísticos e socioculturais pretendidos neste estudo, o projeto Nona Ilha tem o intuito de recompor a história das mobilidades da emigração madeirense, através da história oral, memórias autobiográficas ou histórias de vida, atribuindo também particular interesse às influências culturais madeirenses nos países de destino, a nível linguístico e cultural (música, gastronomia, artesanato, etc.), bem como auxiliar os lusodescendentes na procura de informações sobre os seus antepassados, reconstituindo a transmissão da cultura madeirense e rememorando as tradições que preservam a Madeira no mundo, como referência de origem identitária.

A conceção da presente dissertação contempla diversas etapas: iniciar-se-á pelo capítulo correspondente ao enquadramento teórico-metodológico da investigação; com base nos *corpora* das entrevistas devidamente transcritas, no segundo capítulo, registar-se-ão alguns aspetos importantes das temáticas do quotidiano, tendo presentes os fatores de identidade linguística e sociocultural dos informantes e estabelecendo uma comparação entre a Madeira e os países de destino. No terceiro capítulo, proceder-se-á à análise linguística dos *corpora* do registo oral das histórias de vida da emigração madeirense para a França e o Reino Unido. Efetuadas a análise sociocultural e linguística, elaborar-se-á a discussão dos resultados alcançados nos dois capítulos antecedentes. Finalmente, no quarto capítulo, redigir-se-ão as devidas considerações finais e reflexões sobre o trabalho realizado. No que concerne às referências bibliográficas, expor-se-ão os dicionários e gramáticas, as obras de referência e a webgrafia. Quanto aos apêndices, enumerar-se-ão o guião de entrevista (ver Apêndice 1), as transcrições grafemáticas das entrevistas dos 24 informantes (ver Apêndice 2), bem como as

fichas das entrevistas (ver Apêndice 3), as histórias de vida (ver Apêndice 4) e as fichas de autorização de gravação e de divulgação das entrevistas (ver Apêndice 5), entre outros elementos que fazem parte deste trabalho.

A estrutura da dissertação *supra* enunciada está patente no fluxograma da Figura 8.

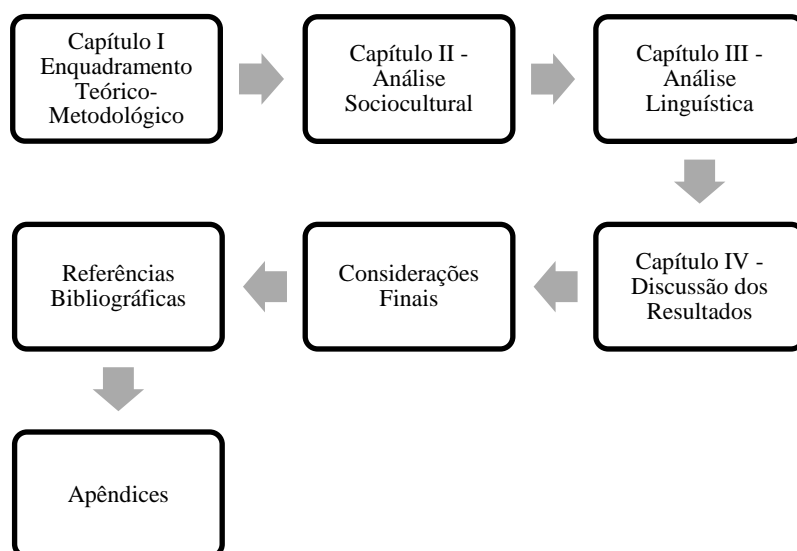


Figura 8 – Fluxograma da estrutura da dissertação

Capítulo I - Enquadramento Teórico e Metodológico do Estudo

1. As Fronteiras da Mobilidade

*Por esse Mundo além
Madeira teu nome continua
Em teus filhos saudosos
Que além-fronteiras
De ti se mostram orgulhosos.*

Ornelas Teixeira, 1980
(Excerto do Hino da Madeira)

Sendo a temática da emigração o conceito principal em estudo nesta investigação, importa clarificar certas noções. A mobilidade, termo com origem no latim *mobilitas*, - *atis*, designa o fenómeno de deslocações geográficas entre pátrias, segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa. No que concerne à migração, esta abarca os conceitos de emigração e imigração. Enquanto a emigração designa a saída do indivíduo para outro país, a imigração representa a entrada de indivíduos oriundos doutras nações, de acordo com o *Dicionário Priberam*. É de salientar que toda a migração está incluída na temática da mobilidade, mas nem toda a mobilidade implica migração, uma vez que, conforme Lewis (1982:18), é necessário um período de permanência de, pelo menos, um ano para a mobilidade poder ser definida como migração.

Um outro conceito subjacente à emigração corresponde à diáspora, do grego *diasporein* (dispersão)¹¹, aponta para toda a comunidade emigrante oriunda de uma região e espalhada por todo o mundo – a tal *Nona Ilha* na realidade da emigração madeirense. Segundo Sousa (2014: 515) isto porque “o conceito [da diáspora] está associado à emigração, independentemente das causas que lhe estão subjacentes, e o seu significado tem outro lastro, por via do fenómeno da globalização”. Rocha-Trindade, grande especialista sobre as migrações portuguesas, escreve:

¹¹ *diáspora* in Artigos de apoio Infopédia [em linha], Porto, Porto Editora, 2003-2017.

Revestindo os estudos sobre migrações internacionais um carácter muito complexo, em que se devem entrosar métodos e instrumentos de natureza demográfica, estatística, geográfica, antropológica, sociológica e política, nunca devem ser perdidos os fios condutores que relacionam os números com as pessoas; as tendências colectivas com as motivações individuais; os diferentes contextos (legal, social, económico e cultural), entre si; e, finalmente, as situações circunstanciais próprias de cada tempo e de cada par de lugares. (2004: 172)

Ao longo dos tempos, o termo diáspora começou por ser empregue para designar a migração dos gregos ao longo da bacia do Mediterrâneo, mais tarde o exílio do povo judaico na Babilónia e, depois, a saída dos cristãos-novos ibéricos no século XVI (Carita, 2016: 1). É curioso notar que nas obras emblemáticas do Estado Novo na Ilha, a saber *Elucidário Madeirense* e *Ilhas de Zargo*, o termo “diáspora” não está dicionarizado, embora pretendem valorizar e preservar a história madeirense. O termo “diáspora” mudou a sua designação no último quartel do século XX, passando a designar as vastas comunidades madeirenses espalhadas pelo mundo, com especial destaque para a Venezuela, Brasil, Canadá, África do Sul, entre outras. Estas comunidades fundaram casas da Madeira e grupos folclóricos que mantiveram celebrações religiosas características da cultura madeirense, avivando a memória das suas origens (Carita, 2016: 3).

Se a História tende a justificar a emigração com questões políticas, a Sociologia prefere mencionar os aspetos económicos, sociais, políticos e outros (Rocha-Trindade, 1995: 31). Independentemente da abordagem justificativa do fenómeno emigratório, este comporta sempre uma componente positiva e outra negativa. O lado positivo é explicado pelo carácter aventureiro, descoberta de novas pessoas e culturas, bem como pela aspiração a uma vida melhor. Já o lado negativo da emigração corresponde ao contacto com pessoas mal-intencionadas, os passadores, as denúncias da situação ilegal, a exploração, as não raras péssimas condições de vida nos primeiros tempos de presença nos países de destino, as doenças e as saudades de quem ficou na terra natal. Por isso, Rocha-Trindade defende o uso do termo “países de destino” em vez de “países de acolhimento”.

Para se ter uma ideia da importância da emigração para as gentes madeirenses, é importante ter a noção de uma expressiva fatia da população que povoou a Madeira no século XV ter saído do arquipélago poucas décadas passadas, já motivada pela busca de melhores condições de vida. Segundo o *Elucidário Madeirense* que parafraseia a obra de Frei Gaspar de Madre Deus, *Memórias para a História da Capitania de S. Vicente do Estado do Brasil* (1797) “já no século XVI havia emigração na Madeira (...) para aquela capitania [S. Vicente do Estado

Brasil]” (1998: 391) de muitos casais desta ilha”. Ao longo dos séculos, o audaz povo madeirense sempre se mostrou maleável em se adaptar às vicissitudes que a ilha o obrigava, desde a substituição da cultura de cana sacarina pela vinha, passando pelo fomento da indústria do bordado e pela adoção de castas mais resistentes, aquando dos ataques do oídio (1851) e da filoxera (1872), não esquecendo as sucessivas intempéries naturais, tais como secas e aluviões. Em resposta a estas crises, a solução também passou pela partida para outras terras. Pois, como afirma o Padre António Vieira, “os portugueses têm um pequeno país para berço e o mundo todo para morrerem”¹².

Como o caracol transporta a sua casa às costas, o madeirense emigrante, muitas vezes jovem de tenra idade que se viu forçado a amadurecer e crescer antes do tempo, levou sempre consigo toda uma cultura e identidade madeirenses (língua falada, religião, costumes, gastronomia, arte e música), que acabam por se fundir com as do novo país numa tentativa de preservação das tradições de origem, de acordo com Sousa (2014: 515), construindo uma identidade cultural híbrida, ao cruzar a cultura madeirense com a cultura dos países de destino, neste caso, a França e o Reino Unido.

(...) os povos que abandonam sua casa jamais se desapegam das origens, e mantém através da tradição a cultura na qual nasceram. Isso se dá pela manutenção da língua, da religião, modo de pensar e agir. Mas essa cultura original, no contexto diaspórico, está em constante transformação, de maneira que novos costumes acabam sendo assimilados e interferem não apenas na identidade pessoal como na identidade coletiva, que por sua vez reflete a identidade cultural de determinado grupo. (Cancian, n.d.: 2)

Para Cancian, essa utopia de identidade passada da memória é algo que acompanha o cidadão da diáspora, mesmo depois de um regresso definitivo à sua terra natal, isto porque tudo está em constante transformação (n.d.: 12).

2. Os Relatos de Memória, a História Oral e a Entrevista

“A memória é um fenómeno atual, um elo vivido no eterno presente; a História, uma representação do passado.”

(Pierre Nora)

¹² http://ebicuba.drealentejo.pt/ebicuba/jornal/jornal08/pagina-personalidades/pt_antonio_vieira.htm [consultado no dia 15 de maio de 2017].

A base de estudo do projeto Nona Ilha, que a presente investigação também acompanha, são histórias de vida ou relatos de memória biográficos dos emigrantes madeirenses. O conceito de memória autobiográfica será problematizado em primeira instância, para que, posteriormente, haja uma averiguação da significação da memória autobiográfica como construção social, colocando em evidência a relação desta construção com as histórias de vida. Por último, será exposta a temática da criação de conhecimento em investigação feita com recurso a histórias de vida.

O ser humano é um contador de histórias, segundo Brunner (1986); Connely & Clandiny (1980) e nessas histórias contadas perscrutam-se as experiências vividas, os ambientes sociais, etc. Segundo Mc Adams (2008), o tempo ancestral da hum, segundoanidade indica-nos a multiplicidade de formas das histórias contadas pelo ser humano: as lendas, histórias épicas, biografias, mitos, filmes, óperas. A presente dissertação tem interesse particular pelas histórias de vida, compostas por duas estruturas: o “Eu” (informante) e a sua memória autobiográfica. Para Brunner (2003), Mc Adams (2003) e Neisser & Fivush (1984), estas duas estruturas estão interligadas, isto é, as memórias surgem orientadas em “Torno do Eu” (informante) e, por outro lado, a percepção da continuidade do “Eu” (informante), a identidade pessoal, conecta as memórias que correspondem às suas experiências vividas.

A capacidade cognitiva de um indivíduo contar as experiências que viveu e que estão presentes na memória e ordenadas em função do “Eu”, designa-se de memória autobiográfica (Damásio, 1999; Greenwald, 1980). Conway (1990, 2005); Conway e Pleydell-Pearce (2000), Rubin (1986) e Pillemer (1998) definem memória autobiográfica como a memória de factos da própria vida, memórias relacionadas com o “Eu”. A memória autobiográfica distingue-se de outras memórias porque só inclui as memórias de acontecimentos que têm sentido para o “Eu” (Fivush & Haden, 2005; Fivush & Nelson, 2006; Pasupathi, Mansour & Brubaker, 2007). Porém, Nelson (1993) especifica a memória autobiográfica em dois tipos de memória: a memória dos acontecimentos gerais (uma experiência sem revelar detalhes do tempo e lugar em que o facto ocorreu nem a assiduidade) e a memória episódica (definida como memória fenoménica). Gomes, em “Construção Social da Memória Autobiográfica e Histórias de Vida”, considera que memória episódica é fenoménica, porque diz respeito a algo que ocorreu num tempo e num lugar singulares.

A memória autobiográfica é uma forma peculiar de memória episódica que agrupa o conjunto de memórias que têm significado para o “Eu” e que formam uma história de vida de

um indivíduo. A evidência de a memória autobiográfica estar sujeita não só à emergência do Eu, mas também ao seu papel de criador da história vital, fez com que esta construção fosse vista como um fenômeno psicológico e, desta forma, um fenômeno particular (Wang & Brockmeier, 2002).

Nas últimas décadas, as investigações permitiram concluir que a ideia da memória autobiográfica é uma construção efetuada a partir da interação entre o indivíduo e o meio social envolvente, mas também entre o indivíduo e o meio cultural. A função desempenhada pelo meio social e pelo meio cultural na formação da memória autobiográfica pode ser estudada a diversos níveis: o papel dos pais, o papel da escolarização e o papel da cultura.

Os investigadores Fivush & Fromhoff (1998); Fivush, Haden & Adam (1995); Harley & Reese (1999); Leichtman, Pillemer, Wang, Koreishi & Han (2000); Tessler & Nelson (1994) consideraram dois tipos de estilo de narração entre pais e filhos no que diz respeito a experiências vividas num tempo passado: um estilo “mais elaborativo” e um estilo “menos elaborativo”. Nos pais com estilo de narração “mais elaborativo”, as crianças apresentaram um estilo mais elaborativo, aprendendo a desenvolver as suas capacidades autobiográficas (Fivush, 2008). O estilo “menos elaborativo” é denominado de estilo mais usual, em que as crianças não manifestam capacidades narrativas complexas, condicionando a memória autobiográfica. Segundo Fivush e Nelson (2004), o estilo de narração mais elaborativo proporciona uma memória mais detalhada e organizada. O estudo realizado por Santamaria, De La Mata e Ruiz (2012) concluiu que a escolarização também influencia a construção da memória autobiográfica.

Os investigadores Triandis (1989) e Markus e Kitayama (1991) averiguaram a influência cultural na conceção do “Eu”, concluindo a existência de três “Eu”, o “Eu privado”, o “Eu público” e o “Eu coletivo”, que se interligam com dois tipos de cultura, a cultura do individualismo e a cultura do coletivismo. Nas culturas da Ásia Ocidental, o coletivo e os grupos de referência têm valor e, dessa forma, o “Eu público”, bem como o “Eu coletivo”, dominam o “Eu privado”. As culturas ocidentais designam o Eu como um indivíduo autónomo que controla o seu próprio rumo, as culturas orientais definem o “Eu” como um agente na relação com a família e a comunidade. Por isso, para Fivush (2008), as culturas influenciam a forma do “Eu”. A memória autobiográfica é uma construção social e esta reflete-se nas histórias de vida. O “Eu” forma e conta as histórias e as histórias que são contadas surgem inseridas num

contexto social e cultural que, começando por persuadir a construção da memória, por via desta, molda a história que vai ser contada.

Explanada toda esta fundamentação teórica, depreende-se que os relatos de memória biográficos constituem sempre uma perspectiva da realidade vivida, pelo que, perante a mesma vivência, vários intervenientes irão descrevê-la de forma distinta. Essa diferença, na maneira como se absorve a realidade envolvente e até mesmo a sua descrição, varia consoante diversos fatores sociolinguísticos e culturais, tornando a memória necessariamente seletiva.

Segundo Paul Ricoeur (2003), a memória não deve ser tida como uma simples matriz da história, mas antes como uma “reapropriação do passado histórico por uma memória que a história instruiu”. Tudo começa com o próprio conceito de representar o passado como uma memória. Remonta aos tempos de Platão e Aristóteles o conceito de memória não apenas em termos de presença/ausência, mas igualmente como lembrança – definido, então, como *anamnesis*. Quando essa procura é tida como finda, estamos perante o reconhecimento:

Isto é simultaneamente o enigma e a sua frágil resolução, que a memória transmite à história, mas que ela transmite também à reapropriação do passado histórico pela memória uma vez que o reconhecimento continua um privilégio da memória, do qual a história está desprovida. (Ricoeur, 2003: 3)

É impossível não referir a primeira clivagem entre a história e a memória através do desenvolvimento da escrita como meio de descrever a experiência humana, registando-se uma evolução nos suportes de escrita ao longo do tempo. Se, por um lado, o testemunho é uma extensão da memória; por outro lado, o testemunho é também o ponto fraco da prova documental, uma vez que é sempre passível de haver oposição entre testemunhos no que concerne aos factos relatados.

A interpretação não é uma fase à margem do conjunto da operação histórica; pelo contrário, ela trabalha a todos os níveis, desde o estabelecimento do testemunho e dos arquivos até à explicação em termos de finalidade ou de causalidade, desde a esfera da economia à da cultura. (Ricoeur, 2003: 4)

Sendo a memória necessariamente seletiva, isso traduz que os mesmos acontecimentos não sejam rememorados de igual forma em períodos históricos diferentes. É disso exemplo o que aconteceu em França, após a 2.^a Guerra Mundial, com o discurso público a concentrar-se primeiramente sobre a colaboração e a resistência e, só anos depois, a particularidade do atroz genocídio coletivo de milhões de judeus foi definida como crime diferenciado de todos os outros.

Paul Ricoeur define três problemáticas da memória instruída pela história. O primeiro problema diz respeito ao potencial conflito entre historiadores e informantes, não devendo ser permitido ao historiador fazer interpretações ou tirar conclusões, devendo cingir-se à pura compreensão, explicação, discussão e debate. O segundo problema consiste no dever de fazer memória para que essas vivências não se percam no tempo. Já o terceiro problema compreende os usos e abusos do esquecimento, que pode também ser expresso como proibição de esquecimento, servindo igualmente de processo de cura para eventos traumáticos. As histórias de vida são, portanto, um complemento às fontes escritas, sendo fonte de preciosa informação sobre camadas sociais de fraca escolarização ou estratos sociais cuja História é omissa ou distorcida.

No contexto da História Oral, a rede de informações das histórias de vida enriquece as relações de aprendizagem formal, uma vez que na tradição oral “as palavras são transformação em ação” (Bueno, 2008), transbordando a cumplicidade de palavras que foram legadas dos seus ascendentes e mantidas vivas enquanto perdurarem no registo oral adotado. Se, para Pineau (1999: 43), a biografia descreve a vida do outro, a autobiografia representa um “escrito da vida do outro” (Josso, 1991: 343). Por essa ordem de ideias, as autobiografias apresentam um único autor, os relatos de vida resultam de toda uma interação social, tal como defendido por Bertaux (1981: 7-9). A memória autobiográfica assenta na memória social, uma vez que toda a história de vida é parte de uma história geral, pelo que o conhecimento dos vários relatos de vida compõe um autêntico *puzzle* social.

Salientada que está a importância dos relatos de histórias de vida transmitidos de forma oral, não é possível deixar de referir a problemática da “ilusão biográfica”. Sendo a construção biográfica dependente das vivências pessoais e consequentes perceções, a mesma é suscetível de sofrer adulteração, ou seja, alteração da informação com o passar do tempo. É curioso notar que, na Grécia Antiga, os termos *mythos*¹³ e *istoria* têm a significação de narração ou de narrativa, verificando-se a relação da cumplicidade que existia entre a descrição do real e do imaginário (Passerini, 1993: 29). Matos e Senna (2011: 96-97) elucidam que Le Goff, a propósito de memória e imaginação terem a mesma origem, defende que:

os gregos antigos fizeram da memória uma deusa (Mnemosine), inspiradora das artes liberais como a História, a Dança, a Astronomia e a Eloquência. Com base nessa construção, vemos que a História é filha da memória e irmã das musas guardiãs da poesia

¹³ *mito in* Artigos de apoio Infopédia [em linha], Porto, Porto Editora, 2003-2017.

e dos poetas, responsáveis no mundo antigo por eternizar a idade das origens, ressignificando-a.

Os ensaístas Matos e Senna elucidam-nos ainda que o estudioso Peter Burke define a memória como uma “reconstrução do passado”, pois o processo de rememoração e escrita não é ingénuo e imparcial como até há pouco tempo se julgava. Ainda sobre a subjetividade da realidade e conluio entre realidade factual e imaginação, José Eduardo Agualusa, por ocasião da apresentação da sua nova obra, *A sociedade dos sonhadores involuntários*, afirma que: “Nós somos feitos de memória, nós somos essencialmente um conjunto de memórias, de lembranças (...) o tempo inteiro acreditamos em memórias, em coisas que não aconteceram.”¹⁴

Em *Usos & Abusos da História Oral* de Pierre Bourdieu, o ensaísta levanta interessantes questões sobre a querela da “ilusão biográfica”, interrogando-se se, por exemplo, as atualmente famigeradas biografias patrocinadas não serão mais uma imagem que esses indivíduos construíram de si mesmos, não correspondendo à realidade: “produzir uma história de vida, tratar da vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica (...)” (Bourdieu, 1986: 185). Outras das questões problematizadas pelo estudioso é o facto de ser próprio da natureza humana manter lembranças de acontecimentos marcantes, quer seja pela positiva, quer seja pela negativa, e remeter ao esquecimento todo o restante universo de experiências emocionalmente indiferentes. Essa seleção de memórias é um processo contínuo ao longo da vida e ocorre tanto no plano consciente como no subconsciente. Um exemplo desta memória seletiva, no que a episódios traumáticos diz respeito, consiste na omissão da experiência de emigração em Jersey da informante 6, pelo facto de lá ter tido uma gravidez indesejada pelo progenitor, tendo a jovem sido obrigada a regressar à Madeira, emigrando depois para França. Este acontecimento foi relatado pela sua irmã, a informante 7, emigrante primeiro em Jersey e, mais tarde, em Manchester.

Ainda segundo Bueno (2008), quando se interpreta uma história de vida estamos a fazer usufruto do poder da significação, não esquecendo a singularidade de cada historiador/documentador que lhe imprime um cunho pessoal. No entanto, o método da entrevista é cada vez mais utilizado, nas Ciências Sociais, permitindo recolher relatos de memória (auto)biográficos fundamentais para os estudos qualitativos: uma grande riqueza de

¹⁴ Agualusa, José Eduardo. Entrevista concedida a Ana Lourenço, RTP-3, programa 360, 19 de maio de 2017.

dados empíricos linguísticos e socioculturais, colmatando áreas do conhecimento que, de outro modo, seriam lacunares. A preocupação de salvaguardar a integridade pessoal dos informantes, as boas práticas, e a própria ética acadêmica investigativa, obrigam à obtenção de uma autorização para o tratamento e divulgação de dados recolhidos. Esta questão ética foi tida em conta neste estudo, elucidando os informantes sobre os objetivos das entrevistas para recolha das histórias de vida, bem como da identificação sociocultural dos indivíduos com a respetiva autorização.

Assim, a presente investigação também se encontra inserida na “História vista de baixo”¹⁵ ou História Oral que, tirando proveito das entrevistas realizadas a dezenas de informantes representativos da realidade migratória madeirense, possibilita o estudo de “toda a riqueza expressiva do registo oral” (Nunes, 2017: 1), começando pelas marcas da oralidade, as especificidades do dialeto madeirense e do Português popular (correlacionado com a baixa instrução), não descurando eventuais interferências das línguas dos países de destino e criando condições para um “estudo da língua falada enquanto identidade sociocultural no espaço e no tempo” (Nunes, 2017: 1).

A origem da História Oral remonta aos primórdios da comunicação humana, intrinsecamente relacionada com a transmissão de contos populares e como método de perpetuação de vivências, memórias e impressões; numa transmissão de conhecimento dos ancestrais anciãos para as gerações mais novas (Matos e Senna, 2011: 97). Alessandro Portelli (1997: 26), em “O que faz a História Oral diferente?”, advoga que as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes. Elas têm em comum características autónomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher”. Se, por um lado, alguns dos informantes podem apresentar baixa escolaridade, resultando numa fraca diversidade de vocabulário, o seu registo oral apresenta abundância de tom, volume e ritmo que imprimem ao discurso popular significações sociais dificilmente reproduzíveis de forma escrita. Não deixa, porém, de ser importante notar a riqueza expressiva do relato oral em que se faz sentir a discrepância entre a linguagem padrão e a variedade da língua falada na Madeira, resultado da espontaneidade própria da oralidade, assim como a linguagem popular.

¹⁵ Corrente historiográfica proveniente de Inglaterra, tendo como teóricos pioneiros E. P. Thompson, Christopher Hill, Natalie Zemon Davis. Originalmente designado de *history from below*, baseia-se no estudo dos relatos autobiográficos de cidadãos comuns, até então tradicionalmente negligenciados pelos estudiosos e práticas de investigação convencionais.

Portelli destaca a natureza interdisciplinar da História Oral, havendo uma inter-relação entre a Antropologia, a História, o Folclore, a Música, a Etnografia e a Linguística. Posto isto, a História Oral possibilita não só o estudo sociocultural, representativo das vivências nos tempos antecedentes, contemporâneos e posteriores à emigração, mas também linguístico. Segundo Freitas (2006: 17), e corroborando Ronald Grele:

As pessoas sempre relataram suas histórias em conversas. Em todos os tempos, a História tem sido transmitida de boca a boca: pais para filhos, mães para filhas, avós para netos, os anciãos do lugar para a geração mais nova, mexeriqueiros para ouvidos ávidos. Todos, a seu modo, contam sobre acontecimentos do passado, os interpretam, dão-lhes significado, mantêm viva a memória coletiva.

De acordo com Freitas (2006), a História Oral pode ser dissecada em três variantes: a tradição oral, a história de vida e a história temática. A tradição oral significa uma forma de propagação e preservação da sabedoria ancestral, além da utilidade como ferramenta de comunicação diária. A história de vida consiste num relato autobiográfico em que o indivíduo elabora uma reconstituição do passado de si mesmo. A história temática representa o assunto sobre o qual incide a investigação, ou seja, ainda que todos os informantes apresentem histórias de vida naturalmente distintas, apenas se procura recolher os depoimentos acerca da sua experiência de emigração.

Se é verdade que as fontes orais não constituem dados precisos, frequentemente fornecem conhecimento que os convencionais documentos escritos não possuem. É, pois, através delas que se compreende o tempo presente, sonhos, aspirações e memórias do passado de pessoas anónimas (Freitas, 2006: 100). Desta forma, atinge-se a tão útil complementaridade entre o registo oral e o registo escrito. A transição da oralidade, captada em gravação áudio, para registo escrito representa um desafio investigativo, pelo que é de vital importância definir e manter uma coerência teórica no que diz respeito à transcrição grafemática ou ortográfica dessas mesmas entrevistas.

Para Paul Thompson, “nenhuma fonte está livre da subjetividade”, daí a necessidade de adotar um procedimento definido e coerente para a concretização das entrevistas e respetivas transcrições, “pois a entrevista precisa de ser extraída da testemunha e somente se torna fonte após a transcrição” (Nunes, 2017: 4). Se é verdade que a linguagem escrita apresenta uma tendência para ser normativa, uma vez que existe mais tempo para ser pensada, estruturada e redigida; a linguagem falada, fruto da espontaneidade e heterogeneidade típicas da oralidade,

assume uma imensa riqueza e vastidão lexical, decorrente expressividade dos populismos, dos regionalismos, bem como das variantes linguísticas, fonéticas e morfossintáticas não-padrão.

O método das entrevistas insere-se no domínio da observação indireta, porque permite o estudo de uma determinada realidade, neste caso a emigração madeirense, sem acompanhar essa mesma experiência, mas extraindo a informação através de um relato na primeira pessoa, em resposta a um guião previamente definido.

No caso da observação indireta, o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada. Ao responder às perguntas o sujeito intervém na produção de informação (...) na observação indireta, o instrumento de observação é um (...) guião de entrevista (Quivy e Campenhoudt, 2005: 164).

Como qualquer pesquisa que lida com pessoas, o recurso a entrevistas também exige determinados cuidados éticos. Sendo assim, o informante é sempre informado do âmbito da entrevista e do projeto para o qual está a contribuir, sendo-lhe solicitado um consentimento assinado que autorize a divulgação e tratamento dos dados recolhidos (Cordeiro et al., 2004). O método das entrevistas permite obter informações e dados de reflexão valiosos e exige uma elaboração do guião da entrevista (ver Apêndice 1), em que consta uma série de perguntas devidamente ordenadas abertas (de modo a permitir que o entrevistado forneça informação útil e clara (de modo a não levar a equívocos). Por oposição aos questionários, as entrevistas permitem, a qualquer momento, o aprofundamento de um aspeto que o documentador entenda como oportuno e, em fase de transcrição, mesmo sem audibilidade ideal, consegue extrair informação tal como é proferida pelo locutor – “interpretações e referências linguísticas e socioculturais” (Quivy e Campenhoudt, 2005: 204).

Como qualquer método de recolha, as entrevistas possuem limitações, entre as quais se destaca a capacidade de o investigador conduzir a entrevista, a informação não ficar prontamente disponível (carece de transcrição) e também a sempre presente subjetividade inerente ao documentador (Quivy e Campenhoudt, 2005: 204). Não sendo possível entrevistar toda a população madeirense emigrante em França e no Reino Unido, foi necessário tomar a decisão de estudar uma amostra significativa, procurando obter relatos das vivências de madeirenses oriundos de vários concelhos da RAM, com experiências de emigração nos dois territórios em estudo e representativos de épocas de emigração distintas.

Com o guião da entrevista delineado e em concordância com o utilizado pelo CEHA no projeto Nona Ilha, e tendo uma noção do público-alvo de interesse, procedeu-se a uma fase de contacto de potenciais informantes junto de pessoas conhecidas, mas também através do apelo

ao apoio do CCMM, CEHA, Casas do Povo e contactos estabelecidos nas redes sociais. Da correspondência trocada com as várias entidades, apenas uma parte se mostrou interessada em colaborar no estudo e ainda um menor número acabou por, efetivamente, concretizar entrevista. Por força das circunstâncias (os informantes estarem no país de destino), e tirando partido das novas tecnologias, algumas das entrevistas realizaram-se à distância, através de ferramentas como *Facebook*, *Whatsapp* e *Skype*. Esta distância, porém, não descartou a necessidade do consentimento por escrito que, entretanto, chegara por correio ou por *e-mail*. Para a elaboração das entrevistas, teve-se a preocupação de agendar para local e data mediante a disponibilidade dos informantes, visando sempre que os mesmos se encontrassem num ambiente confortável de modo a que a exposição decorresse de forma natural. Ainda antes de proceder às entrevistas propriamente ditas, houve o cuidado de pesquisar e analisar bibliografia relativa ao tema da emigração – embora escassa – para uma melhor compreensão e fluidez da conversa travada, como afirma Tourtier-Bonazzi (1998).

Adotou-se o método da entrevista estruturada, porque o entrevistador estava munido de um guião de entrevista já definido, o que permite uma fácil comparação dos dados entre os vários informantes. Todavia, registaram-se, ainda que pontualmente, alterações à ordem com que as perguntas eram dirigidas e também o cuidado de não colocar questões que não eram pertinentes a um dado entrevistado e a curiosidade de fazer questões extra-guião com o objetivo de aprofundar alguns assuntos da história de vida do locutor. Pois, como defende Aragaki *et al.* (2014: 63), “o mais importante é que se respeite «o fluxo discursivo», tornando a entrevista agradável para os seus intervenientes, mostrando interesse e valorização do que está sendo dito e abrindo possibilidades para maior amplitude e profundidade na abordagem do tema em estudo”. De modo a existir um ambiente de cumplicidade entre locutor e documentador, geralmente, começa-se por preencher a ficha de autorização de divulgação das informações, onde figuram dados como: nome, data/local de nascimento, habilitações, etc. A ficha de autorização de divulgação dos dados permite o consentimento livre e esclarecido dos informantes.

Posta esta formalidade, procedeu-se à gravação áudio das entrevistas (compiladas no Apêndice 6) com recurso ao *tablet*, com a aplicação informática *Voice Recorder*, própria para o efeito. Visto que se trata de um estudo linguístico, teve-se a especial atenção, no que concerne aos vocábulos e expressões desconhecidos proferidos pelo locutor para, em momento oportuno, interrogar quanto ao seu significado, fazendo-o repetir o vocábulo, de forma a confirmar a sua

reprodução fonética e a sua grafia. A recolha destes “reportórios linguísticos” ou “reportórios orais”, que, para Spink *et al.* (2014), são definidos como “linguagens sociais, definidas por Mikhael Bakhtin (1929/1995) como discursos peculiares a um estrato específico da sociedade – uma profissão, um grupo etário, etc. -, em um determinado contexto histórico”, possibilita a construção/relato de factos e realidades da migração madeirense e a preservação de palavras e expressões associadas a tradições regionais que podem ser conservadas, modificadas ou cair em desuso nos países de destino. Como o reportório linguístico da entrevista, destinado à elaboração de histórias de vida integradas no Projeto Nona Ilha, envolve o uso do registo oral, transmite muitas informações linguísticas indissociáveis do âmbito sociocultural, sobretudo quando os informantes falam das rotinas, família, emigração, países de destino, as ilhas e os regressos. Logo, os “reportórios orais” recolhidos apresentam vários conhecimentos cruciais para pesquisas em diversos âmbitos do saber.

3. Da oralidade à escrita: normas de transcrição das entrevistas

Após a realização das entrevistas, inicia-se o processo de transcrição (ver compilação de transcrições no Apêndice 2). A transcrição ortográfica ou grafemática é indispensável para podermos incidir o nosso trabalho nos dados orais recolhidos: históricos, socioculturais e linguísticos. A transcrição não é uma tarefa fácil, pois passar da oralidade para a escrita é fazer a transição entre registos da linguagem verbal com diferentes particularidades.

Uma vez que as entrevistas são um método de recolha bastante comum em projetos de investigação no âmbito das Ciências Sociais, a passagem da oralidade para a sua forma escrita deve obedecer a um conjunto de princípios e normas amplamente convencionados pela comunidade académica. Quanto aos princípios que norteiam a filosofia da transcrição, Ramilo e Freitas (2002: 55) parafraseiam French (1991), que os resume de forma sucinta: “(i) *don’t type anything that isn’t there*, (ii) *do include everything that is there*.” Portanto, há uma sequência de normas em relação às transcrições grafemáticas, assumindo grande relevância, dado que condicionam “todo o trabalho de análise feito posteriormente”, influenciando “no resultado final do projeto e no seu posterior aproveitamento” (Ramilo e Freitas, 2002: 56). Apesar da tarefa de transcrição parecer algo mecanizado, é um constante desafio não transcrever sem fazer notar marcas pessoais do próprio investigador, pois, por exemplo, torna-se difícil para o transcritor transmitir o sentido de certas pausas ou entonações que o locutor profere; ou ainda certas expressões sentidas como interrogações, mesmo não tendo sido enunciadas de tal forma.

Portelli (1997: 28) defende:

A fim de tornar a transcrição legível, é usualmente necessário inserir sinais de pontuação, sempre, mais ou menos, adição arbitrária do transcritor. A pontuação indica pausas distribuídas de acordo com regras gramaticais: cada sinal tem um lugar convencional, significação e comprimento. Estes quase nunca coincidem com os ritmos e pausas do sujeito falante, e portanto, terminam por confinar o discurso dentro de regras gramaticais e lógicas não necessariamente seguidas por ele. A posição e o exato comprimento da pausa têm uma importante função no entendimento do significado do discurso, pausas gramaticais regulares tendem a organizar o que é dito em torno de um modelo referencial basicamente explicativo.

Desta feita, aplicaram-se as normas de transcrição grafemática ou ortográfica abaixo descritas (ver Tabela 1), privilegiando a inteligibilidade do discurso e permitindo uma rápida comparabilidade dos preceitos adotados entre transcritores. Isto contribui para que o rigor das transcrições permita uma adequada análise fonética, semântica, lexical e morfossintática.

Normas de Transcrição das Entrevistas

Ocorrências	Sinais
Uso do ponto em contexto declarativo.	.
Uso do sinal de interrogação em contexto interrogativo.	?
Uso do ponto de exclamação em contexto exclamativo.	!
Pausas sintáticas, incluindo a marcação do vocativo, ou seja, quando o nome próprio é um vocativo e não o sujeito da frase.	,
Incompreensão de palavras ou segmentos.	()
Hipótese do que se ouviu.	(hipótese)
Truncamento de palavras por interrupção discursiva e mudança de vocábulo.	/
Qualquer pausa não sintática, quando ocorre uma hesitação, repetição, reformulação e quando o locutor ou o documentador não terminam a frase.	...

Pausas preenchidas.	Ah, eh, mmh, ih, oh, hum, uh, ahn, ehn, uhn, tá, né, ó [olha], etc.
Discurso direto ou citações em modo de discurso direto, entre aspas, introduzidos por dois pontos.	Eu disse: “Onde foste?”.
O uso dos dois pontos também pode introduzir uma enumeração, descrição ou explicação.	:
Entoação enfática	MAÍUSCULAS
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))
Antes da fala do entrevistador = Documentador.	D: (se houver mais de um: D e D2)
Antes da fala do informante = Locutor.	L: (se houver mais de um: L e L2)
Sobreposição ou simultaneidade de vozes, como não podemos sobrepor as falas na escrita, usamos um sinal para ligar as linhas.	[
Transcrição das palavras contraídas, sincopadas ou com alterações fonéticas, tal como são pronunciadas, apresentado as formas completas ou normativas logo a seguir, entre parêntesis retos.	[]
As formas verbais também são registadas como pronunciadas, com a forma corrigida entre parêntesis retos, assinalando a itálico as alterações fonéticas.	[]
Colocar entre parêntesis retos também a correção da posição dos clíticos e as concordâncias, verbais e nominais e adjetivais.	[]
Acrescentar algum elemento gramatical em falta, também dentro de parêntesis retos.	[]

Os elementos gramaticais desnecessários são assinalados entre barras oblíquas, seja por interferência de outra língua ou por confusão.	//
Colocar em itálico as interferências linguísticas, mas também as letras que marcam alterações fonéticas do dialeto madeirense ou de formas populares.	<i>itálico</i>
Colocar em itálico e a negrito os regionalismos madeirenses.	<i>Itálico e negrito</i>
Quando existe a repetição consecutiva de preposições ou de artigos, simples ou em contração, não se coloca entre vírgulas.	Preposição com ou sem contração com artigos: a de da do das dos em na no nas nos num numa por pela pelo pelas pelos
Se existir uma sobreposição ou simultaneidade de vozes e, entretanto, a frase for continuada, inicia-se a fala seguinte com letra minúscula.	Letra minúscula

Tabela 1 – Normas de Transcrição das Entrevistas

4. Linguística de *Corpus* e análise qualitativa dos dados

De modo a que os linguistas pudessem descrever evidências linguísticas, baseando-se em registos da língua falada, para teorizar a dinâmica linguística, surgiu a necessidade de definir a Linguística de *Corpus* enquanto disciplina que estuda a obtenção e análise de *corpora* orais ou escritos. Apesar de, atualmente, os *corpora* terem a obrigatoriedade de serem posteriormente processados por computador, este é um conceito que remonta a bem antes da era informática. Em boa verdade, Alexandre, O Grande, nos tempos da Grécia Antiga, delineou o *Corpus* Helenístico. Posteriormente, durante a Idade Média, também se elaboraram *corpora* de citações da Bíblia (Sardinha, 2000: 325).

Sendo a Linguística de *Corpus* uma metodologia recente, e essa designação ainda mais, pode ser aplicada em áreas linguísticas tão diversas como: sintaxe, semântica, fonética e sociolinguística, etc. (Kader e Richer, 2013: 14). Para Berber Sardinha (2004), “um *corpus* deve ser constituído com dados autênticos (não inventados), legíveis por computador e

representativos de uma língua ou variedade da língua que se deseja estudar”. Já para Sanchez (1995: 8-9), o *corpus* designa o conjunto de dados linguísticos (orais e/ou escritos) estruturados segundo alguns critérios, suficientemente amplos e profundos, de forma a serem representativos do uso linguístico e organizado de tal forma que possam ser processados informaticamente.

A significação atribuída pelo *Dicionário Houaiss* ao termo *corpus* é de uma “coletânea ou conjunto de documentos sobre determinado tema (...) conjunto de enunciados de uma determinada língua, ger. colhidos de atos reais de fala, que servem como material para análise linguística”. Nunes (2017: 5) menciona, de forma completa, Sanchez (1995) quanto às características e à definição de *corpus*:

- a) Origem ou naturalidade dos dados que devem ser autênticos e não fabricados; b) propósito, o *corpus* deve ter finalidade de ser objeto de um estudo linguístico; c) composição, o conteúdo do *corpus* deve ser criteriosamente escolhido (com critérios de seleção definidos de forma científica ou objetiva); d) representatividade, o *corpus* deve ser representativo de uma língua, variedade ou linguagem de especialidade (com proporcionalidade de determinado número de palavras ou de textos); e) extensão, o *corpus* deve ser vasto para ser representativo; f) adequação, o *corpus* deve ser adequado aos objetivos da análise linguística, ou seja, deve ser construído com determinadas características que permitam investigar determinada questão linguística; g) formatação, os dados do *corpus* devem ser legíveis por computador.

A linguística de *corpus* permite, tal como a História oral, fazer análises qualitativas e quantitativas dos dados. De acordo com (Quivy e Campenhoudt, 2005: 227), os métodos quantitativos são exaustivos, ao decorrerem de um grande número de informações, tendo como base a frequência do aparecimento de certas características de conteúdo ou de correlação entre elas. Já os métodos qualitativos são intensivos, pois analisam um pequeno número de informações complexas e pormenorizadas e têm como base a presença/ausência de uma característica ou o modo como os elementos do discurso estão articulados uns com os outros. A abordagem quantitativa, atualmente com recurso a programas informáticos, facilmente efetua estatísticas da ocorrência de vocábulos, entre muitas outras funcionalidades. Contudo, e seguindo a filosofia adotada no Projeto Nona Ilha, assumiu-se a metodologia qualitativa.

Na área das Ciências Sociais e Humanas, os estudiosos dividem-se entre duas visões metodológicas, com vista a efetuar pesquisa científica. A primeira metodologia é designada de “Positivismo”, que descreve as ações humanas como resultado de “forças, fatores, estruturas internas e externas que atuam sobre as pessoas” (Oliveira, s.d.: 2). Segundo esta perspetiva, através das ciências físicas, é possível elaborar pesquisa no campo das Ciências Humanas e Sociais. Outra visão metodológica para produzir pesquisa é o Interpretacionismo, que defende

o estudo do Homem, “levando em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta o mundo em que vive continuamente” (Oliveira, s.d.: 2). Desta forma, é tido em conta o contacto entre as pessoas, recorrendo-se a procedimentos metodológicos etnográficos, tais como: entrevista e história de vida. Os estudos qualitativos assumem substancial importância, pois permitem uma relação entre aspetos teóricos e práticos, resultando em ferramentas úteis para interpretação das questões sociais. Triviños (1987: 128-130) cita Bogdan, ao enunciar as características da pesquisa qualitativa:

1.^a) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave. 2.^a) a pesquisa qualitativa é descritiva. 3.^a) os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto. 4.^a) os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente. 5.^a) o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Uma vez que a investigação qualitativa se traduz no universo de representações, significações e relações sociais, gerando uma vasta quantidade de informação descritiva, é imperioso adotar uma organização e sistematização eficientes dos dados. Apesar de, quer na transcrição (pedais de transcrição) quer na metodologia qualitativa, existirem ferramentas informáticas que auxiliam nesses processos, não foram utilizadas na presente dissertação. Foram analisadas qualitativamente duas amostras de conjuntos de entrevistas que constituem os *corpora* deste trabalho, cada uma com 12 entrevistas, perfazendo 24 no total: metade com histórias de vida de emigração para França e a outra metade para o Reino Unido, resultando em 200,815 palavras e 18 horas e 27 minutos de gravação.

A sistematização dos dados consistiu na análise temática, tendo em conta os vários temas abordados nas entrevistas, de forma comparativa entre os relatos de memória dos informantes e a sua linguagem, ou seja, a análise de forma da língua falada em uso ou em interação. Foi também necessário usar o método comparativo para comparar os resultados obtidos nas entrevistas respeitantes aos dois países de destino estudados.

5. A Questão da Identidade Sociocultural e Linguística

Uma vez que “não há sociedade sem língua nem língua sem sociedade” (Nunes, 2017: 7), compreende-se a promíscua relação entre as componentes linguística e social. Tal é verídico, pois é através da língua que se estabelece uma realidade sociocultural, mas, ao mesmo tempo, essa mesma língua é dependente das relações próprias de uma determinada comunidade linguística. Assim sendo, importa averiguar, antes de mais, a definição de língua:

Língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a língua é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou. (Cunha e Cintra, 1994: 1)

Já foram elaborados diversos estudos, ainda que aplicados à didática das línguas, mas igualmente pertinentes, para se compreender como a cultura, a língua e a sociedade se relacionam e se tornam inseparáveis:

A partir de modelos mentais particulares são gerados modelos culturais, concebidos como modelos de representação e interpretação do mundo, amplamente partilhados e pressupostos pelos membros de uma comunidade, e que intervêm de forma determinante nos seus comportamentos e na compreensão da realidade. (Matos, 2008: 396)

Também Guillén, Alario e Castro (2002: 125), a propósito da didática da língua, propõem três tipos de saberes culturais: o saber cultural (resultante da aprendizagem formal e que inclui também o saber sociocultural); o saber-fazer cultural (aptidões de interação no dia-a-dia) e o saber-ser cultural (valores que conduzem a comportamentos positivos perante outras culturas).

É impossível não ter em conta a caracterização geográfica e sociocultural no estudo e interpretação dos fenómenos linguísticos, identificando-se claramente uma norma culta (norma padrão) e a variedade popular. Genericamente, as variedades linguísticas são descritas a partir de dois critérios fundamentais: a variação social (ou diastrática) e a variação geográfica (ou diatópica). Enquanto a variação social tem a ver com fatores próprios da identidade dos falantes e a sua organização sociocultural, a variação geográfica aponta as discrepâncias linguísticas próprias de falantes oriundos de regiões distintas. Quanto à diferença entre registos oral e escrito, Koch (2007) afirma que tais desvios se devem ao facto de a fala ser espontânea, por vezes incompleta e num registo simples e pouco estruturado. Esta língua falada, quando proferida por indivíduos pertencentes a classes populares, é alvo de estigma e marginalização, porque não utiliza a norma padrão da língua.

A língua falada constitui uma expressão da realidade sociocultural e identidade regional, neste caso madeirense, dos falantes. Nos países de destino, a fala dos emigrantes ganha novos elementos linguísticos e culturais, sem perder os traços característicos das suas raízes. Uma curiosa analogia é a metáfora da canoa de Bonnenaison (1994: 30), que retrata a visão tradicional do povo de Vanuatu sobre a sua própria identidade enquanto povo em mobilidade. Constituindo um meio de transporte, e podendo alcançar outras terras pautadas por culturas

dísparos, a canoa não deixa de ser feita de madeira proveniente de árvores do seu local de origem – cujo desenvolvimento absorveu as características do solo. E não deixa, igualmente, de ver a sua madeira sofrer a ação do tempo. Ou seja, é possível estabelecer um paralelismo entre a canoa de madeira que atravessa o mundo, mantendo um esqueleto original, com a realidade experienciada pelos emigrantes madeirenses que também partem da sua realidade insular, absorvendo todo um manancial de costumes, língua e realidade profissional, mas preservam sempre a sua matriz cultural identitária da Madeira.

Importa, pois, atentar ao sentimento de pertença dos emigrantes madeirenses. Tal diz respeito à conservação de valores linguísticos e culturais próprios da sua origem no país de destino. Do contacto entre línguas, a de origem e a do país de destino, na segunda geração, surge o conceito de Língua de Herança (LH). Os Falantes de Herança (FH) podem apresentar níveis de proficiência diferentes, pois se, por exemplo, se contextualizarem em comunidades de emigrantes da mesma origem, a sua absorção será maior. O conceito de LH teve origem no Canadá (cf. Cummins, 1983) e progrediu nos Estados Unidos, demonstrando utilidade para explicar “a relação dos sujeitos com uma língua cujo estatuto se torna difícil de designar: língua materna, língua de origem, língua dos imigrantes, língua minoritária, língua comunitária ou língua de casa, de entre outras” (cf. Valdés, 1995). No universo de emigrantes de 2.^a ou 3.^a gerações FH, de acordo com Flores e Melo-Pfeifer (2014), há uma tendência para utilizar de forma espontânea a língua dominante, ou seja, a do país de acolhimento. Apesar de, na infância, os indivíduos terem adquirido duas línguas, uma proveniente do país de origem dos seus ascendentes e utilizada no seio familiar (LH) e outra empregue nos contextos escolares e, mais tarde, profissional e pessoal, há uma clara predominância da língua do país de destino. Por isso, na sua fala, ocorre frequentemente o fenómeno chamado de *code-switching*, isto é, a prática de alternar o uso das duas línguas na conversação, sobretudo em contextos de comunicação informais.

É, pois, relevante explicitar o conceito de contacto linguístico que pode ser designado como a situação “em que pelo menos algumas pessoas usam mais do que uma língua” (Thomason, 2011: 1). O contacto linguístico pode ser descrito como a transição do monolinguismo para o bilinguismo. Segundo Lopes (2011), podem ocorrer três situações diferentes resultantes do contacto entre línguas:

1. Manutenção da língua de origem como única língua da comunidade;

2. Mudança da língua, *language shift* (Fishman, 1964), em que é substituída pela língua de outro grupo em contacto, pelo facto de a comunidade considerar a língua adotada mais praticável ou mais prestigiada socialmente, ou ainda por outro tipo de circunstâncias;
3. União de línguas que pode dar origem a outros produtos linguísticos, marcados pela influência das duas línguas.

De acordo com Mota (1996), o contacto linguístico é mais notado em regiões de fronteiras, em que as duas línguas interagem; em comunidades com grande número de estrangeiros, regiões marcadas pela eventualidade de fluxos migratórios (emigração para um país estrangeiro e o seu regresso) ou ainda em indivíduos que sofreram colonização.

Definidos que estão os conceitos teóricos básicos acerca da língua, importa lançar um olhar sobre a questão da identidade linguística e cultural. Segundo Vieira (s.d.), a identidade “é aquilo que nos identifica e diferencia dos outros, expressando-se por valores e significados”. Charaudeau (s.d.) problematiza a questão da identidade quanto a esta ser dificilmente definida como individual ou coletiva, porque “todo indivíduo é um ser social pelo fato de viver em sociedade”, contudo uma sociedade é composta por múltiplos grupos. O ser humano vive em grupo, começando pela família, depois pela escola, pelos amigos, pelo trabalho e no exercício da sua cidadania (voto e/ou militância); daqui se depreendendo que os indivíduos acabam por aderir a normas de comportamento social. Nessa identidade coletiva, é possível constatar que a identidade de um grupo não é a simples soma das várias identidades individuais, pois uma mais *um* não são dois, mas antes *um* novo *um* que abarca ambos.

É de salientar também a necessária interrogação quanto à origem da identidade: se é algo inato (da natureza) ou cultural. Para isso, importa fazer uma breve resenha histórica. Na Idade Média, começaram a ser elaboradas, na Europa, as primeiras gramáticas com intuito de registar e unificar significações. No século XIX, sob o lema “uma língua, um povo, uma nação” (Kramsch, 2004: 236), assistiu-se a uma delimitação física de territórios, bem como a uma homogeneização das comunidades desses mesmos Estados-Nação. No século XX, os atritos provocados por essas diferenças resultaram em guerras mundiais. Com os grandes movimentos migratórios que se seguiram, percebeu-se que se estava a perder a cultura de origem.

Durkheim e Mauss advogam que “a cultura não preexiste aos indivíduos, são eles que, vivendo em grupos, criam um «enraizamento social»”, resultando daí a noção de que a identidade cultural é simultaneamente estável e movediça. São exemplos disso as afirmações

de que o século XVI foi ítalo-ibérico, os séculos XVII e XVIII foram franceses, o século XIX foi anglo-germânico e o século XX foi americano. Daqui se percebe que há sempre uma relação de dominância-sujeição no que à cultura diz respeito, sendo designada pelos antropólogos de “continuísmo”. É, pois, um logro acreditar que a nossa identidade assenta numa identidade única e homogénea; havendo antes estratégias identitárias deliberadamente orquestradas com vista a satisfazer pretensões de expansão e poder. Desta forma, os autores fazem uma curiosa correção à famosa máxima de Descartes: “Penso *diferentemente*, logo existo”. Assim, a identidade nacional não é definida por mero decreto.

A identidade nacional não é algo simples de se determinar, já que ela depende de múltiplos fatores. Do ponto de vista cultural, na França, na Itália, na Espanha, na Alemanha, na Inglaterra, não se têm os mesmos hábitos comportamentais (...); as mesmas sensibilidades (...); os mesmos modos de raciocínio (...); os mesmos sistemas de valores (...); os mesmos rituais (...). (Charaudeau, s.d.: 25)

Se, por um lado, a língua é fundamental à afirmação de uma identidade coletiva, conferindo-lhe coesão social, por outro lado, por exemplo, se língua e cultura coincidissem, as culturas portuguesa, brasileira, angolana, moçambicana, etc. seriam idênticas:

Não são tanto as palavras na sua morfologia nem as regras de sintaxe que são portadoras de cultura, mas, sim, as maneiras de falar de cada comunidade, as maneiras de empregar as palavras, os modos de raciocinar, de relatar, de argumentar para fazer rir, para explicar, para persuadir, para seduzir. (Charaudeau, s.d.: 27)

Dito isto, é possível perceber o que os nossos emigrantes vivenciaram, por exemplo, ao atravessar o território espanhol, ainda a caminho de França, onde para eles eram todos espanhóis, não se apercebendo das dissemelhanças entre um galego, um castelhano, um catalão ou um basco. De acordo com Vieira (s.d.), sendo o mar um fator de individualização, a região assume-se como uma totalidade espaço-humana, sendo a história o elemento que agrega a solidariedade. Dubois (1991: 16) define a identidade regional como “a consciência que têm os homens de partilhar um certo número de bens, recordações e valores comuns, de maneiras de viver, de referências a um discurso que reenvia a imagens familiares”. Em contextos insulares, fruto do rigor da realidade geográfica, é notório o contraste do contexto da ilha em comparação com a realidade do continente.

Já Cruz (1993) afirma que a identidade resulta de identificações absorvidas historicamente, conferindo sentido ao grupo. Sendo as identidades diferenciações a decorrer,

estas sucedem de processos interativos que os indivíduos experimentam diariamente, aquando de trocas reais e simbólicas (Santos, 1993 e Maalouf, 1998). Uma vez que a construção da identidade é mutável e constantemente reinventada, percebe-se que a mesma se vai transformando ao longo do tempo. O património cultural representa o conjunto de bens (i)materiais de interesse coletivo e, assumindo-se como uma convocação do passado, apresenta a função de rememorar vivências, sobressaindo o aspeto da memória social em que, recorrendo ao património, a identidade de grupo é legitimada. Isto leva Choay (1992) a defender que é a herança cultural do passado, vivida no presente, que será transmitida às gerações vindouras. Neste sentido, o conceito de memória social é estudado, pela Antropologia, como a forma através da qual as sociedades “formam e transmitem o seu conhecimento acumulado ao longo dos tempos” (Rodrigues, s.d: 4), construindo a sua identidade sociocultural e linguística.

Capítulo II – Estudo Sociocultural dos Dados

1. Os Fatores de Variação Linguística e a Identidade Sociocultural dos Informantes

Uma vez que língua e sociedade são realidades inter-relacionadas, de tal modo que se torna impossível considerar a existência de uma sem a outra (Pessoa, s.d.), o presente capítulo pretende dissecar os diversos fatores de variação social da língua, tendo em conta a identidade sociocultural dos falantes. Por isso, procurou-se diversificar os informantes, estratificando-os por sexo, idade, escolaridade e profissão, com o objetivo de tornar a amostra representativa da sociedade madeirense.

A Teoria da Variação Linguística indica três possíveis tipos de variação interna dentro de uma língua: variação histórica (mutação da língua desde a sua formação até às mudanças em curso); variação geográfica (diferenças linguísticas existentes no espaço geográfico, variedades regionais ou falares locais); e a variação social (as disparidades próprias de diferentes estratos socioculturais – idade, sexo, escolaridade, profissão, etc.). Isto reforça a ideia de que a língua falada pelos locutores diz muito sobre a pessoa, o local onde nasceu, viveu e a sua escolaridade; sendo que cada estado da língua é o resultado de um longo e contínuo processo histórico, geográfico e sociocultural. Desta forma, pode afirmar-se: “diz-me como falas, dir-te-ei quem és”, sendo que quando um indivíduo pertence a uma classe social baixa, menor é a sua escolaridade, menos contacto tem com a norma padrão e a sua fala aproxima-se mais do registo popular e regional. Trata-se de fatores extralinguísticos, tal como a variação geográfica da língua, neste caso a variedade do Português falado na Madeira, pelo facto de os locutores serem desta região.

A presente investigação implicou a realização de 24 entrevistas com informantes representativos de ambos os sexos, de diferentes faixas etárias, diferentes graus de habilitações académicas, profissões diversas e representativos de diferentes concelhos da RAM, que emigraram para a França e o Reino Unido. Consideraram-se três faixas etárias distintas, utilizadas no âmbito da Sociolinguística (ver Tabela 2).

Faixa Etária	N.º de Informantes para a França	N.º de Informantes para o Reino Unido
18 – 35 anos	3	5
36 – 55 anos	3	4
56 – 85 anos	6	3
Total	12	12

Tabela 2 – Faixas Etárias Adotadas na Investigação

É importante referir que, para os dois sexos ou géneros, apesar de, para França, os informantes serem predominantemente idosos, também há uma importante migração atual da Madeira para este país, sobretudo de indivíduos com pouca qualificação profissional. Ao contrário do Reino Unido, em que a amostra de informantes é predominantemente jovem e, na maioria dos casos, qualificada, ou seja, capacitada com cursos superiores.

a) Sexo

O sexo dos informantes constitui uma variável de vital importância, uma vez que, no contexto da realidade cultural portuguesa, a que não escapa a emigração, os dois géneros desempenham tradicionalmente papéis distintos na sociedade. As dissemelhanças entre o sexo feminino e o masculino são maioritariamente no domínio lexical. As mulheres tendem a ser pioneiras no que concerne a adotar uma forma socialmente prestigiada na implementação da língua. Já quando se trata de adotar uma forma socialmente desprestigiada, os indivíduos do sexo feminino assumem uma atitude conservadora. Outra variável a ter em conta corresponde ao tempo de exposição aos *media*; uma vez que as mulheres tendem a consumir mais televisão e outros meios de comunicação, verifica-se a utilização de variantes prestigiadas na linguagem destas. Chambers (1995) equaciona a hipótese da tendência de as mulheres assumirem papéis que exigem maior mobilidade do que os homens como um resultado e não uma causa da sua vantagem sociolinguística. Em 1972, sob a direção de Labov e em 1995, por Chambers, chegou-se à conclusão de que as mulheres empregam menos variantes estigmatizadas do que indivíduos do sexo masculino do mesmo estrato social e, em circunstâncias idênticas, dando uma maior ênfase às variantes de prestígio. Outra das grandes conclusões a que os teóricos chegaram foi que as mulheres possuem uma mais desenvolvida capacidade de adaptação linguística face a diferentes situações sociolinguísticas.

Pelo menos, desde os tempos da Grécia Antiga, berço civilizacional ocidental, que homens e mulheres desempenham, tradicionalmente, papéis diferentes na vida social. A realidade da Madeira, bem como a que se verificou nos países de emigração, não fugiu a essa regra. Se, por um lado, às mulheres estavam destinadas tarefas de lides domésticas, bordados e auxílio à agricultura/pecuária; por outro lado, aos homens estavam incumbidas as tarefas fisicamente mais exigentes e que obrigavam a deslocações mais longínquas de casa. São, desta realidade, exemplos os testemunhos de vida dos informantes 1 e 23. O informante 1, do sexo masculino e nascido em 1932, com 7 anos, já andava na serra a apanhar erva, mercava gado e lenha pelas serras e, aos 16 anos, foi para casa alheia servir como moço. Já a informante 23, mulher nascida em 1943, não foi além da 3.^a classe para se dedicar à agricultura e à criação de gado, juntamente com a sua família. A este propósito, importa atentar ao testemunho da informante:

L: (...) A minha mãe disse: “Senhora professora, se ela não quer eu não posso obrigá-la. Olhe, já comprei uma vaquinha [vaca] para ela tratar [tratar] e ela vai-se ocupar na fazenda mais eu [comigo] e a irmã”.

Porém, não deixa de ser relevante salientar que estas diferenças profissionais entre géneros foram-se dissipando ao longo dos tempos, tendo, inclusivamente, a experiência de emigração contribuído para a emancipação das mulheres, uma vez que, em comparação às que cá ficaram, estas, por força da necessidade ou cultural, tornaram-se profissional e financeiramente mais independentes. Atualmente, quase pode afirmar-se que homens e mulheres desempenham as mesmas profissões. São exemplos dessa igualdade de género as histórias de vida dos informantes 14 e 15 que correspondem a um jovem casal de enfermeiros emigrados em Inglaterra. E também o testemunho do informante 9 que, sendo um jovem do sexo masculino, emigrou para França para trabalhar em limpezas de autocarros, tendo, entretanto, já sido promovido a chefe de pessoal.

b) Idade

Segundo Freitag (2005: 106), a variável idade reveste-se de grande complexidade, uma vez que ela se encontra relacionada com diversas outras – escolarização, profissão, relações sociais, etc. Eckert (1997) defende que a organização em faixas etárias “pode refletir mudança em uma comunidade de fala em relação ao tempo (mudança histórica) e também a mudança na fala de um indivíduo em relação ao tempo de sua vida (gradação etária)”. Tal constatação tem em conta

a constante evolução do comportamento linguístico dos indivíduos ao longo da sua vida, mas, ao mesmo tempo, o contexto social em que se encontram inseridos. Ainda segundo o mesmo estudioso, o “Curso da Vida Linguística” é resultado das mudanças biológicas e sociais no decurso da existência de um indivíduo. De acordo com Naro (2002), a língua de um indivíduo constitui-se até cerca dos seus quinze anos de idade. Conforme este raciocínio, um informante de 15 anos de idade representa o estado de língua atual, um informante de 45 anos representa um estado de língua de 30 anos atrás, etc. Isto acontece porque “a idade cronológica dos indivíduos represente [representa] uma «passagem no tempo»” (Freitag, 2005: 110).

Nesta investigação, apenas foram considerados informantes adultos, pelo que importa elucidar o posicionamento sociolinguístico de jovens adultos (18 – 35 anos), adultos (36 – 55 anos) e ainda idosos (56 – 85 anos), segundo investigadores dessa área científica. Chambers (2003) argumenta que é na fase de entrada no mercado de trabalho que os indivíduos experimentam uma forte pressão que resulta na imposição da norma padrão da língua. Já os idosos, principalmente quando já aposentados, estão mais livres de pressões sociais, resultando num “comportamento linguístico mais relaxado, sem tanto rigor normativo” (Freitag, 2005: 115). Labov (1994) menciona que os informantes representativos da faixa etária 80 – 90 anos são de boa qualidade e marcados por um discurso entusiasmado e espontâneo, pois costumam preservar as formas linguísticas mais antigas, o que pode acontecer também com as pessoas menos escolarizadas, apesar de serem difíceis de encontrar fruto do desgaste físico. Esta segmentação em faixas etárias visa estudar a evolução de “um processo em mudança” (Wildner, 2009: 43). Se, nas faixas etárias mais avançadas, a ocupação profissional era em áreas menos nobres e que requeriam poucas habilitações académicas, com o passar do tempo, tal realidade tende a alterar-se.

c) Escolaridade

A variável de nível de formação está relacionada com a variável classe social, isto é, o nível socioeconómico (Paiva & Scherre, 1991: 217-218). Sendo um fator de grande influência no registo linguístico dos locutores, é bastante recorrente nos diversos estudos sociolinguísticos. Para Bortoni-Ricardo (2004: 48), “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico”. Pimpão (1999: 90) correlaciona, por exemplo, a utilização de registos orais cuidado/corrente de acordo com os conhecimentos gramaticais dos informantes, com maior ou menor formação académica:

“a maior permanência gramatical na escola pressupõe o contacto mais direto e intenso do ensino prescritivista sobre o idioleto do aluno”.

Na amostra de informantes que possibilitaram o presente estudo, constata-se que todos os informantes jovens adultos possuem a escolaridade mínima obrigatória atualmente (12.º ano), enquanto os informantes de idade mais avançada possuem baixos níveis de escolaridade (ver Tabela 5). A título de exemplo, o informante 1, nascido em 1932, não frequentou a escola, notando-se um registo mais popular no seu relato, além do seu discurso apresentar deficiência ao nível da coesão frásica, bem como de outros níveis linguísticos (fonéticos, lexicais e morfossintáticos).

Informante 1:

L: A pé no caminho, a pé com uma carguinha [carga]. A primeira carguinha [carga] que me acorde [recordo] foi com sete *quilhes* [quilos] de cerejas, pá [para a] *guação* [Delegação] de [do] Turismo.

Nelly de Freitas (2016), fazendo-se valer de informação estatística disponível, indica que a taxa de analfabetismo no Aquipélago da Madeira era cerca de 50% em 1960, 19,1% em 1991, 12,7% em 2001 e 6,99% em 2011. Consultando os dados numéricos oficiais do INE, é possível elaborar o gráfico materializado na Figura 9.

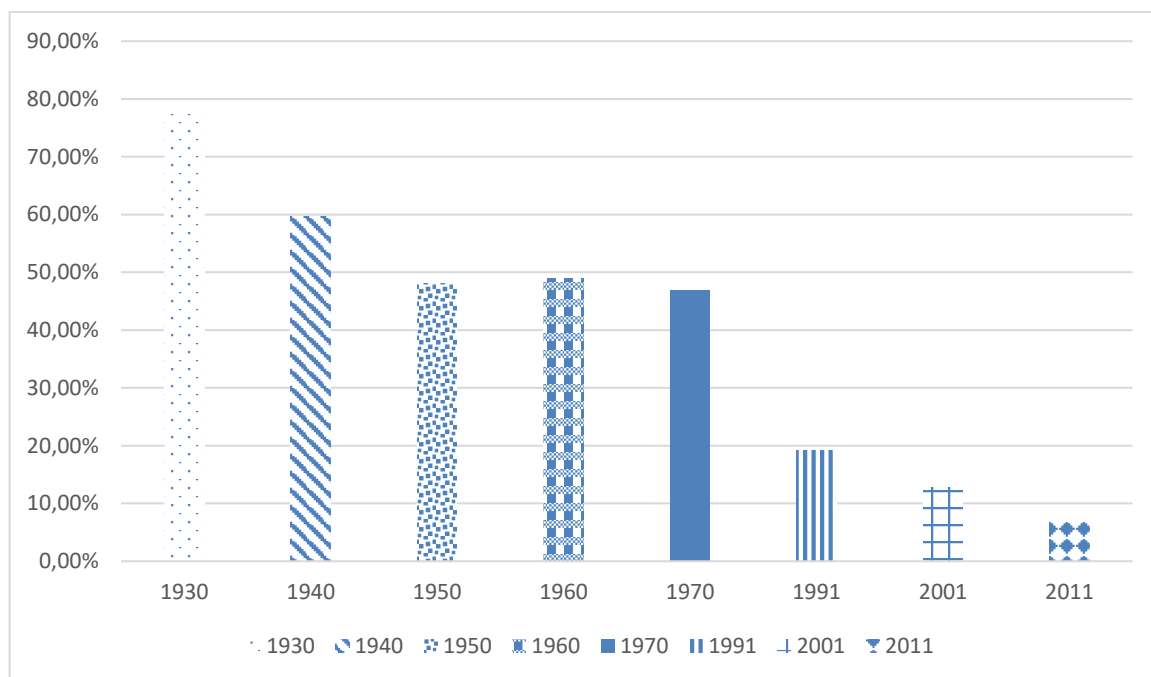


Figura 9 – Evolução da Taxa de Analfabetismo na RAM (1930 – 2011)

(Fonte: INE disponível em <http://censos.ine.pt/>)

Nos informantes mais jovens, academicamente mais bem capacitados, verifica-se que os mesmos apresentam uma utilização da Língua Portuguesa mais cuidada (pouca prevalência de fenómenos linguísticos que constituem desvios à norma padrão) e que conseguem aceder a profissões intelectualmente mais exigentes e melhor remuneradas.

A identificação sociocultural dos informantes por sexo, idade, escolaridade, profissão, naturalidade e país de destino está patente na Tabela 3.

Informante	Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Profissão	País de destino (cidade)
1	Masculino	85	analfabeto	Curral das Freiras (Câmara de Lobos)	Reformado	França
2	Feminino	24	12.º ano	São Pedro (Funchal)	Empregada de mesa	Reino Unido (Londres)
3	Masculino	?	4.ª classe	Santa Maria Maior (Funchal)	Reformado	Reino Unido (Hisborn)

4	Feminino	63	4.ª classe	Curral das Freiras (Câmara de Lobos)	Reformada	Reino Unido (Ilha de Jersey)
5	Masculino	78	-	Curral das Freiras (Câmara de Lobos)	Reformado	França (Hendaye)
6	Feminino	80	4.ª classe	Água de Pena (Machico)	Reformada	Reino Unido (Ilha Jersey); França (Toulon)
7	Feminino	69	4.ª classe	Água de Pena (Machico)	Reformada	Reino Unido (Ilha de Jersey, Manchester)
8	Feminino	27	Licenciatura em Enfermagem	Santa Cruz	Enfermeira	Reino Unido (Dartford Kent)
9	Masculino	26	12.º ano/ Curso Tecnológico de Desporto	Santa Cruz	Chefe Encarregado de limpezas	França (Paris)
10	Feminino	84	4.ª classe de adultos	Água de Pena (Machico)	Reformada	França
11	Feminino	74	3.ª classe	Ponta do Pargo (Calheta)	Reformada	França (Laussanne)
12	Masculino	37	12.º ano	África do Sul	Programador <i>Web</i>	Reino Unido (Londres)
13	Masculino	34	Mestrado Integrado em Engenharia Mecânica	Funchal	Engenheiro	Reino Unido (Tonbridge)
14	Feminino	27	Licenciatura em Enfermagem	Santa Maria Maior	Enfermeira	Reino Unido (Harlow)

15	Masculino	28	Licenciatura em Enfermagem	França, Versailles	Enfermeiro	Reino Unido (Harlow)
16	Feminino	26	12.º ano	São Roque	Colaboradora de limpezas	Reino Unido (Streatham)
17	Feminino	37	Doutoramento em História	França, Paris	Historiadora/ Investigadora	Brasil (São Paulo)
18	Masculino	29	12.º ano	Santa Cruz	Paisagista	França (Annemasse); Suíça (Genebra)
19	Misto (casal)	41/44	9.º ano	Porto Santo	-	Reino Unido (Londres)
20	Feminino	51	Licenciatura em Contabilidade	Estreito de Câmara de Lobos	Secretária	França (Paris)
21	Masculino	48	3.ª classe	Santana	Colaborador da Construção Civil	França (Paris)
22	Masculino	50	12.º ano	Inglaterra	Empresário	Austrália (Melbourne), Irlanda.
23	Feminino	74	3.ª classe	São Vicente, Rosário	Reformada	França (Roissy-en-Brie)
24	Feminino	27	Mestrado em Educação Física	Ribeira Brava	Professora de Educação Física	França (Toulon)

Tabela 3 – Identificação Sociocultural dos Informantes**2. A Realidade Sociocultural da Madeira**

No que diz respeito às faixas etárias mais idosas, a maioria dos informantes que emigraram, quer para França quer para o Reino Unido, tem em comum uma infância inserida num meio rural, pautada por condições que roçavam, aos olhos de hoje, a miséria. Sendo o foco deste capítulo os aspetos socioculturais para uma melhor compreensão da realidade de vida da Madeira de então, seguem-se alguns trechos proferidos pelos entrevistados com idades mais

avanzadas. Neste segmento, somos transportados para uma era, temporalmente encaixada em meados do século XX, em que andar descalço era mais uma regra do que uma exceção.

Informante 7:

L: E... e... mesmo... morando num palheiro [palheiro/estábulo], eu *nã* [não] sabia o qu'era [que era] riquezas, p'ra [para] mim, andava descalce [descalça] e... e... andava con... contente da minha vida, porque [porque] eu tinha muite [muitos] primes [primos], qu'era [que era] ali tude [tudo] de roda, onde eh... eh... ali tude [tudo] perto do cimitério [cemitério]. Eu fui muite [muito], muite [muito] feliz, *nã* [não] se tinha sapates [sapatos] já se sabe, só se tinha daqueles de lona pa [para] ir à missa, mas durante a semana era sem sapates [sapatos]...

D: Eh... eh...

L: mas, p'ra [para] mim, *nã* [não] fazia diferença nenhuma porque [porque] havia muite [muitos] rapazes e raparigas da minha idade que tamém [também] *nã* [não] tinha [tinham] sapates [sapatos].

A informante 10 dá-nos conta da realidade duma época em que se consumia aquilo que se colhia da agricultura de subsistência e não havia consumo de carne de animais de porte médio/grande. Num tempo em que não havia eletricidade, nem muito menos equipamentos de refrigeração, que atualmente damos como adquiridos.

Informante 10:

L: (...) a gente [nós] cá *nã* [não] tinha [tínhamos] bolachas, [era] umas *batatinhas* [batatas/batatas-doces] frias, quando [quando] ficava.

(...)

L: Sim, no Natal, era sempre cabrite [cabrito], era cabrite [cabrito], também a gente [nós] matava [matávamos]. E também [o] meu pai matava um cabritinhe [cabritinho/cabrito] pá [para a] Festa [Natal], mas era tude [tudo] pá [para a] Festa [Natal], mas, às vezes, havia 4 pessoas... *nã* [não] ie [iam] matar... não havia frigorifiques [frigoríficos], então [então], faziam o contrato, um matava por o [pelo] Natal, um quartinhe [quartinho/quarto] pa [para] cada um, outro matava pao [para o] primeire [primeiro] do ane [ano], pa ser fresque [fresco] e outre [outro] quarte [quarto] pa [para] pagar.

Por sua vez, a entrevistada seguinte, quando questionada sobre a sua infância, transmitiu memórias menos positivas.

Informante 11:

D: Passava-se [passávamos] miséria naquele tempe [tempo] e má [mau]... má [mau] tempe [tempo] eh... *voilà* [era isso]. Era duro ire [ir] pá [para a] rocha buscar [buscar] erva pa [para] dar às vacas. As pessoas se alevantare [levantarem] cedinhe [cedinho/cedo] pa [para] descer a rocha eh... o fundo... à beira mare [mar], ao fundo, *nã* [não] sei se conhece.

A informante 23 relata o facto de ter frequentado a escola apenas até à 3.^a classe, desmotivada para prosseguir os estudos e servindo de agravante os corretivos de que era alvo pela professora, passando a auxiliar os pais no campo.

Informantes 23:

L: Veja, e, então, eu saí da escola, comecei a tratar uma vaca de leite. Depois, o meu pai veio do Curaçau, qu'ele [que ele] tava [estava] no Curaçau, começámos a trabalhar fazendas, mas não se tinha dinheiro. Aquilhe [aquilo] não dava nada, era pa [para] comer...

A mesma informante descreve uma realidade socioeconómica em que as trocas de produtos e serviços prevaleciam sobre as transações monetárias.

Informante 23:

A gente [nós] ia-se [íamos] ajudar à [a] vezinha [vizinha]. Depois, no dia qu'era [que era] pá [para a] gente [nós], as nossas vezinhas [vizinhas] vinhe [vinham] ajudar. Era... não se pagava, era dias trocados, que não havia dinheiro. E, então, o meu avôa [avô] trabalhava na máquina a desbulhar [debulhar] o trigo.

As condições de habitabilidade não tinham comparação com as atuais, onde num exímio quarto vivia toda uma família.

Informante 10:

L: Tinha um tear. Era naquele quartinhe [quartinho/quarto] lá em baixe [baixo], onde eu tenho aquele quartinhe [quartinho/quarto], era o quartinhe [quartinho/quarto] da minha avó. E o outro quarto era o quarto do meu tio Raimundo, porque viveu lá mais [com] a mulher e criou 4 filhas [filhos] lá no meme [mesmo] quartinhe [quartinho/quarto]. E o meu pai morava aqui por cima, era o sótão. Olha, toda esta casa aqui era a casa velha, iste [isto] era tude [tudo] num sótão. E [o] meu pai vivia aqui.

À maioria dos que permanecessem na Madeira, a vida que os esperava seria continuar a desempenhar as tarefas relacionadas com a agricultura/pecuária, construção civil, vida doméstica e habitar numa casa herdada dos ancestrais.

Informante 10:

L: Qande [quando] eles viere [vieram] s'imbora [embora]. Eu tava [estava] na França, nessa altura, mas tava [estava] [há] pouco tempo. E o meu marido dizia: “Olha, todo o dinheirinho [dinheirinho/dinheiro] que a gente [nós] puder [pudermos] aproveitar, um dia pa [para] se ter uma casinha [casa]”. Que não se tinha senão o quartinhe [quartinho/quarto] que [o] mê [meu] pai me deixou e [a] minha mãe me deixou ficar aqui.

Acerca dos papéis sociais tradicionalmente assumidos entre homens e mulheres, notava-se uma clara distinção. Ambos começavam a trabalhar desde muito cedo, mas as raparigas

ajudavam nas tarefas domésticas, bordavam, auxiliavam nalgumas tarefas do campo ou até iam servir de moças em casa alheia (como domésticas, cozinheiras e mulheres de limpeza), enquanto os rapazes trabalhavam na agricultura, na criação de gado, na construção civil ou a servir em casa alheia como moços de carga ou a cuidar da terra e do gado.

Informante 5:

L: E, pronte [pronto], eu trabalhava na banana e... tamém [também] trabalhava nesta coise [coisa] de eh... coisa de construção civil.

D: Sim!

D: O que vinha, o que aparecia!

L: Era o que aparecia. Mas eu, trabalhar por trabalhar, nã [não] gostava muito [muito] da construção civil.

D: Sim!

L: Gostava mais da terra.

D: Ver ali as coisas a crescer.

L: Uma coisa, pronte [pronto], eh... gostava... tinha mai [mais] goste [gosto] em trabalhare [trabalhar] na terra que trabalhare [trabalhar] em...

D: Sim, nas obras! E começou a trabalhar muito novinho [novo], então? Muito pequenino [pequeno]!

L: Eu comecei a trabalhare [trabalhar]... Pois [depois], comecei a trabalhar novinhe [novinho/novo], p'ra [para]... pequeninhe [pequeninho/pequeno]. Eu com 12 anes [anos] fui pa [para]... criade [criado]...

D: Sim!

L: moçe [moço/criado]. Chamava-se [chamávamos], nesse tempe [tempo], chamava-se [chamávamos] mocinhe [mocinho/moço].

D: E foi pa... moçe [moço/criado] no Funchal.

L: Em São Martinhe [Martinho].

Nesse modo de vida de meados do século XX, as tradições, que constituíam os poucos escapes às duras vidas, eram mantidas e experimentadas de forma intensa. No Natal, a carne vinha-d'alhos (com carne de porco caseiro), o pão caseiro (hoje tido como uma extravagância, mas, na altura, a norma), o cacau quente, a canja de galinha e os licores constituíam todo um manancial que contrastava com o rigor e a escassez desses alimentos ao longo do ano. Os arraiais, tipicamente no verão, eram igualmente um motivo de divertimento para as populações. Nessas alturas festivas, organizavam-se os brincos, grupos de tocadores que percorriam as várias casas e confraternizavam ao ritmo de músicas mais ou menos improvisadas e ao sabor das iguarias típicas.

Informante 10:

L: Sim, [o] meu pai tinha esses instrumentes [instrumentos]. Ele, às vezes, tava [estava] na cozinha... Eu também aprendi, sabia tocar rajão [machete] e braguinha [cordofone mais pequeno que o machete], mas, adepois [depois], ficames [ficamos]... temas [temos] de

ficar cos [com os] dedes [dedos] calejades [calejados], *antão* [então] pa [para] poder tocar. Às vezes, ele tava [estava] na cozinha, eu ia buscar, que ele deixava tude [tudo/todo] afinadinhe [afinadinho/afinado] dentre [dentro] de casa: “Ah, já tás [estás] tocande [tocando] no rajão [machete], desafina-no [desafina-o]!”.

D: E ele tocava nos arraiais, não?

L: Sim, ele tocava nos arraiais.

D: No fim do ano, no Natal?

L: Ah, no Natal, passava 2, 3 dias fora de casa.

Ao descrever esses tempos, é imperioso referir a influência da religião no quotidiano.

Informante 10:

L: (...) Ao domingo, era às 5 horas a primeira missa, depois a outra era às 8, mas ninguém ficava sem missa, nem homem nem mulher, nessa altura. Quande [quando] *nã* [não] podie [podiam] ir todos à mesma missa, ia uns à primeira missa, os da segunda missa *ie* [iam] pao [para o] palheire [palheiro/estábulo] tirar o leite à vaca e levar ao poste [posto], onde eles desnatave [desnatavam] o leite pa [para] tirar a manteiga e, *ade*pois [depois], [era] pa [para] dentre [dentro] depressa pa [para] ir à missa das 8.

Ainda a propósito da religiosidade dos nossos emigrantes, vale a pena fazer referência ao testemunho do Padre Marcos Pinto. Segundo este, em Inglaterra, os portugueses deparam-se com uma realidade avassaladoramente multiétnica em que, no seu local de trabalho, lidam com colegas de diferentes credos e que os vivem de forma intensa. Isso contrasta com a vulgar condição de “católico não praticante”, fazendo os nossos emigrantes questionarem-se sobre a sua identidade e procurarem reativá-la e fortalecê-la. É nessa fase que procuram a Missão Católica Portuguesa que, fazendo-se valer de igrejas arrendadas à igreja inglesa, conseguem ter grandes afluências.

Já em França, país onde o catolicismo está bem mais presente do que em Inglaterra, os portugueses juntam-se às celebrações francesas (não de comunidades lusófonas como no Reino Unido) e motivados por precisarem de algum sacramento para poderem casar na igreja, por doença ou tradição enraizada na família. Nas palavras do Pe. Marcos Pinto, trata-se de “uma fé com menos exigência espiritual/mental para questionar e fortalecer as suas crenças”.

Ainda sobre a realidade rural madeirense, os efeitos dos senhorios ou grandes proprietários, donos de terrenos cultivados pelos chamados “colonos”, faziam-se sentir sobre a vida do povo madeirense, uma vez que estes absorviam uma grande fatia do parco rendimento gerado. Embora, após a revolução liberal do século XIX e, mais tarde, com a implantação da república, esta situação se tenha amenizado na Madeira, foi somente depois da revolução do 25 de Abril que se deu uma mudança efetiva. A este propósito, serve o testemunho seguinte:

Informante 10:

L: (...) [O] meu avô, às vezes, vendia 5 litres [litros] de vinhe [vinho], era o que eles podie [podiam] e [o] meu pai, com a água-pé, que é *ade*pois [depois] de fazer o vinhe [vinho], fazia água-pé. E, *antão* [então], é que trazia, porque [o] meu avô tinha muita vinha, mas era de senhorio, era lá lém [além] do Francisquinho, onde tinha a capela na Queimada, antes da Matur.

D: Tinha que dar metade ao senhorio?

L: Aquilhe [Aquilo] era o vinhe [vinho] pao [para o] senhorzinho. Sim, era mais de metade pao [para o] senhorio. E eles, *antão* [então], aproveitave [aproveitavam], como era muita vinha, muita uva, aproveitave [aproveitavam] a água-pé. Quer dizer que deitave [deitavam] outra vez água dentre [dentro] daquele bagace [bagaço].

Face às pobres condições de vida, a ausência de boas perspetivas e ainda a guerra colonial que rebentara nos territórios ultramarinos, como resultado da fome de independência por parte destes povos, a emigração tornou-se a grande alternativa. Os primeiros a emigrar faziam-no por carta de chamada de quem já lá estivesse ou tentavam a sua sorte na clandestinidade com recurso a passadores, arriscando serem burlados ou capturados pela PIDE.

A emigração para a França e o Reino Unido nos tempos da contemporaneidade já é bem distinta da realidade da emigração “mala de cartão”. As condições de vida na Madeira melhoraram imenso nas últimas décadas, as pessoas estão mais bem capacitadas academicamente, quer de competências linguísticas, quer técnicas, mas também mais cientes de direitos e regalias laborais e sociais, realidade que só foi possível com o projeto europeu que é a União Europeia e que, pese embora, tenha infligido perda de soberania e capacidade produtiva, contribuiu para mitigar assimetrias de qualidade de vida entre os países do centro europeu (eixo franco-alemão) e a periferia.

Se, em tempos idos, a epopeia da emigração se iniciava com uma travessia até Lisboa de barco ou de avião, seguindo-se viagem de carro e a pé até Espanha, donde partiam para França de comboio, instalando-se aí os que se fixariam em França e atravessando o Canal da Mancha os que preferiam as terras de sua majestade; hoje em dia, a emigração é feita de forma legal, através de viagens de avião e, muitas vezes, já com acordo contratualizado com a entidade patronal. Com a recente crise económica de Portugal e dada a reduzida área geográfica da Madeira, e consequentemente das oportunidades laborais que esta oferece, a necessidade de emigrar fez com que novos grupos de jovens e adultos madeirenses partissem, nomeadamente para a França e o Reino Unido.

3. A Realidade Sociocultural dos Países de Destino

Conhecida a realidade da Madeira, bem como as razões que fundamentaram a opção da emigração, importa aferir as novas rotinas da nossa diáspora. Para esse efeito, segue-se uma descrição por país de destino (alvo de emigração), tendo o cuidado de salientar diferenças entre as várias levadas e gerações de emigrantes.

3.1. A Realidade Sociocultural de França

Enquanto país de destino, a França possibilitou, a quem para lá decidiu emigrar, uma boa oportunidade de mudança de vida, devido às políticas de imigração inclusivas, a França precisava de emigrantes, depois da Segunda Guerra Mundial, para a reconstrução do país, até 1974, depois houve a crise económica na presidência Valéry Giscard d'Estaing em que houve medidas duras na economia francesa, isto é, a taxa de inflação chegou aos 15%, o que fez com que os ganhos salariais se desvanecessem rapidamente, criando falência a inúmeras empresas, protesto com muitas greves, que paralisando diversos sectores. Neste cenário de crise a França decidiu interromper a imigração de trabalho, adoptando a “imigração zero” (Reis, 2006: 66). Entre 1981 e 1983, durante o primeiro governo do socialista François Mitterrand, houve um processo de consolidação dos direitos dos estrangeiros. Em outubro de 1981, o governo promulgou lei que garante a liberdade de associação aos imigrantes, dando um novo impulso ao ativismo imigrante.

O seguinte excerto do informante 10, aborda esta questão:

Informante 10:

L: (...) graças ao Mitterrand, que o Mitterrand, o Mitterrand a [é] que abriu as fronteiras. Ele dizia: “Onde tava [estava] o marido, podia tar [estar] a mulher”, porque antes, quando era o outro, *nã* [não] deixava, era homens, era homens, era, *voilà* [vá lá], mulheres, cada uns nas suas terras. E o Mitterrand, quando abriu a fronteira, ele disse: “Não, onde tá [está] o homem, tá [está] a mulher; onde tá [está] a mulher, tá [está] o homem”. Foi aí que, *adepois* [depois], *antão* [então], eles davem [davam] os papéis pelo homem.

A primeira leva de emigrantes para França é representada, neste estudo, por 6 informantes idosos: 1 do concelho da Calheta, 1 de S. Vicente, 2 de Câmara de Lobos e 2 de Machico. A informante 23, natural de São Vicente, seguiu, passado algum tempo, o seu marido na decisão de emigrar. Tendo começado por trabalhar em produção de flores, foi à limpeza que dedicou a sua vida profissional: primeiro como mulher-a-dias em casas particulares, depois como

funcionária municipal. Já com descendência lá instalada, resolveu construir casa na Madeira e mudar-se para cá, juntamente com o marido, dividindo o seu tempo entre a sua terra natal e França.

Natural de Machico, a informante 6, mãe solteira na altura, emigrou para França já com trabalho apalavrado para cuidar de uma criança da mesma idade que a sua filha, que foi consigo. Depois, trabalhou num colégio onde também cuidava de crianças. Chegou a casar com um francês, mas, entretanto, enviuvou. Já reformada, reparte o seu tempo entre a Madeira, onde tem uma casa, e Toulon, onde estão a filha e os netos. Também de Machico, a informante 10 emigrou “a salto” para França, primeiro de avião até Lisboa, de carro até perto da fronteira luso-espanhola e, depois, de comboio até França. A sua vida profissional foi a fazer limpezas e a engomar roupa em casas de particulares. Deixou 2 filhos com a mãe na Madeira até os poder levar para França e lá teve mais 2 filhos. Também reparte a sua vida entre a sua casa na Madeira e o apartamento arrendado em Paris, onde estão os seus filhos e netos.

Do outro extremo da ilha da Madeira, da Calheta, a informante 11 emigrou legalmente com os seus 7 filhos, 3 anos depois do seu marido já ter emigrado clandestinamente. Teve como profissão empregada de limpeza. Já reformada, vem de férias à Madeira nos meses de agosto e de setembro para limpar os terrenos à volta da casa na Ponta do Pargo, regressando no final de setembro à sua casa em França, onde estão os seus filhos e netos.

De Câmara de Lobos, o informante 1 fugiu a um ambiente de miséria e emigrou de avião para Lisboa, pois já tinha sido apanhado a tentar fugir de barco, e depois “a salto” para França, onde foi agricultor e lenhador. Depois, voltou à Madeira e, juntamente com a família, zarpou rumo à Venezuela. Do mesmo concelho, o informante 5 desempenhou profissões como funcionário de matadouro, operário de construção civil, operário de tecelagem e em limpezas. Tais mudanças foram motivadas por melhores remunerações e por questões de saúde (hérnia). Cinco anos após lá ter chegado, a sua esposa seguiu-lhe os passos. Acabou por voltar à Madeira, devido a um problema de saúde causado pela exposição aos produtos químicos das limpezas.

Um segundo grupo de emigração madeirense que partiu rumo a França, neste estudo é representado por um informante de Santana e um de Câmara de Lobos. Natural de Santana, o informante 21 emigrou para França onde foi pintor de construção civil. Mais tarde, a sua esposa, portossantense, que conheceu numa das suas visitas de férias à Madeira, foi com ele, mas, não se tendo adaptado à nova realidade, regressaram ambos para o Porto Santo. Atualmente, o casal

vive no Porto Santo, onde têm casa própria. Porém, o seu filho não se identifica com o meio pacato desta pequena ilha.

A informante 20, cuja naturalidade é de Câmara de Lobos, partiu de muito tenra idade para França com os pais, começando a trabalhar aos 16 anos como ama. Licenciou-se em Economia, chegando a trabalhar na área de logística na multinacional Hertz e, pouco tempo depois de os pais terem voltado para a sua terra natal, regressa definitivamente à Madeira, onde constitui família e tem casa própria.

O terceiro grupo, que corresponde à última leva ou vaga de emigrantes, é aqui representado por 3 informantes jovens: 1 da Ribeira Brava e 2 de Santa Cruz. O informante 9, santacruzense, após a morte de seu pai e emigração da mãe para França, decidiu emigrar para junto da progenitora, tendo encontrado trabalho numa multinacional de limpezas de autocarros e, entretanto, já foi promovido a chefe de equipa. O informante 18, também ele de Santa Cruz, logo após terminar o secundário, rumou para França e, posteriormente, visto ter ido para uma região fronteiriça e conhecido outras realidades, fixou-se na Suíça, tendo como ocupação profissional jardinagem/construção civil. A informante 24, natural da Ribeira Brava, após se ter formado em Desporto e descontente com a oferta laboral na sua área na Madeira, decidiu emigrar para França, onde desempenha a função de vigilante numa escola, visto a sua formação pedagógica não ser reconhecida lá. Depois de ter partilhado um apartamento, atualmente vive com o namorado francês.

Apresentados os informantes que emigraram da Madeira para França, importa referir os lusodescendentes, filhos de madeirenses emigrados em França que nasceram lá. Neste estudo, temos 2 informantes que representam este grupo. O informante 15 nasceu em Versalhes e passou lá a sua infância, depois acompanhou os pais no seu regresso definitivo à Madeira, fixando-se em Machico. Entretanto, já formado em Enfermagem, emigrou para Inglaterra.

A informante 17, filha de pais naturais de Câmara de Lobos, nasceu em Paris e prosseguiu lá os estudos até ao grau de doutoramento. Numa formação de 6 meses na Madeira, em 2005, aprendeu a falar Português e conheceu aquele que viria a ser o seu marido, de nacionalidade brasileira, tendo emigrado para o Brasil, onde atualmente faz investigação científica.

Esta informação encontra-se sistematizada na Tabela 4.

Idade	Escolaridade	Naturalidade	Rotinas e Profissão	Emigração	Habitação	Utilização da Língua Portuguesa	Associações e Festas Portuguesas e/ou Madeirenses	Regresso(s) à Ilha
84		Câmara de Lobos	- Com 7 anos, já andava na serra, apanhando erva e mercando gado/lenha; - Com 16 anos, foi para casa alheia; - Casou e passou a trabalhar como rocheiro. - Em França, foi agricultor/lenhador.	- Pagou 16 contos para fugir a "salto"; de barco, até Lisboa, a pé e de carro até Vilar Formoso; - Emigrou para França e depois para a Venezuela, onde teve uma padaria.	- Na Madeira, casa dos pais e casa dos sogros; - Em França, casa da família de um continental.			- Voltou à Madeira e dedicou-se à agricultura.
77		Câmara de Lobos	- Aos 12 anos, já servia "moço"; - Aos 16 anos, dedica-se à agricultura e construção civil; - Em França, trabalhou num matadouro, na construção civil, numa tecelagem e em limpeza.	- Poupança para fugir a salto para França; - A viagem até Lisboa foi de avião, chegou à fronteira espanhola de carro e a pé; - atravessou Espanha de comboio.	- Na Madeira, casa dos pais e casa alheia; - Em França, habitação arrendada; - De volta à Madeira, habitação própria.	- O informante optou por deixar de lidar exclusivamente com portugueses para evoluir na Língua Francesa.		- Regressou à Madeira (após 25 anos de emigração), construiu casa e teve descendência.

Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Rotinas e Profissão	Emigração	Habitação	Utilização da Língua Portuguesa	Associações e Festas Portuguesas e/ou Madeirenses	Regresso(s) à Ilha	Informante	Sexo
F	79	4.ª classe	Machico	<ul style="list-style-type: none"> - Dedicava-se às atividades domésticas e ao bordado; - Em França, começa por cuidar da criança da casa onde ficou hospedada; mais tarde, passa a trabalhar num colégio. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mãe solteira, para a emigração França, com o contacto dos avós; padrinhos da sua filha; - Relata a tradição das árvores de Natal em casa e presépios nas igrejas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Na Madeira, para habitação ou arrendada e casa dos avós; - Em França, habitação alheia; - Habitação própria construída na Madeira. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falava pouco português em França, mas ensinou a língua de Camões à sua filha. 		<ul style="list-style-type: none"> - Já reformada, passa a maior parte do tempo em França, mas visita a Madeira no Verão. 	1	M
M	26	12.º ano	Santa Cruz	<ul style="list-style-type: none"> - Completa o secundário na área do desporto e começa a trabalhar num bar; - Em França, começou a trabalhar em limpezas de autocarros e agora é chefe de pessoal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em 2010, a mãe emigra para França com o filho mais novo; - Em 2011, junta-se à família; - Lamenta a vivência de Natal lá ser escassa, apesar de a manter. 	<ul style="list-style-type: none"> - Na Madeira, casa da família. 	<ul style="list-style-type: none"> - Com família em França, a utilização da língua portuguesa é diária. 	<ul style="list-style-type: none"> - O informante alude à "Festa da Rádio Alfa" (rádio portuguesa em Paris) que junta milhares de portugueses, todos os anos, no início de julho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Visita a Madeira no Verão ou em Janeiro (pelo Santo Amaro); - Sonha em voltar para a Madeira, já reformado. 	5	M

Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Profissão	Emigração	Habitação	Utilização da Língua Portuguesa	Associações e Festas Portuguesas e/ou Madeirenses	Regresso(s) à Ilha	Informante
F	84	4.ª classe	Machico	- Desde nova, ajudava os pais na agricultura, pecuária e bordados, recordando a tradição de carne vinha-d'alhos, cacau e pão no Natal; - Em França, trabalhou em limpezas domésticas em casas de particulares.	- O marido emigrou para França pouco tempo depois, ela seguiu sozinha; - A viagem até Lisboa foi de avião, de carro e a pé até Espanha e de comboio até França.	- Na casa dos pais; - Na França, temporária e arrendada; - De volta à Madeira, reconstruiu a casa da família.	- Todos os seus filhos compreendem Português, tal como a maioria dos seus netos e bisnetos.	- Manteve as tradições gastronómicas de Natal da Madeira.	- Atualmente, já reformada e viúva, divide o seu tempo entre a França e a Madeira.	6
F	74	3.ª classe	Calheta	- Com 10 anos, emigrou com os pais para a Venezuela, ficando aos cuidados dos avós; - Na Madeira, a vida do campo era difícil; - Em França, cuidava dos filhos e fazia limpezas.	- Já casada e com 7 filhos, o seu marido emigrou para França ficando ao salto em 1973; - Em 1976, já legalmente, foram a esposa e os filhos.	- Na casa dos avós; - Na França, arrendada; - De volta à Madeira, habitação própria.	- Em casa, falava Francês.	- Apenas refere a existência de negócios portugueses; - Manteve a tradição da carne de porco pela Festa.	- Hoje, já reformada e viúva, divide o seu tempo entre a França e a Madeira.	9

Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Rotinas e Profissão	Emigração	Habitação	Utilização da Língua Portuguesa	Associações e Festas Portuguesas e/ou Madeirenses	Regresso(s) à Ilha	Informante
F	37	Doutoramento em História	França	<ul style="list-style-type: none"> - Filha de madeirenses emigrados em França; - No Natal, comiam marisco, <i>foie gras</i>, carne vinha-d'alhos e leitão assado. - Admite ainda não se ter inserido bem ao Brasil, apesar da alimentação mais saudável. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em 2005, fez um curso em França, onde conheceu o marido, e em 2013, concluiu o doutoramento e parte para o Brasil; - Aspira a uma situação profissional mais estável. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em França, casa com pais e pais da comunicação era em Francês; - No Brasil, quarto e, depois, apartamento arrendado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em casa dos pais, a comunicação era em Francês; - Foi na formação de 2005 na Madeira que adquire efetivamente a Língua Portuguesa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Refere uma Casa da Madeira em Santos (Brasil). 	<ul style="list-style-type: none"> - Visitou com prazer a Madeira regularmente, por vezes de forma prolongada,, mas não planeia um regresso definitivo à Madeira, quanto muito a França. 	10
M	29	12.º ano	Santa Cruz	<ul style="list-style-type: none"> - Em França, durante 3 anos, trabalha na construção civil; - Destaca uma quase ausência de decorações de Natal. - Na Suíça, é jardineiro/pedreiro e já constituiu família. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em 2009, com 12.º ano e sem trabalhar, procura trabalho, emigra para França. - Perto da fronteira com a Suíça, decide mudar-se para lá. 	<ul style="list-style-type: none"> - Na Madeira, Casa dos pais; - Em França, casa de amigos dos pais; - Na Suíça, habitação arrendada. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em casa, combina a utilização do Francês e do Português. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em França, existia um bar português; - Na Suíça, existem a Casa do Benfica, Casa do Sporting, bem como mercearias, cafés e restaurantes portugueses. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não pensa regressar de vez à Madeira. 	11

Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Rotinas e Profissão	Emigração	Habitação	Utilização da Língua Portuguesa	Associações e Festas Portuguesas e/ou Madeirenses	Regresso(s) à Ilha	Informante
F	50	Licenciatura em Economia	Câmara de Lobos	- Com 3 anos, os pais vão para França, fiscalmente com os avós; - Aos 16 anos, trabalha como ama; - No Natal, comia bacalhau com batatas, carne vinha-d'alhos e <i>Bêche de</i>	- Em 1971, os pais levam-nos para França; fiscalmente; - Volta à Madeira em 1974; - Regressa a França em 1975.	- Na Madeira, com os avós; - Em França, habitação e arrendada e própria. - No regresso à Madeira, casa dos pais e habitação própria.	- Em casa, os pais faziam questão de falar português.		- Na década de 90, junta-se aos pais no regresso à Madeira, trabalha como contabilista, casa e passa a colaborar na escola de línguas do marido.	17
M	47		Santana	- Em França, trabalhou na construção civil; - A família vivia o Natal de forma igual à madeirense.	- Em 1973, parte para França clandestinamente e com a família. - No Porto Santo, habitação própria.	- Em França, primeiro, um bairro social. - No Porto Santo, habitação própria.	- Manteve a utilização do Português enquanto emigrante.		- Ao longo dos 26 anos de emigração, visitou várias vezes a Madeira, conhecendo a sua esposa no Porto Santo; - Acabam por regressar definitivamente ao Porto Santo.	18

Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Rotinas e Profissão	Emigração	Habitação	Utilização da Língua Portuguesa	Associações e Festas Portuguesas e/ou Madeirenses	Regresso(s) à Ilha	Informante
F	74	3.ª classe	São Vicente	<ul style="list-style-type: none"> - Teve uma infância humilde e ligada à agricultura e pecuária; - Ao casar, mudou-se para o Funchal. - Trabalhou na agricultura e em limpezas, primeiro como mulher-a-dias, depois funcionária municipal. 	Em 1975, o marido emigra a salto. Em 1977, juntam-se a família – de avião até Lisboa e comboio até França.	<ul style="list-style-type: none"> - Na Madeira, casa dos pais e casa dos sogros; - Em França, apartamento arrendado - Na Madeira, habitação própria. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os seus filhos compreendem Português, o mesmo já não acontecendo com todos os netos. 	<ul style="list-style-type: none"> - No Natal, comia leitão, canapés, marisco, canja, carne vinha-d'alhos, broas e Bûche de Noël. 	<ul style="list-style-type: none"> - Regressou à Madeira, onde construiu casa e passa a maior parte do seu tempo. 	20
F	26	Licenciatura em Desporto	Ribeira Brava	<ul style="list-style-type: none"> - A infância repleta de atividades físicas levou-a a cursar Desporto na UMa; - Atualmente, trabalha como vigilante numa escola francesa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Foi voluntária na Finlândia e voltou a aventurar-se num programa de estágios, desta feita em França, em 2015. 	<ul style="list-style-type: none"> - Na Madeira, casa dos pais; - Em França, apartamento do namorado. 	<ul style="list-style-type: none"> - A utilização da Língua Portuguesa resume-se ao contacto com familiares e amigos madeirenses. 	<ul style="list-style-type: none"> - No Natal, trocam presentes e as iguarias gastronómicas são francesas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Admite que muita coisa teria de mudar para voltar à Madeira. 	21

Informante	23	24
------------	----	----

Tabela 4 – Dados socioculturais dos informantes emigrantes em França

3.2. A Realidade Sociocultural do Reino Unido

Enquanto país de destino, o Reino Unido (neste estudo, apenas focada a Inglaterra) possibilitou, a quem para lá decidiu emigrar, arrecadar dinheiro a um nível que seria altamente improvável conseguir na Madeira, apesar do sempre relatado clima frio e deprimente e das apertadas regras de imigração (suavizadas ao longo do tempo).

A primeira leva de emigrantes madeirenses para Inglaterra é aqui representada por 3 informantes idosos: 1 de Machico, 1 do Funchal e 1 de Câmara de Lobos. Funchalense e inconformado com as perspetivas de vida insular, o informante 3 decidiu emigrar para Inglaterra, numa época em que a travessia até Lisboa ainda se fazia maioritariamente por via marítima. O informante 3 começou por trabalhar na hotelaria, mudando-se para o trabalho de tripulante de navios de cruzeiro, onde fez a maioria da sua vida profissional e conheceu o mundo todo. Já com a família lá constituída, nunca ponderou regressar definitivamente à Madeira.

A informante 4, natural de Câmara de Lobos, teve uma relativamente breve experiência de emigração em Jersey, onde trabalhou em explorações agrícolas. Tendo acompanhado o marido, teve de deixar os filhos bebés com a mãe, mas não conseguiu resistir à dor e à tristeza da falta deles e regressou à sua terra natal.

De Machico, a informante 7 começou por emigrar para Jersey, acompanhando o irmão em tarefas de hotelaria, ainda que o fantasma da sazonalidade da economia da ilha, muitas vezes, obrigasse a um regresso à Madeira (consumindo essa viagem grande parte do rendimento obtido). Mais tarde, ao conhecer o italiano que viria a ser o seu marido, foi convidada a mudar-se para Manchester, onde adquiriu casa e trabalhou na restauração. Já viúva, mas com 2 filhos em Inglaterra, que apenas falam Inglês, tem uma casa na Madeira que visita em alturas festivas.

O segundo grupo de emigração madeirense para o Reino Unido aqui estudado abarca apenas um casal informante misto (19). Inconformados com a remuneração e reconhecimento da dedicação profissional na área da hotelaria portossantense, decidiram rumar a Inglaterra onde trabalharam na restauração e hotelaria, tendo regressado ao Porto Santo para melhor educar o

seu filho que, já em idade de começar a definir uma área de estudos com vista a uma profissão, é encorajado a pensar além-fronteiras.

Com 5 informantes, o terceiro grupo de jovens: 1 de Santa Cruz e 4 do Funchal ilustra bem o peso que a emigração madeirense para a Inglaterra tem atualmente. A informante 8, de Santa Cruz, pouco tempo depois de se formar em Enfermagem, foi recrutada por uma empresa especializada e mudou-se para a Inglaterra em 2013, onde vive com o namorado (engenheiro informático).

A informante 2, do Funchal, com o 12.º ano de escolaridade, e face a uma situação de não renovação de contrato de trabalho na área da hotelaria madeirense, foi para Inglaterra, primeiro para cuidar de um sobrinho entretanto nascido e, depois, para trabalhar na restauração.

O informante 13, funchalense, formou-se em Engenharia Mecânica, e vendo que na Madeira não conseguia mais do que estágios na sua área profissional, tentou a sorte em Inglaterra, onde, primeiramente, começou por trabalhar num armazém e agora já desempenha funções de engenheiro mecânico.

A informante 14, natural do Funchal e enfermeira, também rumou à Inglaterra, após ter sido recrutada na Madeira e vive com o namorado, também ele enfermeiro. A informante 16, também ela funchalense, foi influenciada pelo namorado a emigrar para Inglaterra, onde trabalha em limpezas, queixando-se de se ter sentido explorada no início e não deixando de demonstrar a vontade de regressar à Madeira.

Finalmente, importa fazer uma alusão aos lusodescendentes. Neste estudo, no que se refere à emigração para o Reino Unido, temos 2 informantes filhos de emigrantes madeirenses, um jovem que nasceu na África do Sul e um adulto nascido em Londres.

O informante 12, filho de pais naturais do Funchal, nasceu e cresceu na África do Sul até a conjuntura obrigar a família a retornar definitivamente à Madeira. A meio do curso de Arquitetura, decidiu emigrar para Inglaterra. Na primeira incursão, foi empregado de mesa. Na segunda aventura por terras de sua majestade, voltou a trabalhar num restaurante, tendo chegado a gerente e ainda conciliado essa atividade com a de programador *freelancer*. Voltou à Madeira, onde continua a dedicar-se à programação e planeia ir em breve para Inglaterra.

O informante 22 é filho de pais madeirenses (da freguesia de S. António, no Funchal) emigrados em Inglaterra. Coursou *Business Studies* e trabalhou em montagem de mármore e granitos, constituindo uma empresa e, mais tarde, replicando a estratégia na Austrália.

Atualmente, encontra-se na Madeira, para garantir a melhor prestação de cuidados de saúde à mãe idosa e doente.

Esta informação encontra-se sistematizada na Tabela 5.

Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Rotinas e Profissão	Emigração	Habitação	Utilização da Língua Portuguesa	Associações e Festas Portuguesas e/ou Madeirenses	Regresso(s) à Ilha
F	23	12.º ano	Funchal	- Na Madeira, foi empregada em quartos num hotel; - Em Inglaterra, começou por cuidar do sobrinho, agora colabora num restaurante.	- Filha de navios que viajava para Venezuela; - Emigrou para Inglaterra, aos 17 anos.	- Na Madeira, vivia na casa dos pais; - Em Inglaterra, vive na casa do irmão.		- Apenas refere a existência de restaurantes tipicamente portugueses, não madeirenses; - No Natal, a família junta-se ao sabor de pemil de porco, galinha e fazem a lapinha.	- Pretende um dia voltar: “Posso dar a volta ao mundo, mas a minha ilha é a minha ilha ((risos))”.
M		4.ª classe	Funchal	- Na Madeira, trabalhou na construção das redes elétricas; - Em Inglaterra, trabalhou 4 anos na hotelaria e muda-se para os navios de cruzeiro.	- Em 1966, emigrou por carta de chamada: de barco até Lisboa, comboio até França e atravessou o Canal da Mancha até Inglaterra.	- Na Madeira, após casar, viveu em casa arrendada.	- Em casa, na Inglaterra, fazia questão de falar Português, ainda que, por vezes, os filhos respondessem em Inglês.		- Com a família lá estabelecida, não planeia regressar à Madeira.

Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Rotinas e Profissão	Emigração	Habitação	Utilização da Língua Portuguesa	Associações e Festas Portuguesas e/ou Madeirenses	Regresso(s) à Ilha	Informante
F	63	Frequentou a escola até aos 11 anos	Câmara de Lobos	- Com 11 anos, era agricultora com o marido; - Ao casar, torna-se doméstica; - Quando o marido emigra, ajuda os sogros a criar gado.	- Depois de o ter emigrado para os Estados Unidos; - Em Inglaterra, trabalhou na agricultura.	- Casa dos pais; - Casa dos sogros para após casar aos 19 anos; - Habitação própria.			- Volta à Madeira (devido a uma gravidez), reenigra e regressa definitivamente à Madeira, dedicando-se às lides domésticas.	2
F	69	4.ª classe	Machico	- Aos 11 anos, já bordava; - Em Jersey, trabalhou como empregada de quartos; - Em Manchester, trabalha como empregada de mesa.	- Em 1967, embarca no navio <i>Funchal</i> até Lisboa, depois até França de comboio e chega a Jersey de avião.	- Na sua infância, habitação arrendada e casa dos avós; - Em Inglaterra, quarto da pensão, habitação arrendada e casa própria.	- O Português era pouco utilizado no seu dia-a-dia e não o ensinou aos filhos.	- O consulado em Manchester organiza todos os anos a festa do Dia de Camões, a 10 de Junho; - O Natal é passado em Inglaterra, onde o peru é tradição.	- Já reformada, passa a maior parte do tempo em Inglaterra, mas visita a Madeira após o Natal e no Verão.	3

Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Rotinas e Profissão	Emigração	Habitação	Utilização da Língua Portuguesa	Associações e Festas Portuguesas e/ou Madeirenses	Regresso(s) à Ilha	Informante
F	27	Licenciatura em Enfermagem	Santa Cruz	- Ajudava nas lides domésticas e na agricultura. - Trabalha como enfermeira em Dartford.	- Em 2013, formada e sem perspectivas de trabalho na Madeira, emigra para Inglaterra através de uma empresa de recrutamento.	- Na Madeira e em Inglaterra, habitação arrendada.	- Vivendo com o namorado (madeirense) e contacta regularmente os seus familiares, mantém o uso da Língua Portuguesa.	- Refere a existência de restaurantes portugueses; - Longe de casa, o Natal é vivido entre colegas.	- Equaciona o regresso a Portugal continental, não à Madeira.	4
M	37	12.º ano	África do Sul (Joanesburgo)	- Veio para a Madeira já adolescente; - Ingressa em Arquitetura, mas, descontente, emigra; - Em Inglaterra, trabalha como empregado de mesa e gerente, além de programador.	- Emigra para Londres em 2003 por 2 anos; - Volta a emigrar para Londres por mais de 4 anos.	- Na África do Sul e na Madeira, casa dos pais; - Em Inglaterra, habitação arrendada.		- Refere a existência de restaurantes e associações, apesar de não os frequentar, por não ser adepto de bairrismos.	- Regressou à Madeira e planeia nova emigração, já trabalhando como programador <i>freelancer</i> .	7

Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Rotinas e Profissão	Emigração	Habitação	Utilização da Língua Portuguesa	Associações e Festas Portuguesas e/ou Madeirenses	Regresso(s) à Ilha	Informante
M	34	Mestrado integrado em Engenharia Mecânica	Funchal	- Na Madeira, e sem perspectivas laborais, emigra; - Em Inglaterra, começa por trabalhar num armazém, mas agora já tem emprego na sua área de formação.	- Em 2015, emigra para Inglaterra, por não ter oportunidade profissionais além de estágios.	- Na Madeira, casa dos pais; - Em Inglaterra, casa dos tios e quarto arrendado.	- Mantém a utilização da língua portuguesa com a família radicada na Inglaterra e Madeira.	- Passa o Natal na Madeira ou com os tios lá emigrados.	- Não planeia regressar à Madeira.	8
F	27	Licenciatura em Enfermagem	Funchal	- Completado o curso na Inglaterra e trabalha como enfermeira num hospital; - Destaca a inexistência de carne/peixe frescos nos supermercados os ingleses.	- Em 2013, ingressa numa empresa de enfermagem licenciados recrutados por uma empresa específica; - O Natal é passado entre colegas.	- Na Madeira, casa dos pais; - Em Inglaterra, habitação arrendada.	- Utilização diária do Português com o namorado, colegas e família na Madeira.	- Refere a existência de associações, restaurantes e supermercados portugueses a 45 minutos de casa.	- Não esconde que o regresso à Madeira está nos seus planos.	12

Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Rotinas e Profissão	Emigração	Habitação	Utilização da Língua Portuguesa	Associações e Festas Portuguesas e/ou Madeirenses	Regresso(s) à Ilha	Informante
M	28	Licenciatura em Enfermagem	França (Versalhes)	<ul style="list-style-type: none"> - Em 2000, veio para a Madeira (Machico); - Seguiu para a Enfermagem pela Universidade da Madeira. - Assume funções de enfermeiro num hospital. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em 2013, ingressa numa casa de decasa dos pais; - Em Inglaterra, habitação arrendada. 	<ul style="list-style-type: none"> - Na Madeira, casa dos avós e casa dos pais; - Em Inglaterra, quarto arrendado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização diária do Português com a namorada, colegas e família na Madeira. 	<ul style="list-style-type: none"> - Refere a existência de associações, restaurantes e supermercados portugueses a 10 milhas de casa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pensa regressar à Madeira, mas não sabe quando. 	13
F	25	12.º ano	Funchal	<ul style="list-style-type: none"> - Tem efetuado trabalhos de limpeza em diversas superfícies; - Refere que o Natal inglês é diferente do madeirense. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em 2013, e por influência do namorado desempregado, emigra com ele para Inglaterra, não terminando a licenciatura em Ciências da Cultura na UMa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Na Madeira, casa dos avós e casa dos pais; - Em Inglaterra, quarto arrendado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apesar da utilização diária do Português com o namorado, já nota a incorporação de vocabulário inglês. 	<ul style="list-style-type: none"> - O regresso à Madeira é uma hipótese presente. 	14	

Sexo	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Rotinas e Profissão	Emigração	Habitação	Utilização da Língua Portuguesa	Associações e Festas Portuguesas e/ou Madeirenses	Regresso(s) à Ilha	Informante
F	44	9.º ano	Porto Santo	<p>- Aos 18 anos, começou a trabalhar numa loja e numa residência;</p> <p>- Emigra, trabalhando como empregada de mesa e <i>housekeeper</i>.</p>	<p>- Cansada do fraco reconhecimento do trabalho, decide emigrar para Inglaterra, lançando o desafio ao seu companheiro. - No Natal, fazia comida madeirense.</p>	<p>- No Porto Santo, casa dos pais;</p> <p>- Em Inglaterra, casa de primos e habitações arrendadas.</p>	<p>- O casal manteve a comunicação em Língua Portuguesa.</p>		<p>- A gravidez retornou o casal ao Porto Santo, para uma maior qualidade de vida/educação;</p> <p>- Desejam voltar a emigrar e um futuro além da ilha.</p>	15
M	50	12.º ano	Inglaterra (Londres)	<p>- A família manteve todas as tradições de Natal da Madeira;</p> <p>- Começa a trabalhar aos 17 anos a aplicar mármore e granitos.</p>	<p>- Em 1975, Leonardo e os seus pais vão para Inglaterra;</p> <p>- Aos 35 anos, Leonardo rumou à Austrália, para uma melhor educação dos filhos;</p> <p>- Rumou à Irlanda em 2010.</p>	<p>- Habitação própria.</p>	<p>- A língua do dia-a-dia foi sempre o Inglês, mas, em casa, os pais falavam Português entre eles.</p>	<p>- Refere a existência de muitas associações portuguesas, sendo o mais próximo o Centro Português 25 de Abril, onde jogava futebol.</p>	<p>- Regressou à Madeira, onde se encontra atualmente, para cuidar da mãe.</p>	16

Informante	19	22
------------	----	----

Tabela 5 – Dados socioculturais dos informantes emigrantes no Reino Unido

4. O Contacto Entre Línguas e a Transmissão da Língua Portuguesa

Face ao exposto no capítulo I, mais especificamente no ponto 5, a questão da identidade sociocultural e linguística, referente aos conceitos de identidade, memória, língua materna, língua do país de destino, maioritária ou dominante e língua de herança (LH) ou língua transmitida pela 1.^a geração de emigrantes aos filhos, bem como à informação constante nas Tabelas 4 e 5, em que se sistematizam os hábitos de utilização da Língua Portuguesa pelos emigrantes e seus descendentes, constata-se que a preservação dessa mesma língua é mais eficiente junto dos lusodescendentes, filhos da primeira leva de emigrantes, e quando a mãe é madeirense.

Posto isto, verifica-se que os mais idosos foram os que mais transmitiram a língua portuguesa aos seus filhos, pois o objetivo era sempre fazer uma casa na Madeira e regressar. Alguns tiveram mesmo o propósito de obrigar os filhos a fazerem a escola portuguesa, como foi o caso da informante 10, cujos filhos frequentaram a *Maison Portugaise* em Paris. No entanto, a terceira geração, ou seja, os netos, já não falam Português, embora consigam compreender um pouco, uma vez que ouviram os avós falarem, mas os pais já não falam a LH em casa e eles já não recebem educação formal em Língua Portuguesa. Os lusodescendentes tendem a casar com parceiros de outras nacionalidades ou naturais dos países de destino, falando a língua inglesa ou francesa em casa. No que diz respeito ao grupo de jovens emigrantes com o 12.º ano ou ensino superior, quando vivem e convivem com madeirenses, conservam o Português como língua falada em casa e entre eles, assim como as tradições – sobretudo gastronómicas. No caso de estarem isolados e viverem com parceiros do país de destino, isso faz com que deixem de falar a sua língua materna.

É interessante também relevar que, quando questionados sobre conhecerem Casas da Madeira ou associações portuguesas, nos países de acolhimento, quase todos os informantes aludem a restaurantes e mercearias portuguesas. No entanto, fazendo-se valer dos testemunhos recolhidos, não é possível afirmar que frequentem esses mesmos estabelecimentos de forma

regular. Uma carta de João Carlos Freitas (conselheiro permanente das comunidades madeirenses no Reino Unido), datada de 25 de setembro de 2011, afirma que a maior parte das associações portuguesas em Londres teve de se converter em restaurantes para sobreviver (Vieira, 2011: 32). Já o hábito de levar comida e temperos tipicamente madeirenses de cada vez que visitam a sua terra natal é algo transversal a todas as levas ou vagas de migração, sejam idosos, adultos ou jovens, a par do esforço por manter a tradição do pinheiro e presépio na época festiva do Natal.

Outra forma de manter contacto com a Língua Portuguesa e o Português falado na Madeira e entre comunidades de madeirenses emigrados, sobretudo através da música popular e regional, é a Rádio “Cantinho da Madeira”, assim como o canal de transmissão de atividades tradicionais madeirenses, maioritariamente festas e arraiais, em direto através da *internet*, no *site* “NaMinhaTerra.com”, mas também as festas e os arraiais madeirenses organizados, uma vez por ano, nomeadamente em Paris, em Londres e em Jersey.

Capítulo III – Estudo Linguístico dos *Corpora* do Registo Oral

Na sequência do estudo sociocultural do capítulo anterior, segue-se o estudo linguístico dos *corpora* do registo oral dos relatos de memória ou histórias de vida dos informantes em França e no Reino Unido. Linguisticamente, é claramente identificável o discurso das gentes idosas oriundas de contextos rurais com fraca escolarização, em relação aos jovens mais escolarizados. As diferenças são patentes tanto a nível fonético, como lexical e morfossintático.

1. Análise Fonética

A fonética é a “ciência que estuda os sons da fala e o modo como estes são produzidos e percebidos” (Moreira e Pimenta, 2008: 41). Distintamente da escrita, que se efetiva através das letras, a fonética ocupa-se dos sons e, conseqüentemente, da análise dos fenómenos fonéticos que ocorrem na fala dos locutores, tanto do Português popular como das variedades geográficas da língua ou dialetos. Começa-se por listar o registo de alguns fenómenos da oralidade, presentes nos discursos dos informantes, ou seja, nas respetivas entrevistas.

1.1. Fenómenos da Oralidade

Como os fenómenos da oralidade – hesitações, reformulações, repetições, truncamentos, contrações de vogais, aférese ou queda de som ou sílaba no início da palavra e elipse de vogais – são comuns a todos os falantes, a listagem destas ocorrências encontra-se em apêndice (ver Apêndice 8) e não no texto da dissertação.

1.2. Traços da Variedade Madeirense

A Língua Portuguesa, como qualquer outra língua viva, apresenta internamente diversas variedades que sugerem uma forma mais ou menos acentuada no que diz respeito à sua

pronúncia, vocabulário e gramática. Contudo, apesar da existência de variedades geográficas ao longo de todo o território português, essa heterogeneidade é relativizada quando comparada com a realidade de outros países:

Uma pessoa, mesmo alheia a assuntos filológicos, que haja percorrido Portugal de norte a sul e conversado com gente do povo, não pode deixar de ficar impressionada com a excepcional homogeneidade linguística do país e a sua escassa diferenciação dialectal – ao contrário do que sucede noutros países, quer de língua românica, quer germânica. (Boléo, 1961)

Importa explicitar que a dialetologia corresponde a área científica encarregue do estudo das diferenças regionais da língua, ou seja, os dialetos, descrevendo as suas características e identificando os territórios onde são empregues, bem como “os fatores que levaram à sua formação” (Ferreira *et al.*, 1996: 480). O dialeto constitui, assim, a variedade linguística de uma língua, sendo possível demarcar geograficamente zonas onde o mesmo predomina. É, pois, “uma via de acesso ao passado que pode revelar novas mudanças na língua, dado que numa mesma língua podem existir dialetos que preservam aspetos mais arcaicos, enquanto outros podem apresentar aspetos mais inovadores, que o padrão da língua não adotou” (Bazenga, 2016: 2).

Segundo Cunha e Cintra (1994: 10), o extremo ocidental da Península Ibérica, linguisticamente ocupado pelo Galego-Português, é composto por três grupos de dialetos diferenciados foneticamente: dialetos galegos; dialetos portugueses setentrionais e dialetos portugueses centro-meridionais. Sobre a realidade concreta do Arquipélago da Madeira, há uma interessante querela quanto à origem dialetal dos primeiros povoadores. Por um lado, é um facto que o povoamento da ilha se fez recorrendo a indivíduos do Norte de Portugal; por outro lado, assistiu-se ao desaparecimento dos traços linguísticos característicos dessa zona nos documentos então redigidos, sendo esse fenómeno designado de *Koinê*. De acordo com Neto (1992), quando duas variedades regionais da mesma língua se encontram, ocorre o apagamento dos “(...) traços sentidos como rusticismos. Assim, a pronúncia dos dialetos centro-meridionais, por ser de uma zona de colonização, tem qualidades de simplicidade que lhe conferem maior poder de penetração, apesar dos colonizadores meridionais serem mais escassos.”

Cunha e Cintra (1984: 19) convergem em defender que os dialetos das ilhas atlânticas “(...) representam (...) um prolongamento dos dialetos portugueses continentais. Considerando a maior parte das características fonéticas que neles se observam, pode-se

afirmar, com maior precisão, que prolongam o grupo dos dialetos centro-meridionais”. Posteriormente, Cintra (1990) diz que, na verdade, em vez de se considerar um só dialeto madeirense, faz mais sentido ter em conta vários “dialetos madeirenses”, como resultado das variedades internas dos registos orais da ilha. Desta forma, Cintra (1994: 19) apresenta um conjunto de fenómenos fonéticos peculiares que representam os “dialetos madeirenses”, nomeadamente os que abaixo se listam.

a) Palatalização da consoante lateral [l]

O fenómeno fonético da palatalização da consoante [l], quando precedida das vogais palatais [i] ou [e], na variedade madeirense, será uma tendência transversal a todas as áreas geográficas e a todos os estratos socioculturais da população da Madeira. Este fenómeno está assinalado em vasta bibliografia: “Outro traço considerado em geral como típico do madeirense na sua totalidade é a palatalização da consoante lateral *l* quando precedida de *i* tónico ou de *i* final da palavra anterior” (Cintra, 2008: 100); “O Português do Funchal, assim como o Português da Madeira, (...) apresenta um conjunto de características que o identificam inequivocamente. Provavelmente, o fenómeno mais característico é a palatalização do /l/ em casos que não se encontram no Continente” (Andrade, 1994: 17).

Informante #	Exemplo
1	“(…) foi com sete quilhes [quilos] de cerejas (...)”
1	“Descemos, fomos pá [para a] vilha [vila] de São Vicente [Vicente] (...)”
1	“(…) tinha mais de vinte quilhos [quilos] nos pés (...)”
1	“(…) aquilho [aquilo] ele vivia ali (...)”
1	“ Aquilho [aquilo] acolá foi tudo mudado (...)”
1	“(…) deu-me aquilho [aquilo] de gorjeta (...)”
1	“ Aquilho [aquilo] era um instante pa [para] partir uma perna.”
1	“qu’a [que a] familha [família].”
1	“ Familha [família] minha.”
1	“(…) vai à vilha [vila] (...)”
1	“(…) lá as familhas [famílias], no principio (...)”
1	“Olha, aquilho [aquilo] pegare [pegaram/começaram] (...)”

1	“... aquilho [aquilo] era uma raça de irmãos (...)”
1	“(...) depois aquilho [aquilo]... sabe a gente [nós] (...)”
2	“Ah o miúde [miúdo] agora tá [está] na escola, se quiseses vais ao restaurante e dais uma ajuda, vês como é aquilhe [aquilo]”.
3	“ Aquilhe [aquilo] tinha lá uma escola antiga...”
3	“... já se sabe qu’a [que a] pessoa estranha a familha [família]...”
3	“Quer dizer, pa [para] andar naquilhe [naquilo] (...)”
3	“... aquilhe [aquilo] acolá falava-se umas 20 línguas.”
3	“Os...os...como é que se chama aquilhe [aquilo] ...”
3	“E aquilhe [aquilo] era...”
3	“E aquilhe [aquilo]...”
3	“...A familha [família] cresceu...”
3	“(...) a familha [família] vai crescendo [crescendo] (...)”
3	“(...) a familha [família] cresce (...)”
4	“Foi daquilhe [daquilo/aquilo] qu’ê [eu] (...)”
4	“(...) mas aquilhe [aquilo] custava-me (...)”
5	“Fazia aquilhe [aquilo] que quisesse...”
5	“(...) ela foi pao [para o] Brasilhe [Brasil].”
5	“No Brasilhe [Brasil], se ela fosse viva (...)”
5	“(...) aquilhe [aquilo] nã [não]...”
5	“(...) eles já sabie [sabiam] que aquilhe [aquilo]...”
5	“(...) e aquilhe [aquilo]... tava [estava] perguntando [a perguntar]...”
5	“(...) eu disse aquilhe [aquilo] bem carregado (...)”
5	“(...) vejo mais a minha familha [família] (...)”
5	“... aquilhe [aquilo] vai o coisa...”
5	“(...) limpar aquilhe [aquilo]...”
5	“(...) e de dia naquilhe [naquilo].”
5	“ Aquilhe [aquilo] cá nã [não] era coisa...”
5	“ Aquilhe [aquilo] era coisa...”
6	“Um pai que tinha um familha [família] (...)”
6	“...acendem aquilhe [aquilo] tude [tudo] muita [muito] iluminade [iluminado] (...)”
7	“... o Manuel, ele tinha ido pao [para o] Brasilhe [Brasil] (...)”
7	“Tinha mais trabalho de eh...eh... de abrilhe [abril] (...)”

7	“Em milhe [mil]... no ano 2000”
7	“Ah, traz meio quilha [quilo] de açúcare [açúcar].”
7	“Bem, no verão aquilhe [aquilo] <i>nã</i> [não] tava [estava] muíte [muito] mal.
9	“Da parte do pai é no Brasilhe [Brasil], mas da parte do avô (...)”
9	“(...) fui pensando naquilhe [naquilo]”
10	“Vai buscare [buscar] o pão acolá em baixe [baixo] ao Sr. Júlhio [Júlio]”
10	“Eu p’ra [para] que disse aquilhe [aquilo]?”
10	“[A] minha mãe tirava, às vezes, 2, 3, grelinhes [grelinhos/grelos], num prate [prato]”
10	“(...) logo que sentie [sentiam] levantar a Deus, era aquele silhênce [silêncio] (...)”
10	“Olha, a familha [família] do Maie [Maio] (...)”
10	“E, aqui em cima, a Maria da Avó, que era do Meste [Mestre] acolá lé [além] do Grilho [Grilo], a Leca, que foi pao [para o] Brasilhe [Brasil] (...)”
10	“Com uma giga [cesta de vimes] de 20 quilhes [quilos] à cabeça.”
10	“Foi antes do 25 de abrilhe [abril].”
11	“No Brasilhe [Brasil], se for a contar tudo...”
11	“quase como familha [família] eh...”
11	“já os do Porte [Porto] falave [falavam]...falam male [mal], aquilhe [aquilo] é tude [tudo]”
11	“(...) fomes [fomos] no mês de abrilhe [abril] (...)”
13	“... mas também não tinha bem a noção daquilhe [daquilo] que queria.”
14	“traz isto, traz aquilhe [aquilo].”
14	“Ou chegas lá preparado para aquilho [aquilo] ou cortou (...)”
16	(Não foi registado nenhum exemplo deste fenómeno.)
17	“Da familhia [família]?”
17	“O meu... o meu marido veio do Brasilhe [Brasil] p’ra [para] esse curso (...)”
18	“Não! Apenas nós, a familha [família].”
18	“Recordo-me de algumas, o bailhinhe [bailinho/ música tradicional da Madeira], é normal.”
19	“ Aquilho [aquilo] é... era fácil (...)”
19	“ganhava milhe [mil] e seiscentas libras (...)”
19	“... ter o pilhar [pilar].”
19	“ Aquilho [aquilo] era alguém... aquilho [aquilo] era (...)”

19	“Tinham um bailhinho [bailinho/ grupo que toca, conta e dança música tradicional madeirense] (...)”
19	“Lá dão em agosto porque aquilho [aquilo] é uma...”
19	“(...) eu tinha um metro e sessenta e seis e cinquenta e três quilhos [quilos] (...)”
19	“Num salão com milhe [mil] e quinhentas pessoas.”
19	“P’ra [para] nós, aquilho [aquilo] era chocante.”
20	“(...) foi logo antes do, da Revolução eh...eh... de do 25 de abrilhe [abril].”
20	“ Aquilho [aquilo] se chamava [chamava-se] CN não sei quê...”
21	“... milhe [mil] novecentos e setenta e três (...)”
21	“(...) qu’ aquilho [aquilo] tinha um um grande (...)”
21	“ Aquilhe [aquilo] era... as pessoas (...)”
21	“(...) também se metiam naquilho [naquilo] ...”
21	“... acho que foi em dois milhes [mil] e três (...)”
21	“Eu já tinha ido ao Brasilhe [Brasil] (...)”
21	“Aqui tão [estão] mais seguros que lhá [lá].”
21	“(...) e têm é que levantar aquilho [aquilo], pa [para]...”
22	“...qu’era [que era] irmão de [do] mê [meu] pai, que foi pao [para o] Brasilhe [Brasil].”
22	“já nã [não] sei o nome daquilhe [daquilo]...”
22	“(...) pa [para] encher aquilhe [aquilo], pa [para] ficar quente...”
22	“... a casa e a escola tava [estava] alhi [ali] (...)”
22	“(...) qu’os [que os] brasilheires [brasileiros]...”
22	“... o Centre [Centro] Português 25 de Abirilhe [abril]”
22	“(...) e faziam um bailhe [baile] ali (...)”
22	“(...) aqui familha [família] (...)”
22	“... a pesquisa p’lo [pelo] mê [meu] nome de família [família] (...)”
23	“(...) e mais iste [isto] e mais aquilhe [aquilo].”
23	“(...) e peguei naquilhe [naquilo] e fui para casa.”
23	“ Aquilhe [aquilo] não dava nada (...)”
23	“(...) que aquilhe [aquilo] dá um trabalhão [muito trabalho].”
23	“Quer dizer, aquilhe [aquilo] podia-se [podíamos] (...)”
23	“(...) e amassava-se [amassávamos] aquilhe [aquilo] com uma coisinha [coisa/um pouco] de manteiga e leite.”

23	“Na construção civilhe [civil].”
23	“Chamava-se [chamavam] aquilhe [aquilo] em Francês...”
23	“(…) foi uma pessoa de grande familha [família] (…)”
23	“(…) aquilhe [aquilo] era um trabalhinho [trabalho].”
23	“(…) aquilhe [aquilo] e disse à minha chefe [chefe] (…)”
23	“Quando eles têm familha [família] (…)”
23	“(…) que imita aquilhe [aquilo] (…)”
23	“Sentia saudades da minha familha [família].”
23	“ Aquilhe [aquilo] [era] bem preparado (…)”
23	“(…) aquilhe [aquilo] foi uma casa de gente (…)”
23	“Espera que aquilhe [aquilo] coze (…)”
23	“ Aquilhe [aquilo] é mau come [como] as cobras.”
23	“(…) que aquilhe [aquilo] é uma amiga como minha irmã.”
23	“Que bom conhecer a familha [família].”
23	“Depois aquilhe [aquilo] a quem (…)”
23	“(…) ver se aquilho [aquilo] tá [está] a evoluir.”
23	“(…) que aquilhe [aquilo] era uma porcaria (…)”
23	“ Aquilhe [aquilo] era um chiqueiro (…)”
23	“(…) punha aquilhe [aquilo] dentre [dentro] da máquina.”
23	“ Aquilho [aquilo] é um pangeiro.”
23	“(…) uma vilha [vila/ville] a seguir.”
24	“... eles foram em família [família] (…)”
24	“(…) é uma lhimitação [limitação] (…)”
24	“(…) como... vigilhante [vigilante].”
24	“... é estilho [estilo]... é do mesmo estilho [estilo] (…)”

Como se pode ver, o exemplo “é uma *lhimitação* [limitação]”, não corresponde aos contextos especificados de vogal palatal anterior, mas sim depois, como é também o caso de *alhi* por ali.

b) Alteração ou supressão da vogal [u] no final da palavra

O fenómeno de substituição da vogal [u], no final das palavras, pela vogal central fechada ou a sua supressão, por estar numa posição fraca, é o fenómeno fonético que mais ocorre nos 24 informantes. Trata-se de um traço que, não sendo específico da variedade

madeirense, é característico desta, apresentando uma grande frequência, tanto no singular como nas formas do plural.

Na fala do informante 6, tal como na do informante 22, encontra-se a forma *coises* por *coisas*, e *coise* por *coisa*, em que também ocorre a alteração da vogal átona final, neste caso central e semiaberta, em fechada. O levantamento exaustivo das ocorrências registadas nos *corpora* encontra-se em apêndice (Ver Apêndice 8), por ser muito extenso.

c) Semivocalização do [s] em final de palavra

Informante #	Exemplo
1	“Se fosse doi [dois] dias (...)”
1	“... corremos [percorrer] a Ponta Delgada, ai [as] Lombadinhas (...)”
1	“Eu a ver ai [as] brasas no lari [lar].”
1	“Naquele tempo, oi [os] molhos...”
1	“(...) um bocado mai [mais] longe (...)”
1	“(...) eu mai [mais] [o] meu cunhado bebemos (...)”
1	“Foi lá oi [os] da rede (...)”
1	“Vamos render [substituir] oi [os] gajos.”
1	“(...) o saco de milho fazia mai [mais] volume (...)”
1	“(...) foi padrinho doi [dos] meus noivos [casamento] (...)”
1	“(...) subindo [a subir] ali debaixo ai [as] voltas (...)”
1	“(...) a corda mai [mais] grande [maior] (...)”
1	“(...) os preços nai [nas] redes.”
1	“ Tri [três] meses, tri [três] dias (...)”
3	“ Ai [Às] vezes, vinha-se... ia-se ai [às] vezes aqui pelo Caminho de Ferro fora... ai [ás] vezes ia-se pelo caminho dos Saltos...”
3	“ Ai [Ás] vezes ia-se p’lo [pelo], como é que se chama...”
3	“ Ai [Ás] vezes p’lo [pelo] Caminho do Monte.”
3	“... O senhor engenheiro ai [às] vezes mandava-me lá regar as flores e...”
4	“(...) e nunca mai [mais] me largou (...)”
4	“[Mai [mais] do que uma festa.”
5	“... tinha mai [mais] goste [gosto] (...)”
5	“(...) trabalhes [trabalho] mai [mais] depressa (...)”
5	“Porque eu trabalhei mai [mais] de 1 ane [ano] (...)”

10	“(…) a outra mercearia qu’era [que era] mai [mais] longe (…)”
10	“E o mê [meu] irmão queria uma bolachinha [bolacha] qu’era [que era] mai [mais] novinho [novinho/novo] (…)”
10	“(…) de [da] minha avó, mas mai [mais] [era] [o] meu pai.”
11	“… os mais velhes [velhos] dos mai [mais] moços [moços].”
12	“(…) as pessoas sejam um bocadinho [bocado] mai [mais] fechadas.”
17	“Foi mai [mais] complicado, porque o Rio de Janeiro é uma cidade (…)”
20	“Nessa altura, já tava [estava], távamos [estávamos] mai [mais] perte [perto]”
23	“Agora, já ã [não] trago mai [mais] nada.”

d) Síncopa da consoante [g] em contexto intervocálico

Não se verificou qualquer registo do fenómeno em epígrafe neste estudo de *corpora*.

e) Realização de <ou> como [wa]

Informante #	Exemplo
1	“O tal gajo marcoua [marcou] pao [para o] ... um domingo.”
10	“um bolinhe [bolinho/bolo] oua [ou] broazinhas [broas].”
10	“Já vinha p’ra [para] casa toda carregada oua [ou] com semilhas [batatas] oua [ou] com favas oua [ou] com ervilhas.”
10	“Sabia tocar viola oua [ou] rajão [machete] oua [ou] braguinha [cordofone mais pequeno que o machete]”
23	“E o meu pai pagoua [pagou] a viagem (…); “(…) não pagoua [pagou].”
23	“E, então, o meu avôa [avô] trabalhava na máquina a desbulhar o trigo.”
24	“...atrasei um boucade [bocado] (…); “(…) é um boucade [bocado] complicade [complicado].”

A realização fonética [wa] também ocorre em *avôa*, como se verifica na informante 23. Pois, embora a grafia seja diferente, corresponde ao som [o] que sofre ditongação em [wa]. Este traço fonético antigo só se encontra na fala dos informantes mais idosos do meio rural.

f) Ditongação do [u] tónico em [aw]

Informante #	Exemplo
4	“(…) surpresa tō [tão] boua [boa] (...)”
10	“(…) passar em casa de pessaoas [pessoas].”; “... as pessaoas [pessoas] que pedie [pediam] (...)”; “(...) numa patraua [patroa] que era professora (...)”
10	“Eu tinha patrauas [patroas] bauas [boas] em Sceaux.”
23	“(…) era mamar coisas bauas [boas] e não pagava.”

Além do contexto previsto, em *boucade* por *bocado*, a vogal átona [u] também parece sofrer ditongação, mas neste caso em [ow].

g) Harmonização Vocálica

Informante #	Exemplo
1	“e despois [depois] ternei [tornei/voltei] (...)”; “(...) que tinha feito comuigo [comigo].”; “(...) onde a gente [nós] dormuia [dormia/dormíamos] (...)”; “Vocês já bebera [beberam] meio luitro [litro] (...)”; “(...) à [é] que poinha [ponha] os preços (...)”; “(...) fomos pá [para a] sentencia [sentença].”; “(...) despois [depois] subi por acolá...”
4	“(…) mês feilhes [filhos], era aquela videinha [vidinha] assim...”; “(...) não se tinha a veida [vida]...”; “Era de meim [mim] (...)”; “E ele não se lembrava de meim [mim] (...)”; “E ele não se lembrava de meim [mim] (...)”

A ditongação de *comuigo*, *dormuia* e *luitro* é um fenómeno característico da variedade madeirense, que também ocorre em algumas áreas geográficas dos Açores, e que consiste na inserção, imediatamente antes da vogal acentuada, de uma semivogal com a mesma zona de articulação da vogal precedente, dando lugar à formação de ditongos crescentes (cf. Castro, 2001: 31). No caso de *luitro*, a harmonização vocálica é feita com a última vogal. Os casos de *feilhes*, *videinha*, *veida* e *meim* também traduzem a instabilidade da vogal acentuada. Como se pode constatar, esta ditongação ocorre na fala de apenas dois informantes: o 1, idoso e analfabeto do Curral das Freiras; e o 4, mulher com 63 anos e a 4.^a classe, também do Curral das Freiras.

1.3. Características do Português Popular

No registo oral dos indivíduos entrevistados, foi possível registar inúmeras variantes fonéticas características do Português popular, maioritariamente nos locutores com menor escolarização.

a) Assimilações

Informante #	Exemplo
1	“... Antão [então], já comprou um pãozinho [pão] (...)”; “E, antão [então], o caminho era...”; “(...) antão [então] ir s’embora (...)”; “E, antão [então], fomos s’embora [embora] (...)”; “E, antão [então], a gente [nós] (...)”; “E, antão [então], resolvi...”; “...buscar acolá ao Sarrado [Serrado] (...)”.
3	“(...) e acabei antão [então] lá (...)”
5	“ Antão [então], eu arranjei (...)”; “E, antão [então], ele passou-me (...)”; “(...) antão [então] eu vou mudar.”; “ Antão [então], graças a Deus (...)”; “E, na acasião [ocasião] (...)”
6	“(...) antão [então], iam pá [para a] fazenda (...)”; “(...) e, antão [então], eles iam (...)”; “ Antão [então], Maria José (...)”; “(...) antão [então], eu disse assim:”; “ Antão [então], foi assim eh...”; “ Antão [então], porque é que nã [não] queres?”; “Depois, antão [então]...”
7	“E ela, antão [então], ficou (...)”; “(...) eu, antão [então], adorei essa casinha [casa] (...)”; “ Antão [então], a... a cozinha (...)”; “Mas antão [então], nesse [nessa] pensão (...)”; “(...) e, antão [então], nã [não] havia máquina (...)”; “E, antão [então] a gente [nós] vai...”; “ Antão , chegamos [chegámos] a Mach...”; “ Antão [então], foi.”; “Deve ser na França, antão [então].”; “ Antão [então], em Saint-Malo (...)”; “(...)e, antão [então], o meu irmão (...)”; “E, antão [então], em 69 (...)”; “E, antão [então]..., mas ele só (...)”; “E, antão [então], ele lá arranjou (...)”; “E, antão [então], ele trabalhou lá...”; “ Antão [então], como eu já sabia (...)”; “(...) e antão [então] da Inglaterra.”; “E, antão [então], em Manchester, ah...”; “(...) antão [então] eu ia-me deitar.”; “E, antão [então], eu pa [para] (...)”; “Eu ia, e antão [então] (...)”; “(...) ou antão [então] vinha aqui a cima (...)”; “ Antão [então], a minha vida começou (...)”; “(...) e, antão

	[então], tivemos [estivemos] (...); “E, antão [então]...”; “(...) antão [então], comprámos uma maior (...); “ Antão [então], eu ainda...”; “ Antão [então], dois anos [anos] (...); “ Antão [então], esperámos (...); “(...) antão [então] eu fiquei grávida (...); “(...) e, antão [então], o mais nouve [novo] (...); “E, antão [então], ficámos p’l’amigues [pela/por amigos].”; “E, antão [então], eles todos os anos (...); “Eu gostava de ir, antão [então]!”; “ Antão [então], fomes [fomos].”; “(...) antão [então], ai [lá](...); “E, antão [então], como eu já (...); “... E, antão [então] (...); “(...) e, antão [então], o pouco italiane [italiano] (...); “E, antão [então], como a Amália (...); “Ah...ah... antão [então], telefonava (...); “...Eu, antão [então], fale [falo] (...); “ Antão [então], esse (...); “ Antão [então], a gente (...); “(...) Antão [então] o... quem fez a planta (...); “(...) ao pé do cimitério [cemitério]”
8	“ Prefiria [preferia] ver pessoas diferentes (...)
10	“(...) antão [então] pa [para] passar (...); “E, antão [então], ele a [é] que (...); “E, antão [então], se a gente (...); “(...) antão [então], de Aron (...); “Ele tava [estava]... antão [então] (...); “(...) antão [então], eles davem [davam] (...); “(...) antão [então], foi [foram] (...); “E, antão [então], e antão [então], a gente (...); “Depois antão [então], o dator [doutor] (...); “(...) e, antão [então] às vezes (...); “Não, é mais pichibeques [pechisbeque] (...); “(...) cachorrinho [cachorro] píquininho [pequeninho/pequeno] (...); “(...) eles dezere [dizerem]...”; “Olha, ia dezende [dizendo] (...)
11	“(...) antão [então], pagaram pa [para] entrar em França (...); “E, depois, antão [então] (...); “Eles, antão [então] (...); “ Antão [então], chamava pao [para o] telefone.”
17	“ Antão [então], não namoravam (...); “(...) e depois o minino [menino/filho mais novo] (...).
18	“ Antão [então], foi fácil arranjar.”
19	“(...) atra [outra] vez sem trabalho.”; “ Dessemos [dissemos]: “Não! Vamos p’ra [para] lá.”
22	“(...) e, antão [então], [a] minha mãe disse.”; “(...) antão [então], fui lá pa [para] (...); “É deferente [diferente] às vezes (...); “(...) qu’era [que era] deferente [diferente] (...); “São... são deferentes [diferentes] (...)
23	“Ah, pois, antão [então].”; “E, antão [então], ela marcou (...); “ Antão [então], deixei os meus filhos (...); “E, antão [então], ela disse...”; “E, antão [então],

	eu vou ir (...); “E, antão [então], ela à tarde (...); “ Antão [Então], eu já chamei (...)”
24	“E, antão [então] surgie [surgiu] a possibilidade (...); “(...) ia passare [passar] um memente [momento] (...).”

b) Dissimilações

Informante #	Exemplo
1	“(...) aqui à espera deli [dele] (...); “(...) almoçar mais [com] a genti [gente] (...); “Nã [não] se dezia [dizia] não obrigade [obrigado] (...); “(...) morteficava-me [mortificava-me/massacrava-me] como um desgraçado.”; “(...) carregados dentro da redi [rede].”; “(...) eu tiver dinheiro desti [deste] (...); “(...) postas de sanguí [sangue]...”; “(...) ca [com a] fomi [fome] (...); “(...) longe deli [dele] (...).”
3	“... não podia levar píquenos [pequenos], crianças pra [para] lá (...); “Os píquenos [pequenos] eh... ((emoção/choro))”; “Havia píquenos [pequenos] da escola madeirense (...); “Até tinha lá as minhas píquenas [pequenas] e os meus píquenos [pequenos] e nunca foram fora com píquenos [pequenos] madeirenses e havia...”; “Eu só dezia [dizia] (...);
6	“(...) e o píquene [pequeno] ia (...); “(...) a píquena [pequena] ia pao [para o] (...); “... fiquei pa [para] ter a píquena [pequena] (...); “(...) cuidava dos píquenines [pequeninos/bebés] (...); “E, depois, quando os píquenes [pequenos] vinham ah...”
7	“Eh...eh... teve [tive] lá mais 2 anos (...); “(...) e uma filha píqueninhos [pequeninhos/pequenos](...); “(...) [a] minha mãe dezia [dizia]:”; “E o dono da mercearia dezia [dizia]:”; “eh...eh... pequíninhos [pequeninhos/pequenos] (...); “(...) foi [foram] muito [muito] deficeis [difíceis] (...).”
8	“(...) quando era píquena [pequena] (...); “(...) a minha irmã mais píquena [pequena] (...).”
10	“Eu dezia [dizia] assim:”; “O vezinhe [vizinho] que era (...); “(...) e dezia [dizia] pa [para] ela (...); “(...) ela tinha 2 píquenos [pequenos]: um era Thierry e a píquena [pequena] acho que era... Linda.”; “E a píquena [pequena] era a mais pequena (...); “(...) eles dezie [diziam] (...); “(...) os vezinhos

	[vezinhos] não tavam [estavam] (...); “As vezinhas [vizinhas] já dezie [diziam] (...).”
15	“O que os píquenes [pequenos] fazem (...);
17	“(…) foi construindo a casa onde a genti [gente/nós] cresceu [crescemos]”.
19	“(…) Bruno dezia [dizia] assim... eu dezia [dizia] (...); “... numa casa mais píquena [pequena] (...)”
21	“(…) eu dezia [dizia] (...)”
23	“Era assim uma píquena [pequena].”; “(…) eu dezia [dizia] (...)”; “(…) mas as minhas vezinhas [vizinhas] (...)”; “(…) ajudar à [a] vezinha [vizinha].”; “A minha mãe tinha, os vezinhos [vizinhos] (...)”; “... as vezinhas [vizinhas] não podie [podiam] (...)”; “E casa vezinha [vizinha] trazia (...)”; “Os vezinhos [vizinhos] tinham [tinham] (...)”; “(…) assim paos [para os] píquenos [pequenos] (...)”; “(…) os píquenos [pequenos] não vão morrer (...)”; “(…) meu marido veio buscar os píquenos [pequenos] (...)”; “E, então, tinha uma vezinha [vizinha] (...)”; “(…) era um píqueno [pequeno] novo, bonito (...)”; “Os mais píquenes [pequenos] já não quiseram.”; “Por exemplo, os píquininhos [as pequenas] tostos [tostas], era [eram] aquelas píquininhas [pequeninhas/pequenas] (...)”; “(…) que tá [está] estudando pa [para] datora [doutora/médica] em Lesboa [Lisboa].”; “(…) os netos deziem [diziam] (...)”; “Ah, credo, estes píquenes [pequenos/miúdos] (...)”; “Um “inção” é um píquininho [pequeninho/coisa pequena] (...)”

c) Outras Alterações Vocálicas

Informante #	Exemplo
1	“(…) falou-me para eu ir à Boavintura [Boaventura] com ele.”; “(…) ir mais [com] ele a São Vicenti [Vicente] (...)”; “...acolá...ao Pico Grandi [Grande] (...)”; “...Nossa Senhora ajudou-mi [ajudou-me] (...)”; “Quatro horas da tardi [tarde] e eu tava [estava] em jejum conformi [conforme/como] (...)”; “(…) que eu trouxi [trouxe] (...)”; “e depois [depois] ternei [tornei/voltei] (...)”; “(…) vou deixar uma fragonete [furgonete] (...)”; “Olha vacês [vocês] que paguem (...)”; “(…) deitar borage [beberagem] ao porco.”; “(…) era só tirar gadelha [guedelha] do cachorro.”; “(…) não se tinha nada, nem um testaozinho [tostãozinho/tostão/moeda] (...)”; “... aquele mirador [miradouro] (...)”; “ Aguantei [aguentei/fiquei] lá quatro anos.”; “(…) e bubumos [bebemos]

	(...); “(...) o senhor Soisa [Sousa] (...); “(...) ofereceu-me o vunhe [vinho] (...); “(...) o doutor Punti e Leça [Ponte e Leça]; “É uma volta grandi [grande]...”; “(...) que ele míteu [meteu] (...); “(...) tem aquele restauranti [restaurante] (...); “(...) postas de sanguí [sangue]...”; “(...) ca [com a] fomi [fome] (...); “(...) pa [para] adianti [adiante] fazer nada (...); “(...) o meu nomi [nome] (...).”
3	“... apois [depois] cheguei lá ((risos)).”; “(...) e depois fui de camboio [comboio] daqui para uma parte (...).”
4	“e as minhas ermãs [irmãs] ... só, só tinha duas ermãs [irmãs]...”
5	“(...) lá um pelícia [polícia] (...); “(...) Andaia [Hendaya], fronteira (...); “(...) nã [não] sabem axplicar [explicar] (...); “E chegarem [chegaram] a Lesboa [Lisboa] (...); “(...) pa [para] Lesboa [Lisboa] d’avião [de avião] (...).”
6	“(...) ir s’imbora [embora].”
10	“(...) eu fazia cuma [como a] minha mãe”; “(...) grão-de-bico e coive [couve] (...); “(...) pagar o táxe [táxi] (...); “(...) gente fosse apanhades [apanhados] pela poliça [polícia] (...); “(...) o meu nome já de Soisa [Sousa] ficou pa [para] trás...”; “(...) a minha mãe lhe deu a trambosa [trambosa] (...); “Ai Jasus [Jesus]...”; “Ele disse: “ espirador [aspirador]”; “Pa [para] poipar [poupar].”; “(...) abafadinha [abafada] no xales [xales] (...); “de lençoles [lençóis] e a minha roupa (...); “(...) trazer um reloge [relógio] (...); “ Vacês [vocês] nã [não] têm juízo (...); “Pa [para] tramoços [tremoços].”; “(...) é urza [urze] ou loureiro (...); “E tinha Maio na câmbra [Câmara] (...); “(...) fui à Câmera [Câmara] e disse (...); “(...) chegámos a Lesbaao [Lisboa] (...); “(...) cá conhecia Lesbaao [Lisboa] (...); “(...) a tropa foi toda em Lesbaao [Lisboa].”; “(...) a minha avó fazia um brندهiro [brindeiro] a cada neto (...); “(...) era aquele brندهirinha [brindeirinho/brindeiro] (...).”
17]”; “(...) falando di [de] mim?”; “...isso tem [há/existe] à vontadi [vontade] e...”; “... sempre jogou numa equipe [equipa] di [de] futebol (...).”
19	“(...) faço bastantas [bastantes] horas.”
20	“Fore [foram] pa [para] Lesboa [Lisboa] (...); “Eh... eu tereí [tirei] o <i>Bac</i> (...);
22	“(...) que vem eu vim cá a Mádeira [Madeira]; “Foi uma das mamória [memória] (...); “(...) tem tantes [tantos] mesquites [mosquitos] (...);

23	<p>“Uuuuh, jasus [Jesus].”; “Iiii, jasus [Jesus]!”; “Dava-me de cana bumbum [bambu] na cabeça.”; “E eu ponha-me [punha-me] a ler(...)”; “(...) prendia [prender/tomava] o camboio [comboio] (...)”; “(...) num camboio [comboio], acredite que foi triste.”; “Foi e lá tomámos o camboio [comboio] pa [para] ir pa [para]...”; “Ia-se [íamos] de camboio [comboio], camboio [comboio]”; “Piquininhos [pequeninos/pequenos]...”; “(...) que tá [está] estudando pa [para] datora [doutora/médica] em Lesboa [Lisboa].”; “Um “inção” é um piquininho [pequeninho/coisa pequena] (...)”.</p>
24	<p>“...acharam interessante [interessante] (...)”; “(...) e nos vimos [vemos] obrigades [obrigados] (...)”; “(...) com... Lesboa [Lisboa].”.</p>

d) Metáteses ou Troca de Posição dos Sons ou das Sílabas na Palavra

Informante #	Exemplo
1	“Vou deixar uma fragonete [furgonete]”
10	“(...) ao Antoine [António] da Achada.”; “(...) tava [estava] nevrosa [nervosa], era nevrosa [nervosa] como... era nevrosa [nervosa]...”; “(...) ele era de Galua [Gaula] (...)”
11	“pa [para] acratar [acartar/carregar] (...)”
19	“(...) sem folga, dromir [dormir]...”

Geralmente, são as pessoas idosas, dos meios rurais, menos escolarizadas, que apresentam este traço fonético, no entanto, aqui temos uma ocorrência da informante 19, adulta, com o 9.º ano de escolaridade, do Porto Santo.

e) Rotacismo ou Alteração Consonântica do [l] em [r]

Informante #	Exemplo
10	“[O] mê [meu] pai prantava [plantava] (...)”; “(...) poço do “Calista” qu’era [que era] o narcente [nascente] (...)”

No que se refere a este traço fonético, ocorreu apenas na fala da informante 10, a mais idosa das amostras, surgindo também a alteração do -s- em -r- (narcente por nascente).

f) **Introdução de Vogais no Meio das Palavras para desfazer grupos consonânticos**

Não se observou nenhum exemplo deste fenómeno característico do Português Popular.

g) **Prótese ou Adição de uma Vogal no Início da Palavra**

Informante #	Exemplo
1	“ Alevantado [levantado] às quatro.”; “Cheguei a assubuir [subir], isso foi a assubuir [subir] (...)”; “E, adespois [depois] (...)”; “(...) aquase [quase] que ninguém (...)”; “(...) é só se ajuntar [juntar] os dois (...)”; “(...) ajuntámos [juntámos], casámos.”.
3	“(...) quando se arrecebia [recebia] dinheiro (...)”; “(...) adepois [depois] já não havia dinheiro (...)”; “Quando, donde [onde] se volta ali na esquina...”; “... a minha filha nasceu na Fajã da Ovelha, lá donde [onde] eu tava [estava] trabalhando...”; “A filha dele morava naquela quinta donde [onde] agora (...)”; “(...) ela tinha as duas crianças, adepois [depois] teve o Zé, que é (...)”; “(...) adepois [depois] mandava um permit [uma autorização] (...)”; “(...) arrecebia [recebia], aceitava a gente...”; “(...) alguma coisa adonde [onde] ganhasse (...)”; “(...) e trabalhei adepois [depois], [daí] pra [para] cá (...)”; “E adepois [depois] ia ter sempre...”; “(...) mas adepois [depois] aquelas companhias (...)”; “E, mas, adepois [depois], por qualquer motivo (...)”; “ Adonde [onde] eu vivia (...)”; “Mas, adepois [depois], eles acostumaram-se (...)”; “(...) já tinha que se assujeitare [sujeitar].”.
5	“ Adepois [depois], a minha mãe (...)”; “(...) adepois [depois], eu já tava [estava] (...)”; “... ela tava inciente [ciente].”; “ Aonde [Onde] é que vames [vamos]?”; “(...) que assosseguei [sosseguei/fiquei].”; “(...) adepois [depois], além (...)”; “E, adepois [depois], eu...”; “(...) as coisas ao encontrário [contrário] (...)”; “... arespondere [responder] uma coise [coisa] (...)”; “... adepois [depois], a coise [coisa] passou-se.”
6	“(...) adepois [depois] eh...eh...”; “... adepois [depois] viemes [viemos] (...)”; “ Asentia-me [sentia-me] muita [muito] feliz (...)”; “(...) adepois naquela altura (...)”; “ Adepois [depois], eu tinha eh...”; “(...) adepois [depois] ah...ah...”; “(...) e adepois [depois] fui trabalhar (...)”; “ adepois [depois], só começou ah...”; “(...) e, adepois [depois], eles dizem [disseram] (...)”; “(...) adepois

	[depois] lá no colege [colégio] (...); “e, adepois [depois], eh...eh... eles tinham (...); “ Adepois [depois], fui habituar [habitando-me].”; “eh... arresponder [responder] a isse [isso] (...); “... adepois [depois] eu fui...”; “eh... adepois [depois] co...convivia (...); “ Adepois [depois] tinha outres [outros] (...); “(...) adepois [depois], ia me embora outra vez (...); “ Adepois [depois], a piquena [pequena] (...); “ Adepois [depois], come [como] a gente (...); “Bom, adepois [depois], as coises [coisas] (...); “E, adepois [depois], foi assim.”; “ Adepois [depois], adepois [depois], ajudava também lá na...”;
7	“... qu’ adepois [que depois], dali a...”; “... Dantes [antes], eu vinha de 2 em 2 anes [anos] (...)”
10	“(...) adepois [depois], ia despejar.”; “ Adepois [Depois], então, foi (...)”; “(...) adepois [depois], eles (...)”; “E, adepois [depois] (...)”; “(...) mas adepois [depois], aonde [onde] é que eles (...)”; “(...) antão [então], [o] meu cunhado (...)”; “... aonde [onde] a gente ia (...)”; “(...) adepois [depois] quero bordar (...)”; “Gosto e, adepois [depois] (...)”; “(...) e, adepois [depois], deixei cozer (...)”; “E, adepois [depois], eu recebia uma pensão (...)”; “Já não recompensa [compensa].”; “Mas, adepois [depois], quando (...)”; “e, adepois [depois], fomos pao [para o] Porto (...)”; “ Adepois [depois], levantou-se (...)”; “ Adepois [Depois], fomos [fomos] (...)”; “... Na Espanha, adepois [depois], ele foi pa [para] um café aonde [onde] (...)”; “ Adepois [Depois], na [em] Espanha (...)”; “(...) e adepois [depois] pa [para] se ir (...)”; “E, adepois [depois], eu não sabia (...)”; “Foi então que, adepois [depois] (...)”; “(...) adepois [depois], vinha na outra de cima, adepois [depois] (...)”; “ Adepois [depois], ela disse que sim.”; “ Adepois [depois], eu ia (...)”; “Mas, adepois [depois], a gente conhecia...”; “E, adepois [depois], lá fazia-se [fazíamos] (...)”; “Bom, e adepois [depois], eu tinha (...)”; “(...) adepois [depois], eu lia uma coisa (...)”; “E, adepois [depois], o...a mãe dizia (...)”; “(...) a gente adepois [depois] passa (...)”; “E, adepois [depois], ela dava os bilhetes (...)”; “(...) mas, adepois [depois], já ponha...”; “(...) sabia tocar gaita, mas adepois [depois] já ...”; “E, adepois [depois], o jantar (...)”; “(...) adepois [depois] que aquele gale [galo](...)”; “(...) elas dependurave [penduravam] (...)”; “ Alevanta-te [Levanta-te]!”; “(...) eles afretavem [fretavam]...”
11	“(...) adepois [depois] embarcaram (...)”; “E, adepois , a outra vezinha [vizinha] (...)”; “Eh...e, adepois , essa vizinha (...)”.

13	“Só que ade pois [depois] (...)”; “E, ade pois [depois], há (...)”; “ Ade pois [depois], após um período (...)”;
19	“(…) só que, ade pois [depois] (...)”; “era duro, era duro e, ade pois [depois] (...)”
20	“ Alembra-me [Lembra-me] do meu avô (...)”;
21	“(…) eu vim, edepos [depois], uma vez ao Porto Santo (...)”
22	“(…) a minha mãe achamou [chamou] (...)”; “(…) e, ade pois [depois], queria ir p’ra [para] lá (...)”; “(…) que eu fosse lá dantes [antes] (...)”; “(…) Irlanda pa [para] assossegar [sossegar] (...)”; “E dantes [antes] nã [não] era assim, dantes [antes] era mais (...)”; “(…) basta só amostrar [mostrar] (...)”; “(…) dantes [antes] era tude [tudo] eh...”; “(…) dantes [antes], antigamente, era carne.”
23	“ Assente-se [sente-se] que eu vou fazer (...)”; “Ela abaixou [baixou], sim, sim.”; “(…) ajuntar [juntar] aquelas belotinhas [bolotinhas/bolotas] (...)”; “(…) ajuntava-se [juntava-se] aquelas bolotas [bolotas] (...)”; “Ela era daonde [de onde?]”; “(…) aonde [onde] ela tá [está] (...)”; “(…) tinha que assubir [subir] (...)”; “(…) dantes [antes] eles nã [não] ganhavam.”; “ Ajunta [junta] que tá (...)”; “Em [Na] casa donde [onde] eu trabalhava (...)”
24	“(…) um pouque [pouco] desrespeituosa [desrespeitosa] que eh...”; “ Ade pois [depois], tenho (...)”

h) Epêntese ou Adição de Som no Meio da Palavra

Informante #	Exemplo
1	“e despois [depois] ternei [tornei/voltei] (...)”; “(…) à [é] que poinha [ponha] os preços (...)”; “(…) fomos pá [para a] sentencia [sentença].”; “(…) despois [depois] subi por acolá...”
5	“... tudo o que podia desclarar [declarar], desclarava [declarava] (...)”
23	“Sim, é uma desgrácia [desgraça].”
24	“(…) despois [depois] eh... mais tarde (...)”; “... menos respeituosa [respeitosa].”

i) Nasalizações

Informante #	Exemplo
10	“(...) porque encomonizei [economizei] a água.”

Como se pode observar, foi registrada apenas uma ocorrência deste fenómeno fonético, na fala da informante mais idosa.

j) Desnasalizações

Informante #	Exemplo
1	“(...) os bezerrinhos [bezerros] cansave [cansavam-se].”; “(...) viere [vieram]...”; “Eles leve [levam]”; “Vocês já bebere [beberam] meio luitro [litro] (...); “Eles vinhe [vinham] com a mania (...); “(...) assim ainda aumentí [aumentam]...”; “(...) levar alguns almoços, pá [para a] sarrage [serragem] (...); “...eles pendere [penderam]...”; “Já me abrيره [abriram] a porta.”; “(...) no princípio queriu [queriam] (...); “Olha, aqui//ho [aquilo] pegare [pegaram/começaram] (...); “(...) eles deitare [deitaram] postas (...); “(...) o que tinhe [tinham] feito (...); “(...) pagave-me [pagavam-me] dois tostões (...); “(...) depois encontrare-me [encontraram-me] (...); “(...) prendere-me [prenderam-me] dentro de casa (...); “(...) chame [chamam] Três Barreiros (...)”
2	“(...) porque eles prometie [prometiam] coisas (...).”
3	“ Tivere [tiveram]...”; “(...) das pessoas que ie [iam] não sabiam (...); “Se os outros fore [foram] que não sabiam falar (...); “Os navios pagave [pagavam] mais ou menos, sim.”; “Era porque eles pagave [pagavam], o mês qu’a [que a] gente tava [estava] de descanso, eles pagave [pagavam].”; “(...) ere [eram] pessoas ricas...”; “As pessoas tave [estavam] ali, levave [levavam] quem querie [queriam]...”; “(...) fazie [faziam] a volta ao mundo...”; “...Eles ie [iam] daqui pra [para] Hong Kong.”; “Outros ie [iam] daqui prao [para o] Brasil, tomave [tomavam] o barco no Brasil e depois ie [iam] pra [para] Hong Kong (...); “Os chineses ere [eram]...”; “(...) e eles trouxere [trouxeram] (...); “Depois começare [começaram] a fazer (...); “(...) já não quisere [quiseram] saber da capitania...”; “(...) eles ie [iam] às Filipinas, tomave [tomavam] 100 ou 200...”; “... eles trabalhave [trabalhavam] por 6 meses e depois levave [levavam] (...); “Quer dizer, não dave [davam] nem um dia de off (...); “ Ganhave [ganhavam] aquele...”; “Quando chegave [chegavam] às Filipinas com 2, 300 dólares, ere

	[eram] reis.”; “Nas Filipinas, ere [eram] <i>riques</i> [ricos].”; “(...) os padres, dize [dizem] (...); “(...) e elas dave [davam] a resposta (...); “Porque elas não consegue [conseguiram] pronunciar (...); “ (...) já tinhe [tinham] saíde [saído].”; “(...) mas tave [estavam] em diferente [diferentes] classes...”; “(...) paguei a passage [passagem] (...))”
4	“(...) e dizie [diziam] que as ervas (...))”
5	“(...) que ie [iam] pedir (...); “(...) pagar a passage [passagem] (...); “(...) mas já fore [foram] (...); “(...) eles arranjare-se [arranjaram-se]...”; “ Passare [passaram] as coise [coisas] (...); “(...) eles prendie [prendiam] (...); “(...) vire-se [viram-se]...”; “(...) eles já sabie [sabiam] (...); “Por vezes, me explicave [explicavam-me] (...); “(...) eles pagave [pagavam] (...))”
6	“(...) conhecie [conheciam] um casal (...); “(...) eles dissere [disseram] (...); “(...) qu’eles [que eles] comiam, bebie [bebiavam]; “(...) pessoas que me estimave [estimavam] ah...”; “(...) eles aceitave [aceitaram] (...); “eh... eles respeite [respeitam] (...))”
7	“(...) eles tave [estavam] (...); “(...) eles já conhecie [conheciam] (...))”
10	“(...) eles fazie [faziam] (...); “(...) depois, metie [metiam] (...); “(...) eles comie [comiam] isso.”; “(...) que elas dizie [diziam] (...); “(...) os garotes [garotos] ie [iam] pá [para a] escola (...); “... as <i>pessoas</i> [pessoas] que pedie [pediam] (...); “(...) que eles falave [falavam] (...); “(...) eles ie [iam] (...); “(...) eles repetie [repetiam] (...); “(...) eles morave [moravam] nem onde (...); “(...) que os patrões pagave [pagavam] (...); “(...) chamave [chamavam] o <i>récit piser</i> (...); “(...) eles dare [darem] um quarto (...); “(...) eles me pagave [pagavam] a 5 euros (...); “(...) os meus filhos como ie [iam] à França (...); “(...) ã ie [iam] de assalto (...); “(...) que não roubave [roubavam] (...); “(...) eles dezere [dizerem]...”; “(...) deixave [deixavam] um bilhete (...); “(...) que elas tirave [tiravam].”; “(...) 2 raparigas da Madeira que fore [foram] à sorte (...); “(...) o que eles precisave [precisavam] (...); “(...) elas calhave [calhavam] a chegar vie [viam] (...); “Uns tocave [tocavam] castanholas (...); “Eles ie [iam], por exemplo...”; “Dia Natal vinhe [vinham] (...); “(...) já chegave [chegavam] a casa às 5 horas.”; “(...) que eles chamave [chamavam] de 12 galões.”; “... e fazie [faziam] assim (...); “(...) dave [davam] um pãozinho [pão] a cada um (...); “(...) matave [matavam]...”; “(...) eles dare [darem] doces...”; “(...) dividie [dividiam] paos [para os/ pelos 4]

	(...);“(...) elas dependurave [penduravam] (...); “(...) aproveitave [aproveitavam] como era vinha (...); “(...) apanhave [apanhavam] (...); “(...) eles brigave [brigavam] os dois.”; “(...) é que fore [foram] os padrinhos (...); “ Pusere-se [puseram-se] a cantar (...); “(...) vinhe [vinham] de Machique, fazie [faziam] a viage [viagem]...”; “Ah, na bagage [bagagem] (...); “(...) elas mandave [mandavam] (...); “... era um home [homem] e vinhe [vinham] (...); “(...) é que dissere [disseram] a água de João Paulo (...); “(...) ladrões que roubave [roubavam] (...); “(...) deitave [deitavam] petróle [petróleo] e enchie [enchiam], fazie [faziam] uma grande...”
11	“Os mês [meus] pais trabalhave [trabalhavam] na terra (...); “(...) fore [foram] pa [para] [a] Venezuela.”; “(...) eles fore [foram] p’ra [para] casa (...); “(...) arranjare [arranjaram] trabalho (...); “(...) contave [contavam] e dizie [diziam] (...); “(...) eles olhave [olhavam], eles dizie [diziam] (...); “(...) eles chegave [chegavam] à escola e dizie [diziam] (...); “(...) eles tinhe [tinham] de frutos (...); “(...) eles ie [iam] coise [coisa].”; “... já os do Porte [Porto] falave [falavam]...”; “(...) eles metie [metiam]; “Mas eles continue [continuam] sempre ah...”; “(...) se importe [importam] (...); “(...) eles fore [foram] metende [metendo] uma coisinha [coisa /um pouco] (...); “(...) eles também dave [davam] muita pensão (...); “qu’eles [que eles] pense [pensam]”; “(...) que andave [andavam] lá (...).”
19	“(...) dos ingleses dizere [dizerem] eh...”; “e alguns deles não acabave [acabavam] os cursos.”
20	“Eles arranjave [arranjavam] aqueles (...); “... querie [queriam] sair.”; “ Fore [foram] pa [para] Lesboa [Lisboa] (...); “(...) foi recuperar os que saie [saíam]...”; “eh... eles achave [achavam] (...).”
21	“ arranjare [arranjaram] isso...”;
22	“(...) elas falave [falavam] sempre (...); “... e todes [todos] pensave [pensavam] (...); “Eles pensave [pensavam] que tinha...”; “(...) qu’eles [que eles] fizere [fizeram].”; “Eles entrave [entravam] às 9 (...); “... mandare-me [mandaram-me] trabalhar (...); “Eles dizie [diziam], já me dave [davam] (...); “(...) E, então, eles aprendere [aprenderam] sempre.”; “(...) que eles ie [iam] p’ra [para] lá (...); “(...) limpave [limpavam] o mate [mato] (...).”

23	“(…) ere [eram] pouques [poucos].”; “(…) eles chame [chamam] tanarifas [bogangas].”; “(…) vinhe [vinham] ajudar.”; “... as vezinhas [vizinhas] não podie [podiam] (...)”; “Não tinhe [tinham] forno.”; “(…) e o filho e fizere [fizeram] um forno.”; “(…) os meus irmãos ie [iam] buscar (...)”; “E os meus irmãos fore [foram] (...)”; “(…) os 2 maiores, que tinhe [tinham] 9 e 10.”; “(…) e eles brincave [brincavam] mais [com] os outros (...)”; “(…) os meninos já fore [foram] pá [para a] escola.”; “(…) que eles gostave [gostavam] (...)”; “(…) nã [não] gostave [gostavam] (...)”; “Passámos uma viage [viagem] tão reles.”; “Eles já viere [vieram] aqui ver (...)”; “(…) que fore [foram] me trazendo (...)”; “(…) ie [iam] pregadinhas [pregadas] (...)”; “(…) fore [foram] pa [para] (...)”; “(…) elas diziem [diziam]: “;“Eles nã [não] sabie [sabiam] (...)”; “(…) onde eles [os lençóis] tave [estavam] :”;
----	--

Das ocorrências registadas deste fenómeno fonético, verifica-se que a grande e quase exclusiva frequência corresponde a alterações das terminações verbais da 3.^a pessoa do plural.

k) Monotongações

Trata-se de um fenómeno fonético muito frequente que ocorre exclusivamente com as formas *nã* de *não*, *mê/mês* de *meu/meus* e *ê* de *eu*. A listagem das respetivas ocorrências encontra-se em apêndice (ver Apêndice 8).

l) Paragoge de Vogais no Final das Palavras Terminadas por Consoantes

Informante #	Exemplo
1	“(…) já comecei a iri [ir] o [ao] Funchale [Funchal].”; “(…) como diz o outro, a sangrari [sangrar].”; “Eu mandei vocês esperari [esperar/esperarem] (...)”; “Nesse lugare [lugar], eu fui sempre (...)”; “(…) mandou prepari [preparar] (...)”; “... que apertava solí [sol] (...)”; “(…) eu comeri [comer] (...)”; “(…) foi ele ou a mulheri [mulher].”; “(…) comecei a trabalhari [trabalhar] ...”; “(…) peguei [comecei] a trabalhare [trabalhar].”; “(…) eu falari [falar]?”
2	“A gente procura buscare [buscar] (...)”.

4	“Ele chegou a tentare [tentar] (...)”; “Ele chegou a pedire [pedir] dinheire [dinheiro] pa [para] ire [ir] (...)”; “(...) e a seguire [seguir] a língua.”
5	“(...) era obrigatorie [obrigatório] andare [andar] na escola.”; “(...) vontade [de] aprendere [aprender].”; “... pa [para] ganhare [ganhar] (...)”; “(...) p’la [pela] parte da mulhere [mulher] (...)”; “(...) se pode falare [falar] (...)”; “É melhore [melhor]...”; “(...) que usare [usar] aparelhe [aparelho].”; “(...) trabalhare [trabalhar] na terra (...)”; “(...) pa [para] pagare [pagar] a casa (...)”; “(...) arranjei passadore [passador].”; “(...) melhore [melhor] do que aqui.”; “(...) ficare [ficar] sem o dinheire [dinheiro].”; “(...) sim senhore [senhor] (...)”; “(...) o senhor chegare [chegar] (...)”; “(...) a espantare [espantar], qu’a [que há] pessoas (...)”; “(...) vir buscare [buscar] as pessoas (...)”; “(...) a um lugare [lugar] eh...”; “(...) de olhare [olhar] e coise [coisa] (...)”; “(...) pa [para] mudare [mudar] a vida (...)”; “(...) fomes [fomos] andare [andar] (...)”; “(...) que pagare [pagar] a passagem (...)”; “(...) sem arranjare [arranjar] trabalho.”; “(...) toca a mudare [mudar] (...)”; “(...) fazere [fazer] roupa (...)”; “(...) para ganhare [ganhar] mais (...)”; “(...) isto sarar melhore [melhor] (...)”; “Ela aprendeu a fazere [fazer] (...)”.
6	“(...) nã [não] pode guardare [guardar] a casa (...)”; “Eu vou pôre [por] (...)”; “(...) foram-me buscare [buscar] (...)”; “(...) era à beira- mare [beira-mar]”; “(...) a entrare [entar] naquela estrada (...)”; “(...) olhare [olhar] e ah...”; “(...) via-se sempre o mare [mar] (...)”; “...naquele lugare [lugar] que tive (...)”; “...com eles eh...eh... comere [comer] (...)”; “(...) que ia trabalhare [trabalhar] (...)”; “É multe [muito] deficile [difícil] de eh...”; “ caminhare [caminhar/caminharmos/partir] e deixare [deixar/deixarmos] tude [tudo] (...)”; “(...) vai-se [vai/vamos] corrigire [corrigir], que é pa [para] tu saberes falare [falar] (...)”; “(...) é multe [muito] deficile [difícil] de encontrar (...)”; “(...) eles me vinham me buscare [buscar] (...)”; “Bom, no comere [comer] (...)”; “eh...cá o comere [comer], nã [não] gosto de fazer comere [comer].”; “eh... deficile [difícil] assim (...)”; “(...) qu’eles [que eles] iam passare [passar] (...)”
7	(...) ela foi pao [para o] Funchale [Funchal] (...)”; “(...) [à] casa dessa senhora, no Funchale [Funchal] (...)”; “(...) eles fizeram a sua casinha [casa] no Funchale [Funchal] (...)”; “ah... ajudare [ajudar] a lavar a loiça eh...”; “(...) naquele lugare [lugar] (...)”; “(...) tinha dois quartos [quartos] de dormire [dormir].”; “(...) quilho [quilo] de açucare [açúcar].”; “... era tude [tudo] o mare [mar], era perte [perto] do mare [mar] e eu adorava o mare [mar].”; “(...) de manhã [e] vê-se o mare [mar].”; “O mare [mar], p’ra [para] mim (...)”; “(...) fomos no Funchale [Funchal]

	(...); “O Funchale [Funchal] era um (...); “ Funchale [Funchal] eh...eh... Funchale [Funchal].”; “(...) é que é mais difficile [difícil] (...); “(...) e vão jantare [jantar] fora (...); “Não há mare [mar] (...); “(...) e aqui vê-se o mare [mar] (...); “(...) não há mare [mar] (...); “(...) eu fuie [fui] pa [para] Jersey...”; “(...) eu podia tomare [tomar] banhe [banho] (...); “(...) dare [dar] dinheire [dinheiro] o...”
10	“(...) eles aquecere [aquecer] (...); “(...) cada qual o seu comere [comer].”; “(...) eles comie [comiam] isso.”; “(...) eles chegare [chegarem] (...); “(...) se eles trazere [trouxerem] a ferre [ferro]...”; “Eles aprendere [aprenderam] (...); “(...) eles tivere [estiveram] (...); “(...) os outres [outros] aprendere [aprenderam].”; “(...) e ere [eram] conhecidas (...); “(...) eles dare [darem] um papel (...); “(...) que viere [vieram], alguns (...); “Quando eu vim, dere [deram] (...); “(...) ela s’ ire [ir] embora (...); “(...) eles viere [vieram] s’imbora [embora].”; “(...) acabare [acabaram](...); “(...) perguntare [perguntaram]....”; “(...) tirave [tiravam] o chapéu (...); “(...) e batie [batiam] no peito (...); “(...) sentie [sentiam] levantar a Deus (...); “(...) gente [nós] comere [comer/comermos] (...); “(...) fazenda plantare [plantar] rama (...); “(...) fazere [fazer] pá [para a] ceia (...); “(...) buscare [buscar] milhe [milho] (...)”
11	“(...) aqui trabalhare [trabalhar] nas terras (...); “(...) ia buscare [buscar](...); “(...) ia pensare (...); “(...) ire p’ra [para] lá (...); “(...)no mesmo lugare [lugar] (...); “(...) comere [comer] (...); “(...) sabia falare [falar].”; “(...) naturale [natural] (...); “(...)nã [não] podia ensinare [ensinar]”; “Foi melhore [melhor] (...); “é uma coisa internacionale [internacional] eh... mundiale [mundial].”; “(...) male [mal].”; “(...) pa apanhare [apanhar]...”; “(...) ia [iam] fazere [fazer] igual.”; “(...) sabia lere [ler] ainda...”; “(...) logo o ano a seguire [seguir] (...); “Agora eu acho isso male [mal] (...); “(...) vai passare [passar] eh...”; “(...) era melhore [melhor] ire [ir] de avião...”
18	“(...) ansiosos por chegare [chegar] (...)”
19	“Portanto, era um hotele [hotel]...”
20	“... era a fazer comere [comer] (...); “... plantare [plantar] alfaces eh...”; “muite [muito] male [mal] economicamente e...”; “(...) fazere [fazer] durante a semana (...); “Fui p’ra [para] lá com, com, com, [para] um hospitale [hospital] (...); “Depois foi sempre a andare [andar].”; “Sim, foi [fui] também estudare [estudar] (...); “(...) estudare [estudar] p’ra [para] casa (...); “Sim, sempre falare

	<p>[falar/falámos] (...); “(...) passar a porta e falare [falar] (...); “(...) e a vida de lá era trabalhare [trabalhar], trabalhare [trabalhar](...); “Mas decidire [decidiram] que (...); “(...) tinham aqui melhore [melhor] vida (...); “(...) tou [estou] aqui a fazere [fazer], trabalho-casa (...); “E depois, começames [começámos] a trabahare [trabalhar].”; “(...) que é precise [preciso] trabalhare [trabalhar] (...).”</p>
22	<p>“Logue [logo] depois de casare [casar] (...); “dantes [antes] de ganhare [ganhar] (...); “...jogare [jogar] à bola (...); “... lugare [lugar] turística [turístico] (...); “(...) buscare [buscar] as cartas (...); “(...) no [num] lugare [lugar], num sítio (...); “... a seguire [seguir] de [da] minha mãe vere [ver] (...); “(...) andare [andar] de bicicletas [bicicletas] (...); “Eles iam fazere [fazer] (...); “(...) eu gostava de fazere [fazer] desenhos (...); “(...) assim de copiare [copiar] os livros [livros] (...); “(...) fazere [fazer] desenhos.”; “Eles iam pagare [pagar] a renda (...); “(...) jogare [jogar] à bola (...); “(...) comecei a fazere [fazer] perguntas.”; “(...) parece que tão [estão] a cantare [cantar].”; “(...) e comecei a pensare [pensar].”; “(...) qualquer coise [coisa] pa [para] comere [comer].”; “(...) a comer ameixas, olhare [olhar] pá [para a] vista (...); “(...) pode fazere [fazer] isse [isso] (...); “Ele começou ah...conhecere [conhecer] as pessoas (...); “(...) começou a falare [falar] Inglês (...); “... trabalhare [trabalhar] pa [para] conhecere [conhecere]...”; “Começou a aprendere [aprender] (...); “Ele foi trabalhare [trabalhar] p’ra [para] o melhore [melhor]... o melhore [melhor] (...); “(...) é que vou pagare [pagar] (...); “(...) ganhare [ganhar] o dinheire [dinheiro] (...); “(...) ele gostou de crescere [crescer] ...”; “(...) iam pao [para o] estrangeire [estrangeiro] trabalhare [trabalhar] (...); “(...) parecia um magnet a falare [falar].”; “(...) em vez de falare [falar] Inglês.”; “ que a gente [nós] ia [íamos] fazere [fazer]...”; “(...) gente [nós] jogare [jogar/jogarmos] (...) pa [para] fazere [fazer] uma liga.”; “(...) só conhecere [conhecer] esta zona.”; “(...) é iguale [igual] (...); “(...) eles tinha [tinham] árvores de Natale [Natal] (...); “(...) ele foi eh...dançare [dançar] eh...”; “(...) ele gosta de vere [ver] (...); “(...) vamos vivere [viver] pa [para] [a] Austrália”; “Ah... trabalhare [trabalhar] em cantaria (...); “... a fazere [fazer] eh... restauração (...); “(...) gente [nós] vivere [viver/vivermos] (...); “(...) depois de umas semanas fazere [fazer] aquele trabalhe (...); “(...) já tava [estava] a ganhare [ganhar] (...); “...pa [para] ser melhore [melhor]...”; “(...) vou comprare [comprar] uma grande mota (...); “... fiquei multe [muito] male [mal] (...); “... essa foi a maior [maior] razão.”; “(...) a ficar multe [muito] male [mal] (...); “(...) foi pa [para] saire [sair] (...); “(...)</p>

	<p>pa [para] apanhare [apanhar] o diploma.”; “(...) tá [está] muita [muito] male [mal] (...)”; “(...) tomare [tomar] muitas pastilhas (...)”; “(...) a ficare [ficar] velha (...)”; “(...) podia tomare [tomar] as pastilhas.”; “(...) é sempre bom comere [comer] (...)”; “(...) pa [para] matare [matar]”; “(...) e a fazera melhore [melhor] (...)”; “(...) tomare [tomar] um cafezinhe [cafezinho/café] e ver a vida passare [passar].”; “(...) mais pa [para] amore [amor] eh...”; “(...) havia mais amore [amor] eh...”; “(...) tão [estão] aqui a vivere [viver] (...)”; “(...) se é melhore [melhor] (...)”; “...assim emprestare [emprestar] (...)”; “(...) é que se ganha pa [para] comprare [comprar] (...)”; “(...) pa [para] crescere [crescer] ou plantare [plantar] eh...”; “Acho que tá [está] iguale [igual] (...)”; “(...) vere [ver] uma coisa (...)”; “(...) pa [para] fazere [fazer] uma casa (...)”; “(...) tenho que pagare [pagar] e levare [lavar] a tribunal (...)”; “(...) fazere [fazer] <i>tamém</i> [também] aqui agora.”; “(...) a fazere [fazer] ah...”; “(...) muita [muito] dificile [difícil] (...)”; “<i>nã</i> [não] pode ficare [ficar] (...)”; “(...) deixou desse comere [comer] pa [para] comere [comer] (...)”</p>
23	<p>“Deite o açúcare [açúcar].”; “(...) ela tratare [tratar] e ela vai-se ocupar (...)”; “Na construção civilhe [civil].”; “E, então, metere [meteram] uma pessoa (...)”; “(...) meus filhos nunca gostare [gostaram].”; “(...) vai vere [ver].”; “É terrivele [terrível], então (...)”; “(...) entrave [entravam] c’ aquelas [com aquelas] charolas todas e ie [iam] em caixas (...)”; “Não, eu não fazia comere [comer].”; “Uns dias tava [estava] menos male [mal] (...)”.</p>
24	<p>“...saltare [saltar] eh... correre [correr] eh...”; “(...) estudare [estudar], às vezes (...)”; “(...) do que é que queria fazere [fazer]...”; “(...) vou explicare [explicar]...”; “(...) de podere [poder] eh... conhecer outres [outros] países e fazere [fazer] (...)”; “(...) ir vivere [viver] (...)”; “(...)mas eu <i>nã</i> [não] sabia falare [falar] (...)”; “... para se fazere [fazer] compreender e pa [para] podere [poder] dialogar (...)”; “... comecei a fazere [fazer]”; “(...) estágio profissional [profissional]...”; “(...) eu podere [poder] fazer (...)”; “(...) tive curiosidade de conhecere [conhecer] (...)”; “(...) ia passare [passar] um memento [momento] (...)”; “(...) que me foi buscare [buscar]...”; “(...) ou prefiro fazere [fazer] (...)”; “(...) <i>nã</i> [não] é iguale [iguale] (...)”; “(...) eh... familiare [familiar]...”; “dá pa [para] percebere [perceber] (...)”; “(...) qu’eu [que eu] gosto sempre de fazere [fazer], goste [gosto] de eh...”; “... depois de provar e gostare [gostar] eh...”; “... de as fazere [fazer]”; “... pa [para] facilitare [facilitar] (...)”; “(...) eu <i>nã</i> [não]</p>

	<p>conseguisse dizere [dizer] alguma coisa (...); “(...) estou a trabalhare [trabalhar] numa escola(...)”; “(...) a falare [falar] c’uma [com uma] pessoa uma língua, eh... conseguire [conseguir] (...)”; “(...) começare [começar] a ver outras coisas (...)”; “(...) compararmos o Funchale [Funchal] (...)”; “... come [como] hei-de explicare [explicar] é...”; “(...) de Natale [Natal] aqui em França (...)”; “Ah... pode acontecere [acontecer], mas eh...”; “... nunca baixare [baixar] os braços [braços] (...)”.</p>
--	---

m) Alterações das Terminações Verbais da Terceira Pessoa do Plural

Informante #	Exemplo
1	<p>“(...) eles mandarem [mandaram] a gente [nós] esperar (...)”; “Andarem [andaram] no chão (...)”; “(...) ai eles cansarem-se [cansaram-se] p’ra [para] aliviar (...)”; “(...) eles ganharem [ganharam] trinta (...)”; “(...) não me derem [deram] uma fala (...)”; “Os outros [outros] derem [deram] mais dinheiro (...)”; “(...) procurarem [procuraram].”</p>
4	<p>“Eles erum [eram] compreensíveis também.”; “(...) quando sentie [sentiam] saudades (...)”</p>
5	<p>“(...) nã [não] se desenvolviem [desenvolviam].”; “E chegarem [chegaram] (...)”; “(...) nã [não] se ponhem [ponham] (...)”; “(...) saiem [saíam] do avião (...)”; “(...) metem-se [metam-se] aqui (...)”; “(...) que eles sabiem [sabiam] que...”; “Claro, passarem [passaram] (...)”; “(...) qu’elas [que elas] compreenderem [compreenderam].”; “... os doutores avisarem-me [avisaram-me] (...)”.</p>
6	<p>“Eles disserem [disseram] :”; “Eles diziem [diziam]:”; “Como é que estavam ou perguntavam [perguntavam] (...)”; “(...) que forem [foram] (...)”</p>
7	<p>“(...) faziem [faziam] casas (...)”; “(...) eles deixarem [deixaram] (...)”; “(...) eles iem [iam] lá trabalhar (...)”; “(...) tiverem [tiveram] dinheiro [dinheiro] (...)”; “eh...eh...alugarem [alugaram]...alugarem [alugaram] (...)”; “(...) permitiem [permitiam] ficar lá (...)”; “(...) podiem [podiam] ficar qu’era [que era] (...)”; “... qu’eles [que eles] precisavam [precisavam] (...)”; “(...) chamavam [chamavam] um <i>flat</i> (...)”; “(...) os restaurantes fechem [fecham] e...”; “(...) fiquem [ficam] em casa.”; “(...) eles falavam [falavam] em Português...”; “ah...ah...forem [foram] (...)”; “ Os ingles nã [não] suportem [suportem] ...”</p>

	[supotam] (...); “eh... culpem [culpam] os emigrantes (...); “(...) nã [não] podiem [podiam] (...)”
10	“(...) aqueciem [aqueciam] em banho-maria (...); “Mas as patroas davem [davam] (...); “Eles lá nã [não] guardem [guardam] (...); “(...) e muitos portugueses vinhem [vinham] (...); “(...) eles gostavam [gostavam]...”; “(...) eles ainda levarem [levaram] os livros (...); “(...) nã [não] falem [falam] (...); “ Gostem [gostam] da Madeira.”; “(...) eles gostem [gostam].”; “(...) também gostem [gostam].”; “(...) eles devedirem [dividiram] todos os meses.”; “(...) as passadoras que passavam [passavam] (...); “(...) nã [não] falavam [falavam], recebiem [recebiam] (...); “Na Espanha, chamavam [chamavam] as lavadeiras (...); “ Passavam [passavam] as ribeiras (...); “(...) aí davem [davam] o bilhete (...); “(...) então, passavam [passavam] um papel (...); “(...) eles chamavam [chamavam] à chegada (...); “(...) tinham-lhe [tinham-lhe] arranjado (...); “(...) antão [então], eles davam [davam] (...); “(...) era [eram] que vinhem [vinham] (...); “(...) eles tinham [tinham] mais do que a gente (...); “(...) era que estudavam [estudavam] aqui (...); “(...) já nã [não] sabiam [sabiam] (...); “(...) nã [não] forem [foram] (...); “(...) se elas não queriam [queriam] dormir (...); “Elas tinham [tinham] que dar (...); “(...) as que ponham [ponham], uma poedeirazinha [poedeira] (...); “(...) jogavam [jogavam] à bisca (...); “(...) aguentavam [aguentavam] a noite inteira.”; “(...) e levantavam [levantam] (...); “(...) podiam [podiam] tocar em casa (...); “(...) mandavam [mandavam] vender (...); “(...) tocavam [tocavam] aqui...”; “(...) eles afretavam [fretavam]...”; “(...) casavam [casavam] primes [primos] e... “; “... os pescadores levavam [levavam] uma luz grande (...)”
20	“(...) decidiram [decidiram] vir p’ra [para] (...); “(...) eles correrem [correram/expulsaram]”; “... até eles reclamem [reclamam] na França (...)”
21	
22	“(...) forem [foram] p’ra [para] lá eh...”; “Só que, quando [quando] chegarem [chegaram] (...); “... fizerem [fizeram] a vida lá (...); “Quando tirarem [tiraram] (...); “Agora, parece que paguem [pagam] (...); “(...) eles conheciam [conheciam] sempre.”; “E eles compravam [compravam] (...); “(...) gostem [gostam] muito [muito] (...); “(...) faziam [faziam] coisas assim (...); “(...) eles vieram [vieram] (...); “(...) gajos que fizerem [fizeram] o contrato (...); “(...) resolverem [resolveram não]”; “(...) aqueles gajos que fizerem [fizeram] (...);

	<p>“...resolverem [resolveram] não /a/ dar o contrate [contrato].”; “(...) eles forem [foram] a [à] sua vida (...); “(...) mandarem [mandaram] o dinheire [dinheiro].”; “(...) ficarem [ficaram] ali, e depois, mandarem [mandaram] (...); “(...) qu’eles [que eles] buscarem [buscaram] lá (...); “(...) e as minhas irmãs começarem [começaram] (...); “às vezes diziem [diziam]...”; “Davem [davam] um...”; “Eles <i>tamém</i> [também] tinham [tinham](...)”; “ (...) todes [todos] gostarem [gostaram] (...); “ (...) eles <i>nã</i> [não] costumem [costumam] (...); “Portanto, todos falavam [falavam]...”; “Eles gostem [gostam] muito (...); “Eles vierem [vieram] ah...”; “(...) eles fazerem [fizerem] (...); “(...) já puxem [puxam] a água (...); “(...) e que ganhem [ganham] bastante (...); “Eles <i>nã</i> [não] fizerem [fizeram] (...); “(...) eles forem [foram] lá e disserem [disseram] (...); “(...) qu’eles [que eles] forem [foram] (...); “(...) <i>nã</i> [não] roubarem [roubaram] (...); “Eles dizerem [disseram] que foi deles, esperarem [esperaram] e passarem [passaram] (...); “(...) qu’eles [que eles] disserem [disseram] (...); “(...) <i>nã</i> [não] parem [param].”; “(...) vocês comiem [comiam] (...); “e eles sempre gostarem [gostaram] (...)”</p>
23	<p>“Os que não tinham [tinham] vinhem [vinham].”; “Os vizinhos [vizinhos] tinham [tinham] cada um (...); “Olha, cá me chamarem [chamaram] p’ra [para] aqui (...); “(...) os filhos da minha filha falem [falam] Português (...); “(...) eles gostem [gostam] de falar (...); “(...) e os meus netos vierem [vieram] (...); “(...) que tinham [tinham] regeiras (...); “Sim, iem [iam].”; “Chamem [chamam] <i>miras</i> aos venezolanos [venezuelanos].”; “Veja, eles aumentarem [aumentaram] há 2 meses...”</p>

Pode-se constatar que são os informantes mais idosos e menos escolarizados do meio rural os que utilizam as formas verbais com alterações das terminações da 3.^a pessoa do plural, variantes estigmatizadas, ou seja, sem prestígio social. Todavia, os informantes adultos, 20 e 21, usam estas variantes, pelo menos, uma vez, enquanto o locutor 22, sem escolarização formal em Português e sendo falante de herança, utiliza-as frequentemente.

n) Síncope ou Queda de um Som no Meio da Palavra

Informante #	Exemplo
1	<p>“(...) e vemos [viemos] pa [para] cima (...); “(...) o que tava dentro do corgo [córrego].”; “Onde ele ia levava sempe [sempre] (...); “(...) eles eram três homes</p>

	[homens] (...); "... na véspra [véspera] de Natali [Natal]."; "Mas eu tamém [também]..."; "(...) eu deserte [deserdo-te] (...); "(...) ficou quate [quatro] contos (...)"
2	"(...) eu faço, memo [mesmo] (...)"
5	"(...) quem tivesse gande [grande] (...); "(...) mas ele tamém [também]..."; "Eu tamém [também] (...); "...canas-d' açúcre [açúcar] (...); "... tamém [também] trabalhava (...); "(...) eu arranjei-me tamém [também] (...); "(...) mas tamém [também] eram pessoas (...); "(...) compredia [compreendia], disse (...); "(...) e tamém [também] ã [não] sabem aplicar [explicar] (...); "Eh... tamém [também] (...); "... de construção memo [mesmo]."; "Eu já fiquei crecido [crescido]."; "(...) começou a trabalhar tamém [também]..."; "(...) tamém [também] tava [estava] (...)"
6	"...tenho uma recorção [recordação] (...); "(...) poque [porque] ã [não] havia."
7	"(...) a mais velha, tamém [também] pao [para o] Brasilhe [Brasil]; " (...) e raparigas da minha idade que tamém [também] (...)"
10	"Não, é mais píchibeques [pechisbeque] (...); "(...) não era sempe [sempre] (...); "Foi... qande [quando] foi a... a..."; "(...) lá no meme [mesmo] quartinhe [quartinho] (...); "Eu tamém [também] tive uma (...); "Sim, nasci neste sítie [sítio], a mema [mesma] coisa."
11	"(...) ã [não] compredem [compreendem] (...)"
15	"Em vácuo, refrigerados tamém [também], (...); "(...) tamém [também] é melhor."; "(...) tamém [também] ã [não] tou [estou] a ver (...); " tamém [também] lá na nossa cidade (...); "Eh... é diferente, mas tamém [também] (...)"
16	" Tamém [também] não!"; "(...) tamém [também] vou apanhar (...); "(...) já digo em Inglês tamém [também]."
19	"Isso e tamém [também] de [ir ao] ginásio (...); "E, depois, tamém [também] (...); "ao pé das axilas, entre as nalgas [nádegas]..."; "Ele adoeceu lá e tamém [também] uma das coisas (...); "(...) as colegas tamém [também] (...); "(...) p'los [pelos] pais tamém [também] (...)"
21	"(...) qando [quando] era mais novo."; "... depos [depois], um dia (...); "... tem barros [bairros] qu' eles [que eles] mostraram (...); "Da Argélia, Marocos [Marrocos]..."; "(...) não fazer as memas [mesmas] horas (...); "(...) vim, edepos [depois], uma vez ao Porto Santo (...); "... os portugueses tinham

	aquele <i>cotume</i> [costume] eh...”; “(...) os meus filhos <i>crecessem</i> [crescessem] lá.”
22	“... ele nasceu lá <i>tamém</i> [também].”; “... <i>tamém</i> [também] pensava...” “... torneios e festas <i>tamém</i> [também] (...); “(...) <i>tamém</i> [também] fazem a as...”; “Eles <i>tamém</i> [também] tinham [tinham] (...); “ <i>Tamém</i> [também] trouxe eles (...); “(...) era em casa, mas <i>tamém</i> [também] (...); “(...) ele <i>tamém</i> [também] foi lá (...); “(...) e comecei a fumar <i>tamém</i> [também]...”; “E <i>tamém</i> [também] foi uma das razão [razões] (...); “(...) <i>tamém</i> [também] fiquei farte [farto] (...); “E, <i>tamém</i> [também], a gente [nós] vê (...); “(...) mas isso [isso] <i>tamém</i> [também] eles vão...”; “(...) <i>tamém</i> [também]... <i>tamém</i> [também] não [não] tem [têm] (...); “(...) mês [meus] filhos [filhos] <i>tamém</i> [também] e está...”; “(...) fazere [fazer] <i>tamém</i> [também] aqui agora.”; “... eu acho [que] isso [isso] <i>tamém</i> [também] é uma coisa (...); “Sim, mas <i>tamém</i> [também] lá podes (...); “Aqui <i>tamém</i> [também] é peru ou não?”; “Não [não], <i>tamém</i> [também] no Natal (...); “Matei um porco <i>tamém</i> [também] (...))”
23	“Ela <i>gardava</i> [guardava] os meninos (...); “Nasce e morre no <i>meme</i> [mesmo] dia.”; “É <i>sempe</i> [sempre] melhor (...); “(...) que é <i>meme</i> [mesmo] como uma irmã.”; “Pois, eu <i>tamém</i> [também] não [não] como já.”; “Eu fiz os exames <i>pao</i> [para o], <i>ginaso</i> [ginásio] (...))”
24	“(...) <i>tamém</i> [também] fiz desporto (...); “(...) às vezes, <i>tamém</i> [também] e prontos [pronto]...”; “...às vezes, <i>tamém</i> [também] levava ele [levava-o] (...); “(...) <i>tamém</i> [também] eram partilhadas eh...”; “... <i>tamém</i> [também] um curso (...); “...eles nos propõem <i>tamém</i> [também] eh...”; “(...) <i>tamém</i> [também] podemos ficar (...); “... mas <i>tamém</i> [também] há muitas (...))”

Neste caso, salientam-se as ocorrências de *vespra* por véspera, *nalgas* por nádegas, *açucure* por açúcar e *ginase* por ginásio, em que as formas do Português popular procuram tornar as palavras esdrúxulas em graves, ou seja, regulares.

2. Análise Lexical

O termo léxico deriva do grego *lexikón*, “relativo às palavras”, e diz respeito à listagem ilimitada das unidades significativas (lexemas – vocábulos ou constituintes morfológicos com significado), constituindo, desta feita, “recursos lexicais disponíveis numa língua de uma comunidade ou de um locutor” (Moreira e Pimenta, 2008: 229). É comum a confusão do

conceito de léxico com vocabulário, no entanto, convém esclarecer que, enquanto o léxico designa a língua enquanto sistema, o vocabulário refere-se ao discurso enquanto atualização da língua, incluindo as variantes lexicais e semânticas das variedades geográficas e sociais dessa mesma língua.

2.1. Regionalismos Madeirenses

De acordo com Rebelo e Nunes (2009), de uma forma breve, pode definir-se um regionalismo madeirense como um termo (vocábulo, expressão, ditado, etc.) característico do Arquipélago da Madeira. Para isso, deverão ser satisfeitos três critérios: geográfico, cultural e histórico. O critério geográfico prende-se com a necessidade da sua utilização circunscrever-se exclusivamente às ilhas que compõem a RAM. O critério cultural tem a ver com os tais termos tenderem a remeter para realidades extralinguísticas, por exemplo, “bolo do caco”, “bailinho”, “poncha”, “tim-tam-tum” (Rebelo, 2014): “é como se, depois de criar a “coisa”, fosse necessário dar-lhe um nome” (Nunes, 2004). Por último, o critério histórico é o que permite diferenciar regionalismos linguísticos da Madeira em oposição ao restante território nacional, ao longo do tempo.

O estudo da ocorrência de regionalismos madeirenses na fala dos entrevistados é pertinente na presente investigação, tendo particular interesse conhecer a variação lexical e a mudança em curso no seu uso ou desuso e de que forma ainda são utilizados e estão presentes no quotidiano dos emigrantes madeirenses e lusodescendentes, enquanto identidade regional. Os regionalismos, resultantes de elementos históricos, etnográficos e sociais, são fundamentais na construção da identidade linguística e cultural de uma região, possibilitando conhecer a variedade da língua falada, sobretudo a nível lexical, semântico e morfológico, numa comunidade, neste caso, de falantes oriundos de diversos concelhos da RAM, emigrados em França e no Reino Unido, não esquecendo as gerações de lusodescendentes.

O estudo e compreensão do fenómeno dos regionalismos madeirenses exige a noção de isolamento geográfico que este território insular sofreu durante séculos, bem como o contacto estabelecido com os outros povos, fruto de relações comerciais. Até ao século XVIII, em virtude do acesso à ilha ser feito exclusivamente por via marítima, essa realidade fez reduzir o contacto com os restantes portugueses, possibilitando o desenvolvimento e/ou conservação da língua de forma distinta (Silva, 1994: 18). Nesta investigação, o enfoque incide sobre os regionalismos

lexicais e semânticos, embora com uma breve referência a regionalismos morfológicos. Para assimilar a significação de alguns vocábulos madeirenses, foi indispensável a utilização da obra de referência do Pe. Fernando Augusto da Silva, *Vocabulário Madeirense* (1950).

Relativamente à classificação dos regionalismos madeirenses, utilizaram-se os seguintes critérios: se, após consulta do Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa, do *Dicionário Houaiss* e do Dicionário de Cândido de Figueiredo, se detetar a presença dos mesmos, com significados distintos, consideram-se regionalismos semânticos; se as suas entradas não ocorrerem nos dicionários, então, consideram-se regionalismos lexicais. Optou-se por classificar como regionalismos morfológicos palavras como *levadeiro*, forma derivada por sufixação do nome *levada*, embora este lexema pudesse ser incluído nos regionalismos lexicais.

2.1.1. Regionalismos Lexicais

Trata-se de unidades lexicais que não existem na língua padrão, podendo ser arcaísmos que caíram em desuso, como poderá ser o caso de *resondava-me* de *resondar*, *parafta*, *carrolaço*, embora estas formas não estejam dicionarizadas, sendo conservadas numa variedade regional. Existem também inovações lexicais que surgem na ilha da Madeira, especialmente através do contacto com outras línguas, como, por exemplo, o vocábulo *semilha*, do espanhol *semilla* “semente”, para denominar a “batata”, e a antiga palavra *tanarifa* para “bogango” ou “moganga”, que terá surgido do contacto com as Canárias, na época do povoamento do Arquipélago da Madeira, remetendo para o nome da ilha de Tenerife.

Informante #	Exemplo
1	<i>parafta</i> [pressa]; <i>semilhas</i> [batatas]; <i>levadeiros</i> [responsáveis pela distribuição da água].
9	<i>Poios</i> [socalcos]; <i>missas do parto</i> [novenas a Nossa Senhora antes do Natal]; <i>bolo do caco</i> [pão arredondado cozido num caco de pedra ou chapa de ferro];
10	<i>resondava-me</i> [repreendia-me]; <i>semilhas</i> [batatas]; <i>rajão</i> [machete] e <i>braguinha</i> [cordofobe mais pequeno que o machete]; <i>pimpinela</i> [chuchu].
11	<i>Semilhas</i> [batata].
14	<i>poncha</i> [bebida típica da Madeira].
15	<i>barrete de orelhas</i> [barrete típico da Madeira].
17	<i>Bolo do caco</i> [pão arredondado cozido num caco de pedra ou chapa de ferro].

18	<i>Semilhas</i> [batatas]; <i>Bolo do caco</i> [pão arredondado cozido num caco de pedra ou chapa de ferro].
19	<i>carrolaço</i> [pancada com a mão no carrolaço ou na cabeça].
20	<i>Semilhas</i> [batatas]; <i>malassadas</i> [filhós/filhosos].
22	<i>Semilhas</i> [batatas]; <i>malassadas</i> [filhós/filhosos]; <i>pimpinelas</i> [chuchus].
23	<i>Semilhas</i> [batatas]; <i>malassadas</i> [filhós/filhosos]; <i>bilhardices</i> [intrigas].
24	<i>Bolo do caco</i> [pão arredondado cozido num caco de pedra ou chapa de ferro].

2.1.2. Regionalismos Semânticos

Estes têm significações próprias de uma região, por especialização ou generalização de sentido ou por analogia (metáfora ou metonímia), através de um sentido figurado.

Informante #	Exemplo
1	<i>Palheiro</i> [palheiro/estábulo]; <i>caminhei</i> [saí]; <i>banano</i> [Pancada com a mão/ objeto maior do que o de tamanho normal]; <i>abicar</i> [atirar-me]; <i>vasilhas</i> [malandro]; <i>Festa</i> [Natal]; <i>torreiro</i> [terreiro/ espaço em frente da casa]; <i>calhau</i> [praia de seixos]; <i>furado</i> [túnel]; <i>armela</i> [problema]; <i>horário</i> [autocarro]; <i>marcas</i> [botões]; <i>chaprões</i> [pancadas]; <i>azagadas</i> [mortas/podres]; <i>ferrar</i> [lutar]; <i>noivos</i> [casamento].
2	<i>Lapinha</i> [presépio de rochinha/na rocha].
7	<i>Palheiro</i> [palheiro/estábulo]; <i>lapinhas</i> [presépios em forma de rocha]; <i>bailhinhos</i> [bailinhos/música tradicional da Madeira].
9	<i>Terreiro</i> [espaço em frente à casa]; <i>milho</i> [farinha de milho cozida]; <i>lapinha</i> [presépio de rochinha/na rocha]; <i>espetada</i> [carne de vaca assada num espeto] e <i>bailinho da Madeira</i> [música e dança tradicional da Madeira].
10	<i>Corte</i> [<i>poio</i>] da terra; <i>batatinhas</i> [batatas/batatas-doces]; <i>milhe</i> [milho/farinha de milho]; <i>palheiro</i> [palheiro/estábulo]; <i>levadeire</i> [levadeiro/responsável pelas levadas]; <i>brinque</i> [brinco/grupo de pessoas que tocam e cantam de casa em casa]; <i>Festa</i> [Natal]; <i>horário</i> [autocarro]; <i>relaxado</i> [malvado].
11	<i>Palheiro</i> [palheiro]; <i>batatas</i> [batata-doce]; <i>Festa</i> [Natal]; <i>bailinho</i> [bailinho/ música tradicional da Madeira].

17	Bolo do caco [pão arredondado cozido num caco de pedra ou chapa de ferro]; espetada ; milho [farinha de milho].
18	espetada , Brisas [refrigerante produzido na Madeira]; balhinhe [bailinho/música tradicional da Madeira].
19	Bailinho [bailinho/grupo que toca, canta e dança música tradicional madeirense].
22	palheire [palheiro/estábulo]; batatas [batata-doce].
23	Lapinha [presépio de rochinha/na rocha]; inção [coisa muito pequena. Origem de certas coisas]
24	Milho [papa de farinha de milho cozida].

Verifica-se que a maior parte destes regionalismos corresponde a especialização e a generalização de significados de vocábulos da norma padrão da Língua Portuguesa.

2.1.3. Regionalismos Morfológicos

Os regionalismos morfológicos são palavras formadas a partir de um vocábulo existente na língua padrão, como *matadeiro* (de *matar* + *-(d)eiro*), que poderia corresponder a uma outra forma derivada já existente, neste caso *matador* (de *matar* + *-dor*), embora no Português normativo não tenha o significado aqui registado de “desgastante”.

Informante #	Exemplo
1	Matadeiro [desgastante].
10	Levadeiro [responsável pelas levadas].
23	Desterradeira [que <i>desterra</i> /gasta o dinheiro todo].

2.2. Interferências das Línguas dos Países de Destino

Nesta investigação, o fenómeno dos empréstimos externos, importações ou estrangeirismos, ocorre aquando do contacto entre línguas, numa situação em que o Português é, quando muito, língua falada em casa ou nas comunidades de migrantes portugueses. Geralmente, trata-se da integração de unidades lexicais de outro sistema linguístico como forma de suprimir “uma falha de nome e de conceito no sistema linguístico que o adopta” (Moreira e Pimenta, 2008: 232).

Porém, no contexto das migrações, os empréstimos das línguas dos países de destino surgem como interferências destas línguas de imersão linguística dos falantes, quando falam Português.

Estas interferências são palavras, expressões ou frases que podem ou não sofrer adaptações, adequando-se às características fonéticas e morfológicas da língua portuguesa e ocorrendo por hábito da comunicação quotidiana ou, por vezes, como necessidade comunicativa ou denominativa. A maioria das interferências das línguas dos países de destino conserva a grafia e a flexão, bem como a forma fonética de origem.

Segundo Moyane Dias (1989: 119), os “falares emigreses”, horrendos aos olhos dos puristas da linguagem, constituem assimilações lexicais inspiradas na fonética das expressões da língua dos países de acolhimento e influenciadas pela realidade e léxico portugueses, dando origem a variantes emigresas como o “portufrancês” e o “portinglês”. No presente estudo, comparando o glossário do “portufrancês” do autor acima referido com as interferências lexicais do Francês no Português falado pelos emigrantes madeirenses em França, são comuns exemplares como: *batimão* [*bâtiment*/edifício] e *garinheiro* [*grenier*/sótão] (pronunciados pela informante 10), *embochar/embochada* [*embaucher/embauchée*/contratar/contratada] (enunciado pela informante 23), *bireaus* [*bureaux*/escritórios] (mencionados pelos informantes 5, 10, 11 e 23), *replaçar* [*remplacer*/substituir] (dito pela informante 23). Em relação ao “portinglês”, o vocabulário registado pelo autor não coincide com as interferências lexicais encontradas na fala dos entrevistados madeirenses migrantes no Reino Unido, provavelmente porque se referem sobretudo à emigração para os Estados Unidos e porque dizem respeito à realidade sociocultural da época. Neste caso, predominam claramente as palavras que correspondem a realidades atuais e que também são usadas na língua portuguesa, enquanto importações ou empréstimos, designadamente *freelancer*, *part-time*, *catering*, *bullying*, *internet*, *site*, *playstation*, *crossfit*, entre muitos outros. Talvez por isso as interferências linguísticas do Francês, na atualidade, são sentidas como muito mais expressivas do que as interferências do Inglês.

As informantes 10 e 23, mais velhas e/ou menos escolarizadas, que foram empregadas de limpeza, em casas particulares, na França, recorrem muito a frases na língua francesa, reproduzindo diálogos em discurso direto, como forma de transmitir as conversas com as respetivas patroas francesas, recurso corrente nas entrevistas de histórias de vida e relatos de memória, mas que no contexto da emigração têm um valor especial, dado que refletem a aquisição e domínio da língua do país de destino por parte dos emigrantes. As mesmas informantes também usam com frequência marcadores conversacionais como *voilà* ou *vá lá* e

bon ou *bom* por influência do Francês, enquanto os migrantes no Reino Unido utilizam principalmente *well* e *so*. O entrevistado 22, pelo facto de ter nascido em Londres e ser falante de herança sem escolarização formal em Português, é o que mais recorre a frases e expressões em língua inglesa, também devido a ser casado com uma irlandesa e só falarem Inglês entre eles e com os filhos. A informante 17, nascida em Paris e falante de herança como o anterior, neste caso casada com um brasileiro, utiliza léxico do Português do Brasil, onde reside, como, por exemplo, *ônibus* para autocarro e *garçon*, palavra francesa, para empregado de mesa.

Repetidos regularmente, os “falares emigreses” tornam-se hábitos, quer entre a comunidade de falantes que se deparam com uma nova realidade linguística, quer na região de origem com a qual ainda é mantida comunicação, e acabam por se assumir como formas pertencentes à língua onde são introduzidos (Dias, 1989: 119).

Informante #	Exemplo
3	<i>And</i> [e]; <i>so</i> [então]; <i>choise</i> [escolha]; <i>yeah</i> [sim]; <i>you know</i> [tu sabes]; <i>something</i> [alguma coisa como]; <i>talk about the</i> [estamos falando de]; <i>permit</i> [licença]; <i>government</i> [governo]; <i>waiter</i> [empregado de mesa]; <i>cruses</i> [cruises/cruzeiros]; <i>free</i> [livre]; <i>ferries</i> ; <i>well</i> [bem]; <i>staff</i> [pessoal]; <i>crew</i> [tripulação]; <i>all over</i> [por todo o lado]; <i>South África</i> [Sul de África]; <i>fla</i> [flat/apartamento]; <i>barbeidos</i> [Barbados], <i>bermuda</i> [bermudas]; <i>pay</i> [pagamento]; <i>mixte</i> [misto]; <i>rubish</i> [tontice]; <i>note a difference</i> [nota uma diferença]; <i>grow up</i> [cresceram].
4	<i>Sleep</i> [dormir]; <i>made</i> [feito]; <i>cake</i> [bolo].
5	<i>L'abattoir</i> [o abatedor]; <i>l'abatu</i> [abatido]; <i>la mouvon</i> [la mouton/carneiro]; <i>chemin de la route</i> ; <i>bureau</i> [bureau/escritório]; <i>manger</i> [comer]; <i>opération</i> [operação]; “ <i>Non [ne] pleur [pleure] pas, je vais fait [faire] de bien/ n’a/ pas/fait/ de mal</i> ” [Não chore, eu vou fazer-lhe bem e não mal]; <i>tissage</i> [tecelagem]; <i>mitie</i> [métier/profissão]; “ <i>Porquoi vous êtes abandonner ce patron?</i> ”; “ <i>Je change de patron jusqu’a gagner quelque chose de plus parce que, misère par misère, on était chez nous</i> [Eu mudo de patrão até ganhar alguma coisa mais porque miséria por miséria a gente [nós] ficava [ficávamos] na nossa terra].”; “ <i>Bom, cette change chez nous</i> [bom, esta mudança aqui]...”; <i>mérie</i> [mairie/câmara municipal]; <i>repassagem</i> [repassage/engomar]; <i>doméstique</i> [doméstico]; <i>les enfants</i> [as crianças].
6	<i>Cours de Toulon</i> ; <i>colege</i> [college/colégio]; <i>Étades</i> [Estados] ; <i>mon père</i> [meu pai].

7	<p><i>Cash</i> [dinheiro]; <i>business mens</i> [homens de negócios]; <i>staff</i> [pessoal/trabalhadores]; <i>waiter</i> [empregada de mesa]; <i>yah</i> [sim]; <i>white house</i> [casa branca]; “<i>ice tea or something. I don’t remembre very well</i>” [chá frio ou alguma coisa assim. Não me lembro muito bem.]; <i>very hard life</i> [vida muito dura]; “<i>Manchester City in the football team</i>” [na cidade de Manchester, na equipa de futebol]; <i>football Club Manchester City</i> [Clube de futebol da cidade de Manchester]; <i>shoppes</i> [centros comerciais]; <i>waitress</i> [empregada de mesa]; <i>chambermaid</i> [empregada de quartos]; <i>manager</i> [gestora]; “<i>they make you welcome more anda you could trust somebody from the north not from the south</i>” [elas fazem-nos sentir acolhidas e podemos confiar mais em alguém do norte do que do sul]; <i>minter</i> [mealheiro]; <i>a fire</i> [um fogo/aquecedor]; <i>parties</i> [festas]; <i>finantially</i> [financeiramente]; <i>flat</i> [apartamento]; <i>naive</i> [ingénua]; “<i>Ah! You have a miscarriage</i>” [Tu tiveste um aborto]; <i>turkey</i> [peru]; <i>fluently</i> [fluentemente]; “<i>You kill the bird</i>” [Tu matas um pássaro]; “<i>You kill two birds with onde stone</i>” [Tu matas dois pássaros com uma pedra]; “<i>mutual</i> [mútuo] <i>or something</i> [ou algo assim]”; <i>foreigners</i> [estrangeiros]; “<i>he was very racista</i>” [ele era muito racista]; <i>accent</i> [sotaque]; <i>points</i> [pontos].</p>
8	<p><i>Site</i>; <i>yah</i> [sim].</p>
9	<p><i>Playstations</i>; <i>part-time</i> [trabalho parcial]; <i>oui</i> [sim]; <i>maintenant</i> [agora]; <i>merci beaucoup</i> [muito obrigada].</p>
10	<p><i>Canard</i> [pato]; <i>sauce</i> [molho]; “<i>não ajeite pas</i> [não faça nada]”; <i>madame</i> [senhora] Carvalho; <i>poste</i> [correios]; <i>Maison Portugaise</i> [Casa Portuguesa]; <i>voilà</i> [vá lá]; <i>marché</i> [mercado]; <i>plafond</i>; <i>chauffer</i> [motorista]; <i>permis de rester</i> [permis de séjour/autorização de permanência/residência]; <i>securita</i> [segurança]; <i>demanda</i> [demande/pedido]; <i>paie</i> [pagamento/salário]; <i>paga</i> [o pagamento/salário]; <i>pocieira</i> [poussière/limpeza do pó]; <i>regarde</i> [olhe]; <i>bureau</i> [bureau/escritório]; “<i>Vous saie</i> [savez] <i>lire?</i> [Sabe ler?]”; “<i>Ou</i>” [Sim]; “<i>Bon, ça va</i> [Bom, está bem]”; “<i>Lire ça</i>” [Ler isto]; “<i>Ici, ici</i> [aqui, aqui]”; “<i>un live</i>” [um quilo]; <i>soixante</i> [sessenta]; <i>quatre-vint</i> [oitenta]; <i>quatre-vint dix</i> [noventa]; <i>quatre-vint-dix-sept</i> [noventa e sete]; <i>poitrine</i> [peito]; “<i>un kilo et demi</i>” [um quilo e meio]; <i>train</i> [comboio]; “<i>Aujourd’hui sera a la cuisine a fond</i>” [Hoje será a cozinha a fundo]; <i>repassage</i> [engomar]; “<i>Je ne donne pas. C’est une femme de ménage.</i>” [Eu não dou. É uma mulher de limpeza]; “<i>Sandrine, donne bonjour à madame Carvalho sinon je dit a mamma</i>” [Dá bom dia à senhora Carvalho, senão eu digo à mamã];</p>

	<p>“<i>Je ne donne pas parce que c’est une femme de ménage.</i>” [Eu não dou porque é uma mulher da limpeza]; “<i>Bonjour à madame Carvalho qu’elle c’est femme de ménage</i>” [Bom dia à senhora Carvalho que ela é uma mulher da limpeza.]; <i>métier</i> [profissão]; “<i>Donne bonjour a madame Carvalho, s’elle est femme de ménage.</i>” [Dá bom dia à senhora Carvalho, se ela é mulher de limpeza]; “<i>mais ce terrain c’est pour ma belle-mère.</i>” [mas este é para a minha sogra]; “<i>não vale a pena faire repassage que c’est pour ma belle-mère, quando elle vient</i>” [passar a ferro que é para a minha sogra quando ela vem]; “<i>Josette, pourquoi pour ma mère cetera ?</i>” [porquê para a minha mãe?]; “<i>Met la cetera a ton fils, a tête d’âne</i>” [põe isso para o teu filho, cabeça de ovelha]; “<i>tête d’âne</i>” [cabeça de ovelha]; “<i>Porquê, ma mère est marié avec son mari, mon père. Ma mère [a] travaillé tout au temps pour donner tout a moi et ma soeur</i>” [a minha mãe é casada com o seu marido, o meu pai. A minha mãe toda a sua vida trabalhou para dar tudo a mim e à minha irmã.]; “<i>pour me donner les études</i>” [para me dar os estudos]; <i>travailler</i> [trabalhar]; <i>yourtes</i> [iogurtes]; <i>batimão</i> [bâtiment/edifício]; <i>garinheiro</i> [grenier/sótão]; <i>magasin</i> [loja/centro comercial].</p>
11	<p><i>Voilà</i> [é isso]; <i>magasan</i> [magasin/lojas]; <i>quelque chose</i> [qualquer coisa]; <i>certain plaisir</i> [um certo prazer]; <i>merci</i> [obrigada]; <i>madame Christiane</i> [Senhora Cristiana]; <i>bonjour</i> [bom dia]; <i>Brepain</i> [<i>Gratin Dauphinois</i>/batata com leite e queijo]; <i>fromage</i> [queijo]; <i>retréte</i> [retraite/reforma]; “<i>on vive</i>” [vive-se/vivemos]; <i>Economise</i> [economizar]; <i>entreprise</i> [empresa]; <i>bireaus</i> [<i>bureaux</i>/escritórios]; <i>ministère</i> [ministério]; <i>chomage</i> [desemprego]; <i>dix-huit</i> [dezoito]; <i>souvenir</i> [recordação]; <i>écrasser</i> [serviteur/servente]; <i>chambrie</i> [<i>négoce/commerce/affaires</i>/negócio].</p>
12	<p><i>Click</i> [clique]; <i>Chinatow</i> [conceito de bairrismo]; <i>backing manager</i> [gerente de escritório]; <i>operations</i> [operações]; <i>freelancer</i> [profissional que trabalha por conta própria].</p>
14	<p><i>Alocated houses</i> [casas para estadia das pessoas que trabalham no hospital]; <i>induction</i> [indução/treino/preparação]; <i>complaints</i> [reclamações]; <i>complaint</i> [reclamação]; <i>long days</i> [dias longos]; <i>break</i> [intervalo]; “<i>You polish people go back to your land.</i>” [Vocês polacos voltem para a vossa terra].</p>
15	<p><i>Ordinateur</i> [computador]; <i>Internacional</i> [Internacional]; <i>well</i> [bem]; <i>management</i> [gestão]; <i>pub</i> [bar].</p>
16	<p><i>Yah</i> [sim]; <i>Principal</i> [principal]; <i>checkar</i> [verificar]; <i>holidays</i> [férias]; <i>bus</i> [autocarro]; <i>clean</i> [empregada da limpeza]; <i>ok</i> [sim]; <i>off</i> [folga].</p>

17	<i>Master</i> [Mestrado]; <i>ônibus</i> [autocarro]; <i>métro</i> [metro]; <i>garçon</i> [empregado de mesa]; <i>foie gras</i> [patê de pato].
18	<i>Voilà</i> [vá lá]; <i>bâtiment</i> [edifício]; <i>Choucroute</i> [A choucroute é o repolho cortado fininho e fermentado, servido com acompanhamentos. É um prato originário da Alsácia, região francesa que já foi alemã várias vezes. A choucroute parisiense vem acompanhada com <i>jambonneau</i> , carne de porco, exatamente a perna do porco abaixo do joelho, embutidos, batatas cozidas e mostarda forte. As vezes a mostarda é substituída pela raiz forte.]; <i>Rôti de Porc</i> [carne de porco assada no forno]; <i>Raclette</i> [O termo <i>raclette</i> deriva do verbo francês <i>racler</i> , que significa <i>raspar</i> . Na sua preparação, a superfície do queijo é aquecida e, à medida que derrete, é raspada sobre os pratos dos comensais. Vários acompanhamentos podem ser utilizados, como batata inglesa, <i>pickles</i> e embutidos, como presunto cru, lombo defumado, salame, copa, etc.]; <i>internet</i> .
19	<i>Pubs</i> [bares]; <i>waiter</i> [empregado de mesa]; <i>cloakroom</i> [bengaleiro]; <i>okey</i> [está bem]; <i>full-time</i> [tempo inteiro]; <i>part-time</i> [tempo parcial]; <i>manager</i> [gerente]; <i>personal</i> [pessoal]; <i>travel card</i> [passe]; <i>studio flat</i> [apartamento estúdio]; <i>blacks</i> [negros]; <i>black</i> [negro]; <i>jacket</i> [casaco]; <i>nannies</i> [amas]; <i>coordinator housekeeper</i> [governanta coordenadora]; <i>housekeeper</i> [governanta]; <i>hard working</i> [trabalho duro]; <i>employer month</i> [empregado do mês]; <i>employer</i> [empregado]; “ <i>Maria, calm down you stress me, you work too hard</i> ” [Maria, acalma-te! Tu pões-me stressado, tu trabalhas muito]; <i>head housekeeper</i> [governanta chefe]; <i>stop</i> [para]; <i>midwife</i> [parteira]; <i>shoppings</i> [centros comerciais]; <i>sad</i> [triste]; <i>parties</i> [festas]; <i>porter</i> [porteiro]; <i>managers</i> [gerentes]; “ <i>but</i> [mas]”; “ <i>I want now</i> [Eu quero agora]!”; <i>on</i> [em]; <i>crossfit</i> ; <i>bullying</i> ; <i>brown bread</i> [pão integral]; <i>white bread</i> [pão branco]; <i>team</i> [equipa]; <i>stage</i> [palco]; <i>save</i> [poupar/poupança]; <i>tax</i> [imposto]; <i>tube</i> [metro]; <i>free supporter</i> [apoiente gratuito]; <i>setups</i> [instalações]; <i>caterer</i> [catering/comida/refeições].
20	<i>École d’Agriculture</i> [Escola da Agricultura]; <i>Maison Française</i> [Portugaise/Casa Portuguesa]; <i>Économie</i> [Economia]; <i>rue</i> [rua]; <i>comptabilité</i> [contabilidade]; <i>Bûche de Noël</i> [tronco de Natal]; <i>part-time</i> [trabalho parcial]; <i>babysitter</i> [cuidadora de crianças]; <i>English Teaching for Adults</i> [Curso de Inglês para Adultos].

21	<i>Bidonville</i> [bairro de lata]; <i>HLM</i> [<i>Habitation à Loyer Modéré</i> /bairro social]; <i>son</i> [estão].
22	<i>Manager</i> [gerente]; <i>restaurant</i> [restaurante]; <i>housekeeper</i> [empregada doméstica]; “ <i>How do you say it in Portuguese</i> ” [Como é que se diz em Português?]; <i>coal</i> [carvão]; <i>peeling</i> [cirurgia estética para remover rugas e manchas do rosto]; <i>traffic</i> [trânsito]; <i>godmother</i> [madrinha]; <i>pences</i> [cêntimos]; “ <i>What is that?</i> ” [O que é isto?]; <i>magnet</i> [íman]; <i>catequiste</i> [catequista]; <i>catequisme</i> [catecismo]; “ <i>How old are my sons?</i> ” [Que idade têm os meus filhos?]; <i>ballroom dancing</i> [danças de salão]; “ <i>What year have we known?</i> ” [Em que ano nos conhecemos?]; <i>upper-six</i> [sétimo]; <i>yah</i> [sim]; <i>back studies</i> ; <i>business studies</i> ; “ <i>How many years after have we met again.</i> ” [quando é que nos reencontrámos?]; <i>terracota offense</i> [terracota]; <i>prints</i> [impressões]; <i>lion</i> [leão]; “ <i>Back for 3 years?</i> ” [3 anos depois?]; <i>Nineteen nine one</i> [1991]; <i>long time</i> [há muito tempo]; “ <i>What was the year we came back to Australia?</i> ” [Em que ano voltámos para a Austrália?]; <i>supresses</i> [suprime]; <i>the allergies</i> [as alergias]; <i>Masters</i> [mestrados]; <i>recession</i> [recessão económica]; <i>What was the year</i> [Qual foi o ano?]; “ <i>When we came back, the first year?</i> ” [Quando regressámos, o primeiro ano?]; <i>deteriorated</i> [deteriorado]; “ <i>What is the name?</i> ” [Qual é o nome?]; “ <i>It was four months?</i> ” [Foi quatro meses?]; <i>we misse</i> [saudades]; <i>bureaucracy</i> [burocracia]; <i>connet</i> [conectam]; <i>witness</i> [testemunha]; <i>turkey</i> [peru]; <i>Theme Park</i> [Parque Temático da Madeira]; <i>six years</i> [6 anos]; <i>traditional</i> [tradicional]; <i>flu</i> [gripe]; <i>grade</i> [grau/nível].
23	<i>Monsieur</i> [Senhor]; <i>embochar ela</i> [<i>embaucher</i> /contratá-la]; <i>bonjour</i> [bom dia]; <i>maire</i> [presidente da câmara]; <i>mairie</i> [câmara municipal]; <i>maternelle</i> [infantário]; <i>replaçar</i> [<i>remplacer</i> /substituir]; <i>concierge</i> [porteiro]; <i>tu t’apelle comment</i> [como te chamas?]; <i>mayer</i> [<i>maire</i> /presidente da câmara]; <i>embochada</i> [<i>embauchée</i> /contratada]; <i>bireaus</i> [<i>bureaux</i> /escritórios]; <i>Philipe</i> [Filipe]; <i>Intermarché</i> ; <i>Oui maman, je vais y alller</i> [Sim mamã, eu vou ir lá]; <i>tostes</i> [tostas]; <i>bucha de Noel</i> [<i>bûche de Noel</i> /tronco de Natal]; <i>prendia</i> [<i>prendre</i> /tomava]; <i>marché</i> [mercado]; <i>agneau</i> [cordeiro]; <i>céleri</i> [aipo]; <i>Vincent</i> [Vicente]; <i>regreter</i> [<i>regreter</i> /arrepender-te]; <i>burocanta</i> [<i>brocante</i> /mercado de pulgas/feira da ladra]; <i>faché</i> [zangado]; <i>Mami, fait des beigni</i> [Avó, faz <i>beignets</i> /malassadas]; <i>Fait de beigni, fait de beigni</i> [Faz <i>beignets</i> /malassadas]; <i>Madame</i> [Senhora]; <i>C’est sale</i> [está sujo]; “ <i>Thérèse, je reste quatre heures, n’est trois heures, quatre... il faut</i> ” [Teresa, eu fico 4 horas, não é 3 horas, quatro... é preciso]; “ <i>Monsieur, monsieur</i>

	<p>[senhor] <i>Jean-Claude, maintenant je travaille quatre heures, c'est pas trois heures, quatre heures, il faut me payer je travaille quatre heures, c'est pas trois heures, quatre heures, il faut me payer de plus</i> [agora eu trabalho 4 horas, não é 3 horas, 4 horas, é preciso me pagar mais]; <i>"Mais c'est trop de travail pour trois heures"</i> [Mas é muito trabalho para 3 horas]; <i>"Tu fais ce que tu peux"</i> [Fazes o que pudes]; <i>"Votre mari ne veut pas me payer, ne veut pas me donner plus"</i> [O seu marido não quer me pagar, não quer dar mais]; <i>Elle dit</i> [Ela diz]; <i>"Ah, moi non plus"</i> [Eu também não]; <i>"Ah, c'est trop de travail, c'est trop de travail"</i> [É muito trabalho, é muito trabalho]; <i>bordalista</i> [<i>bordeliste</i>/de bordel/casa de prostituição]; <i>tertuário</i> [<i>tretoir</i>/calçada/<i>trottoir</i>/passeio].</p>
24	<p><i>Barbies</i> [bonecas]; <i>c'est juste</i> [é isso mesmo]; <i>gare</i> [estação de comboio]; <i>train</i> [comboio]; <i>"Tu peux te taire?"</i> [Podes te calar?]; <i>"Ta gueule [la guelle é uma expressão elíptica de faire la guelle, "cala a boca"]"</i>; <i>Raclette</i> [O termo <i>raclette</i> deriva do verbo francês <i>racler</i>, que significa <i>raspar</i>. Na sua preparação, a superfície do queijo é aquecida e, à medida que derrete, é raspada sobre os pratos dos comensais. Vários acompanhamentos podem ser utilizados, como batata inglesa, <i>pickles</i> e embutidos, como presunto cru, lombo defumado, salame, copa, etc.]; <i>vacances</i> [férias]; <i>Carte Professionnel</i> [Carta Profissional]; <i>foie gras</i> [termo que em francês significa "fígado gordo" – é o fígado de ganso ou pato que foi forçosamente alimentado à exaustão, o que levou à hipertrofia lipídica do órgão. Possui consistência amanteigada e sabor mais suave em relação ao fígado normal de ganso ou pato.]; <i>Madame</i> [Senhora] da Silva Gonçalves; <i>em face</i> [à frente]; <i>oui</i> [sim].</p>

Sublinham-se as formas lexicais aportuguesadas fonética e morfologicamente: *cruses* por *cruises* (informante 3), *repassagem* por *repassage* (informante 5), *demanda* por *demande*, *pocieira* por *poussière*, *batimão* por *bâtiment*, *garinheiro* por *grenier*/sótão (informante 10), *chekar* por *vérifier* (informante 16), *embochar* por *embaucher*/contratar e *embochada* por *embauchée*/contratada, *regretar* por *regreter*/arrepender-se, *bucha de Noel* por *bûche de Noël* e *tertuário* por *tretoir* (informante 23).

2.3. Alcnhas Individuais e Coletivas ou Gentílicos

A alcunha, ou epíteto, geralmente fundada em alguma particularidade física ou moral do indivíduo ao qual se atribui, permite uma fácil identificação do mesmo no seio da comunidade. Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o nome “alcunha” é de origem árabe *al-Kunya* “sobrenome” ou “cognome”, “termo antigo que se acrescenta ao nome próprio, sendo uma determinação que se usa em substituição do nome próprio de alguém ou em acréscimo a este”. Desta forma, as alcunhas designam nomes informais que têm a função de identificação social, sendo uma forma de nomeação alternativa atribuída por terceiros e “a que a pessoa pode estar sujeita ao longo da vida” (Nunes, 2016: 1). É sobretudo nos meios rurais que a sua utilização prevalece, exprimindo vivacidade, bem como realidades histórica, geográfica, socioeconómica e cultural. Daqui se compreende a vitalidade destes termos como maneira de conhecer a realidade das gentes populares e os seus modos de vida.

Essa associação de alcunhas, normalmente nomes delexicais, ou seja, vocábulos comuns, a apelidos foi sentida no decorrer das entrevistas, quando, perguntados sobre a utilização de alcunhas, os locutores associavam estas aos indivíduos referenciados ou aos respetivos sobrenomes de família.

Informante #	Exemplo
1	“Cabeça Rota” (alcunha individual atribuída ao patrão do informante)
9	“caralho” (alcunha coletiva atribuída pelos franceses aos portugueses em França).
10	“grilho” [grilo]; “leca”; “o maio” (alcunha individual atribuída ao pai da informante); “vingala [bengala]” (alcunha individual atribuída ao marido da informante); “Zeferina do Correia”; “Rosa do Barrinhas”; “Merceal”; “Jacaré”; “Cigarra” (alcunha individual atribuída ao avô da informante); “Bichana” (alcunha individual atribuída à sogra da informante); “Canhote [Canhoto]” (alcunha individual atribuída ao afilhado do tio Marta); “Meste [Mestre]” (alcunha individual atribuída ao vizinho da informante); Chato; João do Lombo; João Pifano; João da Portela
17	“bacalhau” (alcunha individual atribuída ao informante em França).
18	“o madeirense” (alcunha individual atribuída ao informante em França).

É no discurso da informante 10, mais idosa e do meio rural, que nos fala muito da família e dos vizinhos, onde são atestadas mais alcunhas de forma espontânea.

2.4. Provérbios e Expressões Populares

Fonte e veículo de conhecimento e conselhos de vida transmitidos de forma oral, os provérbios e as expressões populares são parte integrante do discurso dos informantes. De acordo com Funk (2009: 2), um provérbio deve respeitar as seguintes condições: a) ser formado por várias palavras; b) geralmente, é constituído por uma frase (ou como texto); c) é uma proposição autónoma; d) é breve; e) é independente do contexto (ausência de uma referência explícita ao contexto).

Não tendo sido registados nos relatos de todos os informantes, procede-se à listagem daqueles que foi possível recolher. No entanto, salienta-se o facto de, muitas vezes, se ter verificado o fator de esquecimento momentâneo, quando os locutores eram questionados sobre a utilização de provérbios no seu quotidiano. Outra chamada de atenção vai no sentido de, através do discurso de informantes com exposição prolongada às línguas dos países de destino, ser possível aferir provérbios portugueses e os seus equivalentes noutras línguas.

Informante #	Exemplo
7	“You kill two birds with one stone” [Tu matas dois pássaros com uma pedra]; “Mata-se dois coelhos [coelhos] [numa cajadada só]”.
9	“O que não te mata torna-te mais forte.”.
12	“Quem espera sempre alcança.”.
16	“Quem tem caminho certo ã [não] procura beques [becos].”.
22	“A erva é sempre mais verde no outre [outro] lade [lado] da montanha.”.
24	“Nã [não] deixes pa [para] amanhã o que podes fazer hoje.”; “Mais vale tarde do que nunca.”.

A informante 4, para exprimir as saudades que sentia dos filhos quando estava emigrada em Jersey, utiliza a expressão “as ervas verdes me parecem”, que não será um provérbio porque não é uma proposição autónoma e independente do contexto. A entrevistada explica a expressão dizendo ser própria das pessoas antigas:

L –Ah, ê [eu] recordo-me de que ê [eu] senti... As pessoas antigas diziam que as ervas verdes me parecem tal coisa, quer dizer quando sentie [sentiam] saudades e dzie [diziam] que as ervas verdes me parecem tal pessoa ou tal coisa... e ê [eu] senti isso. Na realidade, eu tava [estava] a

trabalhar, eu olhava assim... assim pás [para as] coisas, tudo. Até na erva eu parecia tar [estar] a ver os meus filhos. É isto qu'eles [que eles] dizem: “as ervas verdes me parecem”. Ê [eu] parecia que tava [estava] a ver os meus filhos em tudo. Quer dizer, quando sentie [sentiam] saudades e dizia [diziam] que as ervas verdes me parecem tal pessoa ou tal coisa.

2.5. Formas diminutivas e aumentativas

Os diminutivos nem sempre indicam diminuição de tamanho. Dependendo de como os diminutivos são colocados no contexto, eles podem assumir as mais diversas funções e não apenas diminuição de tamanho. Segundo o *Dicionário Infopédico da Língua Portuguesa*, a significação de diminutivo é definido como: “palavra formada com um sufixo que expressa a ideia de pequenez ou valores afetivos (carinho, intensidade, etc.).” Assim, na linguagem coloquial, as formas sintéticas dos diminutivos, tanto nos substantivos quanto nos adjetivos, são, na maioria das vezes, utilizadas para indicar as várias manifestações da emoção e das intenções do falante. É nos sufixos diminutivos que a descarga das emoções e das intenções se dá com maior energia (Lapa, 1982).

Quanto às formas aumentativas, de acordo com o *Dicionário Infopédico da Língua Portuguesa*, trata-se de um “morfema ou palavra que reforça ou aumenta o sentido de outra palavra. Nos *corpora* estudados, apenas foram registados os aumentativos *penicão* [penico grande] (informante 10) e *trabalhão* [muito trabalho] (informante 23).

Informante #	Exemplo
1	Trabalhinho [trabalho]; carguinha [carga]; bezerrinho [bezerro]; pequeninhe [pequeninho/pequeno]; bezerrinhos [bezerros]; pauzinho [pau]; molhinho [molho]; descalçozinho [descalço]; bandejinha [bandeja]; bezerrinha [bezerra]; pãozinho [pão]; quartinho [quarto]; figuinhos [figos]; cabecinho [cabeço]; bocadinho [bocado]; nadinha [nada/um pouco]; agasalhozinho [agasalho]; regaliazinha [regalia/ magros]; casinha [casa]; pequenina [pequena]; esquininha [esquina/canto]; isquinha [belesquinha/belisca]; magrinha [magra]; terracinho [terraço]; almocinho [almoço]; botinhas [botas]; castanhinhas [castanhas]; telheirinho [telheiro]; pequenina [pequena]; navalhinha [navalha]; serradinhos [serrados]; bafinho [bafo]; coisinha [coisa]; noitinha [anoitecer]; cabrinhas [cabras]; carunchinho [caruncho]; mãozinha [mão/gaveta]; papelinho [papel];

	pãezinhos [pães]; dinheirinho [dinheiro]; capelinha [capela]; fraquinhos [francos]; velhinho [velho]; garrafinha [garrafa]; festinha [festa]; tasquinha [tasca]; soldezinho [soldo]; raparigotas [raparigas]; pequenita [pequena];
3	Trabalhinhos,
4	Pequenina [pequena]; coisinhas [coisas]; aguinha [água]; vasilhinha [vasilha]; quartinho [quarto]; direitinho [direito]; cursezinhos [cursinhos/cursos]; videinha [vidinha/vida]; mesinhos [meses]; livrinhe [livrinho/livro]; bocadinho [bocado]; carrinhos [carros]; filhinhe [filhinho/filho]; loirinha [lourinho/louro]; avozinha [avó]; maiorzinha [maior].
5	Cabrinha [cabra]; tostãozinhe [tostão] pedacinhe [pedacinho/ pedaço]; pequeninha [pequeninho/pequeno]; dinheirinha [dinheirinho/dinheiro]; papelinhe [papelinho/papel]; navalhinha [navalha]; palavrazita [palavrinha/ palavra]; quartinhos [quartinhos]; despachadinhe [despachadinho/ despachado]; feriazinhas [férias]
7	Casaquinhe [casaquinho/casaco]; bonitinha [bonitinho/bonito]; apartamentezinha [apartamentizinho/apartamento]; pequeninhas [pequeninhos/ pequenos]; bocadinhe [bocadinho/bocado]; palavrinhas [palavras]; cartinha [carta]; quartinha [quartinho/quarto]; banheirinha [banheira/alguidar]
9	Licorzinhos [licores].
10	Batatinhas [batatas/batatas doces]; novinha [novinho]; soninha [sono]; bocadinhe [bocadinho]; grelhinhas [grelinhos/grelos]; cantinha [cantinho/canto]; ervinha [erva]; cafezinho [café]; dinheirinha [dinheirinho]; bolinhas [bolinhos]; quartinha [quartinho]; saquinhos [saquinhos]; maiorzinha [maior]; santinha [santa]; beicinha [beiça]; casinha [casa]; patroazinha [patroa]; pãozinho [pão]; tacinhas [taças]; cabritinha [cabrito]; patinhas [patas]; abafadinhe [abafadinho]; poedeirazinha [poedeira]; litrinhas [litros/litros]; parreirinhas [parreiras]; Francisquinho [Francisco]; senhorzinho [senhor]; barrilhinhe [barrilhinho/barril]; comidinha [comida]; lavadorzinho [lavador]; burrinhos [burros]; coivinhas [couvinhas/ couves]; espantadinhas [espantadas/murchas] cantiguinhas [cantigas]; embrulhadinha [embrulhada]; abafadinha [abafada]; leitinha [leite]; diazinhos [dias]; parzinhos [pares]; casaquinho [casaco]; devagarinho [devagar]; cestinha [cestinho/cesto]; Manilhinha [Manuelinho/Manuel]; cabecinha [cabeça]; paradinhe [paradinho/parado]; vestuáriozinho [vestuário/guarda-fato]; penicão [penico]; semilhinhas [semilha]; arrumadinhas [arrumadas]; pobrezinha [pobre];

	altinhe [altinho/alto]; garrafinha [garrafa]; dobrinha [dobra]; rapazinho [rapaz]; presepiozinhe [presepiozinho/presépio]; searinhas [searas/pequenos vasos com cereais]; balcãozinho [balcão/varanda]; pezinhes [pezinhos/pés].
11	Baixinho [baixo]; coelhites [coelhos]; tacinha [taça]; pequenina [pequena]; quartinho [quarto]; cozinhinha [cozinha]; molhinhe [molho]; cedinhe [cedo]; vaquinha [vaca]; pensãozinha [pensão].
12	Bocadinho [bocado].
13	Tempinho [tempo].
14	Raiozinho [raio].
15	Carninha [carne]; coisinhas [coisas].
17	Pequeninhinha [pequena]; bolsinho [bolso].
18	Coisinhas [coisas].
19	Dinheirinho [dinheiro]; lojinha [loja]; pequeninhas [pequeninas/pequenas]; magrinha [magra]; bocadinho [bocado]; pretinha [preta]; coleguinha [colega]; estrelinhas [estrelas]; limpinho [limpo]; certinho [certo]; arrumadinho [arrumado]; quartinho [quarto]; laranjinhas [laranjas]; bonequinhos [bonecos]; terrinha [terra pequena]; carteirinha [carteira]; dinheirinho [dinheiro]; rapazinho [rapaz]; quentinhos [quentes];
21	Pequeninho [pequenino/pequeno]; pedacinho [pedaço/um pouco].
23	Cafezinho [café]; pedacinho [pedaço]; caminha [cama]; tratadinha [tratada]; pequeninos [pequenos]; coisinha [coisa]; berruguinhas [verruguinhas/verrugas/pólipos intestinais]; leitinho [leite]; Mariazinha [Maria]; saquinho [saco]; lapinhos [lápiz]; poucachinho [pouco]; pijaminhas [pijamas]; redondinhas [redondas]; abobarinhas [abóboras]; quentinho [quente]; sopinha [sopa]; cevadinha [cevada]; trabalhão [muito trabalho]; dinheirinho [dinheirinho]; bolinhos [bolos]; amarelinho [amarelo]; casinha [casa]; apertadinhos [apertados]; quartinho [quarto]; olhinhe [olhinho/olho]; bonzinho [bom]; mesinhas [mesas]; cadeirinhas [cadeiras]; trabalhinho [trabalho]; pratinhos [pratos]; malinha [mala]; bebezinho [bebê]; pinheirinho [pinheirinho]; roupinha [roupa]; limpezazinha [limpeza]; pulloverzinho [pullover/camisola]; florinha [flor]; vasilhinha [vasilha]; comerinho [comer/comida]; arrozinho [arroz]; feijãozinho [feijão]; porquinho [porco]; pitadinha [pitada]; pastilhinha [pastilha]; instantezinho [instante]; tacinha [taça]; doentinha [doente]; semaninhas [semanas]; bisquinha [biscoito]; quentinho [quente]; calcinhas [calças]; peitinho [peito]; feitinhas [feitas]; saiazinhas [saias]; pregadinhas [pregadas]; cachorrinha [cachorra]; coitadinha [coitada]; buziquinho

	[buzico]; queixadinhas [queixadas]; pertinho [perto]; lençolinho [lençol]; abobarinha [abóbora]; pinguinha [pinga/pouco]; boazinha [boa]; malassadinhas [malassadas]; tristesinhos [tristes]; boquinha [boca]; casquinha [casca]; vidrinhe [vidrinho/vidro/frasco]; saquinho [saco].
--	--

Pode-se constatar que os informantes que mais usam as formas diminutivas são os mais idosos, do meio rural, tanto o homem (informante 1) como as mulheres (informantes 10 e 23), seguidos, curiosamente, pelo casal do Porto Santo, com o 9.º ano de escolaridade.

3. Análise Morfossintática

a) Posição dos Clíticos na Frase

A *Gramática do Português* define clítico como: “item lexical sem acento prosódico atribuído no léxico, mas com uma certa liberdade posicional (tal como as palavras, mas contrariamente aos afixos)” (Martins, 2013: 231). Estes itens lexicais correspondem a artigos definidos, pronomes pessoais (ex: o, a, os, as, lhe, lhes, se, me, te, nos, vos), pronomes interrogativos (que, porque) ou ainda preposições (de, para, com, por, já, quando). Consoante a sua posição nas orações, são denominados como enclíticos, proclíticos e mesoclíticos. Quando precedidos pelo verbo, estamos perante enclíticos (ex: diz-me). Quando antecederem o verbo, são designados de proclíticos (ex: não me digas). Já os mesoclíticos encontram-se a meio da conjugação verbal (ex: dir-me-ás), sendo próprios de um registo oral erudito e, como tal, menos correntes; sendo provavelmente essa a explicação para esta posição de clíticos não ter sido detetada nas entrevistas efetuadas.

Os fenómenos de ênclise e próclise obedecem a determinados parâmetros gramaticais (Cunha e Cintra, 1994: 203). Por norma, adotam-se os enclíticos, exceto nos seguintes contextos gramaticais – ver tabela 6.

Situação Linguística	Aplicação Correta
Negações	Ex: <u>Não me</u> toques.
Quantificadores	Ex: <u>Pouco me</u> interessa.
Advérbios Focalizadores	Ex: <u>Até</u> o cão <u>me</u> beijou.
Advérbios Enfatizadores	Ex: <u>Bem te</u> disse eu.

Advérbios Focalizados	Ex: <u>Sempre</u> <i>a</i> encontro contente.
Declarativas Enfáticas	Ex: <u>Pois</u> <i>te</i> garanto.
Interrogativas	Ex: Quem <i>te</i> deu?
Exclamativas	Ex: <u>Como</u> ela <i>me</i> irrita!
Imperativas com <i>que</i>	Ex: <u>Que</u> <i>me</i> digam a mentira.
Optativas	Ex: <u>Ou</u> <i>me</i> dizes ou...

De seguida, elabora-se uma listagem das situações em que, na fala dos entrevistados, se detetaram desvios na posição normativa dos clíticos.

Informante #	Exemplo
1	“(…) o senhor me mandou [mandou-me] <i>pá</i> [para a]...”
1	“(…) e ele não ia-me [me ia] pagar o dia.”
1	“Me <i>abicar</i> [atirar-me], não!”
1	“(…) num que chama-se [se chama] o Pico do Gato.”
1	“(…) depois quando eu aceitar [receber], eu lhe pago [pago-lhe].”
1	“(…) ainda tou-me [estou-me] lembrando [a lembrar].”
1	“Seu beicola, tu vais-te casar [vais casar-te] amanhã (…)”
1	“(…) eles me agarrare [agarraram-me] e levaram [levaram-me] pelo <i>terreiro</i> (…)”
1	“Mas as testemunhas vire [viram] ele me jogar [jogar-me] o pé.”
1	“(…) sempre a me chatear [chatear-me] (…)”
1	“Já fui para acolá me deitar [deitar-me] pa [para] um <i>terreiro</i> (…)”
1	“(…) eles me aprocurare [procuraram-me] (…)”
1	“Fui lá, lhe pedi [pedi-lhe] uma corda (…)”
1	“(…) quando o gajo leva-me [me leva] só por aqui fora (…)”
1	“(…) depois me escrevia [escrevia-me] e ficou (…)”
1	“Se apanhava-no [o apanhava], cortava-lhe o...”
1	“Ele foi-me buscar [foi buscar-me] e foi tirar a roupa (…)”
1	“Você vai-me deixar [deixar-me], vai-me dar [vai dar-me] ordem [autorização] (…)”
1	“Ela me fazia [fazia-me] o <i>mantenimento</i> [manutenção/limpeza] (…)”
3	“(…) era numa casa que chamava-se [se chamava] (…)”

3	“(…) tinha um engenheiro que chamava-se [se chamava] engenheiro Correia Neves (…)”
3	“(…) um hotel que chama-se [se chama] o Grand Hotel.”
5	“Só ia-se [se ia/íamos] comende [comendo] quando [quando] se trabalhava qualquer coisa [coisa]…”
5	“Por vezes, me explicave [explicavam-me] ao contrárie [contrário].”
5	“Tão [então], já passou-me [me passou]” um papel…”
6	“(…) me senti [senti-me] muito [muito] feliz (…)”
6	“Não, eu tou-lhe a dizer [estou a dizer-lhe] (…)”
7	“(…) como me aconteceu [aconteceu-me] a [na] primeira vez (…)”
10	“(…) que eu trouxe-lhe [lhe trouxe] (…)”
11	“Ela disse: “Tu me chamas [chamas-me] pro [por o/pelo] nome eh…”
11	“Às 6 horas da manhã, era se levantar [levantar-se] outra vez (…)”
12	“Quando obrigaram-me [me obrigaram] a vir para cá.”
12	“(…) onde [em que] esse mesmo grupo separa-se [se separa] do resto (…)”
13	“«(…) será que vou-me [me vou] dar bem?»”
17	“Se conheceram [conheceram-se] aqui, eram vizinhos.”
17	“(…) que as portas iam-se [se iam] abrir com muita facilidade (…)”
17	“Você me perguntou [perguntou-me] se tinha duas nacionalidades (…)”
17	“(…) eu tenho um conflito comigo mesma de não querer me [me querer] tornar brasileira.”
17	“(…) eu me lembro [lembro-me] da minha avó vir.”
17	“(…) comecei a me interessar [interessar-me] pela história… 2003 comecei a me interessar [interessar-me] pela história.”
18	“Até adaptei-me [me adaptei] bem (…)”
19 L	“Se for muita procura, já acaba-se [se acaba] por fazer…”
19 L2	“O qu’eu [que eu] tinha era a perceção que chamavam-me [me chamavam] de preta (…)”
19 L2	“(…) e a minha mãe começou-se a aperceber [começou a aperceber-se] (…)”
19 L	“(…) até que chamavam-lhe [lhe chamavam/davam] o apelido (…)”

19 L	“(…) começaram-me a encaixar [começaram a encaixar-me] à noite, como eu não sabia o Inglês...”
19 L	“(…) qu’o [que o] governo pagavam a eles [pagava-lhes] a casa...”
19 L	“(…) eu penso que isso acompanha-nos [nos acompanha] (...)”
19 L2	“(…) podem me ser [podem ser-me] útil [úteis].”
19 L2	“(…) não consigo deixar ele [deixá-lo] com ninguém”. Eu tinha medo! Tive... tive ele [tive-o] no St. Mary's Hospital...”
19 L	“o casal podia voltar <i>atra</i> [outra] vez jun... a se juntar [juntar-se].”
19 L2	“Tudo isso começou-nos a pesar [começou a pesar-nos] (...)”
19 L	“(…) vão te pôr [vão pôr-te]...”
20	“Já tava... quando vieram-me [me vieram] buscar...”
20	“Aquilho [aquilo] se chamava [chamava-se] CN não sei quê...”
21	“De da Madeira me lembro [lembro-me] só de (...)”
21	“O meu pai me dizia [dizia-me]...”
21	“(…) da viagem me lembro [lembro-me] do...”
21	“(…) no colo d’um [de um] senhor que levou-me [me levou]...”
21	“Mas já tinha-se [se tinha/tínhamos] uma irmã com...”
21	“Eu me lembro [lembro-me], quando era <i>pequeninho</i> [pequenino/pequeno] (...)”
21	“Sim, me lembro [lembro-me]. Eu me lembra [lembro-me], mas não foi (...)”
21	“(…) eu me lembre [lembro-me] de da gente [nós] (...)”
21	“(…) já tinha-se [se tinha] quatro quartos (...)”
21	“Sim, me lembro [lembro-me].”
21	“Até eu me lembro [lembro-me] de (...)”
21	“Eh... sim, eu me lembra [lembro-me] de de vir depois.”
21	“(…) e onde /que/ eu ia me adaptava [adaptava-me] bem.”
22	“... ela me ensinava [ensinava-me] (...)”
22	“(…) hoje, eu me lembro [lembro-me] (...)”
22	“(…) eu me esquece [esqueço-me] (...)”
22	“(…) e vi ela [via-a] a passear (...)”
23	“Eu cá não vou-lhe [lhe vou] abrir a cabeça e meter as contas lá dentro (...)”

23	“«A Teresa vai-se arrepender [vai arrepender-se] de não vir pá [para a] escola.»”
23	“(…) mas eu me desenrascava [desenrascava-me] (…)”
23	“(…) ela me deu [deu-me]…”
23	“Eu vou-lhe mostrar [vou mostrar-lhe] (…)”
23	“Ele tava [estava] a me fechar [fechar-me] as portas (…)”
23	“«Tu me fechavas [fechavas-me] as portas, eu chamava a polícia.»”
23	“Depois, eu me deitei pa [para] não sofrer mais.”
23	“A minha amiga me chamou [chamou-me]…”
23	“Então, vou-lhe dar [vou dar-lhe] duas <i>pimpinelinhas</i> [<i>pimpinelas</i> /chuchus].”
23	“Eu vou-lhe dar [vou dar-lhe] uma <i>ponchinha</i> [<i>poncha</i>].”
23	“Ele me disse [disse-me] que vinha aqui…”
24	“(…) podia me deslocar [deslocar-me] [para] onde queria (…)”

b) Uso desviante e Ausência dos Clíticos

Neste item, registam-se os exemplos de uso desviante e de ausência dos clíticos, na expressão dos pronomes direto e indireto, devido à complexidade do sistema gramatical dominado apenas por quem tem um nível elevado de escolarização. Desta forma, nota-se que os falantes que mais recorrem à estratégia de evitar os clíticos são os mais idosos e o casal do Porto Santo com o 9.º ano de escolaridade.

Informante #	Exemplo
1	“Chamei ele [chamei-o], mas ele não tava [estava] (…)”

c) Ausência de Artigo Definido antes do Possessivo em Nomes de Parentesco

Analisando obras literárias portuguesas ao longo do tempo, constata-se uma tendência de aumento da utilização dos artigos definidos a preceder possessivos. A título de exemplo, nos escritos de Fernão Lopes (cronista medieval) a percentagem era de 5%; em *Os Lusíadas* de Camões essa utilização rondava os 30%; na escrita do Pe. António Vieira era mais de 70%; e, finalmente, na obra de Alexandre Herculano o seu recurso ascendia a 90% (Almeida, s.d.: 41).

A Madeira, a par de outras geografias lusófonas, apresenta uma hesitação entre a omissão e o recurso do artigo definido precedendo os pronomes possessivos nos nomes de parentesco.

A ausência do artigo definido antes do possessivo em nomes de parentesco é notória nos relatos de informantes correspondentes idosos e adultos. Porém, tal fenómeno também se verificou nos informantes mais jovens (ainda que não de forma tão expressiva), provavelmente fruto de uma ligação próxima com familiares idosos. Outra situação que merece destaque é a da informante 17 que, tendo aprendido a falar o Português do Brasil e encontrando-se a residir nesse território, apresenta uma quase total ausência dos artigos definidos nas situações descritas, o que corresponde à norma do Português brasileiro.

Informante #	Exemplo
1	“A vida aqui era <i>miu</i> [muito]... [o] meu pai era muito... era pobre... era pobre.”
1	“(…) [o] meu pai, o dono das cerejas (…)”
1	“[O] Meu pai disse: (…)”
1	“E, então, [a] minha mãe tava [estava] a chorar (…)”
1	“[O] meu pai... falámos de raparigas com a bedeira [bebedeira].”
1	“Começámos a falar, a minha sogra começou a falar e [o] meu sogro [disse] (…)”
1	“A minha sogra vai [foi] brigar com [os] meus irmãos (…)”
1	“(…) [o] meu sogro ficava num [e] eu ficava no outro.”
1	“(…) mas não disse que era em casa de [da] minha mãe (…)”
1	“Cheguei, tinha [a] minha avó, Deus lhe dê o céu, era brava.”
1	“[Os] meus irmãos...”
1	“Quando [o] meu irmão chega [chegou] pa [para] ir almoçar (..)”
1	“Se [o] teu irmão não me der resposta a esta carta (…)”
1	“E levei [a] minha irmã (…)”
1	“Paí, [as] minhas irmãs sozinhas em Portugal...”, eram piquenas [pequenas], “não vão governar vida. [As] Minhas tias...”
1	“Eu não vou ser como [o] meu papá, [o] meu papá foi pa [para] Angola...”
1	“(…) vamos falar com [o] meu irmão e [o] meu irmão (…)”
2	“[O] Mê [meu] pai trabalhava numa loja (…)”
2	“(…) [o] meu irmão dizia (…)”

3	“[A] Minha mãe era doméstica.”
3	“[Os] Meus irmãos mais velhos (...)”
7	“(...) [a] minha mãe ia a [à] casa dessa senhora (...)”
7	“(...) e [a] minha irmã, praticamente qu’eu [que eu] ã [não] conhecia aquela irmã...”
7	“(...) [a] minha mãe é que cuidava dos filhos [filhos].”
7	“(...) havia uma casinha [casa] que [a] minha mãe...”
7	“(...) chegava lá em baixe [baixo] e [a] minha mãe dizia [dizia] (...)”
7	“«[A] Tua mãe ã [não] pagou a conta ainda»”
7	“(...) <i>pao</i> [para o] hotel onde [o] <i>mê</i> [meu] mar... onde [o] <i>mê</i> [meu] irmão tava [estava] trabalhade [trabalhando/a trabalhar].”
7	“(...) até [o] meu irmão chegar.”
7	“(...) no hotel onde [o] <i>mê</i> [meu] mar... onde [o] meu irmão trabalhava (...)”
7	“Era assim: [o] <i>mê</i> [meu] irmão era multe [muito] (...)”
7	“(...) que [o] <i>mê</i> [meu] maride [marido] também era católico.”
7	“(...) [o] <i>mê</i> [meu] maride [marido] tava [estava] cos [com os] <i>sês</i> [seus] amigues [amigos] (...)”
7	“[O] <i>mê</i> [meu] maride [marido] conduzia, era uma maravilha (...)”
7	“Porque [a] minha mãe ã [não] tinha til’fone [telefone] eh...”
7	“Sim, porque [a] minha mãe ã [não] sabia escrever (...)”
7	“Sim, porque [o] <i>mê</i> [meu] maride [marido] (...)”
7	“(...) quande [quando] [a] minha irmã vinha da França (...)”
7	“(...) quande [quando] [o] <i>mê</i> [meu] maride [marido] faleceu.”
9	“(...) tinha sempre obrigação de ver o que é que [o] meu irmão (...)”
9	“(...) estava lá no aeroporto [o] meu irmão (...)”
9	“(...) [o] meu irmão já estudava (...)”
9	“[O] meu irmão já estava lá (...)”
9	“(...) quando [o] meu pai morreu eh... tornou-me mais forte.”
10	“(...) primeiro [o] meu cunhado (...)”
11	“Da casa, era só [os] meus pais que tave [estavam] emigrados.”
11	“Bem, só depois de [o] <i>mê</i> [meu] maride [marido] (...)”

11	“Se tivesse [o] <i>mê</i> [meu] <i>maride</i> [marido], eu...”
11	“E [o] <i>mê</i> [meu] <i>maride</i> [marido] também (...)”
17	“[O] Meu pai era <i>eletricista</i> e a minha mãe era (...)”
17	“[A] Minha irmã em Paris, o meu irmão já numa cidade...”
17	“(...) [o] meu irmão só tem 19 meses de diferença (...)”
17	“[Os] meus pais tentaram nos colocar na escola portuguesa em França (...)”
17	“Ele comprava de um português, já pronto, e a gente comia.”
17	“(...) mas [o] meu irmão ficou lá.”
17	“(...) [a] minha mãe continua...”
19 L	“(...) [o] meu pai com... eu tinha treze anos, separou-se da minha mãe.”
19 L	“A gente [nós] éramos mais chegados a [à] minha mãe (...)”
19 L	“(...) pusemos [o] meu pai de parte (...)”
19 L	“[O] Meu pai teve um acidente e perdi...”
20	“É o que [a] minha mãe me conta.”
20	“Mas eu... <i>come</i> [como] [a] minha mãe...”
20	“ <i>Nã</i> [não] me lembre [lembro] se [o] <i>mê</i> [meu] pai veio...”
20	“(...) comprei [o] <i>mê</i> [meu] <i>próprie</i> [próprio] <i>carre</i> [carro] (...)”
21	“(...) o <i>mê</i> [meu] pai levou <i>ê</i> [eu] [levou-me] e [as] minhas irmãs...”
21	“Eh... [o] meu pai eh... começou lá em várias...”
21	“(...) que [o] meu pai... que [o] meu pai tinha...”
21	“[O] Meu pai já conhecia (...)”
21	“[O] Meu pai já tinha feito bastante e...”
21	“(...) [as] minhas irmãs (...)”
22	“(...) [a] minha mãe disse (...)”
22	“...E [a] minha irmã (...)”
22	“... uma tia de [do] <i>mê</i> [meu] pai.”
22	“...eu, [a] minha irmã do meio eh... e [o] <i>mê</i> [meu] pai e [a] minha mãe.”
22	“(...) irmão de [do] <i>mê</i> [meu] pai (...)”
22	“(...) <i>achamou</i> [chamou] [o] <i>mê</i> [meu] pai...”
22	“(...) ver [a] minha mãe (...)”
22	“[A] minha mãe (...)”
22	“(...) e [a] minha mãe tinha (...)”
22	“(...) e essa [a] minha mãe levava (...)”

22	“[A] Minha mãe nunca falava”
22	“Foi [o] meu...”
23	“E [o] mê [meu] marido...”
23	“(...) eu fui pedir dinheiro a [ao] meu pai e [o] meu pai disse (...)”
23	“E [o] meu marido, quando chegou às 2000... francos (...)”
23	“E, então, [o] meu marido veio à Madeira (...)”
23	“(...) [o] meu marido veio buscar os piquenos [pequenos] (...)”
23	“(...) era <i>cuma</i> [como] [se fosse] [o] meu filho...”
23	“Isto aqui é [o] meu marido mais eu [comigo] (...)”
23	“[O] meu marido ficava lá.”
23	“[O] Meu marido, assim qu’ele [que ele] se levanta (...)”
23	“Sempre foi, [os] mês [meus] filhos, sempre foi.”
23	“Nã [Não] tinha. [O] mê [meu] tio tinha só um <i>rajão</i> .”
23	“Mas, veja, [o] mê [meu] marido disse (...)”

d) Falta de Concordância Verbal, Nominal e Adjetival

Resultado da influência das línguas dos países de destino, bem como das habilitações académicas e contexto sociocultural/socioeconómico dos informantes, foram vários os casos de falta de concordância verbal, nominal e adjetival detetados, com especial destaque para as faltas de concordância nas marcas gramaticais de género, de número e de terceira pessoa do plural.

Informante #	Exemplo
1	“Se fosse doi [dois] dias, era [eram] oito patacas [escudos], se era [fosse] três, era o que calhasse.”
1	“Ela trouxe-me um [uma] bandejinha [bandeja] (...)”
1	“Lembra-me [Lembro-me], foi batatas [batata-doce] com espada.”
1	“(...) não sei se conhece, onde está [estão] as grutas (...)”
1	“Vocês tem [têm] foimi [fome]?”
1	“Mandou fazer um [uma] sandes a cada um... a criada.”
1	“Era [Eram] três homes [homens] (...)”
1	“Não tinha [tinham] chegado ainda.”

1	“Isto era [eram] castanhinhas [castanhas], as primeiras castanhinhas [castanhas] que apareceu [apareceram].”
1	“Então, quanto é que vai por uma [um] polícia?”
1	“Ele atremou [mandou-me] um [uns] pontapés (...)”
1	“Já se tava [estava] casado [casados] no civil e...”
1	“(...) era para me levar [levarem-me] um [uma] coisinha [coisa/um pouco] de café (...)”
1	“Tomei um [uma] coisinha [coisa/um pouco] de café (...)”
1	“Para estes caminhos, uma parte, era [eram] os encarregados, era [eram] quase todos lisboetas.”
1	“Já passa [passam] dez minutos, ele ainda não chegou aqui (...)”
1	“Quando foi [foram] as outras duas vezes [vezes] (...)”
1	“(...) uns chamava [chamavam] pelo nome (...)”
1	“Não era [eram] cêntimos, era [eram] francos.”
1	“Vem [vêm] p’ra [para] ali que a gente [nós] vai-se [vamos] arremediar todos (...)”
1	“Eu ganhava... quando a [o] dólar lá subiu (...)”
1	“Eu vendo-lhe quinhentas [quinhentos] dólares. Só se vende quinhentas [quinhentos] dólares por dia a cada cliente.”
1	“Os filhos tá [está/estão] aí (...)”
1	“Agora, saímos [fomos] todos, mas éramos... todos tinha [tinham] mais força que eu (...)”
1	“Vocês tem [têm]... agora ainda tenho um (...)”
2	“(...) os meus pais é [são] Maria (...)”
3	“Foi [foram] os últimos... Mas os primeiros que eu tive, nasceu [nasceram] em Santa Cruz.”
3	“Hoje eles tem [têm] gente que fala inglês (...)”
3	“Era [eram] paquistães [paquistaneses]... era [eram] chineses...”
3	“(...) e as ideias muda [mudam]...”
3	“(...) mas tave [estavam] em diferente [diferentes] classes...”
5	“Pronte [pronto], foi [foram] muita [muito] boas pessoas p’ra [para] mim...”
5	“... entrei [comecei] a namorar com a minha...”
5	“... depois d’eu [de eu/de mim]...”
5	“Ah... nã [não] sei se era [eram] as horas que eles sabiem [sabiam] que...”

5	“25 franques [francos], na altura, era [eram] francos.”
5	“É [são] horas (...) era [eram] 8 horas.”
6	“Foi [foram] eles que foram buscar (...)”
6	“Foi, era [eram/foram] os padrinhos da minha filha cá.”
6	“(…) as coisas [coisas] foi-se [foram] passande [passando] eh...”
6	“(…) tudes [todos] os que seja [sejam] portugueses (...)”
6	“(…) que era [eram] multe [muitas] crianças (...)”
7	“(…) eu nasci aqui na [em] Água de Pena.”
7	“Sim, foi aqui n’Água de Pena [na/em Água de Pena].”
7	“(…) qu’eu [que eu] tinha ganho [ganhado] lá nesses seis meses...”
7	“(…) os outros 50 era [eram] pa [para] pagar lá em baixo (...)”
7	“(…) nesse [nessa] pensão, no inverne [inverno] (...)”
7	“Mas vinha [vinham] sempre aqueles (...)”
7	“(…) a seguir da Festa de Santa Beatriz, é o [a] Festa do Senhor.”
7	“(…)foi [foram] multe [muito] defíceis [difíceis] p’ra [para] mim (...)”
7	“Quem nã [não] era bem-recebidos é [eram] os <i>pasquistões</i> [paquistaneses] (...)”
7	“(…) os ingleses querem trabalhes [trabalhos] e nã [não] tem [têm], mas (...)”
7	“(…) talvez os primeiros [primeiros] dez anes [anos], era [eram] só cartas.”
8	“As nossas rotinas era [eram] eh...”
8	“(…) porque também veio [vieram] pessoas do Continente...”
9	“(…) tens que te levantar às 6 da manhã pa [para] ir [ires] pao [para o] bar trabalhar (...)”
9	“(…) foi [foram] as principais diferenças (...)”
9	“Depois, foi [fui] subindo de posto (...)”
9	“A França não é mau [má].”
9	“Os árabes eh... os árabes, antes de começar [começarem] a trabalhar, já são patrões (...)”
9	“(…) digam que são portugueses [portugueses] (...)”
10	“Era [eram] da câmara.”

11	“(…) as memórias boas... <i>nã</i> [não] foi [foram/são] multe [muito] boas (...)”
11	“Não foi [foram] legais!”
11	“(…) cheguei em <i>tempes</i> [tempos] <i>mesme</i> [mesmo] bom [bons].”
11	“(…) agora construíram lá eh... tem [têm] a sua vida lá (...)”
11	“(…) <i>comiem</i> [comiam], é [eram] <i>pequenes</i> [pequenos] também (...)”
11	“(…) aquelas cantigas portuguesas [portuguesas] (...)”
11	“(…) mas eles tem [têm] outra ah...”
11	“eles era [eram] <i>preses</i> [presos] (...)”
11	“Mas já <i>nã</i> [não] se importe [importam], já perdeu [perderam]...”
11	“Eles, <i>antão</i> [então], já tinha [tinham] telefone.”
11	“ <i>Economise</i> [economizam] é [são] os que têm aqueles empregos bons.”
11	“(…) <i>nã</i> [não] é [são] assim grande coisa (...)”
11	“(…) <i>comprare</i> [compraram] as suas casinhas [casas] e tem [têm] o seu <i>dinheirinhe</i> [dinheirinho/dinheiro] (...)”
11	“O aluguer das casas são muito altas [é muito alto].”
11	“(…) e má [mau]... má [mau] <i>tempe</i> [tempo] eh... <i>voilà</i> [era isso].”
11	“(…) eles tem [têm] a chance de eh... do... governo <i>lhe</i> [lhes] dar <i>dinheire</i> [dinheiro] (...)”
11	“(…) aquele <i>abone</i> [abono] qu’ eles [que eles] <i>lhe</i> [lhes] dão.”
11	“E eles também tem [têm] razão (...)”
11	“Eles tem [têm] razão, <i>mesme</i> [mesmo] ao contrário (...)”
11	“(…) quando <i>chegames</i> [chegamos] lá, eles <i>vem</i> [vêm/dizem] assim: “Ah, <i>vacês</i> [vocês] <i>vem</i> [vêm] p’ra [para] aqui tirar o <i>nosse</i> [nosso] pão”. Eles tem [têm] muita razão, é verdade (...)”
12	“(…) passado [passados] quinze dias já tava [estava] em Londres.”
12	“era só mesmo um contacto [e disse]: «Pá, orienta-te, tem uma casa <i>nã</i> [não] sei quê...»”
12	“(…) empresa que estava a crescer e passado [passados] 6 meses (...)”
13	“Tanto a licenciatura como o mestrado foi [foram] tirado [tirados] em Coimbra?”
13	“Surgiu [surgiram] 2 oportunidades de ir a uma entrevista...”

13	“A grande maioria eram [era] madeirenses.”
13	“(…) e tá [está/estão] incluído [incluídas] todas as despesas.”
14	“A maior parte das pessoas aceitam [aceita] muito bem os portugueses (…)”
14	“Eles disseram que as possibilidades era [eram] o Reino Unido ou o Canadá”
14	“A maior parte das pessoas aceitam [aceita] muito bem os portugueses (…)”
15	“(…) os diferentes sotaques que eles tem [têm] (…)”
15	“Na cidade em que nós estamos também tem [têm] um sotaque…”
17	“Eu fui primeiro português [portuguesa].”
17	“(…) os meus pais tinha [tinham] um amigo (…)”
17	“O que tinha era português [portugueses] do continente (…)”
17	“Eh… tem [têm]… ah… depende das famílias.”
17	“(…) como se… tivesse [tivessem] alguma coisa pa [para] provar pa [para/à] França.”
17	“Voltam sempre que tem [têm] os netos e o meu irmão ficou na França (…)”
17	“Pronto, no começo, eu queria que as pessoas fosse [fossem] como eu (…)”
18	“(…) bem concentrade [concentrado] do [no] futuro (…)”
18	“(…) presuntos e esses tipos de carne, cozido [cozidos] com batatas…”
18	“Apesar de haver franceses, os franceses já tem [têm] (…)”
18	“É [São] batatas.”
18	“(…) há sempre coisas que não existe [existem].”
18	“(…) peixe-espada preta [preto] (…)”
19 L2	“(…) levava dois [duas] mil pessoas (…)”
19 L2	“(…) tinha estrelinhas qu’ é [que é/eram] os leds (…)”
19 L2	“As mesas era [eram] co [com o] tampo de vidro (…)”
19 L	“Havia uma lista e tá [está/estão] pessoas lá há vinte, trinta anos (…)”
19 L2	“Valia a pena porque era [eram] duas horas por dia…”
19 L2	“Porque a gente [nós] trabalhava [trabalhávamos] duros [duro] durante… durante a semana (…)”
19 L	“(…) a parte do… da <i>catery</i> [catering/comida/refeições] era [eram] empresas que..”
19 L	“Era num quarto, nessa casa vivia [viviam] três, quatro…”
19 L2	“Não é [era] normal, sim.”

19 L2	“As feiras, p’ra [para] mim, era [eram] multicultural [multiculturais].”
19 L	“Os meus avós, da parte da minha mãe teve [tiveram] quinze [filhos]”
19 L	“(…) era [eram] só os ricos que vinham <i>pao</i> [para o] Porto Santo.”
19 L	“Vai fazer vinte e um ano [anos] em janeiro.”
19 L	“(…) nem íamos pa [para] café [cafés] eh...”
20	“Então, portanto, a a mudança foi parecido [parecida].”
21	“Muitas... vária [várias] vez [vezes].”
21	“(…) eram mais velha [velhas] e contavam...”
21	“[Qu]’as [Que as] minhas irmãs já tinha [tinham], as mais velhas já tinha [tinham] eh... na altura, oito, nove anos (...)”
21	“(…) de toda [todas] as região [regiões] (...)”
21	“(…) ser ajudado pelas professora [professoras]...”
21	“(…) fazer coisas diferente [diferentes].”
21	“Sim, era [eram] férias eh...”
21	“(…) a maioria era [eram] todos portuguesa [portugueses]. Alguns tinha [tinham] vinhas (...)”
21	“Sim, eh... tem coisas difícil [difíceis] (...)”
21	“(…) esses deveriam devolver e voltar <i>pao</i> [para o] país dele [deles].”
22	“...passado [passadas] umas semanas (...)”
22	“... Era [eram] tode [tudo/todos] emigrantes.”
22	“... os emigrantes ir [irem] p’ra [para] lá eh...”
22	“(…) tinha lá pessoas que ficava [ficavam] a vida toda (...)”
22	“(…) tinha coisa [apartamentos] alugadas [alugados] (...)”
22	“(…) todas que vem [vêm] de lugares diferentes (...)”
22	“(…) com esses [essas] pessoas pa [para]...”
22	“(…) era [eram] de [da] Grécia e qual [quais] as diferenças (...)”
22	“... na minha [no meu] mental eh...”
22	“(…) viram que tava [estava/estavam] (...)”
22	“(…) foi [foram] muitas espanholas [para] lá (...)”
22	“(…) depois, passade [passados] uns 6 meses ou 4 meses (...)”
22	“(…) tem [têm] esta [estas] tradição [tradições] todas.”
22	“(…) tem [têm] aqui a casa, tem [têm] (...)”
22	“... o nosso [a nossa] lua-de-mel, a Sandy...”

22	“(…) foi uma das razão [razões] que saí (…)”
22	“(…) foi a [o] primeire [primeiro] país (…)”
22	“Desculpa, ((risos)) é [são] estas palavras (…)”
22	“(…) quando é [são] os pequeninhos (…)”
22	“(…) nã [não] tá [está/estamos] assim orientados.”
22	“(…) quer [queremos] mais pa (…)”
22	“(…) que tem [têm] trabalhe [trabalho] (…)”
23	“Eu não fui ao quadro, foi [foram] as minhas amigas é que foram ao quadro.”
23	“Chamava-se bogangas, que é [são] aquelas (…)”
23	“Aquela máquina ia para aquela fazenda e tude [tudo/todos] levava [levavam] o trigo pa [para] desbulhar.”
23	“E ficou [ficaram] os 2 maiores, que tinhe [tinham] 9 e 10.”
23	“Essas flores, aqui, chama-se [chamam-se] espigos de São José.”
23	“Eu disse: «Ah, não, diz [dizem] que é para a Rita (…))»”
23	“(…) sabe o que é [são] ostras?”
23	“Isto é [são] os <i>noives</i> [<i>noivos</i> /casamento] da minha filha (…)”
23	“Passámos dois [duas] semaninhas [semanas] aqui a bordar as duas.”
23	“era [eram] calças que tinham [tinham] <i>regeiras</i> [suspensórios] (…)”
23	“Isso era cantar era os Reises [Reis].”
23	“Tem [têm] um filho grande, mas já trabalhava lá.”
23	“Ele vinha ver o tio e encontrámos [encontrámo-nos] no hospital, que coisa bom [boa].”
23	“Depois, comecei a fazer almoços para ele [eles] e vinha [vinham] aqui (…)”
23	“Tudo [todas] me chama [chamam] (…)”
23	“Diz [dizem] que é umas berruginhas [verruquinhas/verrugas/ pólipos]...”
23	“E crepes, também fazia muitas [muitos] crepes.”
23	“Era só pa [para] limpeza, era [eram] umas porcas.”
23	“Muitas <i>passadas</i> é [são] escadas.”
23	“(…) mas os outros do outro lado já tinha [tinham].”
23	“(…) o <i>trapiche</i> é uma casa de loucos, é [para] onde vai [vão] os loucos.”
24	“Eu sei que em Paris existe [existem] de facto associações (…)”

Trata-se sobretudo da falta de concordância entre o sujeito plural e a forma verbal de 3.^a pessoa do plural correspondente. No que concerne à falta de concordância nominal e adjetival,

verifica-se em casos como: “diferente classes” (informante 3), “passado” por “passados quinze dias” (informante 12), “português” por “portuguesa” e “portugueses” (informante 17) – claramente influência do Francês, “peixe-espada preta” por “preto” (informante 18), “vária vez” por “várias vezes”, “eram mais velha” por “velhas” e “tem coisas difícil” por “difíceis” (informante 21), “muito barato as viagens” por “baratas”, “coisa bom” por “boa” e “muitas crepes” por “muitos” (informante 23).

e) **Sujeito Expresso com *A Gente* em vez de *Nós***

Bastante comum no Brasil e na Madeira, a expressão *a gente* é utilizada sobretudo na língua falada, substituindo a primeira pessoa do plural e sendo conotada como popular ou demasiado vulgar face à norma-padrão (Almeida s.d.: 19).

No Português, *a gente*, equivale, na maior parte das vezes, ao *on* genérico do francês: “Au Portugal, déjà, a gente s’emploie assez fréquemment avec le sens du «on» indefini, comme dans l’exemple suivant: «É curioso como certas coisas vao [sic-vão] acontecendo em volta da gente sem a gente perceber» (...)” (Maillard, 1992b: 270).

De acordo com o levantamento exaustivo do sujeito expresso com “a gente” nos *corpora*, que se apresenta em apêndice, este geralmente é o experienciador ou o agente e o uso da construção sintática com *se*, quando o sujeito não está expresso, carrega igualmente um valor afetivo ou mais subjetivo. Em “a gente tinha-se”, por “nós tínhamos”, evita-se a forma verbal com acentuação esdrúxula, ao contrário das formas verbais com acentuação regular, próprias de *nós*, primeira pessoa do plural, que são combinadas com a expressão *a gente*: “a gente trabalhámos/ficámos/fomos/levámos”, em vez da 3.^a pessoa do singular, embora também ocorram as frases: “a gente éramos”, “a gente queríamos, íamos”, mas “comprava-se” e não “comprávamos”.

Observa-se que “a gente” por “nós” apresenta a seguinte variação: “mandava a gente” por “mandava-nos”, em que “a gente” não é sujeito, ocorrendo na posição de clítico, dado que as formas enclíticas da 1.^a pessoa do plural são complexas para os falantes com baixa escolaridade, enquanto as formas populares são mais simples e mais expressivas. Documenta-se ainda a forma “entrame-se” por “entrámos (no avião)”, em que a informante 5 junta o traço da construção “se” de “a gente” com a forma verbal da 1.^a pessoa do plural, utilizada com o pronome pessoal “nós”. De igual forma, registou-se “nós faz-se” por “fazemos”, na fala da informante 11, misturando a construção de “nós” com “a gente”. Na fala do informante 22,

atestaram-se as seguintes frases: “a gente vivia” e “a gente vivia-se”, sem e com o “se”, em que a forma “vivia-se” é mais subjetiva e expressiva.

Conclui-se que *a gente*, embora seja uma expressão legítima do Português, é característica da oralidade, sendo que, no discurso dos informantes, o seu uso confunde-se com o do pronome da primeira pessoa do plural, *nós*, por ter um valor coletivo, por exemplo: *a gente fomos* por *a gente foi* e *nós fomos*. A expressão *a gente* é mais expressiva, transmitindo afeto e sentimento de pertença, enquanto *nós* expressa maior distanciamento. No entanto, *a gente* ainda é uma expressão estigmatizada pela gramática tradicional da língua portuguesa.

f) Verbo *Ter* com Valor Existencial em vez de *Haver*

Característica do Português do Brasil, mas também de meios rurais e menos alfabetizados, que conservam este traço antigo da língua portuguesa, a utilização do verbo *ter* com sentido de *haver* surge, não raras vezes, nos *corpora* linguísticos das entrevistas efetuadas. Aline Bazenga (cf. webgrafia), além do recurso ao pronome *a gente*, bem como dos possessivos pré-nominais sem artigos, no *Corpus Sociolinguístico do Funchal* (CSF), também regista e estuda as ocorrências de *ter* com valor existencial, chamando à atenção para a sua frequência no Português falado na Madeira.

Informante #	Exemplo
1	"Não tinha [havia] nada fresco que, naquele tempo, não tinha [havia] refrescos."
1	"(...) ali umas [numas] vendas que tem ali (...)"
1	(...) mas teve [houve] um gajo (...)
1	"Teve [houve] um gajo, um amigo meu, que (...)"
13	"(...) vou aos restaurantes típicos madeirenses que tem [há/existem] aqui."
13	"(...) outra cidade que é perto, 10, 15 minutos, onde lá tem [há/existem] os supermercados e cafés portugueses."
15	"(...) lá na nossa cidade tem [há] muitos polacos (...)"
17	"Tem [há/existe] um lado bom do Brasil e (...)"
17	"Bom é fruta, verduras eh... isso tem [há/existe] à vontade [vontade] (...)"
17	"Da Madeira tem [há/existe] eh... Em São Paulo tem [há/existe] uma Casa da Madeira (...)"

17	“No Rio teve [houve/existiu], mas não tem [há/existe] mais. Teve [houve/existiu], nos anos 50 (...)”
17	“(...) no Brasil não tem [há/existe], não tem [há/existe].”
17	“(...) porque o que tem [há/existe] que me lembrava da casa (...)”
17	“(...) tem [há/existe] um... um convénio p’ra [para] dar igualdade de direito [direitos] aos portugueses e aqui tem [há/existe] a mesma coisa (...)”
17	“E, muitas vezes, quando tem [há/existe] uma coisa no Brasil (...)”
17	“(...) mas quando teve [houve] a final da copa da Europa, França-Portugal...”
17	“(...) tem [há/existem] piadas entre o português do continente e os ilhéus.”
18	“(...) tem [há] muitos franceses a trabalhar na Suíça (...)”
18	“Eh... tem várias associações portuguesas (...)”
18	“Tem vários. Tem vários cafés portugueses (...)”
19 L2	“(...) eles não permitiam que tivessem [tivesse/houvesse] crianças.”
20	“Tinha [Havia] lá dias que a gente podia brincar.”
21	“... tinha-se [tínhamos] também umas famílias de franceses que viviam lá.”
21	“E tinha [havia] lá as barracas (...)”
21	“E tinha muitos portugueses (...)”
22	“(...) ainda tem coisas plantadas em casa (...)”
22	“Nunca teve isso na Inglaterra.”
22	“(...) [porque] tinha [havia] trabalho (...)”
23	“Não tinha comprado isto, estas coisas não tinha [havia] nada (...)”

Excluindo a informante 17 que fala Português do Brasil, onde o uso de “ter” com valor existencial é corrente, são os informantes idosos (1 e 23), adultos (19 e 20) e o jovem adulto, neste caso (18), de Santa Cruz, com 29 anos e o 12.º ano, que mostram utilizar esta construção, revelando ser transversal a várias faixas etárias, embora com predomínio dos adultos e idosos.

g) Uso do Gerúndio

Trata-se de um traço morfossintático comum ao Português do Brasil que também será antigo, ou seja, conservador. É um facto linguístico corrente e comum a todos os estratos sociais, por exemplo: “foi correndo” por “foi a correr”.

Informante #	Exemplo
1	“(…) o gajo tava [estava] almoçando [a almoçar]. Chamei ele [chamei-o], estava almoçando [a almoçar].”
1	“(…) eu já tava [estava] trabalhando [a trabalhar] lá lém [além] (…)”
1	“Tás [estas] ganhando [a ganhar], não é pa [para] tu fiques ca [com a] gorjeta”.
1	“(…) começou a reclamar do que ele tava [estava] fazendo [a fazer].”
1	“(…) eu tava [estava] chegando [a chegar] ali abaixo à venda (…)”
1	“Ela podia tar [estar], agora, brigando [a brigar] [e], no mesmo instante, já tava [estava]...”
1	“(…) e vinha subindo [a subir] ali debaixo aí [as] voltas (…)”
1	“(…) tava [estava] saindo [a sair] já da Ribeira da Achada (…)”
1	“(…) tavam [estavam] fazendo [a fazer] aquela vareda [vereda] pa [para] chegar ao Pico Ruivo.”
1	“(…) os rapazes tavam [estavam] mijando [a mijar/tremer] de medo.”
1	“Ah, rapariga, tás [estás] ouvindo [a ouvir] eu falari [falar]?”
1	“Você tá [está] <i>portando</i> [levando/a levar] gajos pa [para] França?”
1	“O patrão... tava-se [estávamos] chegando [a chegar] ao Arieiro...”
1	“O senhor parece que tá [está] estranhando [a estranhar] isto?”
1	“(…) já tava [estava] escrevendo [a escrever] numa carta (…)”
1	“(…) já eu tava [estava] trabalhando [a trabalhar] (…)”
1	“(…) ele tava [estava] falando [a falar] com o marido dela (…)”
1	“(…) onde ele tá [está] contando [a contar] o dinheiro (…)”
1	“(…) ele estava trabalhando [a trabalhar] com o sogro (…)”
1	“(…) o dinheiro que vocês estão ganhando [a ganhar] de quem é?”
1	“Meu pai, tá [está] chorande [chorando/a chorar], eu não posso ir...”
1	“(…) um amigo meu, que tava [estava] lá telefonando [a telefonar].”
1	“(…) o outro irmão tava [estava] saindo [a sair] do avião (…)”
3	“(…) lá <i>donde</i> [onde] eu tava [estava] trabalhando [a trabalhar]...”
3	“(…) a Bia tava [estava] trabalhando [a trabalhar] aí.”
3	“(…) tava [estava] trabalhando [a trabalhar] na Fajã da Ovelha (…)”

3	“(…) 8 libras nesse tempo tava [estava] dando [a dar] 80 escudos…”
3	“(…) eles mandavam um papel dizendo [a dizer] (…)”
3	“(…) estava morando [a morar] num lugar (…)”
3	“Quando a pessoa tá [está] trabalhande [trabalhando/a trabalhar]…”
5	“Eles tão [estão] aceitande [aceitando/a aceitar] pessoas…”
5	“Mas, come [como] eu tava [estava] dizende [dizendo] (…) O médico teve-me [esteve] vende [vendo-me/a ver-me] (…)”
5	“(…) tava [estava] perguntando [a perguntar]…”
5	“A mulher tava [estava] aqui, tava [estava] bordande [bordando/a bordar].”
5	“(…) fiquei devende [devendo/a dever] um dinheirinho [dinheirinho] da casa.”
5	“Teve um que nã [não] queria aceitar, que nã [não] tava [estava] findande [findando/a findar] a letra ainda.”
5	“(…) já nã [não] fiquei devende [devendo/a dever] nada a ninguém.”
5	“tava [estava] ficande [ficando/a ficar] com as mãos encencadas…”
6	“«Tá [está] quase chegande [chegando/a chegar] a casa».”
7	“(…) mesmo… morando [a morar] num <i>palheire</i> [palheiro/estábulo]”
7	“(…) tá [está] vende [vendo/a ver] aqueles eh… eh… coisas de luz?”
7	“(…) tá [está] vende [vendo/a ver] aquela coise [coisa] que (…)”
7	“(…) onde [o] mê [meu] irmão tava [estava] trabalhande [trabalhando/a trabalhar].”
7	“(…) ele nã [não] tava [estava] trabalhande [trabalhando/a trabalhar].”
7	“(…) ele já sabia o que se tava [estava] passande [passando/a passar] (…)”
7	“Já sabia o que tava [estava] fazende [fazendo/a fazer].”
7	“(…) tava [estava] pensando [a pensar] qu’eu [que eu] ia fazer (…)”
7	“passeande [passeando/a passear], vende [vendo/a ver] os lugares”
7	“(…) foi onde eu estou morando [a morar] agora…”

7	“(…) a casa já tava [estava] ficande [ficando/a ficar] pequeninha [pequena]”
7	“(…) que é agora onde eu estou morande [morando/a morar].”
7	“(…) eu sabia o que eles tave [estavam] dizende [dizendo/a dizer]”
8	“(…) quando tou [estou] conversando [a conversar] co [com o] meu namorado (…)”
8	“Nã [não] tou [estou] me lembrando [a me lembrar] ao certo, agora.”
11	“(…) o mundo tá [está] ficande [ficando/a ficar] male [mal].”
11	“(…) já se tava [estava/estávamos] conhecende [conhecendo/a conhecer] aqui l he [aquilo] (…)”
11	“(…) nã [não] podem trabalhar, tão [estão] recebendo [a receber]...”
17	“Você tá [está] falando [a falar] di [de] mim?”
17	“Não podia ter [uma] conversa como tou [estou] tendo [a ter] agora”
17	“(…) eu estou... procurando [a procurar] informações...”
19 L	“Vinha-se [vínhamos] andando [a andar] p’las [pelas] ruas...”
19 L	“(…) ia-se [íamos] olhando [a olhar] pás [para as] lojas. Vinha-se [vínhamos]... passava-se [passávamos] muito tempo juntos...”
19 L	“E já vivendo [a viver] aqui...”
23	“«Ah, mas eu não tou [estou] vendo [a ver] quem é»”
23	“«Tá [está] indo [a ir] bem, Teresa.»”
23	“Parece que tou [estou] vendo [a ver] ela hoje (…)”
23	“A mais velha tava [estava] aprendendo [a aprender] /a/ costura (…)”
23	“Ele ainda tava [estava] aprendendo [a aprender].”
23	“«Tás [Estás] perdendo [a perder] o juízo ou o quê?»”
23	“(…) tou [estou] fazendo [a fazer] companhia (…)”
23	“Ah, mas eu nã [não] lhe tou [estou] pedindo [a pedir] nada.”

A maioria dos falantes usa o tempo verbal no gerúndio, em casos como: *estava trabalhando*, *almoçando* e *ganhando*, em vez de *estava a trabalhar*, *a almoçar* e *a ganhar*. Embora estas sejam as formas predominantes, também ocorrem outras construções sintáticas, com formas gerundivas, por exemplo: *vinha subindo* por *a subir*, *vinha-se andando* por *a andar*,

ia-se olhando por a olhar, fiquei devendo por a dever, mandava um papel dizendo por a dizer, já vivendo lá por a viver lá. Muitos destes exemplos correspondem a usos linguísticos dos locutores do Porto Santo. Constatase que alguns informantes mais jovens não utilizam este tipo de construções.

h) Omissão de preposições e de outros elementos gramaticais

Este fenómeno consiste na ausência de preposição, bem como de outros elementos gramaticais, nas construções frásicas. A listagem destas ocorrências é apresentada em apêndice, por ser muito extensa (ver Apêndice 8).

Capítulo IV – Discussão dos Resultados

1. Resultados Socioculturais

Os testemunhos na primeira pessoa de quem vivenciou a experiência da emigração para a França e o Reino Unido constituem um riquíssimo acervo histórico, sociocultural e linguístico, quer da realidade da ilha da Madeira a partir da década de 60, quer dos dois países de destino em estudo.

As amostras dos informantes idosos e adultos, oriundos de meios rurais, correspondem à Calheta (Ponta do Pargo); Machico (Água de Pena); São Vicente (Rosário); Câmara de Lobos (Curral das Freiras), Santana e ilha do Porto Santo. Na sua maioria, estavam inseridos num meio familiar com poucas economias, pois, desde muito cedo, começavam a trabalhar para ajudar a sustentar o agregado familiar: os homens trabalhavam na agricultura e as mulheres bordavam em casa, costuravam e exerciam trabalhos domésticos em “casa alheia”. A sua escolarização era precária, ficando muitos pela 3.^a ou 4.^a classe, outros nem tinham a oportunidade de frequentar a escola. A maior parte dos homens idosos emigrou para a França de forma ilegal, com recurso a passadores, muitas vezes para fugir à tropa e ao regime de Salazar, procurando melhores condições económicas para sustentar a sua família, como eles próprios relatam. Viajavam no barco *Funchal* ou *Santa Maria* ou de avião até Lisboa e passavam a fronteira de Portugal para Espanha “a salto”, entre pinheiros e mato alto, em silêncio, de forma a não serem vistos nem ouvidos.

Chegados a Espanha, seguiam e atravessavam os Pireneus de comboio até à estação de *Hendaye*. Em território francês, apresentavam-se à polícia para obter um visto de permanência provisória. A partir daí, o desafio era arranjar trabalho, enviar remessas para a Madeira e tentar reunir a família através de cartas de chamada. Foi recolhido o testemunho de uma mulher, a informante 10, idosa com a 4.^a classe, natural de Água de Pena (Machico), que passou “a salto” a fronteira portuguesa para chegar a França, na companhia do marido que veio a Lisboa ao seu encontro, deixando os filhos na Madeira, com a mãe. Os recém-chegados a França conseguiam trabalho na construção civil, em matadouros ou ainda em empresas de limpeza.

Sobre o não regresso e condições de vida atuais da primeira vaga de emigração em estudo nesta dissertação, Vítor Rosa, sociólogo e professor na Université Paris Ouest Nanterre La Défense (Paris) assinala:

(...) a crescente pauperização e o isolamento de parte dos idosos da primeira geração: uns porque se vêem obrigados a permanecer em França por razões familiares e/ou de saúde, dos quais alguns devem abandonar os apartamentos de função localizados nos centros das cidades que ocuparam durante décadas, outros desprovidos de rede familiar em Portugal; outros são beneficiários de pensões de solidariedade social não exportáveis; outros ainda na sequência da morte dos cônjuges. Existe um número crescente de portugueses isolados em França, alguns dos quais em situação de fragilidade social e/ou económica. (Rosa, 2016)

A emigração para o Reino Unido, fazendo jus aos relatos dos informantes disponíveis, foi mais tranquila. As primeiras travessias até Lisboa faziam-se através do navio *Funchal*, seguindo-se uma viagem de comboio até *Hendaye* ou *Saint-Maló*, de onde rumavam para as Ilhas do Canal ou para Inglaterra (*mainland*) de aeronave. Muitos dos que emigravam para trabalhar nas Ilhas do Canal ou em Inglaterra permaneciam durante 6 meses, pois as ofertas de trabalho eram sazonais. Os emigrantes madeirenses da primeira leva trabalhavam na hotelaria e na restauração durante o verão, deixando muitas vezes os filhos aos cuidados dos pais e dos tios na Madeira.

Quanto aos lusodescendentes, falantes de herança, o informante 22 nasceu no Reino Unido, em Londres (Inglaterra) e teve oportunidade de estudar até ao secundário, tirando um curso profissional de *Business Studies*. Estabeleceu a sua própria empresa no Reino Unido e, posteriormente, na Austrália, no ramo da instalação de mármore e granitos, criando o império material que hoje dá sustento à sua família. Os lusodescendentes que nasceram na França, nomeadamente o informante 15 em Versalhes e a informante 17 em Paris, ambos tiveram a oportunidade de fazer um curso superior, sendo bem-sucedidos profissionalmente. Dominam a língua portuguesa, apesar de terem o idioma francês como língua materna e de escolarização. O informante 12 regressou à terra natal dos pais, tendo oportunidade de estudar em Portugal e, depois, estabeleceu-se como *freelancer*/programador *web* em Inglaterra, não sem antes ter trabalhado durante algum tempo na restauração, acumulando mesmo as duas profissões.

A maior parte dos idosos da primeira leva de emigração madeirense, tanto para terras gaulesas como de sua majestade, encontrou trabalho no ramo da agricultura, construção civil, limpeza, hotelaria e restauração. Já reformados, regressaram à sua terra natal e construíram habitação própria. Atualmente, dividem o seu tempo entre a Madeira e os países de destino,

onde estão os filhos e os netos, enquanto os adultos da segunda vaga de emigração continuam a trabalhar arduamente, estando integrados nas sociedades de acolhimento, ou regressaram à sua terra natal, como é o caso da informante 20 e do casal do Porto Santo.

Quanto à terceira leva de emigrantes, os jovens, notamos que estes provêm de meios urbanos e tendem a ser academicamente mais bem preparados para o mercado de trabalho. Atualmente, face a uma conjuntura económica e laboral que não é capaz de absorver recém-licenciados na Madeira, os jovens têm-se mostrado audazes ao ponto de emigrarem com o objetivo de adquirirem a primeira experiência no mercado de trabalho. Uma vez lá instalados, mostram-se relutantes quando questionados sobre um regresso definitivo à Madeira, porque as condições salariais e a evolução na carreira são incomparavelmente melhores no estrangeiro. Por estes motivos, tendem a adiar o tal regresso para uma época em que já tenham alcançado os seus objetivos monetários e em que haja oportunidades profissionais que reconheçam a experiência adquirida. A geração mais jovem dos informantes fornece pouca informação sobre a Madeira, informando mais sobre as suas vivências, quer na França quer no Reino Unido.

Numa breve comparação entre as profissões desempenhadas pelas diferentes levas e gerações de emigrantes madeirenses, nota-se uma prevalência da construção civil e das limpezas para quem emigrou para França; enquanto, em Inglaterra, a restauração e a hotelaria dominam. Isto apesar de, atualmente, os dois destinos de emigração também absorverem mão-de-obra qualificada para cargos em áreas do conhecimento como a Enfermagem e a Engenharia Informática, sobretudo no Reino Unido.

Em conversa com o jornalista Cesário Camacho, que tem acompanhado a diáspora madeirense, foi curioso constatar o relato de que, até há umas décadas, o pensamento do emigrante compreendia as seguintes etapas: inicialmente, face ao choque de mudança de realidade, pensar que, se a Madeira fosse perto, voltavam imediatamente; com o passar do tempo, tendo visto o património e ostentação de outros emigrantes, habituar-se, levar uma vida casa/trabalho/casa e arrecadar o máximo possível; já reformados e, por vezes, com casa construída na Madeira e algum dinheiro poupado, mas já não com a saúde de outrora, dividir o seu tempo entre a Madeira e os países para onde emigraram, por força de lá possuir família. Quanto à emigração de hoje em dia, principalmente a qualificada, o mesmo jornalista considera improvável o regresso definitivo, e até mesmo a construção de casa na Madeira, uma vez que já não se verificam as vantagens cambiais de outros tempos e os países para onde se emigra

atualmente oferecem um conjunto de regalias sociais incomparavelmente melhores do que a Madeira.

2. Resultados Linguísticos

Numa situação de comunicação oral em contexto informal, como foi o destas entrevistas, é normal que o discurso flua de forma mais natural e menos cuidada do que numa comunicação em registo escrito. Por esta razão, constatou-se, em todos os informantes a existência de fenómenos como hesitações, reformulações, repetições, contrações de vogais, aférese ou queda de som ou sílaba no início da palavra e elipse de vogais. O fenómeno da oralidade designado de truncamento, não sendo dos mais presentes, verificou-se sobretudo nos informantes idosos e adultos, independentemente do país para onde emigraram. Importa, no entanto, atentar na constatação da presença deste fenómeno em dois informantes jovens e suas possíveis causas. Se, no caso do informante 9, tal possa ser explicado pelo facto de este ser oriundo de um meio rural e ter alcançado apenas a escolaridade obrigatória; no caso da informante 24, já alguém com formação superior, tal constatação pode ser devida à quase exclusividade de comunicação diária na língua do país de destino. Ainda devido à casualidade do discurso oral, e na ótica da “lei do menor esforço” que tanto caracteriza a natureza humana, assistiu-se ao recurso a fenómenos da oralidade como a contração de vogais e aférese que, pelo desaparecimento de letras e fusão de palavras, tornam a comunicação mais rápida.

No que concerne à variedade linguística do Português falado na Madeira, isto é, os traços característicos do dialeto madeirense, observou-se o usual fenómeno da palatalização da consoante lateral [l], quando precedida de vogal palatal [i] ou [e], por exemplo: *quilhes* por *quilos*; *aquilhe* por *aquilo*, *família* e *família* por *família*. Interessa referir que os únicos informantes que não apresentaram este fenómeno fonético na sua fala são jovens (informantes 8, 12 e 15). Se, no caso das informantes 8 e 15, isso possa ser explicado pelo facto de terem formação académica superior; no caso do informante 12, isso poderá ocorrer devido a este ter nascido na África do Sul, contactando pouco com falantes madeirenses. O fenómeno do apagamento da vogal [u] no final da palavra (por estar numa posição fraca), como em: *quatre* por *quatro*; *filhes* por *filhos*; *italianes* por *italianos*, foi o mais comum entre os 24 inquiridos, notando-se maior predominância nos idosos.

A semivocalização do [s] em final de palavra, passando a realizar-se como semivogal [j], por exemplo: “Eu a ver ai [as] brasas no lari [lar]”; “[Mai [mais] do que uma festa”; “Agora,

já ã [não] trago mai [mais] nada”, está presente em alguns informantes mais idosos e em dois informantes lusodescendentes (12 e 17). Em relação à realização do ditongo <ou> como [wa]: “E o meu pai pagoua [pagou] a viagem (...)”, apenas um dos informantes que apresenta este fenómeno é jovem, apontando-se como possíveis causas a sua origem rural, bem como o uso exclusivo da língua francesa no seu dia-a-dia.

A ditongação do [u] tónico em [aw], como em: “Eu tinha patrauas [patroas] bauas [boas] em Sceaux”; “(...) surpresa tã [tão] boua [boa] (...)”; “(...) era mamar coisas bauas [boas] e não pagava”, é o fenómeno que surge com menos predominância, ocorrendo apenas na fala de duas informantes idosas (10 e 23), oriundas de zonas rurais, com pouca escolarização. Atestou-se ainda o fenómeno fonético de harmonização vocálica, ou seja, a ditongação da vogal tónica [i] em [wi], por influência da vogal [u]: *comuigo*, *dormuia* e *luitro*, característica da variedade madeirense, que também existe em algumas ilhas açorianas. Os casos de *feilhes*, *videinha*, *veida* e *meim* também revelam a instabilidade da vogal acentuada. Esta ditongação ocorre na fala de apenas 2 informantes: o 1 idoso e analfabeto e o 4, uma mulher com 63 anos e a 4.^a classe, ambos do Curral das Freiras.

No que diz respeito às variantes fonéticas características do Português Popular, o fenómeno da assimilação, por exemplo: *antão* por *então*, surge principalmente na fala dos informantes idosos (1, 3, 5, 6, 7, 10, 11 e 23), mas também está presente no registo oral dos informantes lusodescendentes (17 e 22) e nos informantes mais jovens (18 e 24). As dissimilações, como: *dezia* por *dizia*, *piquenos* por *pequenos* e *vezinhe* por *vizinho*, ocorrem no relato oral quer dos informantes idosos (1, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 21 e 23), quer nos informantes jovens (8, 15 e 24), por residirem ou serem oriundos de zonas rurais, bem como nos informantes adultos (19 e 20). No caso particular da informante 17, esta particularidade na sua fala pode estar associada à norma do Português do Brasil. Registaram-se ainda outras alterações vocálicas: *vareda* por *vereda*; *dator* por *doutor*; *pelícia* por *polícia*, muito frequentes no registo oral dos informantes mais idosos (1, 3, 4, 5, 10 e 23), bem como presentes nalguns relatos orais de informantes adultos (19). No caso particular do informante 22, assume-se que a presença das alterações vocálicas no seu registo oral seja devido ao facto de ser lusodescendente, falante de herança, sem escolarização formal em Português, falando a língua que os pais (pouco ou nada escolarizados) falavam. Além disso, na maior parte da sua vivência diária, fala Inglês com a mulher e com os filhos.

Sendo a metátese caracterizada pela troca de posição dos sons ou das sílabas na palavra, como em: *Antoine* por *António*; *nevrosa* por *nervosa*; *dromir* por *dormir*, foi encontrada na fala de três informantes com pouca escolarização, dois informantes idosos e um casal de adultos com o 9.º ano. Quanto ao rotacismo ou alteração consonântica do [l] em [r], por exemplo: *prantava* por *plantava* e *narcente* por *nascente*, foi atestado somente na fala da informante 10, a mais idosa do sexo feminino, oriunda de um meio rural pobre. A introdução de vogais no meio das palavras para desfazer grupos consonânticos, não foi documentada, enquanto o fenómeno de prótese ou adição de uma vogal no início da palavra, como: *alevantado* por *levantado*, *ade pois* por *depois*, *aonde* por *onde*, ocorreu na maior parte dos informantes, contudo com prevalência nos informantes idosos (1, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 21 e 23) e adultos (19, 20 e 22). Nos informantes mais jovens (13 e 24), o uso destas formas dever-se-à à sua origem do meio rural e à convivência diária com familiares idosos.

A epêntese ou adição de um som no meio da palavra, por exemplo em *despois* por *depois* e *desgracia* por *desgraça*, foi verificada em apenas 4 informantes idosos (1, 4, 5 e 23). Na informante 24, jovem que vive com o namorado francês, não tendo contacto com outros portugueses ou madeirenses em França, encontra-se este fenómeno pelo simples facto de pronunciar vocábulos do Português atribuindo-lhes uma ênfase francesa. No que diz respeito à nasalização: *encomonizei* por *economizei*, foi registado apenas um exemplo deste fenómeno na informante 10, oriunda de uma zona rural, emigrada em França há várias décadas. Já a desnasalização, como em: *cansave* por *cansavam-se*, *ie* por *iam* e *fazie* por *faziam*, está presente nos relatos orais da maior parte dos informantes idosos com pouca escolarização e alguns oriundos de zonas rurais pobres (1, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 21 e 23), bem como em alguns informantes adultos (19, 20 e 22), que, embora possuam mais escolarização, contactam com pessoas mais idosas e pouco escolarizadas. A única jovem informante que proferiu um exemplo deste fenómeno tem a escolaridade mínima obrigatória e contacta diariamente com os pais e irmãos que têm menos escolarização. Verifica-se que a grande e quase exclusiva frequência deste fenómeno fonético está associada às alterações das terminações verbais da 3.ª pessoa do plural. No entanto, também ocorre em formas como *passage* por *passagem* (3) e *viage* por *viagem* (10 e 23), tratando-se de formas populares proferidas por informantes mais idosos e menos escolarizados.

A monotongação é um fenómeno fonético muito frequente nas formas *nã* por *não*, mas também em *ê* por *eu* e *mê/mês* por *meu/meus* (4, 7, 10, 11, 20, 21, 22, 23 e 24), embora, no

segundo caso, surja sobretudo na fala dos idosos. No que concerne ao fenómeno da paragoge de vogais no final das palavras terminadas por consoantes, por exemplo em: *Funchale* por *Funchal*, *buscare* por *buscar*, *açúcare* por *açúcar*, este foi registado em maior quantidade nos informantes idosos (1, 4, 5, 6, 7, 10, 11 e 23), com pouca escolaridade, e nos informantes adultos (19, 20 e 22), em que os progenitores apresentavam uma baixa escolarização. O fenómeno está também presente na fala dos informantes jovens (2, 18 e 24), provavelmente pelo facto de estes serem oriundos de áreas rurais e contactarem com as camadas populacionais mais idosas.

O fenómeno da alteração das terminações nasais das formas verbais da terceira pessoa do plural, traço marcadamente popular, sem prestígio social, por exemplo: *mandarem* por *mandaram*, *passavam* por *passavam* e *tinham* por *tinham*, foi encontrado somente em indivíduos idosos (1, 4, 5, 6, 7, 10, 21 e 23) e adultos (20 e 22). Os idosos apresentam escolarização precária, enquanto os adultos são falantes de herança, tendo feito toda a sua escolarização nas línguas dos respetivos países de destino, França e Inglaterra, falando o Português que os seus pais falavam. Quanto à síncope ou queda de um som no meio da palavra, como: *meme* por *mesmo* e *poque* por *porque*, também é um fenómeno fonético característico da população idosa e pouco escolarizada (1, 5, 6, 7, 10, 11, 21 e 23). Os informantes mais jovens (2, 15, 16 e 24) também recorrem a este fenómeno para simplificar a dicção das palavras numa conversa informal, bem como os informantes adultos (19 e 22). Mas, salientam-se sobretudo as ocorrências de *vespra* por *véspera*, *nalgas* por *nádegas* e *ginase* por *ginásio*, em que, como se pode observar, ocorre a tendência do Português Popular para regularizar formas irregulares, isto é, palavras esdrúxulas tornam-se graves.

No que alude à análise lexical, foram registados e estudados diversos regionalismos madeirenses, distribuídos por categorias: lexicais, semânticos e morfológicos. O regionalismo lexical mais utilizado e conhecido por todas as gerações de informantes é, sem dúvida, o vocábulo *semilha* para “batatas”, que provém de uma inovação linguística devido ao contacto com o Castelhana. Os informantes idosos (1, 10 e 23) utilizam no seu quotidiano regionalismos lexicais, tais como: *parafita* por “pressa”, *resonda* por “repreender”, *tanarifas* por “bogangas” e *bilhardices* por “coscuvilhices”, que não estão dicionarizados nos dicionários referidos no capítulo III. Um único informante adulto (19) utiliza o regionalismo madeirense *carrolaço* por “pancada com a mão no carrolaço ou na cabeça”. No que se refere a denominações de realidades etnográficas, características da Madeira, foram atestados os seguintes vocábulos e expressões: *poios*, *missas do parto*, *bolo do caco*, *rajão*, *braguinha*, *poncha*, *barrete de orelhas* e

malassadas. Trata-se de ocorrências que surgem em vários informantes, maioritariamente idosos que recordam a sua infância e adultos e jovens que sentem saudades das coisas madeirenses.

Em relação aos regionalismos semânticos, o informante 1 utiliza os seguintes vocábulos: *palheiro* [palheiro/estábulo], *caminhei* [saí], *banano* [pancada com a mão/objeto maior do que o de tamanho normal], *vasilhas* [malandro], *Festa* [Natal], *torreiro* [terreiro/espço em frente da casa], *calhau* [praia de seixos], *furado* [túnel], *armela* [problema], *horário* [autocarro], *marcas* [botões], *chaprões* [pancadas], *azagadas* [mortas/podres], *ferrar* [lutar] e *noivos* [casamento]. Na fala do informante 6, ocorre apenas *palheiro* [presépio de rochinha/na rocha], enquanto o informante 7, além de *palheire* [palheiro/estábulo], usa a palavra *lapinhas* [presépios em forma de rocha]. O informante 9 utiliza termos como *terreiro* [espço em frente à casa], *milho* [farinha de milho cozida], *lapinha* [presépio de rochinha/na rocha], *espetada* [carne de vaca assada num espeto], *bailinho (da Madeira)* [música e dança tradicional da Madeira]. A idosa, identificada como informante 10, fez uso dos vocábulos: *corte* [socalco], *batatinhas* [batatas/batatas-doces], *milhe* [milho/farinha de milho], *palheire* [palheiro/estábulo], *brinque* [brinco/grupo de pessoas que tocam e cantam de casa em casa], *Festa* [Natal], *horário* [autocarro] e *relaxado* [malvado]. A informante 11 também usa os regionalismos *palheire* [palheiro/estábulo], *batatas* [batata-doce], *Festa* [Natal], *bailhinhe* [bailinho/música tradicional da Madeira]. A informante 17, lusodescendente, refere a *espetada* e o *milho* [farinha de milho cozida]. Já o informante 18, jovem emigrado na Suíça, depois de uma temporada em França, menciona os regionalismos *espetada*, *Brisas* [refrigerantes produzidos na Madeira] e *balhinhe* [bailinho/música tradicional da Madeira]. O informante 22, falante de herança, emprega as palavras *palheire* [palheiro/estábulo] e *batatas* [batata-doce], enquanto a informante 23, idosa natural de S. Vicente, usa os regionalismos semânticos *lapinha* [presépio de rochinha/na rocha] e *inção* [coisa muito pequena]. E, por último, a informante 24, jovem da Ribeira Brava, com ensino superior feito na Madeira, refere o *milho* [papa de farinha de milho cozida], que é uma tradição gastronómica rural madeirense.

Os informantes idosos e adultos são os que usam mais os regionalismos madeirenses no seu relato oral, preferindo os nomes regionais aos vocábulos da norma padrão, enquanto os mais jovens pouco utilizam o léxico tradicional no seu quotidiano. É também na fala dos entrevistados mais idosos (1 e 23) que ocorrem regionalismos morfológicos, ou seja, vocábulos derivados de uma palavra existente na língua padrão, como *matadeiro* (de *matar* + *-(d)eiro*),

desterradeira (de *desterrar* + *-(d)eira*), “que gasta o dinheiro todo”, e *levadeiros* (de levadas), “responsáveis pela distribuição da água de rega”. Neste último exemplo, trata-se da designação de uma realidade específica da Madeira que, tal como as formas lexicais anteriores, são palavras regionais de cariz popular.

No respeitante às interferências linguísticas das línguas dos países de destino na fala dos entrevistados, constata-se que, quanto mais prolongada no tempo e intensa for a comunicação na língua do país de destino, mais se nota a sua ocorrência no discurso dos informantes. Desta feita, nos inquiridos mais jovens, é possível observar a presença pontual de vocábulos das línguas francesa e inglesa de forma avulsa; enquanto os informantes com uma maior experiência de emigração intercalam o seu discurso em Português com construções fráscas inteiramente estrangeiras, ou seja, interferências das línguas maioritárias e de imersão linguística no seu quotidiano e mesmo *code switching*, quando relatam conversas tidas nessas línguas e, no caso do informante 22, quando interage com a mulher em Inglês. *Code switching*, ou alternância de códigos linguísticos, acontece quando um interlocutor faz uso alternado de diferentes línguas no mesmo discurso e contexto, de forma coerente com a fonética e a sintaxe de cada variedade linguística (Poplack, 2001:262). A título de exemplo, atente-se nos excertos dos informantes 7 e 9 (emigrado há décadas vs. emigrado há poucos anos, respetivamente):

Informante 7:

“Ice tea or something. I don’t remember very well.” [“Chá frio ou alguma coisa assim. Não me lembro muito bem.”]

Informante 9:

“Merci beaucoup.” [“Muito obrigada”]

No que concerne às alcunhas individuais e coletivas ou gentílicos, só foi possível registá-las em 5 informantes que as mencionaram, não havendo nenhuma variável sociodemográfica comum a todos eles que justifique tal facto. Enquanto a informante 10, uma das mais idosas neste estudo, se refere a diferentes pessoas por meio de alcunhas individuais por variadíssimas vezes (espelhando o hábito da sua utilização na sua infância/juventude), os informantes mais novos referem alcunhas coletivas que são aplicadas aos portugueses/madeirenses como forma de os identificar e demarcar da restante população imigrante, nos países de destino, como, por ex.: “bacalhau”; “madeirense” e “caralho”.

No referente a provérbios e a expressões populares, foi escassa a amostra recolhida no registo oral dos informantes, sendo a sua utilização um claro exemplo da transmissão e perpetuação da tradição e valores da cultura oral passada de geração em geração. Enquanto os informantes mais novos utilizam provérbios tal como aprenderam na infância/juventude, replicando-os *ipsis verbis*; os mais velhos, de zonas mais rurais e pouco escolarizados, como é o caso da informante 4, do Curral das Freiras, reproduz uma expressão que será muito antiga: “as ervas verdes me parecem”, para dizer que tudo a fazia lembrar dos filhos. Com maior permanência nos países de destino, os entrevistados 7 e 22 já são capazes de referir provérbios utilizados naqueles países e os seus equivalentes na cultura e tradição oral portuguesa.

Informante 7:

“*You kill two birds with one stone.*” [“Tu matas dois passáros com uma pedra.” – correspondendo ao Português “matar dois coelhos de uma cajadada só”.]

Informante 22:

“A erva é sempre mais verde no outre [outro] lado [lado] da montanha.” (tradução feita pelo informante e que teria como equivalente português “A galinha do vizinho é sempre melhor do que a nossa”).

No que respeita à utilização de formas diminutivas e aumentativas, observa-se um claro desequilíbrio com predominância dos diminutivos. Como característica do Português Popular ou com intenção de revestir determinadas palavras com um valor afetivo ou para salientar a reduzida dimensão de algo, quase todos os informantes (das diversas faixas etárias, graus académicos e sexo) empregaram diminutivos ao longo do seu testemunho oral dos falantes de herança, revelando ser um traço antigo conservado na Madeira. Contudo, constata-se que os falantes que mais usam formas diminutivas com valor afetivo são os mais idosos do meio rural, tanto o homem (inf. 1) como as mulheres (informantes 10 e 23), seguidos pelo casal do Porto Santo com o 9.º ano de escolaridade. Por oposição, os aumentativos visam salientar a grandeza daquilo que referem, tendo sido detetados na fala da informante 10 – *penicão* por penico grande e *trabalhão* por muito trabalho – informante 23.

Por último, no que concerne à análise morfossintática, e mais concretamente à posição incorreta dos clíticos na frase, em diferentes contextos gramaticais, é possível afirmar que ocorre no discurso da esmagadora maioria dos informantes, demonstrando ser uma falha gramatical característica dos madeirenses em geral. Neste estudo, dá-se conta também do uso

incorreto e ausência dos clíticos, recorrendo aos pronomes pessoais objeto direto e indireto. Devido à complexidade do sistema gramatical da língua portuguesa, os falantes idosos, menos escolarizados, e curiosamente também o casal do Porto Santo, com o 9.º ano de escolaridade, são os que mais recorrem à estratégia de evitar os clíticos, usando as formas não-padrão, tidas como populares.

A ausência de artigos definidos antes dos possessivos em nomes de parentesco foi predominante na fala dos informantes idosos e adultos e também da informante 17, por falar Português do Brasil, onde o traço é corrente. O fenómeno da falta de concordância verbal, nominal e adjetival, sobretudo nas marcas gramaticais de género e número nos adjetivos, por influência do Inglês, foi o mais transversal aos diferentes estratos sociais, entre os que compõem a análise morfossintática, manifestando-se nos falantes migrantes no Reino Unido, em maior ou menor grau, independentemente dos anos de permanência no território.

A utilização do sujeito expresso com *a gente*, em vez de nós, surgiu no discurso dos locutores de todas as faixas etárias e estratos sociais, no entanto os informantes que não empregam esta expressão são os jovens mais escolarizados, pelo que deste facto se depreende ser um uso mais característico do Português Popular. Quanto à utilização do verbo “ter” com valor existencial, em vez de “haver”, a variedade madeirense conserva este traço provavelmente antigo da língua portuguesa, que nos aproxima do Português do Brasil, tal como o uso de “a gente” e a ausência de artigos definidos antes dos possessivos, em nomes de parentesco. Excluindo a informante 17, que segue a norma brasileira, são mais uma vez os falantes idosos e adultos os que mais utilizam esta construção frásica. Outro traço que aproxima o Português falado na Madeira do Português do Brasil é o uso do gerúndio, traço morfossintático que parece ser corrente e comum a vários estratos sociais, faltando estudos mais aprofundados que o confirmem. Também sem variáveis sociodemográficas em comum que possam justificar a sua existência ou ausência, o fenómeno da omissão de preposição e de outros elementos gramaticais ocorreu em 22 dos 24 informantes, não sendo possível aferir se isso se deve à espontaneidade ou deficiente domínio gramatical.

3. Resultados Esperados e Observados

A presente dissertação conseguiu aferir que a primeira leva (idosos) e a segunda leva (adultos) de emigrantes, nascidos na ilha da Madeira, tendo precária escolarização são os mais conservadores no uso dos traços fonéticos da variedade linguística regional, dos regionalismos

madeirenses, bem como na utilização de formas do Português popular, alcunhas e provérbios. A nível das tradições (alimentação, religião, música), também são os mais conservadores. Embora, alguns dos jovens mais qualificados, sobretudo aqueles que não estão isolados, façam questão de levar produtos da Madeira e de fazer a *poncha* em casa, mantendo algumas tradições madeirenses, principalmente na gastronomia.

Os lusodescendentes, oriundos do país de acolhimento dos pais e fazendo a escolarização francesa/inglesa/sul-africana, utilizam vocábulos das línguas do país de destino. No entanto, também apresentam alguns traços dialetais madeirenses, usam regionalismos madeirenses, bem como formas do Português popular, alcunhas e provérbios, visto que são falantes de Língua de Herança (LH), conservando os traços marcados da fala dos pais idosos. Ao nível das tradições, na alimentação, ainda confeccionam alguns pratos madeirenses.

Os dados observados e analisados correspondem aos objetivos que eram propostos aferir, conseguindo-se provar que as novas gerações ainda são portadoras do património e da identidade linguística e cultural madeirense. No caso dos lusodescendentes, receberam dos pais, principalmente através das vindas à ilha e das vivências das tradições, sobretudo do Natal em família, com a *lapinha* ou presépio e a comida tipicamente madeirense das épocas festivas, o acervo da conservação e propagação da tradição/cultura oral/popular do Arquipélago da Madeira.

Considerações Finais

As condições socioeconómicas que a ilha da Madeira oferecia aos seus conterrâneos, em meados do século XX, constituíram a principal razão impulsionadora para que surgisse o fenómeno da mobilidade migratória madeirense.

A vida nas zonas rurais era muito árdua e pobre, a maior parte da população cultivava a terra, algumas vezes em terrenos arrendados e não costumavam fazer comércio com os produtos agrícolas produzidos, mas uma troca de bens alimentícios entre vizinhos/conhecidos: batatas por carne; couves por peixe, cebolas por ovos, entre outros.

O agregado familiar era extenso, coabitando numa habitação avós, pais e filhos e, muitas vezes, o isolamento fazia com que não tivessem acesso a serviços e produtos alimentícios, pois, na maior parte das vezes, não havia capacidade financeira para fazer face às despesas, o dinheiro escasseava. Nesse tempo, a maioria das crianças nem completava o primeiro ciclo de escolaridade, ficando-se pelas 2.^a ou 3.^a classe e vendo-se obrigada a ir trabalhar para ajudar nas despesas familiares. Sendo a oferta de empregos muito escassa, as probabilidades de conseguir um bom posto de trabalho com habilitações mínimas eram uma miragem. Os empregos direcionavam-se para a atividade agrícola e construção civil para os homens e as tarefas domésticas, costura e o bordado para as mulheres.

Numa natural ambição por melhores condições socioeconómicas, fugindo ao cumprimento do tempo legal na tropa e ainda como escape ao regime de Salazar que em nada contribuía para a melhoria da qualidade de vida da população, equacionar a hipótese da emigração era inevitável, surgindo o fenómeno de mobilidade em massa da emigração madeirense para a França, numa primeira fase, na aventura “a salto” e, numa segunda fase, para o Reino Unido.

Na presente investigação, definiram-se alguns objetivos e resultados a aferir, tais como a problematização e noção de conceitos de mobilidade, migração, relatos de memória ou histórias de vida e a língua falada. No que concerne aos pressupostos teórico-metodológicos que a alicerçam, foi utilizado o método da entrevista estruturada para recolha e análise dos relatos dos informantes que compõem os *corpora* desta pequena amostra da emigração madeirense para a França e o Reino Unido. O estudo qualitativo destas informações, obtidas através da recolha oral, presume a transcrição das entrevistas com normas simples e bem definidas, garantindo o rigor e a comparabilidade dos dados. Por visar um estudo sociocultural,

mas também linguístico, nesta dissertação de mestrado, além da análise temática do quotidiano dos informantes, foi também elaborada uma análise de forma, isto é, levantamento de traços fonéticos da variedade madeirense e do Português Popular presentes no registo oral dos inquiridos. Na análise lexical, destaca-se a ocorrência de regionalismos madeirenses, assim como de interferências das línguas dos países de destino e ainda de alcunhas, provérbios e expressões tradicionais, na fala das três gerações de emigrantes e dos lusodescendentes. Por último, ainda se registaram alguns fenómenos morfossintáticos usuais no discurso dos locutores. É possível afirmar que se verifica uma confirmação/validação bem clara entre os dados observados/investigados/analizados no terceiro capítulo e os resultados esperados.

Com o que já foi explanado, houve a asserção de que as novas gerações são portadoras de traços identitários linguísticos e socioculturais característicos da ilha da Madeira, mantendo-os nos países de destino, como elo de ligação com a sua terra natal. Noutra perspetiva, os lusodescendentes, que nasceram nos países de acolhimento dos seus pais, quer na Inglaterra quer na França, também conservam alguns destes traços identitários linguísticos e culturais transmitidos pelos pais, independentemente de terem ou não frequentado a escola portuguesa. Todavia, verifica-se que os filhos dos lusodescendentes já não usam a língua portuguesa, ou seja, haverá uma tendência para o seu desaparecimento – a menos que, por alguma razão, haja motivos para utilizarem a língua de Camões.

Os idosos e os adultos apresentam mais interferências e recurso à língua do país de destino, não só no vocabulário ou pequenas expressões, mas também em construções frásicas ou *code switching*, tanto em Inglês como em Francês, enquanto os jovens da última vaga de emigração madeirense para a França e o Reino Unido apenas usam pontualmente palavras simples das referidas línguas estrangeiras. Também se constatou que, repetidos regularmente, os “falares emigreses” tornam-se hábitos e acabam por se assumir como formas pertencentes à língua onde são introduzidos, sendo esse “abrutalhado” fenómeno de assimilação lexical mais predominante entre os emigrantes há muito tempo radicados em França.

Em suma, a emigração para a França e o Reino Unido assumem-se como principais destinos de migração atual para muitos madeirenses. Logo, é de vital importância a continuação de estudos e projetos de investigação sobre as modificações na língua, hábitos e costumes destes indivíduos, bem como sobre a conservação dos traços identitários, linguísticos e socioculturais do povo madeirense junto das novas gerações de lusodescendentes. Não descurando possíveis estudos futuros, e tendo em conta a experiência de realização desta investigação, seria de vital

relevância também melhorar a metodologia de trabalho utilizada. De seguida, tecem-se algumas sugestões de melhoria com vista a trabalhos futuros de continuação deste tipo de estudo, inclusive para outros destinos de emigração madeirense: efetuar uma pequena correção ortográfica no logótipo do Projeto Nona Ilha: “9.^a Ilha” em vez de “9ª Ilha”; utilizar pedais de transcrição ortográfica para elevar o rendimento dessa tão morosa tarefa; completar os guiões de entrevistas com questões acerca de detalhes da viagem de emigração (desde a Madeira até ao país de destino), manutenção de hábitos gastronómicos tradicionalmente madeirenses (ou aquisição de novos) e hábitos de utilização da língua portuguesa, quer pelos próprios quer pelos seus descendentes, a fim de sondar alterações e entender justificações; ainda nos guiões das entrevistas, criar um guião próprio com questões específicas para os lusodescendentes e situações de diálogo em que pudessem surgir de forma espontânea mais provérbios e expressões populares, alcunhas e regionalismos madeirenses, salvaguardando o património linguístico e imaterial madeirense.

Seria também importante utilizar um guião de análise de fenómenos linguísticos, proposto no Apêndice 7, para mecanizar a tarefa de análise dos dados que se segue à transcrição da entrevista; recorrer a programas informáticos para aferir a densidade de utilização de fenómenos linguísticos nos *corpora* e a sua exata ocorrência; enriquecer as equipas dos projetos de estudo da diáspora madeirense, dotando-as duma natureza multidisciplinar e regidas por objetivos e prazos claros, visando o perfeito conhecimento daquele que poderá ser um ativo fundamental de alavancagem da economia e da cultura regionais, não esquecendo estratégias de aproximação e criação de sentimento de pertença para os lusodescendentes.

Por último, e em tom de desabafo final, urge uma reflexão séria por parte de quem nos governa (regional e nacionalmente) sobre a seguinte questão: estaremos nós, madeirenses, eternamente condenados à emigração?

Referências Bibliográficas

Dicionários e Gramáticas

- Casteleiro, João Malaca (coord.), 2001, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, Editorial Verbo.
- Cunha, Celso e Cintra, Lindley, 1994, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 10.^a edição, Lisboa, Edições Sá da Costa.
- *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 18 vols., Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa, Temas e Debates, 2003.
- Machado, José Pedro, 1995, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 7.^a edição, Lisboa, Livros Horizonte.
- Moreira, Vasco; Pimenta, Hilário, 2008, *Gramática de Português – 3.º Ciclo do Ensino Básico/ Ensino Secundário*, Porto Editora.

Obras de Referência

- Almeida, Maria Elisete, 2015, *A língua e a cultura portuguesas como sinónimos de paz no mundo*, Aparentamentos de Apoio à Unidade Curricular Linguística Comparada, Mestrado de Estudos Linguísticos e Culturais, UMa, Funchal.
- Bastos, Daniel, 2017, “As remessas dos emigrantes”, *Jornal da Madeira*, 11 de junho.
- Binet, Michel G. J., s.d., “A transcrição como teoria-em-reconstrução: a indução como prática metodológica”, Documento de Trabalho GIID, FCSH-UNL, n.º 37, Lisboa.
- Bloncourt, Gérard, 2015, *O Olhar de Compromisso com os filhos dos Grandes Descobridores*, (trad. Paulo Teixeira), Amarante, Converso Editora.
- Bonnemaïson, Joel, 1994, “The tree and the canoe: roots and mobility in Vanuatu societies”, *The tree and the canoe: History and Ethnogeography of Tanna* (trad. Adaptation de Josée Pénot-Demetry).
- Bordieu, Pierre, 1986, “A ilusão biográfica”, in Amado, Janaina; Ferreira, Marieta M. (orgs.), *Usos e Abusos da História Oral*, Rio de Janeiro, Fundação – Getúlio Vargas.

- Bueno, Francisca Izabel da Silva, 2008, “A Importância da História Oral como Instrumento de Inclusão da Cultura Negra”, Revista *Fazenda, Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, 25 a 28 de agosto.
- Campenhoudt, Luc Van; Quivy, Raymond, 2005, *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (1.^a ed. 1995), 4.^a ed. Tradução de João Minhoto Marques, Mara Amália Mendes e Maria Carvalho, Lisboa, Edições Gradiva.
- Castro, Ivo et al., 2001, *Tempo da Língua Imagens da História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Instituto Camões.
- Chambers, J. K., 1995, *Sociolinguistic Theory*, Oxford, Blackwell.
- Chambers, J., 2003, *Sociolinguistics.*, 2.^a ed., Oxford, Blackwell.
- Charaudeau, Patrick, s.d., “Identidade linguística: uma relação paradoxal”, *Discurso e (des)igualdade social*, p.13-29.
- Cintra, L. F. Lindley, 2008, “Os dialetos da ilha da Madeira no quadro dos Dialetos galego-portugueses”, in *Cultura Madeirense: Temas e Problemas* (coord.) José Eduardo Franco), Porto, Campo das Letras, p. 95-104.
- Choay, Françoise, 1992, *L’Allégorie du Patrimoine*, Paris, Editions du Seuil.
- Cruz, Rodrigo Diaz, 1993, “Experiencias de la Identidad”, Revista *Internacional de Filosofía Política*, n.º 2, p. 63-74.
- Dias, Eduardo Mayone, 1989, *Falares Emigreses – uma abordagem ao seu estudo*, Lisboa, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Dias, Eduardo Mayone, 1997, *Miscelânia Lusalandesa*, Edições Cosmos, Lisboa.
- Dubois, Claude-Gilbert, 1991, *Identité Regionale – L’Idée de Région das L’Europe du sud-Ouest*, Paris, p. 16.
- Durkheim, Émile, 1912, *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*, Paris, PUF.
- Eckert, P., 1997, “Ages as a sociolinguistic variable”, in F. Coulmas (ed.) *The handbook of sociolinguistics*, Oxford, Blackwell, p. 151-167.
- Freitag, Raquel Meister Ko, 2005, “Idade: Uma Variável Sociolinguística Complexa”, Revista *Línguas e Letras – Estudos Literários*, vol. 6, n.º11, 2º sem., p. 105-121.
- Freitag, Raquel Meister Ko, 2011, *O “social” da Sociolinguística: o controle de fatores sociais*, UFS, p. 43-57.
- Fromm, Guilherme, 2003, *O uso de corpora na Análise Linguística*, Revista *Factus*, n.º1, v.1, São Paulo p. 69-76.

- Funk, Grabiela e Matthias, 2009, *Dicionário Prático de Provérbios Portugueses: objetivos e metodologia*, Universidade dos Açores, Portugal, p. 1-9.
- Garcia, José Luís *et al*, 1998, *A Emigração Portuguesa – Uma Breve Introdução*.
- Gastaut, Yvan, 2000, *L'Immigration et l'opinion en France sous la Vème République*, Paris, Seuil, p. 95.
- Gomes, Celestina, s.d., *A Construção da Memória Autobiográfica e Histórias de Vida*.
- Kader, Carla Callegaro; Richter, Marcos Gustavo, 2013, “Linguística de *Corpus*: Possibilidades e Avanços”, *Revista Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora*, v.15, n.º 1, jan/jun.
- Kramsch, Claire, 2004, “Language Thought and Culture” in *Handbook of Applied Linguistics*, Oxford, Blackwell, p. 236;
- Labov, W., 1994, *Principles of Linguist: Internal Factors*, Oxford, Blackwell.
- Labov, W., 2001, *Principles of Linguist Change – Social Factors*, Oxford, Blackwell.
- LAPA, M. R., 1982, *Estilística da Língua Portuguesa*, São Paulo: Martins Fontes.
- Lequin, Yves (sous la direction de), 2006, *Histoire des étrangers et de l'immigration en France*, Larousse, Bibliothèque Historique.
- Maalouf, Amin, 1998, *Les Identités Meurtrières*, Paris, Bernard Grasset.
- Maillard, M., 1992 b, “Du masque à la personne: un parcours rhétorico-grammatical”, in *Hommage à Jacques Chocheyras/Recherches et Travaux*, n.º 45, Grenoble, Ellug.
- Martins, Ana Maria, 2013, “A posição dos pronomes pessoais clíticos”, in (org.) Raposo, Eduardo Paiva; Bacelar, Maria Fernanda; Mota, Maria Antónia; Segura, Luísa; Mendes, Amália, *Gramática do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 2231-2302.
- Naro, A., 2002, “O dinamismo das línguas”, in M. Mollica, M. L. Braga (org.), *Introdução à Sociolinguística*, Rio de Janeiro, Contexto, p. 43-50.
- Nunes, Naidea Nunes, 1997, “Alguns Aspetos da Antroponímia Primitiva da Madeira (séc. XV e XVI). Os Nomes Geográficos e a Origem Geográfica e Dialeto do Povoamento no Arquipélago da Madeira”, *Revista Ilzenha*, n.º 20, jan.-jun., p. 93-102.
- Nunes, Naidea Nunes, 2004, “Alcunhas e Nomes Geográficos na Literatura Regional Madeirense”, in (org. Ana Boullón), *Novi te ex nomine – Estudos filológicos oferecidos*

ao Prof. Dr. Dieter Kremer Biblioteca Filológica Galega, Instituto da Língua Galega, La Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, p. 509-517.

- Nunes, Naidea Nunes, 2004, “Património Oral Linguístico-Cultural Madeirense: a Memória das Palavras e das Coisas”, *Revista Xarabanda*, n.º 15, p. 3-9.
- Nunes, Naidea Nunes, 2014, “Variação Social e Vitalidade de alguns Regionalismos Madeirenses no Português falado na cidade do Funchal”, *Confluência*, n.º 46, Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 2014, p. 335-370.
- Nunes, Naidea Nunes, 2017, “Da oralidade à escrita: a transcrição grafemática ou ortográfica de memórias/histórias de vida de mobilidades Madeira/Brasil”, *Mobilidades no Espaço e no Tempo*, Centro de Estudos de História do Atlântico (no prelo).
- Oliveira, Cristiano Lessa, s.d. “Um Apanhado Teórico-Conceitual sobre a Pesquisa Qualitativa: Tipos, Técnicas e Características”, *Revista Travessias*, 4.ªed.
- Paiva, Maria da Conceição; Scherre, Maria Marta Pereira, 1999, “Retrospectiva Sociolinguística: Contribuições do Peul” in *Revista D.E.L.T.A.*, n.º 15, n. esp., p. 201-232.
- Pe. Silva, Fernando Augusto, 1950, *Vocabulário Madeirense*, Funchal, Junta Geral do Funchal.
- Pe. Silva, Fernando Augusto; Meneses, Carlos Azevedo de, 1998, *Elucidário Madeirense*, Vol I. Funchal.
- Pereiro, Xerardo, 2006, “Património Cultural: O Casamento entre Património e Cultura”, *Revista dos Sócios do Museu do Povo Galego*, n.º 2, p. 23-41.
- Pessoa, Maria do Socorro, s.d., *Sociolinguística Aplicada ao Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa*, UNIR, Brasil.
- Pimpão, Tatiana Schwochow, 1999, *Variação no presente do modo subjuntivo uma abordagem discursivo-pragmática*, (Dissertação de Mestrado em Linguística – Programa de Pós-Graduação em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina.
- Pollak, Michael, 1992, “Memória e Identidade Social”, in *Revista Estudos Históricos*, vol. 5, n. 10, Rio de Janeiro, p. 200-212.
- Poplack, Shana, 2001. Code-switching (Linguistic). In Smelser, Niel & Baltes, Paul (eds.), *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. Elsevier Science Ltd. P. 2062-2065.

- Portelli, Alessandro, 1997, “*O que faz a história oral diferente*”, Proj. História, São Paulo, fev.
- Ramilo, Maria Celeste; Freitas, Tiago, n.d., “*Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas*”, ILTEC.
- Rebelo, Helena; Nunes, Naidea, 2009, “Atlas Linguístico-Etnográfico da Madeira e do Porto Santo. Da criação de gado à fauna e flora Marinhas”, Revista *Isleña*, n.º 44, Funchal, janeiro-junho, p. 5-24.
- Rebelo, Helena, 2014, “Património linguístico madeirense: alguns aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos”, in Dios, Ángel Marcos(ed.), *La Lengua Portuguesa, Estudios Lingüísticos*, vol. II, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, p. 627-647.
- Ribeiro, Arnaldo; Peixoto, António Maranhão (coord.), 2011, *Cinquentário da Emigração para França 1961-2011*, Viana do Castelo, Câmara Municipal.
- Ricoeur, Paul, 2003, *Memória, História, Esquecimento*, Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism, 8 mar., Budapeste.
- Reis, Rossana Rocha, 2006, Migrações: Casos norte americano e francês, in *Estudos Avançados* 20 (57), São Paulo, p. 59 – 74;
- Rocha-Trindade, Maria Beatriz, 1995, *Sociologia das Migrações*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Rodrigues, Donizete, s.d., *Património Cultural, Memória Social e Identidade: uma abordagem antropológica*, Universidade da Beira Interior.
- Sanchez, A., 1995, “Definicion e historia de los *corpus*”, in Sanchez, A et al (org.) *Cumbre – corpus lingüístico de espanhol contemporâneo*, Madrid, SGEL.
- Santos, Boaventura de Sousa, 1994, “Modernidade, Identidade e a cultura de fronteiras”, in *Tempo Social Revista Social*, 5 (1-2), USP, p. 31-52.
- Sardinha, Tony Berber, 2000, “Linguística de *Corpus*: Histórico e Problemática”, Revista *D.E.L.T.A*, vol. 16, n.º 2, p. 323-367.
- Scherre, Maria Marta, 1996, “Padrões Sociolinguísticos: análise de fenómenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro”, *Tempo Brasileiro*, p. 335-378.
- Severo, Cristine Gorski, n.d., *O Papel do Género/Sexo nos Estudos Sociolinguísticos de Variação/Mudança*, UFSC.

- Sousa, Vitor, 2014, “Qual o significado de “Diáspora” em tempo de globalização? A relação controversa entre Império, lusofonia e “portugalidade”, IV Congresso Internacional em Estudos Culturais Colonialismos, Pós-Colonialismos e Lusofonias, p. 515-522.
- Tomé, Alice; Carreira, Teresa, 2000, “Emigração, Identidade, Educação: Mitos, Arte e Símbolos Lusitanos”, IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra.
- Triviños, Augusto N. S., 1987, *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*, São Paulo, Atlas.
- Vieira, Alberto, 2011, “Carta de Londres”, *Newsletter A Emigração na História da Madeira*, CEHA, n.º 12, nov.
- Vieira, Alberto, 2015, “Mobilidades”, *Newsletter Memória das Gentes que fazem a História*, CEHA, n.º 36, nov.
- Vieira, Alberto, 2015, *Mobilidades Humanas no Arquipélago da Madeira*, Cadernos de Divulgação do CEHA, Bibliografia Fundamental – Projeto Nona Ilha, DRC, SRETC, n.º1, dez.
- Vieira, Alberto, n.d., *O Discurso da Identidade Insular no Atlântico Lusíada Açores, Madeira e Santa Catarina*, CEHA.
- Veira, M-Isabelle, 2007, “Quando os portugueses partiam a salto para França” A emigração para França vista por escritores portugueses”, Seminário Internacional Memórias e Migrações, Museu de Emigração e das Comunidades (FAFE).
- Wildner. Ana Kaciara, 2009, *A realização do sujeito pronominal na fala de descendentes de portugueses: abordagem sociolinguística*, UFSC.

Webgrafia

- “Aumentativo” in *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Disponível em : <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/aumentativo> [consult. 2017-08-16 12:12:12].
- Bazenga, Aline; Andrade, Catrina; Almeida, António, 2015, “*Représentations sociales et attitudes linguistiques – Variétés du Portugais Européen dans l’île de Madère*”,

CILIR (Colloque International de Linguistique Iberoromane), Université de Rouen, França, 4 -6 de Junho de 2015. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/277852007_Representations_sociales_et_attitudes_linguistiques_varietes_du_Portugais_Europeen_parle_dans_lile_de_Madere [consultado dia 15 de maio de 2017] .

- Bloncourt, Gérard, n.d., *O Olhar Comprometido de Gérard Bloncourt*. Disponível em www.centromariodionisio.org [consultado a 15 de maio de 2017].
- Cardoso, Isabel Lopes, n.d., “Mostrar aquilo que não queremos ver nem saber” in *Por uma vida melhor – O Olhar de Gérard Bloncourt*. Disponível em www.centromariodionisio.org (consultado a 15 de maio de 2017).
- *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em <https://www.priberam.pt/dlpo/> .
- “Alcunhas”, Aprender Madeira, *Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprendermadeira.net/alcunhas/> (consultado a 25 de maio de 2017).
- Centro das Comunidades Madeirenses e Migrações: <http://ccmm.madeira.gov.pt/index.php/emigracao/historial-da-emigracao> (consultado a 24 de março de 2017).
- “Dialetoлогия”, Aprender Madeira, *Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprendermadeira.net/dialetoлогия/> (consultado dia 13 de junho de 2017).
- “Diáspora”, Aprender Madeira, *Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprendermadeira.net/diaspora-conceito-de/> (consultado dia 28 de maio de 2017).
- *Diminutivo* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-08-16 12:05:34]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/diminutivo> .
- “Ei-los Que Partem” – História da Emigração Portuguesa, RTP. Disponível em www.rtp.pt (consultado dia 6 de junho 2017).
- Flores, Cristina; Melo-Pfeifer, Silvia, 2014, *O conceito “Língua de Herança” na perspetiva da Linguística e da Didática de Língua: considerações e a pluridisciplinar em torno do perfil linguístico da criança lusodescente na Alemanha*. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem> (consultado dia 14 de junho de 2017).

- “Imigração/emigração”, Aprender Madeira, *Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprenderamadeira.net/imigracao-emigracao/> (consultado dia 5 de maio de 2017).
- “Passadoras de homens e outras aventureiras”, Pereira, Ana Cristina, *Público*, 13 de Abril de 2014. Disponível em <https://www.publico.pt/2014/04/13/portugal/noticia/passadoras-de-homens-e-outras-aventureiras-1631504> (consultado a 5 de Maio de 2017).
- “Newsletter Memória das Gentes que fazem a História”, Centro de Estudos de História do Atlântico. Disponível em <http://memoriadasgentes.ml/> (consultado dia 3 de fevereiro de 2017).
- “Património cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica”, Donizete Rodrigues. Disponível em <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodriques-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf> (consultado a 13 março de 2017).
- “Regionalismos madeirenses”, Aprender Madeira, *Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprenderamadeira.net/regionalismos-madeirenses/> (consultado a 27 de maio de 2017).
- Rosa, Vítor, 2016, A emigração dos portugueses para França. Disponível em <http://www.barometro.com.pt/2016/04/08/a-emigracao-dos-portugueses-para-franca/> (consultado dia 7 de Março de 2017).
- “Sintaxe”, Aprender Madeira, *Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprendermadeira.net/sintaxe/> (consultado dia 13 de junho de 2017).
- Santos, Tânia Vieira dos, 2012, *Ler, Ver e Debater a Problemática da Emigração*, Mestrado em Gestão Cultural, in <http://repositorio.uma.pt/handle/10400.13/558> [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1930file:///C:/Users/SILVIA/Downloads/1940_v1_Portugal%20\(1\).pdf](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1930file:///C:/Users/SILVIA/Downloads/1940_v1_Portugal%20(1).pdf) (consultado dia 12 de janeiro de 2017).
- “Terá o Estado Novo permitido a emigração clandestina?”, Agência Lusa. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/atualidade/tera-o-estado-novo-permitido-a-emigracao-clandestina/> (consultado a 24 de março de 2017).

- Vieira, Alberto, 2008, *Madeira – Um Cais de Permanentes Chegadas e Partidas*, Funchal, CEHA, Biblioteca Digital. Disponível em <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/bdigital/avieira/2008-avmigra.pdf>. (consultado a 26 de março de 2017).
- Vieira, Alberto, 2015, *Nona Ilha – O Projeto*. Disponível em <http://memoriadasgentes.ml/nonailha/nona-ilha-o-projeto/> (consultado a 26 de março de 2017).
- Vieira, Alberto, 2016, “Dia Internacional das Histórias de Vida”, in *Newsletter Memória das gentes que fazem a História*, n.º 42, mai.

Apêndices

- 1. Guião da Entrevista**
- 2. Transcrições das Entrevistas**
- 3. Fichas das Entrevistas**
- 4. Histórias de Vida**
- 5. Fichas de Autorização de Divulgação**
- 6. Gravação Áudio das Entrevistas (formato WAV/MP3)**
- 7. Guião da Análise dos Fenómenos Linguísticos**
- 8. Tabelas do Capítulo III com o Levantamento Exaustivo de Fenómenos Linguísticos**

Dada a extensão dos *corpora* estudados e a limitação de páginas da dissertação, procedeu-se ao arquivamento em pastas, devidamente organizadas no DVD, com os materiais: 1. Guião da Entrevista; 2. Transcrições das Entrevistas; 3. Fichas das Entrevistas; 4. Histórias de Vida; 5. Fichas de Autorização de Divulgação; 6. Gravação Áudio das Entrevistas (formato WAV/MP3); 7. Guião da Análise dos Fenómenos Linguísticos; 8. Tabelas do Capítulo III com o Levantamento Exaustivo de Fenómenos Linguísticos.